

Magníficos Estranhos

romance

«Um envolvente mistério...
A história de uma longa vingança
jogada entre gerações.»

KIRKUS REVIEW



ELIZABETH KLEHFOTH



Ficha Técnica

Título: Magníficos Estranhos
Título original: All These Beautiful Strangers
Tradução: Eugénia Antunes
Revisão: Carina Correia
ISBN: 9789897800733

CASA DAS LETRAS
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2018, Elizabeth Klehfoth
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: info@casadasletras.leva.com
www.casadasletras.leva.com
www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

ELIZABETH KLEHFOTH

*Magníficos
Estranhos*

Tradução
Eugénia Antunes

À minha mãe, ao meu pai, ao Mark e à Annie

Prólogo

O meu pai construiu a casa no lago Langely para a minha mãe, na pequena cidade onde ela cresceu. Ficava a mais de uma centena de quilómetros dos arranha-céus envidraçados que ele erigiu na cidade e a um mundo de distância do apelido Calloway e do dinheiro e da *penthouse* no Upper East Side.

A casa do lago não se assemelhava a nenhuma das que havia na pequena cidade, com os seus revestimentos exteriores de vinil cinzento e alpendres para guardar os carros. Não, a casa no lago Langely não era sequer uma casa. Era uma fortaleza com três pisos, de pedra, com uma cerca larga e sebes impenetráveis a toda a volta.

Quando era miúda, passávamos os verões nessa fortaleza. Recordo-me de festas de pijama numa tenda montada no relvado das traseiras e de tardes passadas a apanhar sol na jangada, a pouca distância da praia. Recordo-me de copos altos de limonada a transpirar no pátio e dos vestidos de algodão que a minha mãe usava, e dos seus chapéus de aba larga.

Em tempos, cheguei a pensar que o meu pai construía aquela casa para manter fora os restantes, mas depois o tio Hank encontrou as fotografias. Estavam numa caixa de sapatos, escondida sob uma tábua solta do soalho, no quarto dos meus pais. Tinham sido tiradas naquele verão de 2007, algumas semanas antes do desaparecimento da minha mãe. Vi as fotografias e percebi que estivera errada em relação a tudo.

É que o meu pai não havia construído a casa no lago Langely para manter fora os demais. Construíra-a para nos manter dentro do seu perímetro.

Primeira Parte

Um

Charlie Calloway

2017

Tudo começou naquela manhã, com um bilhete impresso em cartolina e pouco maior do que um cartão de visita.

*Bom dia, esperamos que não leves a mal.
Aqui tens, só para ti, um convite formal.
Sabes quem somos, por isso perdoa o anonimato.
Somos teus admiradores, acredita que não é boato.
Somos o oposto do Ómega, o total contrário de findar
Segue esta pista e eis-nos aqui, ansiosos por começar.*

O bilhete equilibrava-se sobre o folheto, impresso no azul régio e dourado da escola, com que a Knollwood Augustus Prep dava as boas-vindas aos alunos, anunciando que o Dia dos Clubes se realizaria no pátio Healy, naquela sexta-feira à tarde, e encorajando todos os alunos a estar presentes. Seguia-se uma lista de todos os clubes e organizações estudantis de Knollwood Prep. Em rodapé, podia ler-se a declaração de missão da escola, em letras delicadas e douradas: «acolher alunos cuja exigente curiosidade e pensamento independente os conduz à excelência, dentro e fora da sala de aulas.»

Poderia nem ter reparado no bilhete de cartolina se este não tivesse esvoaçado até ao chão quando extraí o prospeto da minha caixa de correio no Rosewood Hall, a residência feminina para pré-finalistas e finalistas. O meu coração deu um pulo quando vi o bilhete, já que a primeira parte, o remetente, era óbvio. «Sabes quem somos... Somos o oposto do Ómega, o

total contrário de findar». Era o A, o único clube que não vinha listado no folheto da escola e, na minha opinião, o único a que valia a pena pertencer.

Era a segunda parte do bilhete que não me saía da cabeça quando me sentei na aula do professor Andrews, de Introdução à Fotografia. De uma forma geral, não teria sido possível sonhar acordada na aula daquela maneira. A Knollwood Prep seguia o método Harkness, o que significava que nos sentávamos em redor de uma mesa, de frente uns para os outros, e que todos tinham de participar na discussão, com intervenções mínimas por parte do professor. Alguns professores tinham até um caderno com o nome de cada aluno e colocavam uma pequena marca ao lado dos nossos nomes à medida que intervínhamos. Se, no final da aula, o nosso nome não mostrasse uma quantidade satisfatória de marcas, receberíamos um pequeno bilhete a dizer qualquer coisa do tipo «Sentimos a falta da sua voz na aula de hoje», ou «Quando nem toda a gente se pronuncia, todos ficamos a perder». Ou ainda, a minha preferida, «Perde cem por cento das discussões nas quais não participa».

O professor Andrews, contudo, era novo ali, acabado de sair da universidade, e muito mais negligente do que outros professores. A sua aula de Introdução à Fotografia tinha sido, enquanto opção, a disciplina de artes mais procurada naquele semestre, não por causa do conteúdo do currículo, mas porque o professor Andrews era, bem, um borracho. Tinha aquele ar moreno de *hipster* descuidado, com as camisas de flanela que usava para fora das calças de ganga, o gorro para esconder o cabelo preto e a precisar de lavagem, olhos castanho-claros rodeados de pestanas de boneca, mais compridas do que as minhas. Além disso, possuía uma vantagem clara sobre a maioria dos rapazes da Knollwood Prep: pelos faciais. Exibia sempre uma hirsutez perfeita a cobrir-lhe os malarres bem definidos.

Naquele dia, o professor Andrews não chegara carregado de folhas acerca da teoria da fotografia para nós analisarmos, mas munido de uma máquina muito impressionante com uma lente comprida, que fez passar de mão em mão.

– Isso é uma teleobjetiva – disse o professor Andrews. – Produz um efeito ótico excecional que pode criar a ilusão de que dois objetos separados por uma grande distância estão, na verdade, perto um do outro. É uma ferramenta poderosa para captar momentos espontâneos quando não podemos aproximar-nos fisicamente do nosso sujeito.

Pressionou uma tecla do seu portátil e, na tela do projetor, à nossa frente, apareceu uma fotografia de um leão deitado numa savana, em África.

– Um dos exemplos mais óbvios do que acabei de mencionar é a fotografia de natureza ou de desporto – prosseguiu o professor Andrews. – O fotógrafo correria risco de vida se estivesse perto de, digamos, um leão, ou de um jogador de baseball profissional prestes a bater uma bola. Uma outra utilização menos óbvia, porém, é a fotografia urbana, em que o artista necessita de distância não por razões de segurança, mas para preservar a espontaneidade da imagem.

Carregou noutra tecla e a fotografia de uma mulher jovem acompanhada de uma criança numa rua movimentada de Nova Iorque preencheu a tela.

Enquanto ele falava, contemplei a máquina fotográfica que tinha no colo e brinquei com o *zoom*. Pensei na segunda metade do enigma do A.

uma cabeceira, mas não sou uma cama.

Tenho um leito, mas nunca durmo.

Sou capaz de correr, mas jamais caminho.

Vem conhecer-me depois de escurecer.

Que tem uma cabeceira, mas não é uma cama? Que tem um leito, mas nunca dorme? Que corre, mas nunca caminha?

O «quando» era bastante evidente – naquela noite, depois do recolher obrigatório –, mas o «onde» era um ponto de interrogação gigante. Que lugar é que tinha uma cabeceira? E o verso seguinte – *Tenho um leito, mas nunca durmo* – seria um piscar de olhos à vigilância apertada do diretor Collins? Talvez, mas não era capaz de fazer com que o verso seguinte encaixasse nesse raciocínio. *Okay*, então que lugar é que tinha uma cama? Tipo, um leito de rochas? Seria uma referência às pedreiras?

Senti um pontapé por baixo da mesa e, ao levantar a cabeça, deparei com Royce Dalton, o finalista mais popular da escola, a lançar-me um olhar expressivo desde o outro lado da mesa. Demorei uns segundos a unir os pontos, mas assim que ele clareou a garganta e olhou de soslaio para o professor Andrews, dei-me conta de que toda a turma me olhava silenciosa e expectantemente. Endireitei-me na cadeira e pousei a máquina.

– É uma excelente pergunta – disse, num tom lento e deliberado, dando voltas à cabeça para adivinhar o que o professor Andrews me teria

perguntado, ao mesmo tempo que procurava uma escapatória para ocultar o facto de não ter prestado atenção.

A imagem da mulher e do seu filho, na tela à nossa frente, prendeu-me o olhar. A criança estava transtornada e a mulher detivera-se; estava agachada, de modo que pudesse olhar o rapazinho nos olhos. Tinha o braço esticado, prestes a prender uma madeixa do cabelo do menino atrás da sua orelha, para o consolar. De início, não reparara nisso, mas a mulher parecia igualmente perturbada. Interroguei-me acerca do que sucedera antes de a fotografia ter sido tirada e o que acontecera a seguir. Chocava-me que o fotógrafo tivesse captado aquele momento íntimo e doloroso e o tivesse exposto para quem o quisesse ver. Havia a ilusão de se estar perto, quando, na realidade, o fotógrafo estava longe, não só fisicamente mas emocionalmente também. O fotógrafo permanecia protegido e em segurança, ao mesmo tempo que mostrava aquele instante vulnerável ao mundo, para que fosse observado, como arte.

– Talvez me esteja a desviar do tópico – disse –, mas fiquei a pensar neste assunto da fotografia urbana. Julgo entender a necessidade de distanciamento para se captar a veracidade de um momento, mas parece-me irónico que, para captar a verdade, tenhamos de ser dúplices, traiçoeiros. A distância permite ao sujeito agir de modo natural precisamente porque não sabe que está a ser observado. Acho que, para mim, isso levanta uma questão moral. Será isto arte... ou uma invasão da privacidade? Estou curiosa em saber a sua opinião nesta matéria. Peço desculpa desde já, caso me esteja a adiantar.

Tratava-se de um mecanismo de defesa que tinha aprendido há muito tempo: 1) Encarregar palavras suficientes relacionadas com o tema para fazer parecer que estamos a prestar atenção. 2) Admitir que o comentário que vamos proferir pode parecer irrelevante. 3) Desviar os holofotes de nós, fazendo outra pergunta. Com alguns professores, quanto mais irrelevante for o comentário, melhor, já que parecerá que estávamos mesmo a levar em consideração o tema proposto para discussão. 4) Terminar com um pedido de desculpas ambíguo e indireto que deixa entrever que a nossa curiosidade intelectual está a milhas do ritmo de ensino. De repente, não somos o mandrião que sonha acordado, mas o pensador profundo que está muito mais à frente do rebanho.

O professor Andrews pareceu ficar surpreendido com o meu pequeno

desvio em relação ao assunto.

– Hum... Uma pergunta interessante, menina...? – disse ele.

Era quase cativante o facto de não se ter dado ao trabalho de memorizar os nossos nomes.

– Calloway – respondi. – Charlie Calloway.

Percebi, pela centelha que lhe iluminou o olhar, que reconheceu o meu nome e seguiu-se uma pausa, um segundo apenas mais longa do que seria apropriado. Era uma reação comum quando eu conhecia quem quer que fosse. Conseguia ver as rodas dentadas no interior dos seus cérebros a entrar em ação. «Por acaso não pertence àquela família Calloway? Não é a rapariga cuja mãe... Bem... Pobre rapariga.» Era o que pensavam, inevitavelmente.

– Menina Calloway – disse o professor Andrews, cofiando o queixo hirsuto ao mesmo tempo que cogitava na minha pergunta. – A ética e a arte. É sempre uma discussão interessante.

O professor Andrews lançou-se então no tema e eu olhei em frente, para Dalton, que levou subtilmente o indicador aos lábios, como se fosse o cano de uma arma, e soprou o fumo imaginário que dele se elevava. *Na mouche*.

Obrigada, disse-lhe, mexendo apenas os lábios, e ele respondeu com uma piscadela de olho cúmplice.

*

Do outro lado das janelas do refeitório, o céu começava a escurecer. Faltavam três horas para o recolher obrigatório e eu ainda não tinha resolvido o enigma do clube A relativo ao local de encontro. Só me tinham ocorrido as antigas pedreiras que ficavam a meia hora da escola. Estavam abandonadas há muitos anos e a água da chuva inundara-as. Por vezes, no final da primavera ou no início do outono, os alunos da Knollwood Prep iam até lá aos fins de semana. Os corajosos lançavam-se das rochas e os preguiçosos estendiam-se nelas e apanhavam banhos de sol. Não tinha qualquer dificuldade em imaginar a pedreira como local de encontro do clube e era até capaz de visualizar ali uma espécie de ritual de iniciação que envolvia pularmos da rocha mais alta numa noite escura como breu, quando o lago se tornava em invisível, mas o problema era que nem todas as frases do enigma apontavam nessa direção.

Ao mesmo tempo que dava voltas e voltas à cabeça, depenicava a massa

com salmão fumado que tinha no prato e fingia que tinha a boca cheia de cada vez que Stevie Sorantos me perguntava qual devia ser o *slogan* da sua campanha. Concorria ao cargo de tesoureira da Associação de Estudantes – *outra vez* – e pressionava-nos para que contribuíssemos com uma frase apelativa que a catapultasse para o topo das sondagens.

– Que tal «Votem em mim, ou logo verão» – sugeriu Drew, empurrando a sua espessa cabeleira loura, de caracóis apertados, para trás dos ombros. – DGAF é o novo YOLO.¹

– Eu gosto – disse Yael. – Perentório, mas desapegado. Como quem se faz de difícil.

– Resulta seguramente com a franja masculina do eleitorado – salientou Drew, abanando as espessas sobrancelhas.

– Mas eu não quero que as pessoas pensem que me estou marimbando – alegou Stevie, com um leve tom de exasperação.

Arregalei os olhos a Drew, que deu uma dentada gigantesca no pão para não se desatar a rir. Como se alguém fosse alguma vez pensar que Stevie Sorantos se estava marimbando.

Por vezes – pronto, muitas vezes –, Stevie bulia-me com os nervos, porque se esforçava demasiado, para lá da conta. Tesoureira da Associação de Estudantes. Presidente do Conselho Estudantil de Ética. Sempre a pôr a mão no ar quando um professor fazia uma pergunta. Certa vez, encontrei-a na casa de banho a chorar baba e ranho como se o cão lhe tivesse morrido, porque tivera um Bom+ num ensaio. Vira e volta, sentia-me tentada a deitar-lhe um calmante na água, só para que ela se visse forçada a descontraír.

Sabia por que razão ela era assim, é claro. Todos sabíamos. Stevie estava ali graças a uma bolsa de estudos. Ela nunca nos revelara isso, e nós jamais mencionávamos o assunto. Knollwood Prep esforçava-se por colmatar as diferenças socioeconómicas recorrendo a uniformes, a isenções de propinas, a MacBooks e a iPads para alunos que necessitavam de ajuda. Mas por mais que se esforçasse, a escola não conseguia apagar as nossas origens. Stevie não usava as pulseiras *Cartier* que nós usávamos; não tinha uma mochila *YSL* ou, bem, o que quer que fosse de marca. A família dela nunca ia de férias. Não tinha carro. Contudo, nenhuma destas coisas atraía Stevie tanto quanto o seu ostensivo desejo de provar que pertencia ali. Era cansativo, e não alcançava, nem de longe, o objetivo pretendido. É que a

única coisa que importava para as pessoas que importavam era agir como se, na realidade, nada importasse. Por mais paradoxal que tal fosse.

– Vá lá, Charlie – insistiu Stevie, e eu enfiei uma nova garfada de massa na boca, fazendo de conta que era demasiado grande para conseguir falar. – Tu tens sempre ideias bestiais.

– Ei! – reclamou Drew, apontando os dentes do seu garfo, carregados de espargos, a Stevie. – Então é a minha ideia? Vale ouro!

No primeiro ano, eu tinha convencido Stevie a fazer uma campanha baseada na série *Os Sopranos*. Yael tirou umas fotografias a preto e branco de Stevie: de fato e gravata e óculos de sol, sentada num cadeirão estofado com um cigarro a pender-lhe do canto da boca e uma nuvem de fumo por cima da cabeça. Drew e eu transformámos as fotos em cartazes, acrescentando citações de Tony Soprano:

«Uma decisão errada é melhor do que a indecisão.»

«Bem, tendo em conta que me chamou aqui, mais vale dizer-lhe... Agora, quem manda sou eu.»

«Com todo o respeito, vocês não fazem a mínima ideia do que é ser o número um.»

No canto inferior direito, em letras grossas e vermelhas que imitavam as do título da série, escrevemos: *Vota Sorantos*.

Todos os outros candidatos tinham optado pela via séria, com pósteres que proclamavam banalidades, ou pior: trocadilhos mal conseguidos com os seus nomes. Stevie conseguiu uma vitória esmagadora.

– Está bem – disse, percebendo que não me restava outra alternativa. – E que tal «Estou há dois anos neste cargo. Se acham que não estou qualificada para ele, vão à merda».

Yael fez de conta que ponderava a sugestão.

– Quanta subtileza e elegância – opinou ela. – Não será *demasiado* sofisticado?

Stevie pousou o copo de leite no tabuleiro com tanta força que o derramou. Inclinei a cabeça e vi pérolas brancas de leite na manga da minha camisola.

– Estou a ver que até fingir que levam isto a sério é pedir demais – disse Stevie, pondo a mochila barata *Target* ao ombro e levantando-se.

– Stevie... – chamou Yael.

– Vou à biblioteca – afirmou Stevie, e encaminhou-se para o extremo

mais afastado do refeitório com a mochila a bater-lhe nas costas a cada passo determinado que dava.

Yael suspirou e reuniu as suas coisas, lançando a Drew e a mim um sorriso exasperado.

– Alerta de Prontidão Três – disse ela. – Eu trato da gestão de danos.

– Agora fiquei a sentir-me mal – confessou Drew, depois de Yael se ter ido embora. – Mas a minha ideia do DGAF era a sério.

Encolhi os ombros e agarrei num guardanapo para enxugar a manga.

Stevie e Yael eram minhas amigas apenas por interposta pessoa, sobretudo porque andavam sempre de roda de Drew, e Drew e eu estávamos sempre juntas. Tomávamos as refeições juntas, sentávamo-nos ao lado uma da outra nas aulas, passávamos longas horas à conversa na sala de convívio antes do recolher obrigatório e partilhávamos um quarto. Em resultado disso, fazia um esforço no que a elas dizia respeito: fui velejar com a família da Yael durante o verão, numa ocasião em que as nossas famílias se cruzaram em Martha's Vineyard. Convidei Stevie para passar o Dia de Ação de Graças com a minha família, em Greenwich, porque sabia que ela não podia pagar o bilhete de avião para Ohio e teria passado o feriado sozinha, numa escola vazia. Dava-me bem com elas (a maior parte do tempo, pelo menos) e simpatizava com ambas, mas não tínhamos o mesmo relacionamento que eu partilhava com Drew. Ela e eu éramos unha com carne.

No primeiro ano, Drew e eu tínhamos sido accidentalmente colocadas no mesmo quarto com uma outra rapariga que detestávamos. Chamava-se River e nunca se depilava, não acreditava em desodorizante, em sal de mesa ou em ouvir a sua música popular num volume civilizado. Aparentemente, também não acreditava em estudar, pois deixámos de vê-la no semestre seguinte. Viver com River era como ser gaseado, e Drew e eu havíamos passado por isso juntas, o que criara um laço inquebrável entre nós.

Observava Drew fixamente ao mesmo tempo que ela mastigava e falava com grande entusiasmo do iminente jogo de voleibol contra o nosso rival, a equipa Xavier. Tentei perguntar-lhe, sem perguntar: também recebeste um? O A escolheu-te? Porque não podia simplesmente... Bem, não podia perguntar.

– Que foi? – indagou ela, e dei-me conta, tarde demais, de que as minhas tentativas de enviar mensagens telepáticas tinham resultado num olhar

pasmado e sinistro. – Tenho alguma coisa na cara?

– Sim, um bocadinho de molho, aí – menti, apontando para uma zona no meu queixo como referência.

– Obrigada – disse Drew, limpando com o guardanapo o sítio correspondente no seu queixo.

Era inútil. A expressão de Drew parecia impenetrável. Assim, percorri com os olhos o refeitório em busca do meu primo Leo. Leo era dois meses mais novo do que eu, mas ninguém o diria, tendo em conta a sua altura: um metro e oitenta e sete. Com base na aparência física, também ninguém diria que éramos primos. Leo exibia a tradicional beleza dos Calloway: olhos cintilantes cor de turquesa, cabelo louro-dourado e maçãs do rosto distintas. Eu, por outro lado, parecia-me com a minha mãe. Herdara o seu cabelo escuro, os olhos grandes e cinzentos, a pele translúcida e a sua baixa estatura. Tratava-se de um círculo do inferno que Dante jamais imaginara: olhar-me ao espelho todos os dias e ver a pessoa que mais desesperadamente queria esquecer.

Avistei Leo duas mesas mais à frente, sentado ao lado de Dalton e de um grupo de outros rapazes populares. Ainda tinha o cabelo molhado em resultado do banho pós treino de futebol e pendeu-lhe ligeiramente para os olhos quando se inclinou para dizer qualquer coisa aos amigos. Só de olhar para ele soube que fora abordado pelo A; nem sequer tinha de perguntar. Percebi pelo seu sorriso arrogante e torcido, que lhe fazia uma covinha na face esquerda. Leo e eu possuíamos desde sempre uma inquietante capacidade para interpretar os estados de espírito um do outro, talvez por ele ter atravessado comigo o fogo infernal que havia sido a minha infância. Fora Leo quem me salvara, no final, ou, pelo menos, fora ele quem me ensinara a salvar-me a mim mesma.

– Merda! – exclamou Drew. Tinha feito tombar o copo. A água derramara-se por todo o lado, escorrendo até pela beira da mesa. Peguei no guardanapo e comecei a tentar conter o *tsunami* e Drew apressou-se a endireitar o copo.

– A tua mala – alertou Drew, e eu levantei-a da mesa mesmo a tempo de não ser atingida pela enxurrada.

Foi então que me ocorreu. Era isso. Sabia onde o clube A se reuniria naquela noite.

– Desculpa – pediu Drew. – Sou tão desastrada.

- Ora essa, obrigada – respondi, sem pensar.
- O quê?
- Ah, nada – disse. – Queria dizer, não tem problema.

*

Na Knollwood Prep, o recolher obrigatório era às nove da noite nos dias de semana. Normalmente, Drew e eu ficávamos na sala de convívio até quase às nove e depois sentávamo-nos às nossas secretárias a terminar leituras ou trabalhos e a conversar. Naquela noite, deitámo-nos ambas cedo. Estendida na cama, contemplava o teto, às escuras, tentava perceber pelo som da respiração de Drew se ela já dormia e interrogava-me acerca da melhor maneira de me esgueirar pela janela do quarto sem a acordar.

Não conseguia parar de pensar no clube A.

Knollwood Prep tinha quatro tipos de clube: o atlético, o académico, o de interesses comuns e o, bem, o ridículo (o Clube do Queijo, por exemplo, em que os membros se sentavam à volta de uma mesa e, sim, isso mesmo, comiam queijo). Pertencer a esses clubes implicava rituais palermas ou treinos fatigantes no ginásio a fazer cambalhotas no ar de uma ponta à outra do campo, num impulso primitivo de mostrar intrepidez, ou reuniões à volta de uma campainha nas quais os participantes respondiam a perguntas ao mesmo tempo que um secretário eleito mantinha registo dos minutos. Estes clubes reuniam-se com outras escolas e organizavam eventos como vendas de bolos ou lavagens de carros para angariar dinheiro para instituições locais. Na Knollwood Prep, esperava-se que colecionássemos participações nestes clubes como se fossem pendentes numa pulseira, para que na candidatura à universidade pudéssemos afirmar que não só tínhamos conseguido uma rigorosa educação académica numa das melhores escolas secundárias do país, como também éramos um membro útil da comunidade, ou seja, que éramos detentores de uma educação «abrangente», aquela palavra da moda com a qual os responsáveis pelas admissões nas universidades salivavam.

Pertencer ao A não era, porém, coisa que pudéssemos incluir na candidatura à universidade. Não era sequer algo que pudéssemos *contar* a alguém. O A não fazia vendas de bolos ou lavava carros; não envolvia braçadeiras ou transpirar e, obviamente, não tinha um secretário a contar minutos.

No ano anterior, quando o novo presidente do Departamento de Artes tentou instaurar uma aula obrigatória de enriquecimento cultural ao sábado, o A lançou uma campanha de difamação tão feroz que o presidente se pispou no final do semestre de outono. Ninguém «soube» como é que os escandalosos *emails* que o presidente trocara com uma rapariga de quinze anos oriunda do Maine e com problemas do foro paternal foram parar às caixas de correio eletrónico de todos os alunos, administradores e membros do corpo docente listados no servidor da Knollwood Prep, mas toda a gente «sabia» que, de algum modo, o clube A estava por trás disso. Embora o diretor Collins tivesse ordenado uma investigação a semelhança quebra da segurança da escola, no final, pouco mais pôde fazer do que aplaudir o facto de aquele homem indecente ter sido exposto e demiti-lo com justa causa, colocando assim um ponto final naquela ideia peregrina e preservando as nossas preciosas manhãs de sábado para o que elas serviam verdadeiramente: o ato sagrado de dormir até mais tarde.

Era graças ao A que tínhamos as Sextas-Feiras sem Uniforme, quartos individuais para os alunos finalistas e um baile anual tão decadente que era por vezes mencionado na revista cor-de-rosa *Page Six*. Ninguém fazia ideia de que tipo de chantagem, suborno ou manipulação estava associado à conquista daqueles estimados direitos e tradições, mas não havia quem duvidasse de que a mão do A estava por trás dessas proezas. O clube possuía também a capacidade de nos tirar de algumas situações complicadas. No meu primeiro ano, Celeste Lee, presumível membro do A, envolveu-se numa rixa com Stephanie Matthews na casa de banho das raparigas, no segundo piso do edifício de ciências, e deixou-a a sangrar do nariz. Celeste teria sido suspensa se Stephanie tivesse feito queixa dela à administração. Ninguém sabe ao certo que género de manipulação o A fez nos bastidores, mas, ainda naquela tarde, quando o diretor chamou Stephanie ao seu gabinete, esta manteve a boca calada.

O alcance do A estendia-se para lá da Knollwood Prep. Corriam rumores de que o clube tinha membros-chave nas comissões de admissão de todas as universidades da Ivy League e da Seven Sisters, e que a sua influência nos podia abrir as portas da empresa da nossa preferência (listada na Fortune 500) após o final do curso universitário.

O A era um clube que toda a gente conhecia, embora, na verdade, ninguém soubesse nada acerca dele. Não havia sequer maneira de saber

quem eram os seus membros, a menos que fôssemos um deles. É que, ao contrário dos restantes clubes da Knollwood Prep, não escolhíamos fazer parte do A. O clube é que nos escolhia.

Drew bichanou o meu nome no meio da escuridão, baixo o suficiente para eu ouvir, se estivesse acordada, e alto o bastante para me acordar, caso estivesse a dormir.

Ainda pensei em fingir que dormia, mas acabei por responder.

– Diz.

Sentou-se na cama e acendeu a luz.

– Vá, diz lá, de uma vez por todas – pediu ela.

– Digo o quê?

– Vais a algum lado esta noite?

– Talvez – respondi.

– Graças a Deus – disse Drew. Levantou-se da cama e atravessou o quarto em direção ao seu roupeiro. – Passei o dia todo a observar-te para tentar perceber se também tinhas recebido um bilhete, porque não podia simplesmente perguntar-te – explicou ela, vestindo umas *leggings* grossas e pretas e calçando um par de botas.

– Quem mais é que terá entrado? – indaguei. Pulei da cama e comecei a vasculhar o meu roupeiro. Qual seria o traje mais adequado para um encontro às tantas da noite com a sociedade secreta mais infame da escola? Escolhi um par de *skinny jeans*, os meus *Keds*, um *top* preto com cavas descomunais e uma *sweatshirt* com capuz.

– Lanço-me do Rebordo se a Marissa Wentworth tiver entrado! – exclamou Drew.

Com que então ela tinha decifrado o enigma. Que tem uma cabeceira, mas não é uma cama? Que tem um leito, mas nunca dorme? Que corre, mas nunca caminha? Um rio, pois claro. O A ia reunir-se no Rebordo, sobre o rio Spalding. As pessoas chamavam-lhe Rebordo, porque era disso mesmo que se tratava: uma clareira no bosque que ficava junto à estrada, uma saliência que dava para uma ravina íngreme e para o rio, mais abaixo.

– A Marissa Wentworth não faz o género do A – argumentei. – Eles querem alguém que se destaque. Alguém que não tenha medo de sujar as mãos.

– Achas que o Leo entrou? – perguntou Drew.

– É claro que o Leo entrou.

– Ele disse-te isso?

– Não, pelo menos com as letras todas – respondi. – Mas pensa lá, que mundo seria este se o Leo não entrasse?

– Tens razão – concordou Drew, revirando os olhos.

Drew e Leo tinham namorado durante dois segundos logo no primeiro ano. Para Leo, fora o namoro mais longo da sua vida e terminara do mesmo modo que todas os seus romances acabavam: mal. Ainda assim, e embora Drew não fosse a maior fã de Leo, ela teve de admitir que ele era uma escolha óbvia para o A.

Leo cogitava exaustiva e desmesuradamente em tudo o que fazia, portanto, não fazia sentido afirmar que ele era um tipo fixe sem se esforçar por isso, se bem que houvesse qualquer coisa na sua postura que evocava essa imagem. Leo usava o cabelo penteado para trás, deixando a testa à mostra, e vestia-se sempre bem: calças de ganga feitas à medida, *t-shirts* com decote em V amarrotadas, como ditava a moda, e casacos de cabedal. Leo exsudava uma confiança que tornava em bestial o que quer que ele fizesse. Seria inútil gozar com ele fosse por que fosse, já que Leo se tinha em melhor conta do que qualquer outra pessoa que eu alguma vez conhecera, tirando porventura o meu avô.

Uma atrás da outra, Drew e eu esgueirámo-nos pela janela do segundo piso da residência, alcançando os ramos largos do ulmeiro que se agigantava junto à fachada de Rosewood Hall. Descemos até à base do tronco. Nenhuma de nós era caloirá naquelas escapadelas noturnas.

No parque de estacionamento da residência, Drew coibiu-se de acender os faróis do seu *BMW* e colocou o carro em ponto morto. Juntas, empurrámos o carro até à estrada e só ligámos o motor quando estávamos longe o suficiente para que a Sra. Stanfeld, a supervisora da nossa residência, que vivia num apartamento no rés do chão do edifício, não nos ouvisse.

Com a residência longe de nós, Drew abriu o teto do carro e uivou à Lua. Eu ri-me e pus o braço fora da janela, afastando os dedos da mão para apanhar a humidade do ar noturno.

Não falámos do que estava a acontecer ou do que se seguiria. Não especulámos acerca do que o A nos obrigaria a fazer para nos tornarmos em membros, embora ambas soubéssemos que, o que quer que fosse, não iria ser fácil. Em vez disso, aparentámos uma indiferença e uma descontracção que nenhuma de nós sentia.

1 DGAF, «Don't Give a Fuck» (Estou-me marimbando); YOLO, «You Only Live Once» (Só se vive uma vez). (N. da T.)

Dois

CHARLIE CALLOWAY

2017

Contava-se uma história na escola acerca de um aluno que morrerá há muitos anos, tantos que já ninguém se recordava do seu nome ou, ao certo, do modo como ele morrerá, mas, de vez em quando, havia relatos de avistamentos do seu fantasma. Umas pessoas diziam que ele se enforcara na casa de banho da residência por causa de um desgosto amoroso; outras afirmavam que tomara uma overdose de comprimidos em resultado de uma má nota num exame e tombara no sono eterno na cama do seu quarto. Vê-lo era sinal de azar, um prenúncio de coisas más. Bryce Langston confessara ter visto o fantasma uma noite, quando regressava da biblioteca. Na manhã seguinte, recebeu uma carta de Harvard recusando o seu pedido de admissão. Toda a gente achava que ele seria um dos favoritos, e nem sequer entrara para a lista de espera. No ano seguinte, Amanda King avistou supostamente o fantasma mesmo antes de se envolver num acidente rodoviário grave. Eu pensava sempre no fantasma quando deambulava sozinha pelo *campus*, à noite. Imaginava que via uma mancha branca pelo canto do olho, mas de cada vez que rodava a cabeça, não havia ali nada.

De pé, na clareira junto ao Rebordo, não pude deixar de pensar no fantasma. Os membros do clube tinham acendido uma pequena fogueira e, reunidos à volta dela, estávamos todos perto o suficiente para sermos visíveis à luz que ela emanava, mas, mesmo assim, Dalton segurava uma lanterna acesa. A forma como o feixe incidia sob o queixo dele, mergulhando em sombra as suas feições, era perturbadora. Encostei-me ao metal fresco do *BMW* de Drew e cruzei os tornozelos.

Não havia necessidade de apresentações; toda a gente que era alguém na Knollwood Prep já se conhecia. De qualquer maneira, toda a gente olhava em redor, avaliando-se mutuamente como se nunca nos tivéssemos visto. E, de certo modo, não nos conhecíamos. Até então, éramos apenas miúdos que frequentavam a mesma escola privada. Alguns pertenciam a alguma coisa: à equipa de futebol, à Associação de Estudantes. Alguns tinham reputações. Alguns tinham apelidos que os precediam. Ali, contudo, naquele momento, havia uma coisa que nos unia: éramos todos membros do clube A.

Olhando para os finalistas dispersos em redor da fogueira, dei-me conta de que alguns dos membros do A eram bastante previsíveis. Lá estava Royce Dalton, um americano de gema, capitão das equipas de futebol e lacrosse; Crosby Pierce, filho de uma estrela de cinema e vocalista numa banda chamada Lady Killers, que tocava ocasionalmente num café da baixa e até não era má de todo; Wes Aldrich, cuja mãe era senadora e o avô fora funcionário da maioria parlamentar na Casa dos Representantes; Ren Montgomery, modelo profissional que trabalhara para a *Calvin Klein* e desfilara na Semana da Moda de Nova Iorque; e Harper Cartwright, editora do *Knollwood Chronicle*.

Darcy Flemming, contudo, constituiu uma surpresa. Era delegada da turma de finalistas, filha de um diplomata francês e uma cavaleira talentosa e falava francês e português fluentemente. Parecia demasiado certinha para ser membro do A. Era difícil imaginá-la envolvida na companhia de difamação do presidente do Departamento de Artes.

Olhei em redor para os novos recrutas e deparei com uma mistura semelhante de aves raras e escolhas naturais. Estava certa em relação a Leo, é claro. Estava à minha frente, do outro lado do círculo, ao lado de Dalton, um dos seus melhores amigos. Havia ainda Meryl York. Era filha de um dos amigos do meu pai e as nossas famílias tinham passado férias juntas quando éramos miúdas, mas eu sempre a tivera na conta de desmancha-prazeres. Fosse como fosse, a família dela era basicamente uma instituição na Knollwood Prep. O observatório fora doado pelo pai dela e batizado em honra do avô. Brighton Maverick parecia outra escolha óbvia, com o seu cabelo louro pinguço e bronzeado eterno mesmo durante os inclementes invernos do New Hampshire. Fazia parte da equipa de futebol e crescera em Santa Barbara, onde surfara em praias de areia branca e macia.

Quanto aos restantes, não os teria classificado de imediato como membros

do A: Imogen Reeves, fanática por teatro, tivera um pequeno papel numa peça levada a cena em Nova Iorque, embora não na Broadway; Jude Bane, que vivia praticamente grudado ao computador portátil e andava sempre com uns auscultadores gigantescos nas orelhas; e Auden Stein, que, sim, era uma espécie de génio matemático, mas demasiado pomposo para ser tolerável. Não podia deixar de me interrogar acerca do que o A queria deles.

Sabia obviamente porque é que estava ali. Leo poderia ter sido escolhido pelo A por ser ele mesmo, mas eu havia sido escolhida pela simples razão de ser Charlie Calloway, a filha mais velha de Alistair Calloway e herdeira do Calloway Group, uma das maiores dinastias do ramo imobiliário da cidade de Nova Iorque. Crescera numa *penthouse* no Upper East Side e veraneara numa propriedade em Martha's Vineyard (a casa de verão que o meu pai comprou quando se tornou em demasiado penoso regressar à casa no lago Langely). A minha família era dona de metade do Upper East Side e, um dia, seria tudo meu. Assim o afirmavam todas as leis do nepotismo.

– Estão aqui porque vimos qualquer coisa em vocês – dizia Dalton. – No entanto, se quiserem ficar e ser um de nós, terão de jogar o Jogo. Nos próximos meses, encontrarão três bilhetes na vossa caixa de correio escolar. Cada bilhete incluirá um desafio. Terão de obter o *item* mencionado, seja por que meio for, e levá-lo à reunião do A na data e hora mencionadas. Se não conseguirem o objeto a tempo da reunião, não se deem sequer ao trabalho de aparecer. Estarão excluídos. Podem suplicar, pedir emprestado, mentir, roubar ou trapacear para obterem o *item*. Na verdade, o Jogo só tem uma regra: não ser apanhado.

Ren Montgomery deu um passo em frente e tirou a lanterna da mão de Dalton. Segurou-a entre ambas as mãos, como se de um microfone se tratasse. Ren era alta e escanzelada, com uma voz ilusoriamente rouca e grave que os rapazes sem dúvida achavam emocionante.

– Com isso em mente – acrescentou Ren –, se forem apanhados, nunca ouviram falar de nós. Não existimos. A lealdade é a característica mais apreciada de um membro do A. Sem ela, não somos nada. Escolhemo-vos porque acreditamos que possuem esta qualidade. No entanto, já nos enganámos, no passado, por isso, precisamos de... *garantias*, para o caso de isso acontecer.

Ren calou-se e tirou uma máquina fotográfica da mala que pendia junto à sua anca. Lançou-nos um sorriso.

– Podem ficar descansados que não estamos a pedir-vos que façam alguma coisa que nós mesmos não tenhamos já feito – garantiu Ren.

Compreendi o que ela dizia: queriam que fornecêssemos as balas e carregássemos a arma que eles poderiam encostar às nossas cabeças se fizéssemos asneira.

– Auden, és o primeiro – disse Ren.

Virou-se e encaminhou-se para a floresta, a escuridão engoliu-a mal se afastou do clarão quente da fogueira. E Auden seguiu-a, com as mãos enterradas nos bolsos.

Quando eles desapareceram, Dalton tirou uma geleira da bagageira do carro e Crosby ligou o sistema de som do seu e abriu as portas. Senti o vibrar dos baixos no chão, trepando pelas solas dos meus ténis. Drew agarrou em duas cervejas e eu abri-as com o abre-cápsulas que tinha no chaveiro.

– Não te rales com a Ren – disse Dalton, e sorriu para mim, como que para desanuviar o ambiente. – Ladra mais do que morde.

– Não sei, meu – alegou Crosby, cofiando o queixo. – Falo com conhecimento de causa quando digo que a dentada dela não é nada de desprezar.

Crosby e Ren eram o mais famoso casal da escola e ora namoravam ora se separavam.

– Tsc, tsc – fez Drew, fingindo que desaprovava a atitude de Crosby. – Um cavalheiro não revela segredos de alcova.

– Bem, eu nunca disse que era um cavalheiro – alegou Crosby.

– Algumas dicas acerca do tipo de coisas que nos irão pedir que arranjemos? – perguntou Drew, enrolando uma madeixa de cabelo no indicador. Pela forma como o canto dos seus lábios se contraíram no final, percebi que tinha um fraquinho por ele.

– Sim, posso dar – disse Crosby. – A primeira da lista é a virgindade do Dalton.

– E também fornecem a máquina do tempo? – indaguei.

Crosby riu-se e fez tinir a sua garrafa de cerveja contra a minha.

– Boa. Saúde!

Ao meu lado, Dalton gemeu.

– Essa foi dura, meu – queixou-se ele. – Ninguém vai defender a minha honra?

Dalton era o rapaz mais popular de Knollwood Prep, oriundo de uma família de grandes banqueiros britânicos. O seu pai trabalhava em Wall Street e a mãe, americana, era uma cirurgiã famosa à qual as pessoas acorriam vindas de todas as partes do mundo. Assim sendo, o *pedigree* de Dalton recomendava-o, e muito. Era também muito bem-parecido: alto, moreno, olhos devaneadores, esse tipo de coisa. Não era de surpreender, portanto, que Dalton tivesse sempre uma namorada, ainda que não a mesma.

– Desculpa, Dalton. És mais ou menos aquilo que nós raparigas apelidamos de «cabra» – referi.

– Por falar disso – disse Crosby, e apontou com o queixo para o outro lado da clareira, onde Harper Cartwright estava entretida à conversa com Darcy Flemming. – A última vítima do Dalton não para de nos lançar olhares de desdém. Mais alguém reparou nisso?

Olhei de relance para Harper e vi-a dardejar-nos com o olhar.

– A expressão dela é mesmo assim – explicou Dalton. – Tem sempre aquela cara. Garanto-vos que foi uma separação amigável.

– Claro, claro! Afinal de contas, no liceu todas as separações ocorrem amigavelmente – comentou Crosby.

– Concordo. Aliás, a Harper está com um ar de quem gostaria de te assassinar amigavelmente neste preciso momento – graciei. – Ou a mim.

Bebemos as cervejas e rimos e conversámos de coisas sem importância. Ninguém falou do que estava a acontecer quando Ren regressou com um recruta e se afastou com outro. Ninguém fazia perguntas acerca do que tinham feito quando voltavam.

Depois de regressar com Meryl, que vinha com um ar carrancudo, Ren chamou-me. Só que não me convocou a mim apenas.

– Leo – disse ela. – Tu também.

Leo entregou a sua cerveja a Brighton Maverick e riu-se de qualquer coisa que Brighton acabara de dizer, como se tudo aquilo não fosse nada de mais, como se fosse um comum serão de segunda-feira. Leo sempre fora assim. Arrogantemente destemido.

Seguimos Ren de perto quando entrámos na floresta, escura como breu, e até chegarmos a uma outra clareira que conduzia à estrada rural. Na beira da estrada, vi um carro estacionado: um *Audi A8*. Ren pressionou um botão do controlo remoto e abriu uma das portas das traseiras.

– Bem-vindos ao meu escritório. Entrem – disse ela, apontando com a

mão para o banco traseiro.

Entrei e Leo seguiu-me, sentou-se e fechou a porta. Ren ocupou o lugar ao volante e acendeu a luz do teto. Pestanejei e levantei a mão para proteger os olhos. Depois da escuridão da floresta, a claridade era ofuscante.

Ren sacou da máquina fotográfica e espreitou pela lente para Leo e para mim.

– Vocês os dois são chegados, não são? – indagou Ren, e pousou a câmara.

– Unha com carne – respondi, olhando de esguelha para Leo.

– Bem me pareceu – disse Ren. – Que bom que deve ser gostar mesmo de um membro da família. Na minha família, toda a gente é uma besta. Bem, eu também sou assim uma espécie de besta, mas sou uma besta simpática. Ou gosto que pensar que sou, pelo menos.

Encostou de novo a câmara à cara e ajustou a lente.

– Charlie, desliza um pouco para a direita, não estás no enquadramento. – Fiz o que ela me pediu e fiquei com o braço nu encostado ao de Leo. – Ótimo. Leo, põe o braço à volta dela. Isso mesmo. Perfeito. Agora, Charlie, inclina a cabeça para o lado. Boa. Agora, aproxima mais, mais...

– Aproximo mais o quê, ao certo?

– Ora, esses lábios sensuais, pois claro – respondeu Ren, com um sorriso dengoso.

Senti o coração martelar-me no peito. Olhei de soslaio para Leo, que semicerrou os olhos e fez um sorriso sardónico, dirigido a Ren.

– Sempre soube que tinhas um lado negro, Montgomery – disse ele.

Ren sorriu de volta.

– Não sabes da missa a metade, Calloway. – Levou de novo a câmara ao olho. – Ora bem, acabaram de me dizer que gostam um do outro. Mostrem-me lá esse amor.

Senti um ardor na boca do estômago.

Era muitas coisas. Era uma Calloway. Era *a rapariga cuja mãe... bem... Pobre criança*. Essas coisas significavam algo para a maioria das pessoas, mas nenhuma delas fora conquistada por mim. Herdara-as ou haviam sido colocadas sobre os meus ombros. Aquilo, porém – fazer parte do clube A –, era uma coisa que estava determinada a fazer sozinha. Podia ter recebido uma proposta com base no meu apelido, mas conquistaria o meu lugar no clube por mim mesma. Tornar-me-ia em alguém que não tinha medo de

nada, uma pessoa poderosa, capaz de vergar outros à sua vontade. Tornar-me-ia em alguém que faria o presidente do Departamento de Artes pôr-se a milhas do estado quando me fizesse tão-só acordar cedo a um sábado de manhã. Talvez mais ninguém fora do A alguma vez viesse a saber das coisas que eu fazia, mas eu saberia, e isso era a única coisa que importava.

Virei-me para Leo e, por um minuto, impassível e frio, pressionei os lábios contra os dele. Depois, afastei a cabeça e olhei Ren nos olhos.

– Contente? – perguntei.

– Foi giro – respondeu ela. – Mas giro não é bem o que procuro.

Leo e eu olhámos para ela e Ren pousou a máquina e deu um suspiro exasperado.

– Talvez isto não seja boa ideia – aventou Ren, e estendeu a mão para a maçaneta da porta. – Nem toda a gente tem estofo para isto.

– Espera – dissemos Leo e eu em uníssono.

Leo olhou para mim e não o disse, mas eu percebi ainda assim a sua pergunta, se estava tudo bem, se não me importava. Acenei ao de leve com a cabeça, quase impercetivelmente. Ele fez então deslizar a mão pela minha face, segurou-me o queixo, inclinou-se e beijou-me tão suavemente que os seus lábios mal roçaram os meus.

Quando tínhamos cinco anos, ele beijou-me atrás das roseiras da nossa avó. Era Páscoa e a minha mãe obrigara-me a usar um vestido garrido e floral com mangas entufadas e ridículas que eu detestava e não parava de compor. Estávamos em casa dos meus avós, em Greenwich, e Leo perseguira-me pelo jardim, imobilizando-me junto ao canteiro das rosas assim que me apanhou. O seu beijo, nos lábios, foi leve e rápido, como uma pena.

Ali no carro, o beijo começou dessa forma, mas rapidamente mudou de tom. Havia qualquer coisa por trás dele que era diferente, mais sombria, mais perigosa. A língua de Leo afastou-me os lábios; contornou-me a cintura com o braço, puxando-me para ele. Senti o calor dos seus dedos contra a pele, ao fundo das costas, sob a camisa.

Na escola, Leo tinha a reputação de ser um libertino. Vi muitas vezes grupos de raparigas à conversa que se calavam quando ele passava no corredor, coravam e recorriam depois a sussurros, cobrindo a boca com as mãos. Era uma reputação bem-merecida e menos má do que ele merecia. Leo chegara mesmo a inventar um jogo secreto em torno da sua

promiscuidade e que jogava com os colegas mais chegados. Chamava-lhe o Jogo das Conquistas.

Certa vez, mostrara-me a espécie de tabuleiro, em grelha, com os nomes das raparigas em caixas. Parecia um cartão de bingo, mas para adolescentes obcecados por sexo, e não para idosos. Todos os semestres, os rapazes faziam um tabuleiro novo com os nomes novos e, em cada semestre, competiam uns com os outros para serem os primeiros a completar uma linha. Leo era sempre criativo nos nomes que colocava no tabuleiro e na maneira como os dispunha. Incluía não só as raparigas bonitas ou fáceis, mas as pudicas, as caloiras, as parolas e inibidas. Não era possível fazer uma linha sem conquistar alguém com a qual não seriam apanhados nem mortos ou aliciar uma puritana do segundo ano a quebrar uma barreira que ela jamais ultrapassara. Conseguir uma linha era uma proeza rara. O próprio Leo apenas a alcançara uma vez, no semestre de primavera do seu segundo ano ali na escola. O jogo era uma atração enorme por entre o grupo de amigos de Leo. Crosby chegara mesmo a romper com Ren um semestre para poder jogar. Basicamente, os rapazes adolescentes eram todos uns porcos, razão pela qual eu nunca tinha tido um namorado.

O ponto alto da minha experiência fora curtir com Cedric Roth no verão anterior, na casa do meu pai em Martha's Vineyard. Cedric era um rapaz mais velho, um universitário, e ensinara-me a conduzir o *Ferrari* do pai dele, à noite, por estradas abandonadas e vazias. Tínhamos o hábito de nos beijarmos (beijos apenas) na biblioteca da casa de verão do meu pai, num sofá poeirento, rodeados de livros antigos e esquecidos. Sabia que o mais provável era que não tornasse a vê-lo assim que o verão chegasse ao fim. Tinha consciência de que não nutria, nem alguma vez iria nutrir, sentimentos verdadeiros por ele. Cedric tinha uma pequena fenda entre os dentes da frente que produzia um assobio quando ele respirava com a boca aberta e o hábito de dizer «literalmente» a toda a hora, coisa que dava comigo em doida, literalmente. Contudo, suportei essas pequenas falhas, coleccionei-as como medalhas e esforcei-me por as rememorar até à exaustão e até ficar enjoada.

Não teria beijado Cedric se sentisse alguma coisa por ele. Parecia-me perigoso – inclusivamente temerário – permitir que alguém se aproximasse tanto de nós. Envolvermo-nos tanto. Vira o coração do meu pai ser quebrado pela minha mãe. O amor cegara-o, enfraquecera-o e tornara-o em

vulnerável, e Alistair Calloway era tudo menos um homem fraco e vulnerável. Sabia o que a minha mãe lhe fizera, e a nós todos, porque nós havíamos sido fracos o bastante, palermas o suficiente, para a amar. Um erro que eu não tornaria a cometer.

No beijo de Leo, naquela noite, havia uma certa urgência, uma sensação que quase me fez esquecer por um momento onde nos encontrávamos. Um sentimento que quase – *quase* – silenciou o clique suave da máquina fotográfica de Ren.

*

De uma forma geral, não me embebedava, sobretudo porque não gostava de baixar a guarda e da sensação de não estar em controlo total das minhas ações. Quando regressei da clareira, porém, fui bebendo as garrafas de cerveja que Dalton ia abrindo, uma a seguir a outra, até que comecei a ficar tonta e agradavelmente entorpecida. Sentia-me vazia e oca e nauseada e desejava com todas as minhas forças não sentir nada de nada.

– Tenho de fazer xixi – disse Drew, ao fim de um tempo, puxando-me pelo braço.

– Está bem, está bem – respondi, tentando não entaramelar a fala. – Eu vou contigo.

– Levem a minha lanterna – ofereceu Dalton, estendendo-ma.

Peguei na lanterna e deixei que Drew me puxasse até à floresta. Tentei iluminar o caminho à nossa frente, mas não conseguia caminhar em linha reta e tropeçava constantemente, fazendo Drew perder também o equilíbrio.

– Cuidado, Calloway – alertou Drew.

Assim que percebemos que não seríamos avistadas, Drew agachou-se e eu virei-me de costas para ela. Apontei o feixe da lanterna às árvores, ao acaso, fazendo pontaria aqui e ali, e foi então que a vi: uma figura branca e translúcida, por entre a multidão de troncos. Deixei cair a lanterna e a luz apagou-se.

– Merda! – exclamei.

– Não vejo nada – reclamou Drew. – Não quero mijar os ténis.

– *Okay, okay*, espera um pouco – repliquei, e fui tropeçando e Tateando o chão em busca da lanterna. Senti o rebordo frio e metálico do punho, levantei a lanterna do chão e acendi-a. Iluminei novamente o lugar por entre as árvores onde avistara a figura. Não havia nada ali.

– Pareceu-me ver uma pessoa – confessei. – Alguém se moveu, ali. Também viste?

– Não somos as únicas por aqui – disse Drew.

– O quê? – Dei um passo para longe dela em direção ao sítio onde vira a suposta pessoa, examinando-o cuidadosamente com o auxílio do feixe da lanterna.

– Então... – respondeu Drew. – Estamos, tipo, no meio da natureza... Provavelmente era um esquilo ou assim.

– Certo – concordei.

Estava a ser paranoica, expliquei a mim mesma. Não vira o fantasma; não vira nada. Estava apenas perturbada em resultado de tudo o que sucedera anteriormente com Leo e Ren nas traseiras do carro dela. O modo como Ren nos piscara o olho quando tudo terminara. «Os segredos vinculam-nos mutuamente», afirmara ela. E embora estivesse nauseada, disse a mim mesma que havia também qualquer coisa de estranhamente reconfortante em relação a tudo aquilo. É que, de certo modo, Ren estava certa: a partir daquele momento, pertencíamos todos uns aos outros. Guardávamos os segredos uns dos outros. Era um laço que podia tornar-nos em mais fortes, do mesmo modo que podia destruir-nos.

Três

CHARLIE CALLOWAY

2017

Na segunda classe, a professora Wilkes pedira-nos que escrevêssemos uma redação acerca de um superpoder que desejássemos ter. Na minha história, havia uma rapariga da minha idade e ela encontrava um génio perto da Bethesda Fountain, no Central Park, que se oferecia para lhe conceder um desejo. A menina desejou ser invisível, e esse desejo foi-lhe concedido.

A menina ia onde lhe apetecia e fazia o que queria. Entrou no Central Park Zoo sem pagar. Andou no carrossel e subiu aos torreões do Belvedere Castle e, durante um tempo, foi tudo maravilhoso. Então, a menina cansou-se daquilo, voltou para casa e tentou retomar as suas antigas rotinas, mas já nada era igual. Os pais não iam aconchegar-lhe a roupa, à noite, porque não sabiam que ela estava em casa. A professora nunca se dirigia a ela na sala de aulas. Ao almoço, sentava-se ao lado dos amigos, mas as conversas e as brincadeiras nunca a incluíam. A menina começou a ficar muito triste e solitária.

Regressou ao parque e procurou o génio, junto à fonte, pois ele era o único que a conseguia ver. Perguntou-lhe se podia pedir outro desejo. Com um ar solene, o génio abanou a cabeça e disse-lhe que tal era impossível. A maior parte das crianças nem sequer tinha oportunidade de formular um desejo sequer; era impensável que uma menina pudesse pedir dois. A menina desatou a chorar, porque se deu conta, tarde demais, que ser visto era mais poderoso do que ser invisível.

Se fosse qualquer outra criança de sete anos da minha turma, por certo que a professora Wilkes teria achado que eu era precoce e me teria elogiado pela criatividade demonstrada, mas aquilo aconteceu após o verão em que a

minha mãe desapareceu. O meu pai tinha contratado um investigador privado para a encontrar e este contara-nos o que sucedera à minha mãe, ou, pelo menos, tudo o que ele descobrira. Portanto, em resumo, a professora Wilkes não ficou divertida ou agradada com a minha história, mas preocupada. Falou com o meu pai e ele obrigou-me a ir a um terapeuta.

O nome dela era Dra. Malby, e a sua especialidade era adolescentes com passados particularmente traumáticos. Um dos rapazes que ela tratava era mais ou menos da minha idade e vira o pai, corretor da bolsa, suicidar-se com uma espingarda apontada à boca, por causa de um investimento que correria mal. Confessou-me isto na sala de espera, enquanto brincava com uma figura de ação, um G.I. Joe, e eu me entretinha relutantemente com um *puzzle*. Uma outra rapariga, mais velha, com a qual me cruzava por vezes quando chegava ao consultório, tinha ligaduras a cobrir-lhe os antebraços. Nunca falava comigo ou brincava na mesa das atividades. Estava sempre sentada de forma desleixada numa cadeira, folheando revistas.

As paredes do consultório da Dra. Malby eram cor-de-rosa, da cor do algodão doce. Sentávamo-nos no chão, em redor de uma mesa baixa, sobre um tapete felpudo, e jogávamos Jenga enquanto ela me sondava a psique.

– Aqui dentro, podes dizer tudo o que quiseres – explicou a Dra. Malby.

– Vai contar ao meu pai? – quis saber.

Ela retirou cuidadosamente um bloco de madeira do fundo da estrutura e pousou-o no topo.

– Estamos todos aqui para que possas começar a sentir-te melhor – declarou a Dra. Malby, sem responder à minha pergunta. – Há alguma coisa que queiras dizer? – perguntou ela. – Alguma coisa que sintas que não podes dizer lá fora? – Apontou para as paredes da cor do algodão doce.

– Foda-se – disse. – Foda-se, foda-se, foda-se.

Foi o que o meu tio Teddy dissera no barco, naquele verão, depois de ter deixado cair a cerveja ao mar enquanto ajustava a bujarrona, e eu sabia que não era uma coisa que devesse repetir, porque a tia Grier dissera de imediato o nome dele, mas de uma maneira que significava muito mais do que apenas o seu nome. Sempre me fascinou o quanto a tia Grier conseguia exprimir apenas com uma palavra, ou mesmo com um só olhar, caso estivesse a sentir-se particularmente económica. Um olhar severo fazia Leo vestir o *blazer* cinzento e áspero para o jantar; uma sobrancelha arqueada tinha o condão de silenciar os queixumes da minha prima Piper, porque eu,

e não ela, tinha recebido permissão para comandar o barco. Dessa vez, a tia Grier disse «Teddy», mas o que queria dizer era: «Teddy-à-frente-dos-miúdos-não.»

Não sabia o que significava ao certo a palavra «foder». Desconhecia, pelo menos, o seu significado literal. Sabia apenas o que sentia ao dizê-la. Era como se resumisse a raiva e a vergonha e a solidão às quais, de outro modo, não podia dar voz. Havia sempre uma diferença entre o modo como aquelas coisas soavam e o que me faziam sentir. A palavra «foda-se», porém, captava bem esse sentimento. Era os dentes contra o lábio, o osso contra a carne, para começar. Era redondo e completo, pelo meio. E era duro e áspero, no final.

– Isso faz-te sentir melhor? – quis saber a Dra. Malby.

Respondi que sim com a cabeça, porque, de facto, me fazia sentir melhor. Assim sendo, sentada pacientemente, a Dra. Malby deixou-me dizê-lo uma e outra vez, para as paredes cor de algodão doce do seu gabinete. Foda-se, foda-se, foda-se, foda-se. Saboreava a palavra de cada vez que a pronunciava, o modo como os lábios se arredondavam para formar a palavra, a maneira como o meu peito se comportava ao cuspi-la. Era como inspirar depois de termos sustido a respiração tanto tempo que os nossos pulmões parecem prestes a rebentar.

*

Depois da noite passada na floresta com o clube A, encontrei, logo na manhã do dia seguinte, uma nota rabiscada à pressa num pedaço de papel:

Charlotte,

*TENHO de falar contigo. Encontramo-nos às 21 h no Rosie's Diner.
Muito importante.*

Hank

Desanimei um pouco ao dar-me conta de que não era o meu primeiro bilhete enviado pelo A.

Hank? Quem raio era o Hank? E por que carga de água queria encontrar-se comigo no restaurante mais seboso de Falls Church, a pequena cidade que ficava mais perto da escola? O meu primeiro pensamento foi que se tratava de um caloiro perdido de amores que reunira coragem suficiente

para marcar um encontro cara a cara e talvez se envergonhasse de o fazer no recinto da escola. Havia qualquer coisa no desleixo da caligrafia que não pude deixar de interpretar como desespero.

Então, de súbito, a minha perplexidade deu lugar a uma mistura de pânico e raiva. Merda. Sabia quem era o Hank. Não se tratava de um caloiro imbecil, mas do meu tio Hank, o irmão mais velho da minha mãe.

O que significava que ele estivera ali, no *campus*, nas últimas horas. Estaria ainda por ali, à coca, à espreita? Espreitei rapidamente por cima do ombro, examinando o resto da sala do correio, quase à espera de o ver a um canto.

Não via o tio Hank há uma eternidade, desde que eu tinha dez anos e o meu pai solicitara uma providência cautelar para que ele não se aproximasse de nós.

A coisa passara-se assim: numa tarde, o tio Hank foi buscar-me à escola primária. Fiquei um pouco surpreendida quando vi a sua carrinha ferrugenta parada junto ao passeio, mas ele explicou-me que a minha ama adoecera subitamente e fora para casa, que a minha irmã estava em casa de uma amiga e que o meu pai tinha de ficar a trabalhar até mais tarde (sendo presidente do Calloway Group, o meu pai era um homem muito atarefado e ficava sempre a trabalhar até tarde). O tio Hank acrescentou ainda que estava ali para tomar conta de mim e para me levar a comer qualquer coisa. Eu respondi *okay*, ele abriu a porta do lado do passageiro e eu entrei.

Levou-me a uma pizaria barata (onde cheirava a queijo queimado) do outro lado da cidade e ofereceu-me um copo gigantesco de refrigerante. Pouco tempo depois, comigo sentada à frente dele, chupando pela palha, começou a falar da minha mãe.

Ninguém, além da Dra. Malby, falava comigo da minha mãe. Só que ele queria saber. Como havia sido aquele último mês com ela? Parecera-me diferente, de algum modo? Quem é que frequentava a nossa casa? Como é que estavam as coisas entre ela e o meu pai? E a noite em que ela desaparecera – que é eu tinha ouvido? Que tinha eu visto?

E pronto. Falámos. Na verdade, até foi agradável falar do assunto, conversar acerca da minha mãe com alguém que a conhecera também. Não guardar tudo para mim como se fosse uma coisa proibida e sombria. Ver que alguém da minha família queria saber, queria escutar.

Já tinha escurecido quando ele me levou a casa e a verdade é que não

estava assustada ou sequer tinha consciência de que se passava alguma coisa errada até pararmos em frente ao edifício e eu ver o carro da polícia ali estacionado, com as suas luzes vermelhas e azuis rodopiando no passeio. Foi nesse momento que comecei a chorar, tomada de pânico.

Mal o meu tio Hank parou a carrinha, tirei o cinto de segurança e puxei a maçaneta da porta, tentando abri-la, sem sucesso, porque a carrinha era velha e as portas não abriam a não ser que se desse um certo jeito. Às tantas, desatei aos gritos. E foi isso que os agentes da polícia e o meu pai viram quando correram para o passeio: eu, no banco do passageiro da carrinha do tio Hank, aos gritos e a esmurrar o vidro como se fosse um animal enjaulado. O tio Hank apeou-se de imediato e contornou o carro para abrir a porta a partir de fora.

Nem chegou à porta, porque o meu pai o apanhou pelos colarinhos quando ia a meio do caminho e o empurrou contra o capô. Devido aos gritos e ao vidro, não consegui ouvir o que ele dizia.

Mais tarde, depois de o tio Hank e os agentes se terem ido embora, o meu pai perguntou-me onde é que o tio Hank me levava, o que tínhamos feito e se conversáramos acerca de alguma coisa. Contei-lhe o percurso na carrinha enferrujada, que tínhamos ido a uma pizaria, que o tio me comprara um refrigerante e me fizera perguntas acerca da minha mãe. E dele.

Uns dias depois, nessa mesma semana, durante a aula de Matemática, enquanto a professora nos deixara a resolver equações para ir levar a folha de presenças ao gabinete do diretor, ouvi-os agigantar-se na sala, atrás de mim, como se fossem uma coisa real, física, que preenchia a divisão, pressionando-me, roubando-me o alento dos pulmões: os sussurros, os risinhos abafados. Senti o familiar peso no peito, o mesmo que me sufocara no ano em que a minha mãe desaparecera; a sensação de ser fitada, comentada, alvo de especulação. Era um sentimento que me esvaziava, que me fazia querer sustar a respiração, fechar os olhos e desaparecer.

– Pergunta-lhe – murmurou alguém, alto o suficiente para eu ouvir, e, por fim, Tommy Hartman inclinou-se para a frente na sua mesa e chuçou-me com força por entre as omoplatas com o seu lápis.

– Ei, Charlotte – chamou ele, num tom desagradável, inclemente.

Cogitei se devia responder-lhe, mas acabei por me virar para trás. Fosse o que fosse que lá vinha, o melhor era arrancá-lo de uma só vez, como um penso rápido.

– Que foi? – perguntei. Senti as faces enrubescerem-se, o pânico chegar-me à garganta. E odiava o facto de eles conseguirem vê-lo no meu rosto e escutá-lo na minha voz: o medo que eu sentia.

– Como é que ele o fez? – indagou ele.

– Como é que quem fez o quê? – perguntei de volta.

– Tu sabes – disse ele, irritado, como se eu estivesse a gozar com ele, como se soubesse perfeitamente ao que ele se referia.

Toda a gente abandonara a tarefa que a professora nos deixara; sentia os olhos de todos os meus colegas em mim.

– Não sei – afirmei. Tinha as palmas das mãos suadas e limpei-as nas coxas das calças, esperando que ninguém visse.

Foi então que ele o disse.

– Como é que o teu pai matou a tua mãe? – perguntou Tommy Hartman.

Os cabelos na minha nuca eriçaram-se e sentia dificuldade em respirar. Abri a boca para falar, mas não saiu nada. Ficou estupidamente boquiaberta e eu fiquei a olhar para ele como se fosse um peixe aos pulos em terra firme, ofegando.

– Aposto que a estrangulou – sugeriu Monica Petrosky, a rapariga mais bonita e cruel da turma.

Foi como se uma tampa tivesse sido aberta.

– Onde é que ele pôs o corpo?

– Não tens medo de que o teu pai te mate também?

– Calem-se – ordenei. – Calem-se!

Saiu mais alto do que esperava, aquela raiva dentro de mim. Eles aquietaram-se, chocados, mas apenas por um segundo.

– Oooooohhhh – troçou alguém ao fundo da sala. – Cuidado, ou a Charlotte Calloway ainda te *mata*.

Tommy Hartman riu-se a bandeiras despregadas; Monica Petrosky riu-se tanto que resfolegou.

Mordi o lábio e esforcei-me ao máximo por as travar, mas percebi que não iria ser capaz. As lágrimas enchiam-me os olhos. Rodei a cabeça e vi a nossa professora na soleira da porta.

Ela apoiou as mãos nas ancas e dardejou-nos a todos com o olhar.

– Afinal, que se passa aqui? – quis ela saber.

O silêncio foi total e imediato e, uma vez mais, todos os olhares se concentraram em mim. Queria desesperadamente que todos os meus colegas

parassem de olhar para mim. Não podia chorar à frente deles... Não o faria.

– Charlotte? – chamou a professora Holiday. E a voz dela não era amável ou reconfortante, mas exigente, como se fosse eu a responsável pela inquietude da turma na sua ausência. Uma parte de mim ficou grata pela crueldade, pois sabia que um só gesto amável seria a minha ruína.

– Dói-me o estômago – aleguei. – Posso ir à enfermaria?

Escondi-me no gabinete da enfermeira até ao intervalo e foi Heather Frank, uma rapariga calada que usava óculos de lentes grossas, que me mostrou por fim o que desencadeara tudo aquilo. Sentadas na bancada vazia do campo desportivo, ela extraiu o tabloide da mala.

BILIONÁRIO DO IMOBILIÁRIO ASSASSINA ESPOSA, IRMÃO DA ESPOSA REVELA TUDO, dizia o título em letras grandes e vermelho-sangüíneas. Por baixo, estava uma fotografia do meu pai, num fato elegante, a entrar numa limusina com o braço em redor das costas de uma mulher loura cujo rosto não era visível. Tinha um ar bem-parecido e altivo na foto, um sorriso escarninho e meio irado. Dir-se-ia que era um homem perigoso. Um predador.

Ao lado da fotografia do meu pai, estava um retrato da minha mãe, com um brilho esbatido, semelhante a uma auréola, em redor das extremidades. Reconheci-o. Vira-o centenas de vezes, em casa da avó Fairchild, suspenso junto à escadaria, ao lado dos retratos do tio Hank, do tio Lonnie e do tio Will, os irmãos da minha mãe. Naquela imagem, ela não teria mais do que dezoito anos. Exibia um vestido creme e suave, tinha o cabelo solto e sorria para a câmara. Parecia tão jovem, doce e inocente na fotografia ao lado do meu pai. Crédula e frágil. O meu coração disparou e comecei a ler.

Ninguém poderia prever que o que começou como um conto de fadas pudesse terminar de forma tão trágica. Grace Fairchild, filha do operário Frank Fairchild e de Alice Fairchild, professora da pré-primária, teve uma educação humilde em Hillsborough, no Connecticut. Quando despertou a atenção do bilionário Alistair Calloway, herdeiro do Calloway Group, foi apresentada a um mundo totalmente diferente e novo: um apartamento numa penthouse do Upper East Side, viagens de fim de semana luxuosas em jatos privados, presentes sumptuosos. Grace acreditou ter encontrado o seu príncipe encantado. Mal ela sabia que sob a superfície se ocultava um assassino.

«Ela ficou ofuscada pelo charme e pelo dinheiro dele», diz Hank, o irmão mais velho de Grace. «Não o viu por quem ele era. E quando se apercebeu da verdade, era tarde demais. No mês anterior ao seu desaparecimento, Alistair e Grace discutiram constantemente. Ela pretendia pedir o divórcio. Na noite em que desapareceu, pediu ao marido que se fosse

embora. Seguiu-se uma discussão. Ela gritou com ele, ordenando-lhe que nunca mais lhe tocasse. Disse: “Deixa-me em paz! Tira as mãos de cima de mim!”»

Parei de ler. Tinha sido eu quem contara aquilo ao tio Hank. Sentada à sua frente, naquela pizzeria barata, bebendo o refrigerante que ele me comprara, revelara-lhe as últimas palavras que a minha mãe dissera ao meu pai. Como uma traidora. Uma traidora ridícula e inútil. Em meu abono, não imaginava que ele iria fazer aquilo – vender a informação a quem lhe pagasse mais, para que toda a gente lesse.

Também lhe tinha contado outras coisas. Coisas felizes, momentos de alegria. Porque não falara ele disso?

Devolvi o jornal a Heather. As páginas brilhantes pareciam ter um toque viscoso, escorregadio.

– Não foi nada assim – argumentei. – O modo como eles fazem parecer. A maneira como *ele* faz com que pareça. Os meus pais não iam divorciar-se.

Não podia acreditar que aquilo estivesse a acontecer. *Outra vez.*

Quando a minha mãe desaparecera, o caso fizera notícia em todos os jornais e capas de revistas cor-de-rosa. A polícia interrogou o meu pai, foram organizados grupos de socorro para passar a pente fino a floresta em redor da casa e contratados mergulhadores para vasculharem as profundezas sombrias do lago Langely. Toda a gente procurava um corpo, um cadáver. Ninguém o encontrou.

Não importou minimamente que o meu pai tivesse um álibi. Não importou sequer que nem estivesse em casa na noite em que ela desapareceu; estava no nosso apartamento, na cidade, a mais de cem quilómetros dali. Não importou que o meu pai a amasse, que jamais lhe fizesse mal. Era uma história negra e cativante, e, por isso, as pessoas acreditaram nela. *Assassino*, sussurraram.

Depois do desaparecimento da minha mãe, o meu pai contratou um investigador privado para a encontrar, e foi nessa altura que as gravações do banco vieram ao de cima: imagens das câmaras de segurança da agência local do Connecticut Mutual. Dias antes de se esfumar, a minha mãe levantou centenas de milhares de dólares dos cofres que partilhava com o meu pai. Pegara no dinheiro e saíra das nossas vidas para sempre. Eu tinha sete anos; a minha irmã, Seraphina, não tinha ainda cinco. Os canais de

televisão nacionais mostraram aquelas gravações durante semanas, a prova humilhante de que a minha mãe nos roubara e abandonara.

O meu pai procurou-a ao longo de um ano e não conseguiu encontrar nem um só vestígio dela. Ao fim desse tempo, abdicou dos préstimos do investigador, afirmando que, se a minha mãe estava assim tão determinada em não ser encontrada, então também não queria encontrá-la.

Durante esse ano, eu suportara os olhares fixos, os olhares de pena, os murmúrios; todos suportáramos o mesmo. E logo naquele momento, quando as coisas começavam a voltar ao normal, acontecia aquilo.

Odeio-o, pensei. Jamais perdoaria o tio Hank por ter feito aquilo ao meu pai, por me ter levado a *mim* a fazer aquilo ao meu pai. Por aquela nuvem negra que pendia sobre as nossas cabeças numa altura em que parecia finalmente que a tormenta ia começar a passar.

– Parece mesmo que ele o fez – disse Heather, como se não me tivesse ouvido. E eu arranquei-lhe aqueles óculos ridículos da cara com uma bofetada que os fez aterrar na estrutura metálica das bancadas e ficar com um risco permanente na lente esquerda.

Mais tarde, o meu pai chamou-me a mim e à minha irmã ao seu escritório e disse-nos que não devíamos nunca mais falar com o tio Hank, que ele estava proibido de se aproximar de nós. Não conseguiu olhar-me nos olhos enquanto falava e eu tentei não o recriminar por isso.

– O vosso tio não está bem – explicou o meu pai. E depois, disse-nos que íamos viver com o tio Teddy e a tia Grier durante uns dias, até toda aquela situação passar. E eu tentei não o recriminar por isso, também.

Amachuquei o bilhete que o tio Hank deixara na minha caixa de correio e deitei-o no caixote do lixo. Obriguei-me a não pensar no assunto.

Ao levantar a cabeça, vi, pela janela da sala do correio, Leo a atravessar o relvado na companhia de Dalton e Crosby. Ótimo, uma distração. Compus a alça da mala sobre o ombro e corri atrás deles.

– Não é preciso entrar com muito dinheiro – dizia Crosby, quando os alcancei.

– Grandes planos para esta noite? – indaguei, ligeiramente ofegante.

– Apenas um jogo amigável de póquer – disse Leo.

– E é uma coisa só para rapazes, porque têm medo de perder para uma rapariga? – perguntei.

Crosby colocou o braço à volta do meu ombro.

- Charlie, aqui o meu amigo Dalton é o maior feminista que eu conheço.
- Sim, homens, mulheres, gosto de derrotá-los a todos, em igual medida – referiu Dalton. – Não tenho qualquer receio de te ficar com o dinheiro, Calloway.
- Então, está combinado – afirmei. – A que horas?

*

Pela segunda noite consecutiva, esgueirei-me pela janela depois da hora do recolher. Só que, desta vez, em vez de me dirigir ao parque de estacionamento da residência, rumei a norte, ao longo da orla do *campus*. O caminho mais rápido para o dormitório masculino era através de um recinto bem iluminado e patrulhado pelo Velho Riley, o segurança de Knollwood Prep. Em vez de o seguir, contornei o *campus*, atalhando depois por um pedaço de campo em que a relva me dava pelos joelhos. Uma estreita faixa de Lua, em quarto crescente, era tudo o que iluminava os meus passos.

O quarto de Dalton ficava no rés do chão do Acacia Hall, a residência masculina para alunos do penúltimo e último ano. Sendo finalista, Dalton tinha um quarto só para ele. Os rapazes tinham deixado uma vela acesa na janela, em frente a uma cortina fechada, para que eu soubesse a que quarto devia dirigir-me. Bati três vezes na vidraça e Dalton afastou a cortina, apagou a vela e deixou-me entrar.

– Começávamos a questionar-nos se virias – disse Crosby, ao mesmo tempo que Dalton fechava a janela e a cortina para garantir que o Velho Riley não se apercebia da nossa jogatina noturna aquando de uma das suas rondas. – Podias estar nervosa, entendes?

Dalton tinha colocado uma antiga mesa de jogo junto à cama. Do outro lado, estava a sua cadeira de escritório giratória e um baú. Fui a última a chegar, portanto, só havia um lugar livre: ao lado de Crosby, na cama.

– Confesso que ainda tive algumas reservas em vir – aleguei, e sentei-me na cama, com as pernas cruzadas, para ficar mais confortável. – Pus-me a pensar, será que vão continuar a gostar de mim depois de eu os derrotar vergonhosamente e lhes ficar com o dinheiro todo? E se eles chorarem? Nunca vi uma divisão cheia de rapazes em lágrimas, sabem?

– Está visto que lábia não lhe falta – comentou Crosby, entretido a baralhar as cartas.

– A soberba precede a ruína, Calloway – fez notar Dalton, citando a

Bíblia e tomando o seu lugar sobre o baú.

Auden sacou de um estojo cheio de lápis e começou a dividir as «fichas». Não podíamos jogar com fichas de póquer verdadeiras, pela mesma razão que nenhum de nós levava dinheiro para a partida. Em Knollwood, jogar equivalia a uma suspensão automática. Assim sendo, jogávamos com *post-its* (\$10), lápis (\$5), borrachas (\$2) e *M&M's* (\$1), para podermos negar qualquer acusação caso fôssemos apanhados à volta de uma mesa de jogo. Mas o dinheiro envolvido era verdadeiro, e os perdedores teriam de acertar as suas contas com os vencedores até ao final da semana.

Dalton foi o primeiro a dar as cartas e eu peguei nas minhas com uma animação quase estonteante. Era uma boa mão: um par de rainhas e um ás. Contudo, estava menos concentrada nas minhas cartas do que em observar os outros jogadores, reparando quando eles hesitavam ou subiam a aposta, quantas cartas trocavam, se desistiam cedo ou se pediam para ver a mão.

O póquer era um jogo de que sempre gostara, porque envolvia interpretar as expressões e sinais corporais das pessoas. Toda a gente tinha qualquer coisa que a denunciava: uma respiração mais acelerada, um tique facial, uma contração dos músculos do pescoço. Não era justo para Leo que eu estivesse a jogar, pois conhecia-o muito bem. O que o denunciava quando tinha uma boa mão era a mesma coisa que o revelava quando conversava com uma rapariga bonita: uma crispação quase impercetível do canto direito da boca que lhe concedia um esgar que podia ser entendido quase como arrogante. Era preciso conhecê-lo bem para detetá-lo.

Por vezes, esse sinal denunciador não era tanto uma reação fisiológica, mas, antes, um comportamento. Não tardei a perceber que Auden era um jogador cauteloso; apostava sempre o mínimo e desistia cedo, por isso percebi que, se aumentasse a aposta ou se se mantivesse em jogo após a segunda ronda, tinha uma boa mão. Crosby jogava do mesmo modo que vivia: com um desprendimento treinado, subindo a aposta quando devia desistir e raramente desistindo antes da última ronda. Dalton era o mais difícil de interpretar; passei o jogo todo sem conseguir entendê-lo.

Eram quase duas da manhã e estávamos na última mão, e era a derradeira ronda de apostas. Tínhamos todos apostado forte naquela ronda; havia quase \$65 no pote. Leo estava fora de jogo e Auden acabara de desistir. Era só eu e Dalton. Ele podia juntar mais \$20, mantendo a aposta inicial, aumentá-la ou desistir. Todos sabíamos por que razão ele estava a hesitar:

naquele momento, a aposta dele ia em \$100, a maior de todos nós. Porém, se adiantasse mais \$20 para permanecer em jogo e perdesse, e eu ficasse com o pote, eu ficaria à frente dele com \$95 contra \$80. Se ele desistisse naquele momento, permaneceria à frente, quer eu ganhasse o pote ou não.

Pousei as cartas, com o verso para cima, e empurrei-as para a frente como se achasse que era a minha vez e tivesse decidido desistir.

– Não é a tua vez – murmurou Auden.

– Ah, desculpem – respondi. Com grande afã, reuni as cartas e fiz um ar envergonhado. Teria corado, se conseguisse comandar tal reação.

– Entro com vinte dólares – declarou Dalton, colocando dois *post-its* no meio da mesa.

Assim que ele fez a sua aposta, peguei novamente nas cartas e empurrei dois *post-its* meus para o pote.

– Cubro os teus vinte dólares – disse – e subo mais dez.

Acrescentei dois lápis ao monte que havia no centro da mesa.

– Aldrabona – reclamou Dalton. Tinha um sorriso na cara, mas o seu olhar desdizia-o, era duro. Esforçava-se por mostrar que não estava aborrecido, mas percebi que o irritara.

– Isso é batota – alegou Auden.

– Moralmente ambíguo – corrigi-o. – Se o tivesse feito de propósito, sim. Talvez a intenção não fosse jogar fora da minha vez.

– E foi? – perguntou Auden.

– Acreditavas em mim, se dissesse que não? – devolvi.

– Gosto dela – afirmou Crosby para os rapazes. – Gosto de ti – disse, olhando para mim e dando-me uma palmadinha nas costas. – Espero que o tenhas mesmo feito de propósito.

Auden olhou para Leo em busca de apoio, mas de nada lhe serviu. Leo riu-se e recostou-se na cadeira giratória. Abanou a cabeça.

– Eu bem vos disse que não a deixassem jogar – disse ele.

– Cubro os teus dez dólares – declarou Crosby, entregando dois lápis ao pote. Com relutância, Dalton fez o mesmo.

Então, todos ao mesmo tempo, mostrámos as nossas cartas. Dalton tinha três valetes. Crosby tinha dois pares. Eu tinha um *flush*.

Crosby bateu palmas, pesarosamente. Dalton soltou um suspiro. Auden praguejou entre dentes.

– Muito bem, prima – disse Leo.

– Foi um prazer defrontar-vos – afirmei, ao mesmo tempo que me inclinava para a frente e puxava os lápis, os *post-its*, as borrachas e os *M&M's* para a minha extremidade da mesa. – E há bocado não estava a gozar. Passo-me a sério se vocês desatarem a chorar.

*

O *campus* transmitia uma sensação sinistramente tranquila quando abandonei a residência dos rapazes para regressar a Rosewood Hall. Cruzei mais as abas do casaco e estuguei o passo. Ali sozinha, à noite, no meio da escuridão, não pude deixar de pensar no fantasma: o rapaz morto que vagueava pela escola em busca de alguém para amaldiçoar.

Quando cheguei ao campo negligenciado, que era então a única coisa que me separava da minha residência, fiquei com a nítida sensação, na boca do estômago, de que estava a ser observada.

Não sejas palerma, Charlie, admoestei-me a mim mesma. Não existe fantasma nenhum. Não há ninguém a observar-te.

Ainda assim, comecei a andar mais depressa. Ouvi um som ténue atrás de mim, de alguém a deslocar-se. *Os fantasmas não têm corpo. Os fantasmas não fazem barulho de passos ao andar*, disse a mim mesma.

Estaquei e ouvi e senti, ao mesmo tempo, algo muito real e corpóreo, sólido, parar alguns metros atrás de mim. Alguém, uma pessoa real, me seguia. Desatei a correr.

O campo era árido, à exceção de dois velhos carvalhos na ponta oposta, e através deles, à distância, conseguia avistar Rosewood Hall, com as luzes da cozinha, no piso térreo, ainda acesas. Por vezes, a Sra. Wilson, a cozinheira, ficava a pé até tarde, preparando a massa para os biscoitos da manhã seguinte. Se conseguisse chegar ali – à luz que se derramava no relvado –, então, ficaria, com toda a certeza, em segurança.

O problema era que não tinha a certeza se seria capaz de lá chegar incólume. Sentia o sangue latejar-me nos ouvidos, a dor de burro resultante da corrida. E quem quer que estivesse atrás de mim (ouvia a sua respiração, os seus passos), aproximava-se mais e mais. Tirei as chaves do bolso do *hoodie* e dispu-las por entre os dedos como se fossem garras. Parei e dei meia volta para enfrentar a pessoa que me perseguia, pronta para usar as chaves. Estava ofegante, mas consegui falar.

– F-fique onde está – ordenei. – Ou eu grito.

A escuridão profunda não me permitiu distinguir a figura com nitidez, se bem que estivesse a menos de dois metros de mim. Percebi que se tratava de um homem, com uma barba cerrada e ombros largos.

Levantou os braços como quem se rendia.

– Não grites – pediu ele, e a sua voz rouca soou-me vagamente familiar. – A minha intenção não era assustar-te. É que... fiquei à tua espera e tu não apareceste.

O meu primeiro pensamento foi que se tratava de um enorme mal-entendido. O homem corpulento que me perseguia na escuridão confundira-me com outra pessoa. Recordei-me então do bilhete que encontrara na minha caixa do correio naquela manhã.

– Tio Hank? – perguntei.

Deu um passo na minha direção e eu dei um passo atrás. Continuava a sentir o coração na garganta. Ergui o punho cerrado com que segurava as chaves. Parou ao ver que me assustara. Deixou pender os ombros, como se o tivesse ofendido.

– Charlotte – começou, e a forma como disse o meu nome, com tamanha ternura e familiaridade, quase que me desarmou. – Charlotte, sou eu. Está tudo bem. Não vou... Jamais... te magoaria. Com certeza que sabes disso.

Baixei o punho, indecisa.

– Que faz aqui? – exigi saber.

– Tinha de falar contigo – respondeu ele, um pouco esbaforido. – É por causa da tua mãe.

– Não quero saber – repliquei.

– Tens de querer – insistiu o tio Hank. – Tens de me ouvir. Tenho uma coisa que precisas de ver.

– Não estou interessada – afirmei, e dei meia volta, tencionando afastar-me. Não queria ouvir mais nenhuma das suas teorias, não queria responder a mais nenhuma das suas perguntas, não queria ser sugada de volta para aquela intrincada trama que ele tecera há vários anos. Não podia reviver o passado; recusava-me a fazê-lo.

– Charlotte – teimou o tio Hank, agarrando-me o braço para me impedir de ir embora, para me manter ali. Estava perto de mim o suficiente para conseguir sentir o seu hálito forte a uísque.

Tentei não entrar em pânico e não lhe mostrar o quanto estava zangada.

– Ela não está morta – declarei, com firmeza. – Abandonou-nos.

Desapareceu, e não vai voltar. Tem de aceitar isso e seguir em frente. Foi o que nós fizemos.

Tentei libertar-me dele, mas os seus dedos cerraram-se com mais força à volta do meu antebraço. Encolhi-me.

– Escuta – recomeçou o tio Hank. – Imagino o que pensarás da tua mãe, tendo em conta a história que te contaram...

– História? – interrompi-o. – Vi as gravações das câmaras de segurança do banco, tio Hank. O mundo inteiro viu a porcaria das gravações.

Não podia deixar de pensar em que cada momento daquele último mês com ela havia sido uma mentira. De cada vez que me aconchegara a roupa à noite, ou me preparara o banho, ou cortara os morangos para as papas de aveia matutinas, fizera-o consciente de que me ia abandonar.

– Isso não é... Não é isso que tu pensas – contradisse o tio Hank. – A Grace nunca faria uma coisa dessas... abandonar-te, a ti e à Seraphina. Ela amava-vos, acima de qualquer coisa no mundo. Não é o que parece. Não é o que vos contaram.

– Largue-me – ordenei. – Está a magoar-me.

O tio Hank olhou para a sua mão no meu braço e fez um ar quase chocado ao vê-la ali. Soltou-me.

– Tens de ver isto – disse ele. Enquanto levava a mão ao saco de alças que trazia ao ombro, contemplei a hipótese de fugir dali. Tendo recuperado o fôlego, talvez conseguisse chegar ao dormitório, onde estaria em segurança. Mas, e se não conseguisse e o facto de ter fugido o perturbasse e irasse ainda mais? O tio Hank dissera que não me magoaria, e talvez a sua intenção não fosse mesmo essa, mas a verdade é que era muito maior do que eu e parecia desesperado e um bocado louco, para ser franca. Sabia-se lá o que era capaz de fazer...

Enquanto ponderava tudo isto, o tio Hank estendeu-me um envelope castanho.

– Que é isso? – perguntei.

– Vê por ti mesma – respondeu ele.

Peguei no envelope. Estava velho e gasto. No canto superior direito, tinha um selo de correio, e o nome e endereço da minha mãe, escritos numa letra apressada, a meio. O envelope estava aberto e continha um molho de fotografias e uma folha de papel. Comecei pelo papel. Alguém escrevera, em letras maiúsculas, «SEI TUDO».

Tirei as fotografias a seguir e passei-as lentamente, usando a lanterna do telemóvel para as iluminar. Deviam ser mais do que cem fotografias. As dez primeiras eram instantâneos tirados em rápida sucessão e à distância. Mostravam a minha mãe sentada a uma mesa, junto à janela de uma cafetaria. O seu rosto era claramente visível. Tinha um ar perturbado. Sentado à sua frente, estava um homem. A cara dele não era visível, apenas a mão, deslizando por cima da mesa, como se quisesse consolar a minha mãe. Na fotografia seguinte, a mão dele já cobria a dela.

Levantei a cabeça e olhei para o meu tio. Ele observava-me com toda a atenção.

– Reconhece-lo? – indagou ele. – O homem que está nas fotografias com ela... Alguma vez o viste?

Devolvi a minha atenção aos instantâneos. Observei o seguinte. Fora tirado de um ângulo diferente. A cara do homem era finalmente perceptível. Tinha uma barba escura e um nariz largo. A pele sob os seus olhos parecia flácida e cinzenta. Era ligeiramente calvo e parecia ter trinta e muitos anos. Vestia um fato.

– Não – disse. – Nunca o vi.

Folhee as restantes fotografias, mas o homem não aparecia em nenhuma das que haviam sido tiradas fora da cafetaria. Eram todas imagens da minha mãe comigo e com Seraphina. Lá estávamos as três, à porta da casa do lago. A minha mãe com Seraphina ao colo, a tirar-nos do seu SUV. Havia fotos de nós a sair do supermercado em Hillsborough com a avó Fairchild; nós as três na carrinha do tio Hank; eu e Seraphina a nadarmos no lago sob o olhar atento da minha mãe, junto à margem. Pensei na lente de longo alcance que o professor Andrews nos tinha mostrado na aula, a teleobjetiva acerca da qual ele nos falara.

Cheguei à última fotografia, que constituiu um choque, pois não havia qualquer ilusão de proximidade naquela imagem. O fotógrafo estava mesmo ali, com uma das mãos esticadas para que pudesse ser apanhada no enquadramento, e ali estava eu sozinha, no quintal das traseiras da casa dos meus avós, em Hillsborough, no Connecticut, a olhar para a lente da máquina, perto de mim. Quando virei a fotografia, reparei numa coisa escrita no verso. Três palavras apenas: «PARA COM ISSO».

Parar o quê?

– Que é isto? – indaguei.

– Encontrei-as na casa do lago. Sob uma tábua solta do soalho, no quarto dos teus pais.

– Que foi fazer à casa do lago?

O meu pai teria um ataque quando descobrisse que o tio Hank entrara sem autorização em nossa casa e mexera nas nossas coisas.

– Tinha perguntas sem resposta – explicou o tio Hank. – E fui à procura das respostas eu mesmo. E parece-me que encontrei qualquer coisa. Não sei ainda o que isso é ou o que representa, mas tenho a certeza de que significa alguma coisa.

Por mais que quisesse argumentar com ele, não podia. Porque aquelas fotografias me tinham deixado estupefacta, oca, sem fôlego. Tínhamos sido seguidas por alguém? Teriam aquelas fotografias constituído uma ameaça? E, caso assim fosse, porquê? O que fizera a minha mãe para levar alguém a ameaçar-nos?

– Lembras-te de quem tirou esta fotografia? – perguntou o meu tio.

Contemplei a imagem que segurava na mão e abanei a cabeça. Por mais desconcertante que fosse, não me recordava de ter sido tirada.

– Talvez te lembres de alguma coisa – insistiu o tio Hank, num tom mais desesperado. Passou a mão pelo cabelo desgrenhado. – Alguém que andasse a rondar por ali naquele verão? Pode ter sido alguém que parecesse pertencer ali. Deus sabe que vocês tinham um exército de empregados. Talvez um jardineiro ou uma criada? Talvez a tua mãe andasse nervosa ou parecesse assustada? Uma coisa pequena, uma coisa menos normal. Qualquer coisa, por mais pequena, pode ser importante. Pode ajudar.

– Já lhe contei tudo o que sabia – disse, sem conter o ressentimento. Bem, na realidade, contara-lhe *quase* tudo. E ele traíra-me.

Ele tinha tanta certeza de que a minha mãe estava morta, de que eu tinha a resposta para o que lhe acontecera realmente, de que eu tinha a chave para resolver aquele mistério.

– Tem de haver outra coisa qualquer – afirmou o tio Hank, perdendo a paciência. Levantou a mão e, por um momento, achei que iria agredir-me ou agarrar-me, e tentei não me encolher. – Tem de haver alguma coisa que ainda não me contaste.

Não lhe respondi.

– O meu pai sabe da existência destas fotos? – perguntei.

– Sei lá eu o que o Alistair sabe ou não sabe – ripostou o meu tio. – E há

muito tempo que ele deixou de me dar ouvidos.

– Talvez se ele visse estas... – comecei, mas o meu tio cortou-me a palavra.

– Isto já não é um assunto dos Calloway – cuspiu ele. – Não quero saber mais dessa gente. Há muito que se decidiram acerca do que se passou com a minha irmã; e tornaram isso em bem claro. Sei que são a tua família, Charlotte, mas digo-te a mesma coisa que disse à tua mãe. Os Calloway são... são gente fria, desalmada. A Grace só se deu conta disso quando era tarde demais, e talvez contigo aconteça o mesmo, mas a verdade é essa. E é tudo o que tenho a dizer acerca do assunto.

Devolvi-lhe o envelope.

– Não posso ajudá-lo. Lamento – afirmei.

Com relutância, o tio Hank aceitou o envelope e esfregou o queixo. Abanou a cabeça, como se eu o tivesse desiludido.

– Sei que és uma Calloway, Charlotte – disse ele. – Mas também és uma Fairchild. És uma de nós. Não te esqueças disso.

As palavras dele magoaram-me. Mordi o lábio e desviei o olhar, sem saber o que dizer.

– Costumamos fazer uma coisa todos os anos, em casa da tua avó... Uma festa para a Grace, no aniversário dela – revelou o tio Hank, ao mesmo tempo que guardava o envelope no saco, um pouco mais resignado com o facto de não conseguir extrair mais informações de mim. – Ela faria quarenta e três anos este ano. Significaria muito para a tua avó se tu e a Seraphina fossem.

Eu sabia da existência daquelas festas. A família da minha mãe organizava uma todos os anos, desde que ela desaparecera. Quando era miúda, não tinha permissão para ir. O meu pai não achava que fosse boa ideia. E agora... agora era fácil ignorá-la, uma vez que estava na escola. Knollwood parecia ficar a um mundo de distância de Hillsborough, e parte do seu encanto era isso mesmo.

– Vou pensar no assunto – menti.

– Está bem – respondeu o meu tio, massajando a nuca com uma das mãos, como se não soubesse bem como despedir-se de mim. Limitei-me a olhá-lo fixamente.

Por um momento, tentei vê-lo do mesmo modo que a minha mãe o via. Sabia que era o seu irmão preferido. A minha mãe contara-me histórias de

como ele a ensinara a conduzir a carrinha do pai quando ela tinha apenas doze anos. Certa vez em que ela confundira o pedal do travão com o do acelerador e arrasara a caixa do correio, o tio Hank assumira a responsabilidade pelo sucedido, afirmando que era ele quem estava ao volante. Suportou três vergastadas do cinto do pai, enquanto a minha mãe observava desde o piso de cima, espreitando por entre as barras da balaustrada. Na quarta classe, depois de cair da bicicleta, fora o tio Hank quem lhe dera a mão e a distraíra enquanto a enfermeira lhe cosia o queixo; no final, ele pediu um penso rápido castanho e feio, igual ao dela, para usar também no queixo e partilhar com ela da vergonha.

O tio Hank e eu costumávamos partilhar de uma eternidade de verões, de dedos dos pés escaldados e de gelados de cone que, sob o calor escaldante das tardes de julho, se derretiam mais depressa do que conseguíamos devorá-los, assim como do cheiro ligeiramente amargo a água de lago e a transpiração. Houvera tanta coisa que me fizera lembrar o meu tio Hank. Entretanto, porém, a única coisa que nos unia era o fantasma da minha mãe.

Estranhamente, era isso que nos separava, também.

Quatro

GRACE CALLOWAY

4 DE AGOSTO DE 2007

16h35

Era capaz de senti-la no ar naquele dia: a despedida do verão. O calor sufocante de julho dera lugar a tardes mais frescas de agosto. E não fora apenas o calor que amainara; a energia das miúdas também. Charlotte e Seraphina estavam a ficar entediadas. A novidade de estarem na casa do lago começava a desvanecer-se. Correrem descalças pelo meio dos aspersores do relvado, acamparem no quintal das traseiras, os churrascos no pátio – outrora grandes aventuras – assemelhavam-se então a rotina. Tinham posto de lado o baloiço, feito a partir de um pneu, que Alistair pendurara no velho ulmeiro que havia na beira do lago, e perdido o interesse em fazer corridas a nadar até à jangada e de volta à margem. Há poucos dias, deparara com Charlotte e Seraphina no sofá de couro da sala de estar entretidas a jogar PlayStation.

Tive a nítida sensação de que era o final de qualquer coisa. E foi mesmo.

Acomodada nos bancos estofados da proa do barco, observei Alistair sentado ao leme. Tinha Charlotte ao colo e estava a ensiná-la a navegar a nossa nova lancha de proa aberta, com sete metros e meio, uma *Sea Ray*. Não conseguia ouvir o que diziam um ao outro, por causa do barulho do motor e das ondas quebrando-se contra o casco. Seraphina estava de joelhos, ao meu lado, inclinada por cima da amurada com as mãos estendidas para apanhar os salpicos das ondas. Com um dedo enganchado numa das presilhas do seu colete salva-vidas, prendia-a a mim para o caso de uma onda maior a fazer perder o equilíbrio.

O lago tinha pouco menos de um quilómetro quadrado e meio e estava rodeado de bosques e terrenos inexplorados. Algumas casas salpicavam a linha da costa, aqui e ali, e havia um embarcadouro público no lado norte. Passámos por um pescador no seu barco de alumínio, junto à extremidade do lago. Ele contemplou-nos por baixo da pala do seu boné e eu levantei o braço e acenei-lhe.

Imaginei o que um espectador fortuito pensaria ao ver-nos: que éramos apenas uma família feliz a desfrutar de uma tarde de sábado no lago.

Tirei então um instantâneo mental. Os caracóis louros de Seraphina soprados pela brisa. *Clique*. Charlotte com o boné de basebol do pai na cabeça, espreitando por cima do leme. O boné, dos Knicks, ficava-lhe demasiado grande, embora Alistair o tivesse ajustado até ao limite. Não parava de lhe deslizar até à cana do nariz, tapando-lhe os olhos, e Charlotte, que se recusava a tirá-lo, inclinava a cabeça para trás para recuperar a visão. *Clique*. Alistair, o meu marido perfeito e tão bem-parecido (o seu cabelo louro e os ombros morenos e musculados refletindo o sol), segurava a nossa filha nos braços. *Clique*.

Na universidade, fizera uma cadeira de fotografia e o nosso professor tinha uma citação de Ansel Adams na parede: «Não tiramos uma fotografia, fazemo-la». Sempre achara que uma fotografia era feita não uma vez, mas duas. No primeiro, e mais óbvio, instante, o fotógrafo compõe a fotografia: escolhe o enquadramento, o ângulo, a luz, a disposição dos elementos. Escolhe o que pretende que vejamos. A história que ele quer contar é encenada, é artificial. No entanto, todas as fotografias são compostas, ou feitas, uma segunda vez, quando o espectador olha para ela. É que não vemos a fotografia apenas como ela é, vemo-la também como nós somos, ou seja, sob a nossa perspetiva. Emprestamos à imagem o nosso contexto, a nossa própria história, as nossas perceções. O espectador é que lhe atribui o significado. Sempre achei que o que as pessoas viam quando contemplavam uma fotografia dizia mais acerca delas do que o que, na realidade, estava na imagem.

Dispus então os meus instantâneos mentais para os examinar e tentei apagar-me a mim mesma. Esforcei-me por ver aquelas imagens da mesma forma que um estranho as veria. Distanciei-as da minha mente para que todas as complexidades se fundissem, até que se tornassem numa paleta

inofensiva de cores e linhas. Por um momento, desejei que as coisas fossem apenas o que pareciam ser, à distância.

Cinco

CHARLIE CALLOWAY

2017

Estavam de novo aos gritos, a discutir. Conseguia ouvi-los através da parede. Assim, liguei a televisão para a Seraphina ver os desenhos animados e aumentei o volume.

– Não saias daqui – instruí, e saí do quarto, avançando em bicos dos pés pelo corredor.

Espreitei pela porta entreaberta do quarto dos meus pais.

A mala do meu pai estava em cima da cama. A minha mãe, junto a uma gaveta aberta da cómoda, tirava camisas e lançava-as na direção da mala.

– Vai de uma vez, e pronto – dizia ela.

– Caramba, Grace – respondeu o meu pai. Tinha acabado de sair do duche. O espelho da casa de banho estava embaciado e ele tinha as faces vermelhas nos sítios em que tivera de insistir com a máquina de barbear. Exibia apenas uma toalha, atada em redor da cintura.

Agarrou-a pelo pulso e puxou-a para ele, abraçando-a.

– Olha para mim.

– Tiras as mãos de cima de mim – ordenou a minha mãe.

– Mamã? – chamei.

Viraram-se os dois e viram-me na soleira da porta. O meu pai soltou a minha mãe, que tratou de esconder o rosto. Tinha os olhos vermelhos, o sobrolho carregado.

– Porque está a mamã a chorar? – indaguei.

O meu pai aproximou-se de mim e pegou-me ao colo, muito embora eu já estivesse a ficar demasiado crescida para aquilo.

– O que dizes de irmos comer um gelado? – sugeriu ele.

– *Okay* – respondi.

Levou-me até à cozinha, no piso de baixo, e tirou dois gelados do congelador. Sentámo-nos a comê-los nos degraus do quintal das traseiras, com vista para o lago.

– A mamã não vai zangar-se por estarmos a comer isto? – perguntei. Lambi um pedaço de chocolate da cobertura do gelado que me tinha caído para o dedo. A minha mãe nunca nos deixava comer gelados àquela hora da tarde. Alegava sempre que ficaríamos sem apetite para o jantar.

– Charlotte, preciso que sejas uma menina crescida e tomes conta da mãe durante a minha ausência – pediu o meu pai. – Achas que serás capaz de fazê-lo?

– Já te vais embora? – indaguei.

– Tenho uma reunião amanhã de manhã – explicou ele.

– Não vás – pedi. – Prometeste que amanhã me levarias no barco outra vez.

– No próximo fim de semana, está bem?

– Levas-me contigo? – perguntei.

Ele ficou calado por um momento.

– Preciso que fiques aqui e olhes pela tua mãe – argumentou ele. – Podes fazer isso por mim?

Não respondi. Não queria que ele me deixasse ali com ela, mas sabia que não havia nada que pudesse fazer para o impedir.

Ele levantou-se e entrou para terminar de fazer a mala e eu fiquei no alpendre das traseiras. Não queria vê-lo partir. Quando ouvi a porta da frente a abrir e a fechar e o som do carro dele em movimento, fui sentar-me no baloiço de pneu que ele nos fizera dois verões atrás.

Fiquei ali um longo momento, até o Sol ter começado a desvanecer-se, à espera que alguém viesse à minha procura, mas ninguém o fez.

Ouvi um ruído nos arbustos. Virei-me e vi-o ali – um homem. Vestia umas calças de ganga e um casaco escuro e segurava uma máquina fotográfica contra o olho; a máquina ocultava-lhe o rosto.

Parei de baloiçar.

Ele aproximou-se.

Era alto. Olhei para ele e semicerrei os olhos. Pareceu-me ao mesmo tempo conhecido e desconhecido.

Abri a boca para lhe perguntar quem era, o que desejava, mas não saiu

som nenhum.

Ele avançou mais e ficou tão perto de mim que, se quisesse, podia esticar o braço e tocar-lhe. Olhei para a lente da máquina.

Clique.

Tirou uma fotografia.

Quem és tu quem és tu quem és tu?

As palavras reverberavam na minha cabeça.

De súbito, o homem parou, como se me tivesse ouvido, como se pudesse ler-me os pensamentos nitidamente. Aos poucos, afastou a máquina e vi-lhe a cara.

Ou melhor, vi o lugar onde o rosto dele deveria ter estado, já que, na verdade, não havia rosto nenhum.

No lugar da pele, havia carne viva, encarnada, como se a cara tivesse sido fervida e esfolada. Dois buracos escuros faziam as vezes de olhos e os lábios haviam sido cosidos. Ele tentou mexê-los, forçando a sutura como se quisesse desesperadamente dizer-me qualquer coisa, mas a única coisa que saiu foi um gemido terrível e doloroso.

Horrorizada, deixei escapar uma exclamação.

Ele estendeu o braço, com o objetivo de me agarrar, e eu gritei. Fechei os olhos com força e debati-me contra a mão que me apertava o ombro, cada vez com mais força, e me abanava.

– Charlie – chamou uma voz. – Está tudo bem, Charlie. Sou eu.

Acordei sobressaltada. Vi aquela mão no meu ombro. Olhei em frente e deparei com Leo, quase em cima de mim, abanando-me. Tornei a gritar.

– Calma, prima – disse Leo. – Sou eu, nada mais.

– Eu diria que é uma reação perfeitamente normal vinda de uma rapariga quando a tua cara é a primeira coisa que vê ao acordar – fez notar Drew. – Não finjas que é a primeira vez que isto te acontece, Leo.

– Drew, é sempre um prazer – replicou Leo, virando-se para ela. – Sobretudo, assim cedinho pela manhã.

– Morde aqui a ver se eu deixo – redarguiu Drew.

– Era bem capaz de gostar – afirmou Leo.

– Vai ver se chove, Leo.

Sentei-me na cama e esfreguei os olhos. Consultei o relógio da mesa de cabeceira. Seis e meia da manhã.

Drew estava na soleira da porta, de roupão e com uma toalha à volta do

cabelo molhado. Segurava a bolsa com os seus produtos de higiene numa das mãos.

– Como é que entraste aqui? – perguntou Drew.

– Deixaste a porta aberta quando foste tomar banho – respondeu Leo, encolhendo ao mesmo tempo os ombros.

– Bem, será a última vez que isso acontece – disse Drew. Pousou a bolsa em cima da cómoda.

– Que foi, Leo? – indaguei. Tinha a cabeça baralhada e tentava ainda agarrar-me aos vestígios do meu sonho, que rapidamente se desvanecia. Sonhara com a casa do lago Langely, com a discussão entre os meus pais no dia em que a minha mãe desaparecera, com um homem sem rosto e munido de uma máquina fotográfica que tentava dizer-me qualquer coisa.

Leo sentou-se ao meu lado na cama.

– A minha primeira aula foi cancelada – disse ele. Alcançou o controlo remoto que estava na mesa de cabeceira e ligou a minha televisão. Em abono da verdade, o televisor era de Leo. A tia Grier recusara-se a deixá-lo ter um televisor no quarto, para que isso não interferisse com os estudos, por isso ele transferira-o para o meu quarto, em conjunto com a Xbox. – Vim jogar Call of Duty.

– Rua – ordenou Drew. – Tenho de me vestir.

– Ora essa, não te incomodes por mim – respondeu Leo. – Não é nada que não tenha já visto.

Drew lançou-lhe a escova do cabelo. Leo esquivou-se a ela e a escova bateu contra a cabeceira da minha cama e caiu ao chão.

Levantei os braços.

– Ei, cuidado – pedi. – Não quero ser atingida por fogo amigo.

– Desculpa – disse Drew.

– Não podes fazer isto mais tarde? – perguntei a Leo.

– É o dever, Charlie – alegou Leo, apontando o comando para o televisor e encolhendo os ombros como se a situação o deixasse impotente. – Chama.

– Era o que nos faltava – suspirou Drew ao abrir a gaveta de cima da sua cómoda para tirar um sutiã e um par de cuecas. – Visto-me na casa banho.

– Olha, escolhe o de renda preta – sugeriu Leo. – Sempre gostei de te ver com esse.

Saltei da cama mesmo antes de Drew, já à porta, ter lançado uma lata de laca à cabeça do meu primo.

– Tens mesmo de fazer isso? – perguntei-lhe, e pus-me a vasculhar o roupeiro em busca de roupa limpa para vestir.

– Se fosse trinta por cento menos divertido, tentaria abster-me – afirmou Leo, de olhos colados no ecrã e os dedos operando o controlo remoto.

Nenhuma das minhas amigas era fã de Leo. Drew por motivos óbvios, e Yael e Stevie por pura solidariedade. Sabia que o achavam pretensioso e cruel, e não podia deixar de admitir que Leo tinha, de facto, algumas falhas; no entanto, era meu primo e, em determinada altura, revelara-se o meu único aliado.

Aos dez anos, quando fora viver com o tio Teddy e com a tia Grier, em Scarsdale, Leo tomara-me sob a sua proteção. No meu primeiro dia na Brentley Academy, o meu primo convidou-me a sentar à mesa onde ele almoçava com os amigos: um feito considerável para uma miúda que era nova na escola e começava a frequentá-la a meio do ano letivo. Sentei-me entre Leo e o seu amigo Richie Masterson, um rapazinho de sardas e cabelo escuro que achei muito giro, até ele ter pousado a sanduíche, se ter virado para mim e perguntado:

– Ajudaste o teu pai a esconder o corpo?

Oh, não, pensei. Também aqui? Outra vez, não.

Tentei respirar, mas não fui capaz. O ar parecia não me encher os pulmões.

– A mãe da Charlotte era uma prostituta.

De olhos arregalados, virei-me para o meu primo, incrédula perante semelhante traição. O silêncio instalou-se. O sorriso trocista de Richie começou a vacilar, e depois esmoreceu por completo.

– Uma mulher que dorme com um tipo por dinheiro, entendem? – explicou Leo, como se fôssemos um bando de idiotas e não soubéssemos o significado da palavra, provavelmente porque olhávamos para ele boquiabertos como se, de facto, a desconhecêssemos. Leo deu uma dentada na sua sanduíche e disse, descontraidamente, com a boca cheia: – Tu entendes, Richie, a tua mãe também é uma prostituta.

– Ei! – reclamou Richie, corado até às raízes dos cabelos. – A minha mãe não é uma...

– Não deixou o teu pai e lhe levou o dinheiro todo? – indagou Leo, mas não era uma pergunta, porque o pai de Richie era um dos doentes que a tia Grier atendia, e o passatempo preferido de Leo era sentar-se onde ninguém

o via, mas onde conseguia escutar tudo o que se passava no gabinete da mãe quando ela estava com um doente, e colecionar segredos. – Vês? Era uma prostituta. Só que já ninguém fala disso, porque vocês não são importantes o suficiente. Não passas de um zé-ninguém com uma mãe prostituta. A mãe da Charlotte era uma prostituta, mas, ao menos, as pessoas importam-se o bastante com ela para falar do assunto, porque ela é uma Calloway. A Charlotte é importante.

Richie mordeu o lábio; vi um tendão do seu pescoço retesar-se e apercebi-me da guerra que travava consigo mesmo (a mesma que eu travara comigo mesma um cento de vezes, e perdera), a guerra para impedir as lágrimas de vir ao de cima, para não mostrar aos outros que estava prestes a perder a compostura. Quase que senti pena dele. Quase.

E essa foi a última vez que alguém em Brentley se atreveu a mencionar a minha mãe. Esse foi o dia em que Leo me salvou não apenas dos outros miúdos, mas de mim mesma. Porque me ensinou a odiá-la. E essa raiva constituiu um maravilhoso presente. Antes, sentira muitas cisas. A Dra. Malby ajudara-me a identificá-las: Dor. Perda. Culpa. Vergonha. Mas nunca raiva.

Pela primeira vez, detinha o controlo. E jurei nunca mais abrir mão dele.

Só que presentemente havia aquela questão do tio Hank e das fotografias. E uma em especial, que eu não me recordava de ter sido tirada, a que dizia «PARA COM ISSO» no verso. Parar o quê?

– Anda comer *waffles* comigo – desafiei Leo, e peguei no casaco do uniforme. – Tenho fome.

– *Okay* – respondeu Leo, pousando o controlo do jogo. – Por ti, prima, faço qualquer coisa.

*

Naquela manhã, encontrei outro bilhete na minha caixa do correio. Era o primeiro que recebia do clube A e estava impresso em cartolina branca.

Item #1: a coleira de Nancy Reagan

Para ser entregue aos seus novos donos na sexta-feira à meia-noite.

Ainda que o diretor Collins tivesse três filhos, a sua pit bull, *Nancy Reagan*, era a menina dos seus olhos. A primeira vez que soube da

existência de *Nancy* foi no gabinete dele, e o diretor tinha apontado para uma fotografia da família ao mesmo tempo que falava.

– Diz-se que, com aquela idade, não é suposto estarem totalmente desenvolvidos em termos cognitivos, mas eu sei muito bem ver que a minha *Nancy* é esperta como um alho. Não sabe falar, é claro, mas, quando a olhamos nos olhos, percebe-se perfeitamente que ela entende tudo.

Pensei que ele se referia à filha bebé.

– Tenho uma prima dessa idade, a Clementine – disse eu. Juro que disse «prima», mas o diretor Collins não me deve ter ouvido.

– E qual lhe parece ser a melhor dieta para ela? – indagou ele.

Era uma pergunta estranha, e devia ter acionado alarmes, mas eu tinha acabado de conhecer o homem e, na minha ingenuidade, achei apenas que ele era um pouco excêntrico.

– A minha tia Grier é uma verdadeira fanática da saúde – respondi. – O veganismo, a alimentação sem glúten e essas coisas. Agora tornou-se numa adepta de uma tendência que é tipo da horta para a mesa. Cultiva os próprios legumes e tritura-os e assim. Portanto, imagino que a Clementine viva à base de uma dieta de cenouras orgânicas, cultivadas em casa e trituradas.

– Da horta para a mesa... – repetiu o diretor Collins, cofiando o queixo. – Sim, sim. Hei de experimentar. Aposto que fará maravilhas por ela. Deve ter um pelo muito sedoso.

Foi mais ou menos por essa altura que me dei conta do meu erro, mas continuei a fazer de conta que a Clementine era um cão. Ele continuou a perguntar-me por ela, mesmo dois anos volvidos, e eu continuei a mentir.

Havia fotografias emolduradas de *Nancy* no gabinete do diretor; dizia-se que havia até um retrato a óleo de *Nancy*, em tamanho natural, numa moldura dourada, por cima da lareira de sua casa. Marcus Lansbury jurara tê-lo visto aquando de um chá para o qual fora convidado com o seu tio, em casa do diretor, no outono anterior.

É claro que toda a gente sabia a história da coleira de *Nancy*. Incrustada a diamantes, tinha sido oferecida a *Nancy* naquele Natal. A Sra. Collins armara uma zaragata dos diabos ao abrir o seu maior presente: um aspirador topo de gama.

Ao final do dia, fui com Stevie para a biblioteca. Estávamos na mesma turma de Literatura Americana e tínhamos de estudar a coletânea *Ariel*, de Sylvia Plath. Li as duas primeiras estrofes do poema «Daddy» em voz alta e pousei o livro.

– Não faço ideia do que isto significa, mas, pelo menos, rima, mais ou menos – comentei.

– Ela fala do quanto se sente reprimida – explicou Stevie. – Como se vivesse numa caixa pequenina na qual mal consegue respirar.

– Então, porque não diz isso, e pronto? – perguntei.

– Porque, às vezes, as palavras que temos não chegam – disse Stevie. – Precisas de coisas como metáforas e som e rima para conseguires abarcar tudo.

– Pois, talvez – resmunguei, virando a página.

– Vou tentar encontrar os diários completos de Plath – afirmou Stevie, e levantou-se da cadeira. – Talvez nos deem um bom contexto histórico que possamos usar para analisar os poemas.

– Boa ideia – concordei.

Continuei a ler. De repente, fiquei com a nítida sensação de que alguém me observava e, ao levantar a cabeça, vi Dalton, de pé, do outro lado da mesa.

– Vieste prestar homenagem ao meu diabólico talento para o póquer? – indaguei, com uma sobranceira arqueada, para maior efeito.

– Mais ou menos – respondeu Dalton. Tirou um envelope do bolso do *blazer* e fê-lo deslizar por cima da mesa até mim. Em seguida, para minha surpresa, sentou-se.

– Sabes – continuou ele –, se certa pessoa, e não estou aqui a nomear ninguém em particular, mas se, na noite passada, *certa pessoa* tivesse jogado de acordo com as regras, o resultado podia ter sido bem diferente.

– Bem, *certa pessoa* não está arrependida de nada – realcei, e abri o envelope para contar o dinheiro.

Dalton riu-se.

– Vais mesmo contá-lo à minha frente? Não confias em mim, Calloway?

– Digamos que confio, desconfiando – respondi. Guardei o envelope no manual de Literatura Americana.

– E essa desconfiança é-me dirigida a mim em especial ou a todos os rapazes em geral?

– Não, é em relação a todos – elucidei. – Não te lisonjeies.

Dalton tornou a rir.

– Como é que angariámos uma reputação tão má?

– Conheces o meu primo Leo?

– Espero sinceramente que a tua perceção da classe masculina não se baseie apenas no Leo – disse Dalton.

Ri-me.

– Infelizmente para vocês, possuo um conhecimento em primeira mão do funcionamento da mente masculina adolescente, e não augura nada de bom para qualquer um de vós. São todos uns ordinários.

Dalton inclinou-se para a frente e apontou para o meu manual.

– Uma leitura leve antes do jantar? – perguntou ele.

Levantei o livro para que ele o pudesse ver.

– Literatura Americana – anunciei. – Estamos a desconstruir poemas da coletânea *Ariel*, de Sylvia Plath. Não percebo patavina disto, mas temos de escrever um ensaio.

– Quem é o teu professor?

– A professora Morrison – respondi.

Dalton fez que sim com a cabeça.

– Eu podia dar-te uma ajuda.

– A sério, Dalton? És perito em Sylvia Plath?

Foi a vez dele de se rir.

– Dificilmente – confessou. – A literatura é provavelmente a matéria em que me saio pior.

– Bem, tendo em conta essa recomendação tão sonante, talvez seja melhor desenrascar-me sozinha – disse.

Dalton olhou sub-repticiamente para ambos os lados, como se quisesse certificar-se de que ninguém nos escutaria. Inclinou-se novamente para a frente e disse, em voz baixa:

– Referia-me ao acervo do A – elucidou ele.

– O acervo do A? – repeti, num sussurro.

– Sim, temos uma espécie de... *repositório* de ensaios, exames, *et cetera*, por cada professor, cada turma, um aquivo com décadas. Todos os membros do clube contribuem para ele e todos são livres de o usar à sua vontade. Foi o que me safou na aula de Literatura Americana, com a professora Morrison, no ano passado. Passei com dezasseis valores. Os meus pais

ficaram tão orgulhosos que me ofereceram umas jantes novas para o *Porsche*.

– Mas não receias ser apanhado? – indaguei.

A política de tolerância zero no que dizia respeito a fazer batota ou copiar implicava uma expulsão automática para quem fosse apanhado. Além do mais, a professora Morrison, e muitos outros professores, tinha começado a usar um serviço *online* que analisava cada trabalho entregue e procurava excertos plagiados, comparando-o com diversos materiais na *internet* e outros trabalhos existentes na base de dados do serviço.

– Estamos a trabalhar numa maneira de contornar isso – realçou Dalton. – É apenas *software*, e é possível dar-lhe a volta se soubermos o que estamos a fazer.

Lembrei-me imediatamente de Jude Bane, o fanático dos computadores que estava entre os iniciados do clube A. Teria sido por isso que o clube o recrutara? Quereriam que ele pirateasse o sistema?

– No entretanto, desde que uses trabalhos com alguns anos, não deverás ter problemas. São demasiado antigos para estarem na base de dados e dificilmente a professora Morrison se vai recordar de todos os ensaios que leu sobre Plath.

– Tens razão – concordei.

Dalton recostou-se na cadeira.

– Já tens planos para o Homecoming²?

– A minha família toda virá para o jogo contra os Xavier – respondi. – O meu pai é ex-aluno. O meu tio Teddy também... Bem, mais ou menos. Penso que, tecnicamente, o meu tio foi expulso antes de receber o diploma, mas a minha avó Eugenia não gosta de que se fale disso. Seja como for, a minha prima Piper quer vir conhecer Knollwood, porque está a pensar vir para cá para o ano, por isso, a família dela também virá. E tu?

Avistei Stevie pelo canto do olho, dobrando a esquina da estante mais próxima. Estacou ao ver Dalton na nossa mesa e pôs-se aos pulinhos, toda contente, como se fosse uma coisa excelente. Discretamente, abanei a cabeça, num gesto reprovador, e ela afadigou-se a fingir que procurava um livro enquanto ouvia a nossa conversa às escondidas.

– A minha mãe também é ex-aluna – disse Dalton. – Mas, se calhar, não vai conseguir vir. O trabalho mantém-na bastante ocupada.

– Ah, que pena – opinei.

Dalton encolheu os ombros.

– Na verdade, quando te perguntei pelos teus planos para o Homecoming, referia-me ao baile, não ao jogo.

Ouvi Stevie dar uns guinchinhos e tentei abafar o som, tossicando. Ignorei-a.

– Ah – disse.

– Vais com alguém?

– Costumo ir sempre sem par, só com as raparigas – respondi. Virei ligeiramente a cabeça, de forma propositada, para não ver os gestos frenéticos que Stevie fazia na minha direção, como se estivesse a tentar aterrar um avião.

– As raparigas? – indagou Dalton.

– Sim, a Drew, a Stevie e a Yael. É mais ou menos uma tradição – expliquei.

Há dois anos que íamos ao baile de Homecoming juntas. Aparentávamo-nos juntas, dançávamos juntas e, terminada a festa, Stevie e Yael arrastavam os colchões até ao quarto que Drew e eu partilhávamos e dormiam no chão. Claro que nenhuma de nós dormia grande coisa. A noite era, em grande medida, passada na conversa e na risota, ao mesmo tempo que bebíamos o xerez que a Drew surripiava da cozinha da residência.

– E tu? – perguntei. – Quem é que vais levar?

Dalton encolheu de novo os ombros.

– Ainda não convidei ninguém. Talvez experimente essa ideia de ir sem par.

– Ora! – comentei, franzindo as sobrancelhas. Royce Dalton sem par? Nem sequer conseguia imaginar tal coisa.

– Que foi? – perguntou Dalton, e os cantos dos seus lábios curvaram-se timidamente. Esforcei-me por não pensar no quanto ele ficava giro quando sorria, no modo como isso me fazia sustar a respiração, como se estivesse à beira de um precipício e olhasse para baixo. – Achas que não sou capaz de aguentar uma noite sozinho?

– Acho que há pelo menos uma centena de raparigas em Knollwood que matavam para ir ao baile contigo, e não convidar nenhuma delas parece-me uma grosseria, uma crueldade.

– Ah, então, tenho de convidar alguém, em prol de um bem maior, é isso?

– Oh, por favor, até parece que não te divertirias! Há de haver pelo menos

uma rapariga em Knollwood com a qual gostasses de ir ao baile.

– Bem, planeava convidar-te a ti, mas tu já tens três pares, portanto, parece que cheguei tarde demais – disse Dalton.

Revirei os olhos. Dalton era um namoriscador incorrigível. Pobre da rapariga que o levasse demasiado a sério.

– Sim, é uma pena – concordei. – Mas a tradição é a tradição.

Depois de Dalton se ter ido embora e ter serpenteado pela biblioteca para se juntar a Ren e Darcy, Stevie regressou à nossa mesa com o livro que fora buscar.

– Ele estava *tão* a convidar-te para o baile! – exclamou Stevie, exasperada. – E tu deste-lhe uma tampa.

Suspirei.

– Não estava e eu não lhe dei tampa nenhuma – asseverei. – Parece-me incrível que uma pessoa que é tão boa a desconstruir a poesia esotérica de Sylvia Plath possa interpretar tão mal uma conversa normal que decorre à sua frente e em inglês simples.

– *Okay*, Cleópatra – disse Stevie.

– Cleópatra?

– Rainha da Negação – explicou Stevie.

Lancei-lhe o meu lápis.

Tentei não permitir que o meu olhar se desviasse na direção de Dalton de cada vez que levantava os olhos do que estava a ler, mas não consegui conter-me. Dava por mim a observá-lo enquanto ele lia, interrogando-me sobre o que estaria a dizer sempre que se inclinava para falar com Ren ou Darcy. Mais tarde, quando olhei de soslaio e constatei que a mesa deles estava vazia, que Dalton se fora embora, senti um enorme desapontamento.

*

– Este parece-vos bem?

Yael virou-se de lado e olhou-se ao espelho, admirando o modo como o vestido lhe caía.

Ir às compras com Yael era um inferno, porque tudo lhe ficava bem, visto ser alta e magra. Experimentara um vestido curto, sem mangas, de decote subido, num tom de azul escuro. Centenas de contas e cristais embelezavam o tecido. O corte do tecido acentuava a cintura de abelha de Yael, assim

como as pernas, que pareciam nunca mais acabar. A cor parecia também sobressair contra a sua pele cor de porcelana.

– Odeio-te – declarei, e não estava totalmente a brincar.

Era sexta-feira à tarde e Yael, Drew, Stevie e eu estávamos na Delphine's, a única *boutique* de Falls Church, a comprar vestidos para a festa de Homecoming. Eu fora arrastada até ali contra a minha vontade e apesar dos meus protestos. Encontrei um vestido para mim em dois minutos. Na verdade, foi o primeiro e único que experimentei: curto, de seda, cor de vinho, com um decote traseiro pronunciado. Simples, mas elegante. Era o único vestido que não gritava «ó-que-linda-princesa». As outras raparigas experimentaram vestidos de *chiffon*, de renda, com saias compridas de tule em tons pastel: rosa, menta, lilás. Ao longo da última hora, segurara cabides, vasculhara os expositores em busca de outros tamanhos e oferecera a minha opinião, mas a minha paciência estava a esgotar-se. Um vestido era simplesmente isso, um vestido, e começavam a parecer-me todos iguais. Estava naquele momento estendida num cadeirão, em frente ao provador onde Yael se despia, e ia brincando com o telemóvel.

Não podia deixar de pensar naquela noite: o primeiro objeto pedido pelo A tinha de ser entregue à meia-noite. O primeiro desafio, e tinham-nos concedido apenas dois dias para levá-lo a cabo.

Tinha feito muito bem a minha pesquisa: conhecia os horários de *Nancy*, onde estaria, a que horas e com quem. Na tarde anterior, pusera-me de atalaia numa zona do *campus* com vista desimpedida para a casa do diretor. Escolhera uma encosta para conseguir ver por cima da sebe até ao quintal das traseiras. Fiz os trabalhos de casa de Trigonometria enquanto seguia o rasto de *Nancy*. Senti-me extremamente ridícula por estar a seguir um cão.

– Gostas deste? – perguntou Drew, abrindo a porta do provador de Yael sem sequer bater. Exibia um vestido cor de champanhe, mais curto à frente do que atrás, com um decote em coração.

Yael inclinou-se um pouco para trás e prestou atenção ao vestido. Estava apenas de cuecas e sutiã, mas isso não a preocupava minimamente.

– Dá uma voltinha – pediu Yael, e Drew descreveu um círculo lento à nossa frente.

– Este estilo alto e baixo foi moda na época passada – referiu Yael.

Reparei em qualquer coisa vermelha na etiqueta do vestido e estiquei o braço para ver.

– Não é de admirar – disse, observando melhor. – Este vestido é mesmo da época passada. Baixaram-lhe o preço.

Drew arrancou-me a etiqueta da mão.

– Ups, alguém deve ter acidentalmente colocado isto no expositor dos vestidos novos. Detesto quando os artigos em saldo se misturam com as coisas recentes.

– Não há nada de errado num bom negócio – realçou Stevie, espreitando por cima da divisória. Estava no provador ao lado de Yael, mas empoleirara-se numa cadeira, por isso, só conseguia vê-la dos cotovelos para cima.

– Até gosto dele – confessou Drew. – Sou rapariga para usar *vintage*, não sou?

– Sentes-te bem? – indaguei, na brincadeira, encostando a mão à testa dela para verificar a temperatura. A mãe de Drew era uma figura de destaque num grande retalhista de roupa feminina e, como filho de peixe sabe nadar, o sentido de gosto de Drew fazia-a gravitar para a roupa de luxo. Quanto mais recente e mais caro, melhor. Não era pessoa de vasculhar no expositor dos artigos com desconto.

Drew afastou-me a mão.

– Ignora-a. Estás uma brasa – disse Stevie.

– O suficiente para fazer o Crosby romper com a Ren? – perguntou Drew.

– Voltaram a juntar-se? – quis saber Yael.

– Não faço ideia – respondeu Drew. – Mas ainda não me convidou para o baile, por isso, presumi que sim.

– Pensei que íamos juntas – observei, levantando os olhos do telefone, um pouco irritada. – Ou somos apenas substitutas?

– Calma – pediu Drew, tranquilamente. – Vocês são sempre a minha primeira escolha, meninas, mas hão de concordar que não me valorizam ou apreciam de vestido do mesmo modo que os rapazes. Além disso, amo-vos a todas, mas não me apetece curtir convosco.

– O Dalton convidou a Charlie para o baile – arrulhou Stevie.

– Quê? Quando? – perguntou Drew.

– Não me disseste nada! – reclamou Yael, e beliscou-me o antebraço.

– Au! – queixei-me, e esfreguei o braço.

– Foi na biblioteca, no outro dia, e ela deu-lhe uma tampa – relatou Stevie.

– Deste uma tampa a Royce Dalton? – interrogou Yael, de olhos esbugalhados.

Fulminei Stevie com o olhar.

– Pelo visto, há pessoas que não são capazes de detetar sarcasmo e humor – referi. – Ele não falava a sério.

– Claro que falava! – asseverou Stevie. – Aposto que conseguias que ele te convidasse outra vez, se o encorajasses um pouco. Pareceu-me tão desconsolado quando o rejeitaste.

– Não sei – argumentou Drew, mordendo a pele do indicador ao mesmo tempo que pensava. – Ouvi dizer que ele ia com a McKenna St. Clare. Esta manhã, na aula de Francês, ela não parava de falar da flor para a lapela que planeava comprar-lhe, a condizer com o seu vestido.

– Ah – disse Stevie, desapontada. Olhou-me com uma expressão pesarosa, apiedando-se de mim; como se eu me ralasse que Dalton fosse ao baile com McKenna St. Clare em vez de mim.

McKenna St. Clare era aluna do segundo ano, a rapariga mais bonita da sua turma: alta e magra, com olhos verdes amendoados.

– Pois, sim – respondi, revirando os olhos com grande afã. – Vê-se que ficou inconsolável depois da minha recusa. Aposto que esperou dois minutos inteiros antes de ir convidar outra miúda.

Tentava soar indiferente em relação ao assunto, mas a minha atuação falhou redondamente. Soava ressabiada, amarga, e isso não era justo, porque eu não era amarga. A sério que não.

Yael mordeu o lábio.

– Seja como for, o Royce Dalton não seria o parceiro de dança ideal para ti. É demasiado alto.

– Exato –secundou Yael. – É muito... – procurou um adjetivo depreciativo para me fazer sentir melhor. Não conseguindo encontrá-lo, mudou de assunto. – Ei, ajuda-me a despir o vestido, pode ser? – pediu-me, e virou-me as costas.

Puxei pelo fecho de correr.

Não podia ficar ali a vê-las apiedarem-se de mim, a escutar as suas tentativas esfarrapadas, mas bem-intencionadas, de me fazer sentir melhor por não ir ao baile com Dalton. Sobretudo porque, de qualquer maneira, eu não queria ir ao baile com ele. Não queria *mesmo*.

– Tenho uns recados para fazer na cidade – anunciei, ao mesmo tempo

que lançava o telemóvel para dentro da mala. – Vemo-nos mais tarde, *okay*?

– Queres que vá contigo? – ofereceu-se Stevie, num tom delicado, como se eu fosse uma criatura frágil prestes a estilhaçar-se.

– Não – respondi, com maus modos.

Ela deu um sacão, como se a tivesse esbofeteado.

– Quero dizer, não é preciso, obrigada – reformulei, e obriguei-me a sorrir. – Vemo-nos mais tarde.

– Claro – respondeu ela.

Saí dali consciente de que começariam a falar de mim num tom compadecido assim que me afastasse o suficiente, o que era muito irritante. E o que me irritava mais ainda era que achassem sinceramente que, para começo, eu me interessaria por uma pessoa como o Dalton. Royce Dalton, o maior Don Juan de Knollwood. Acreditariam mesmo que eu iria ao baile com ele e embarcaria naquelas rotinas lamechas, típicas dos casais? Dalton era um verdadeiro «artista», ao qual não faltavam manhas e ardis. Não tinha dúvidas de que me compraria um ramalhete que combinaria na perfeição com o meu vestido. Quando me acompanhasse à residência, repararia que eu tinha frio e despiria o casaco para mo colocar aos ombros. E quando chegássemos à porta, faria conversa fiada e, no final, beijar-me-ia. Seria uma noite muito bem passada, já se estava a ver.

No entanto, ao contrário das minhas amigas, também já estava a ver o que sucederia a seguir. Assim que baixasse a guarda, Dalton passaria à rapariga seguinte e eu seria mais uma Harper Cartwright, lançando-lhe olhares fulminantes nas reuniões do A. Não, obrigada. Por mim, McKenna St. Clare podia ficar com ele à vontade.

*

Na mercearia local, a Mimi's, coloquei meio quilograma de toucinho e uma caixa de sacos de congelação no tapete da caixa e telefonei à minha irmã, que estava em Reading.

– Está tudo bem? – indagou Seraphina, atendendo o meu telefonema num tom meio apavorado.

Raramente falávamos pelo telefone, pois enviar mensagens de texto era mais fácil.

– Que vais fazer amanhã? – perguntei.

– Amanhã é o quê, sábado? – perguntou ela, de volta. Conseguia imaginá-

la estendida sobre a cama, no dormitório, a limar as unhas. – Espero praticar os meus dois pecados mortais preferidos: a gula e a preguiça – respondeu ela. – Porque perguntas?

– O tio Hank telefonou-me aqui há dias – disse.

Menti porque não queria alarmá-la ao confessar que ele viera falar comigo em pessoa e me mostrara uma pilha de fotografias.

– Esse tresloucado? Que queria ele? – inquiriu Seraphina.

– Sabes aquela festa que a avó e o avô Fairchild costumam dar no aniversário da mãe?

Seguiu-se uma pausa.

– Sei.

– Ele queria que eu fosse – desembuchei. – Na verdade, queria que fôssemos as duas.

Seguiu-se mais um momento de silêncio, maior do que o anterior. A senhora da caixa registou as minhas compras e colocou-as num saco de papel.

– Seraphina, estás aí? – chamei, segurando o telefone entre o queixo e o ombro para abrir o porta-moedas e pagar as compras.

– Acho que não entendo por que raio queres ir – disse Seraphina.

Mexendo apenas os lábios, agradei à senhora da caixa e saí para o passeio com o saco no braço.

Era uma pergunta justa e a verdade era que, se não fosse pelas fotografias, não teria qualquer interesse em ir. Porém, vira as fotografias e estas tinham-me perturbado. Não sabia ao certo o que queriam dizer, ao que se referiam, mas a verdade era que levantavam perguntas. Perguntas que não podia deixar sem resposta. Não sabia, contudo, como fazer Seraphina entender isso sem lhe contar tudo, e não queria fazê-lo pelo telefone.

– Acho apenas que que está na altura de o fazermos – expliquei. – São uma parte da nossa família, independentemente do que a nossa mãe fez.

A questão, no entanto, era que tinha de voltar a Hillsborough. Tinha de regressar à casa no lago Langely. Tinha de falar com a amiga mais chegada e antiga da minha mãe, Claire. E, talvez, se a minha irmã lá estivesse e eu fosse capaz de lhe explicar tudo, pudéssemos fazer isso juntas.

– Não sei – disse Seraphina. – Por mim, basta-me vê-los no Natal e assim... parece-me estranho ir fazer uma coisa totalmente relacionada com *ela*. Além de que o pai ficaria furioso se soubesse.

– É só uma noite – insisti. – Se não nos agradar, vimo-nos embora, prometo.

Seguiu-se um suspiro, longo, meio contrariado.

– Se eu arranjar o horário dos comboios, vens comigo? – perguntei. – Posso ir buscar-te a Hillsborough.

– Suponho que poderei praticar os meus pecados mortais numa outra altura – cedeu Seraphina.

– És a virtude personificada, minha boa irmã – respondi.

*

Drew ajoelhou-se em frente à gaveta da minha secretária e forçou a fechadura com as extremidades de dois *clips*.

– Merda! – exclamou. – Partiu-se.

Lançou o *clip* partido para o chão e escolheu outro da caixa que tinha ao seu lado.

– Não empurres com tanta força – instruí, sentada na cama a calçar um par de botins pretos.

A tarefa que o A atribuía a Drew era roubar o ficheiro selado de Ren que estava no gabinete do conselheiro pedagógico, por isso ela estava a treinar na fechadura da minha gaveta. Ouvira o suficiente dos vídeos a que ela assistira no YouTube sobre arrombamento de fechaduras para ter uma ideia acerca das manobras envolvidas.

– Sim, sim, *okay* – disse Drew, e inseriu dois *clips* novos na fechadura para tentar novamente.

Consultei as horas no meu telefone. Eram quase onze. Ao espelho do roupeiro, examinei o meu conjunto, preto da cabeça aos pés: calças de ganga pretas, botins pretos, *top* preto, pulôver preto. Era tão conveniente que o *look* preto integral fosse ao mesmo tempo prático para roubos noturnos e sofisticadamente clássico.

Ouvi um clique e, ao rodar a cabeça, vi Drew abrir a gaveta da minha secretária.

– Consegui! – congratulou-se ela.

– Eu bem te disse.

Tirei a embalagem de *bacon* que comprara do minibar que tínhamos no quarto, separei umas quantas fatias e coloquei-as num saco de congelação, que fechei, dobrei e guardei no bolso do meu pulôver.

– Então, vemo-nos no Rebordo daqui a uma hora? – perguntei, e dirigi-me à janela.

Drew franziu os lábios e fê-los estalar: um beijo de despedida.

Nancy estava onde eu contava que estivesse: no quintal traseiro da casa do diretor, deitada à sombra de um ulmeiro. O incidente do Natal anterior, em que a cadela pit bull recebera uma coleira de diamantes e a Sra. Collins um aspirador, resultara em meu favor. A ira inquebrantável da Sra. Collins fazia com que *Nancy* dormisse ao relento, no jardim, em vez de na sua almofada de seda, aos pés da cama do casal Collins.

Trepar a vedação foi uma tarefa fácil. *Nancy* nem se mexeu de onde estava. Limitou-se a levantar a cabeça e ficou a observar-me, indolentemente. A luz do alpendre traseiro dos Collins acendeu-se, desencadeada pelo meu movimento, e eu estaquei e agachei-me, para o caso de algum dos Collins resolver espreitar para a rua. De gatas, avancei aos poucos na direção da cadela.

Quando me aproximei, *Nancy* rosnou e pôs-se de pé, retesando os músculos como se, a qualquer momento, se pudesse lançar a mim. Parei, a muito pouca distância dela.

– Calma, está tudo bem, *Nancy* – tranquilizei-a.

Sem pressa, tirei o telemóvel do bolso e liguei a aplicação que descarregara naquele dia e que simulava um apito para cães. Assim que *Nancy* pulou para mim, carreguei no botão.

Como é claro, não ouvi nada, portanto, durante um assustador momento, achei que não tinha resultado. Então, *Nancy* deteve-se subitamente. Sentou-se e ganiu, inclinando a cabeça para um dos lados. Pressionei o botão de novo para silenciar o apito.

– Podemos ambas conseguir o que queremos – disse à cadela.

Extraí o saco de congelação do bolso e abri-o. *Nancy* farejou o ar e pôs a língua de fora. Tirei umas quantas fatias de *bacon* e depositei-as no chão, aos meus pés. *Nancy* avançou e começou a devorar o *bacon*.

– Peço desculpa em relação à dieta de cenoura triturada a que foste sujeita – referi. – A culpa é minha, lamento.

Inclinei-me cautelosamente. Conseguia ver o fecho da coleira de diamantes de *Nancy* junto ao cachaço da cadela. Imaginei que o alcançava e que ela rodava a cabeça e me segurava o antebraço com os dentes afiados. Afastei semelhante pensamento. *Nancy* teria de morder-me alguns dedos

antes que eu arriscasse não levar a cabo uma das tarefas do A e ser excluída do clube.

Inclinei-me aos poucos para a frente até alcançar a parte de trás do pescoço de *Nancy*. Não rosnou nem se afastou; estava tão concentrada em devorar o *bacon* que nem parecia dar-se conta da minha presença. Abri o fecho da coleira sem demora e guardei-a no bolso.

– Linda menina – elogiei.

Nancy levantou então a cabeça, e o seu olhar mudara. Dei-me conta de que terminara de comer o *bacon* e abri o saco de congelação à pressa, em busca das últimas fatias. Lancei-as aos seus pés, mas ela nem percebeu.

Começou a rosnar baixinho e ameaçadoramente. As pregas em redor dos seus olhos aprofundaram-se, arreganhou os dentes e ladrou. Tentei alcançar o telefone para acionar de novo a aplicação do apito, mas tinha os dedos engordurados do *bacon*. Decidi dar meia volta e correr o mais depressa que pudesse rumo à vedação.

Por mais perto que estivesse da vedação, sabia que não era rápida o suficiente para lá chegar antes de *Nancy*, com as suas quatro patas. Senti os dentes dela na carne do tornozelo. Tropecei e contive um impropério.

Estava junto à vedação. Apoiei o pé numa das barras, icei-me e saltei para o outro lado antes que *Nancy* conseguisse morder-me de novo.

Ouvi-a do outro lado da vedação, andando de um lado para o outro, à espera que eu regressasse.

Afastei-me alguns metros, coxeando, e levantei a perna das calças para avaliar os danos. À ténue luz que se derramava do quintal da família Collins, vi a pequena meia lua cor-de-rosa que o incisivo frontal direito de *Nancy* deixara junto ao osso do meu tornozelo.

Quando me achei a uma distância segura, arrisquei olhar para o quintal. *Nancy* tinha regressado ao seu lugar, sob o ulmeiro, onde se refestelava com a única prova que deixara para trás da minha presença ali naquela noite: as últimas tiras de *bacon* da mercearia Mimi's.

*

Dos oito iniciados, sete encontravam-se no Rebordo à meia-noite, o final do prazo. Colocámos o saque numa manta de piquenique estendida sobre o capô do carro de Ren:

Uma coleira de diamante roubada à cadela pit bull do diretor da escola.

Um conjunto de chaves do porteiro.

Uma fotografia emoldurada do Sr. Franklin, o professor de Trigonometria, apertando o
bacalhau ao presidente Nixon depois de ter regressado de uma missão miliar no estrangeiro.

Um ficheiro, ainda selado, sobre Ren Montgomery, extraído do gabinete do conselheiro
pedagógico.

Uma palavra passe para aceder ao computador do deão académico.

Um conjunto de autorizações, assinadas pelo diretor, para os alunos saírem da sala durante as
horas de aulas.

Um lenço bege com uma mancha nítida de vinho tinto.

Nunca soube o que Auden devia ter levado. Ele não apareceu.

² Tradição anual das escolas dos Estados Unidos mediante a qual se recebem os alunos e ex-alunos e se celebra a existência da instituição. (*N. da T.*)

Seis

GRACE CALLOWAY

4 DE AGOSTO DE 2007

19h52

O telefone tocou. Bati com o dedo grande do pé na mesa de cabeceira ao tentar alcançá-lo antes do segundo toque. Não queria acordar as miúdas. Ocorreu-me um pensamento ao mesmo tempo que atendia – *E se for ele?* –, mas foi a voz de Claire que ouvi do outro lado.

– Vi o carro do Alistair a acelerar pela Main Street quando vinha a sair do supermercado – disse ela. – Ia em direção à autoestrada. Está tudo bem?

Claire conhecia bem a nossa rotina; Alistair chegava à sexta-feira ao final da tarde e partia ao domingo à noite. Era sábado e, tendo em conta os acontecimentos daquela semana, Claire não perdeu tempo a ver como eu estava.

– Está tudo ótimo – menti. – Ele teve de partir mais cedo. Tinha uma partida de golfe com um cliente amanhã de manhã.

A primeira mentira que dissera quando todo aquele assunto começara, há várias semanas, pesara-me na consciência. Entretanto, porém, chegara à conclusão de que quanto mais patranhas dizia, mais fácil se tornava mentir. Por vezes, saíam-me dos lábios sem que tencionasse dizê-las, sem que me desse conta. Interrogava-me amiúde se até a mim mesma eu enganava.

– A abdicar de um dia em família para ir dar pancadas numa bola com um desconhecido... Muito bem – comentou Claire, com desdém.

A sua antipatia por Alistair tocava as raias da hostilidade. Não reagi.

– Parece que vai trovejar mais logo – disse Claire, mudando de assunto. – Queres companhia? Posso ir até aí. Tenho uma garrafa de Pinot no frigorífico.

– Prometi às miúdas que passaríamos o serão juntas, a jogar a qualquer coisa – referi. – Sempre as compenso pela ausência do pai.

– Sim, claro – respondeu Claire, obviamente desiludida.

– Ligo-te amanhã – sugeri.

Na verdade, deitara as miúdas mais cedo. Andar de barco o dia todo deixara-as exaustas e tinham acabado por adormecer no sofá a ver televisão. Carregara-as ao colo, uma a uma, até ao quarto, no segundo andar.

Contemplei o lago, do outro lado da janela. Claire tinha razão: parecia que ia trovejar. Nuvens negras tinham-se acumulado junto ao horizonte. O céu estava carregado.

A minha rotina naquele verão era nadar sozinha no lago, à noite. Fazia algumas voltas entre a margem e a jangada, o meu exercício preferido. No entanto, há dias que não nadava, em resultado do ferimento que tinha no ombro.

Ansiava por meter-me na água, por sentir os músculos alongar-se e contrair-se a cada braçada, por fechar os olhos e sustar a respiração, quando mais não fosse para sentir o refrigério de romper a superfície da água e encher os pulmões de ar.

Passei pelas malas abertas em cima da cama e dirigi-me à cómoda para ir buscar o fato de banho. Ainda tinha tempo para um último mergulho.

Sete

CHARLIE CALLOWAY

2017

A viagem entre Knollwood, no New Hampshire, e a casa dos Fairchilds, em Hillsborough, no Connecticut, demorava quatro horas e meia, mas eu completei-a em menos uma, acelerando pelas autoestradas de New England no meu *Mercedes*. A festa começava às sete da tarde, mas eu planeava fazer duas paragens antes: uma na estação de comboios, para ir buscar a minha irmã, Seraphina, que vinha do seu colégio interno, na Pensilvânia, e a outra no supermercado, para não aparecer na festa de mãos a abanar.

Hillsborough era uma cidade pequena e operária do condado de Fairfield, no Connecticut. A sua principal indústria era uma antiga serração na qual o meu avô tinha trabalhado até à reforma. O meu pai construía aí a casa, na margem do lago, dois anos depois de casar com a minha mãe. As casas em Hillsborough eram, na esmagadora maioria, caixas cinzentas, revestidas de vinil, com entradas de garagem, ou meros alpendres para estacionar o carro, em gravilha, mas a casa que o meu pai construiu não se assemelhava em nada àquilo. Ficava na orla da cidade, junto à margem do lago, e o caminho até à garagem era pavimentado e serpenteava desde a estrada, contornando os enormes ulmeiros, ora mergulhando ora emergindo da sua sombra. Perto da casa, havia um muro de pedra, ladeado por sebes com mais do que um metro e meio de altura. Apesar disso, era possível avistar-se a casa, à distância, erguendo-se contra o céu, três pisos com janelas enormes, abobadadas.

Quando era criança, passava os verões naquela casa. A minha mãe, Seraphina e eu deambulávamos descalças, de vestidos de algodão leve e chapéus de palha com abas largas. Dormíamos até tarde e fazíamos

piqueniques no relvado. À tarde, nadávamos até à jangada e aí nos secávamos ao Sol, esparramadas. À noite, acampávamos numa tenda, contávamos histórias de fantasmas ou observávamos o céu, coberto de estrelas. Ao fim de semana, o meu pai juntava-se a nós, vindo da cidade. Corríamos para a porta ao ouvir o carro dele subir o caminho e ele pegava-nos ao colo e fazia-nos rodopiar e rir, estonteadas. Grelhava peixe para nós no alpendre das traseiras e lia poesia à minha mãe. Era ainda capaz de vê-la, na minha cabeça, com os pés apoiados numa cadeira, os olhos fechados e a cabeça inclinada na direção da voz do meu pai; e eu e Seraphina a correr pelo relvado, fugindo dos respingos dos aspersores, aos guinchos.

Na estação de comboios, enquanto esperava pelo comboio das seis e meia, procedente de Reading, o meu telefone tocou. Era a minha irmã.

– Não te zangues comigo – começou ela, em jeito de cumprimento.

– Perdeste o comboio? – perguntei.

– Não é bem isso – respondeu ela.

– Onde é que estás?

– Em Reading – confessou ela.

– Ainda nem sequer saíste daí? – escandalizei-me.

– Foi por isso que te pedi que não te zangasses comigo. Não vou.

– Como assim, Seraphina, não vens?

– É que ... Mudei de ideias, *okay*?

– Receias que o pai se passe, caso venha a descobrir? – inquiri.

– A questão não é essa.

– Então, qual é?

– Tens de abrir mão dela, de esquecê-la – disse Seraphina. – *Eles* precisam de seguir em frente. O que vocês estão a fazer não é saudável para ninguém.

A culpa não era dela, disse para mim mesma. Seraphina tinha apenas cinco anos quando a nossa mãe desaparecera; era nova demais para se lembrar das partes boas. Recordava unicamente o que toda a gente lhe dissera para recordar, ou melhor, esquecera o que lhe fora pedido que esquecesse.

*

Os Fairchilds vivem na ponta oposta da cidade, perto do hospital, numa daquelas casas cinzentas, revestidas de vinil, numa rua estreita. Estacionei

junto ao passeio, porque o caminho de gravilha estava apinhado. Vi a velha carrinha do avô Fairchild sob o alpendre, a mesma com que o tio Hank ensinara a minha mãe a conduzir quando ela tinha doze anos. Havia um monovolume estacionado atrás dela e, na extremidade do caminho, com a traseira a ocupar o passeio, a carrinha enferrujada do tio Hank.

Todas as luzes da casa estavam acesas e ouvi o ruído de um jogo de futebol e os impropérios do meu avô, vindos da sala de estar, mal subi os degraus do alpendre. Ainda me doía o tornozelo, em resultado da dentada de *Nancy*, e coxeei até chegar à porta. A caminho dali, parara no supermercado para comprar uma embalagem de biscoitos. Segurava-a à minha frente, como um escudo, quando toquei à campainha.

Demoraram a atender, mas depois a porta abriu-se e ele encostou-se à moldura, com uma cerveja na mão: Greyson Rhodes. Vestia uma *sweatshirt* da Universidade do Connecticut e um par de calças de ganga gastas, usava o cabelo louro e ondulado, mais comprido do que se usava, e uma barba de uma semana a cobrir-lhe o queixo anguloso. E aqueles olhos cinzentos. Não via Greyson desde que éramos miúdos. Tivera uma paixoneta assolapada por ele quando era criança, porque ele era alto e entroncado e jogava futebol. A mãe dele, Claire, era a melhor amiga da minha mãe, e Greyson costumava tomar conta de mim, de Seraphina e do seu irmão mais novo, Ryder, quando elas saíam juntas.

Semicerrou os olhos e depois reconheceu-me.

– Tocaste à campainha... A sério? – perguntou ele, como se a minha presença ali não fosse sequer estranha e se tivesse passado uma curta semana desde a última vez que nos víamos, e não anos.

– E tu és o quê, o comité de boas-vindas? – perguntei, levantando um pouco a voz para que ele me conseguisse ouvir por cima do barulho do jogo, das conversas e risadas vindas do interior da casa.

– O oposto, na realidade – respondeu Greyson, e deu um gole na cerveja. – Achámos que eras um vendedor ou assim. Pior do que isso, os mórmones. Fui escolhido para te mandar embora diplomaticamente.

– Não estamos interessados! – gritou alguém, dentro de casa.

– Trouxe biscoitos – anunciei, e exibi a embalagem.

– Oh, tão Martha Stewart da tua parte – gracejou ele.

– Greyson, quem é? – perguntou uma voz, que reconheci. Pertencia à minha avó.

– É a Charlotte – respondeu ele, por cima do ombro.

Seguiu-se uma pausa e, no final, a minha avó apareceu atrás dele, a olhar para mim, boquiaberta, como se eu fosse um ser extraterrestre acabado de aterrar ali.

– Charlotte – disse ela, depois de se recompor. – Charlotte, não precisas de tocar à campainha como se fosses uma estranha. Entra, entra, não te acanhes.

Colocou o braço à volta dos meus ombros e fez-me entrar. Não parava de dar-me palmadinhas carinhosas no braço como se receasse que eu fosse um produto da sua imaginação e precisasse de se certificar de que estava mesmo ali.

– Que surpresa que nos fizeste – comentou ela. – Uma surpresa muito agradável. É tão bom ver-te. Olhem todos, a Charlotte está aqui.

Havia pessoas na sala que não reconheci e, por um momento, interroguei-me se deveria reconhecê-las ou se eram apenas vizinhos ou amigos dos meus avós. Reconheci a minha tia Caroline, mulher do tio Lonnie, sentada num cadeirão com um bebé nos joelhos. Seria um primo que ainda não conhecia. A tia Caroline parou de falar assim que cruzou o olhar com o meu e, sobressaltada, deu um pequeno soluço. Acenei sem grande empenho para os presentes.

– Olá – cumprimentei.

Talvez devesse ter telefonado primeiro, a avisá-los de que planeava ir à festa.

– Trouxeste biscoitos! Que amável da tua parte, Charlotte – agradeceu a minha avó calorosamente.

Tirou-me o pacote da mão e conduziu-me à cozinha. Dispôs os biscoitos num prato e colocou-o na bancada, apinhada de todo o tipo de comida caseira e deliciosa: um assado enorme, espigas de milho amanteigadas, salada de batata e pãezinhos de massa lêveda.

Duas das minhas primas mais novas atravessaram a sala a correr e a minha tia-avó Jane, irmã da minha avó, que segurava uma travessa de batatas fritas e molhos, admoestou-as a que não corressem dentro de casa. Na salinha, alguém gritou a pedir mais uma cerveja.

A casa dos meus avós fora sempre assim, desde que me lembrava: apinhada, um movimento constante, toda a gente a falar ao mesmo tempo.

– São os preferidos do teu avô – revelou a minha avó, e pôs uns quantos

num prato pequeno. Sorriu para mim como se eu soubesse desse facto e tivesse comprado aqueles biscoitos a pensar nele, embora a verdade fosse que os escolhera por serem os que estavam ao nível dos meus olhos no supermercado.

Alguém colocou o braço à volta dos meus ombros e me deu um pequeno apertão.

Quando virei a cara e vi quem era, retesei-me.

– Como é que vai a vida, boneca? – perguntou Claire Rhodes.

Tinham-se passado anos desde a última vez que vira Claire. Em criança, ela era um dos adultos meus preferidos, porque falava comigo como se eu fosse um dos adultos ou «uma das raparigas». Passava a vida em nossa casa, no lago Langely, durante o verão, e ela e a minha mãe eram unha com carne. Claire continuava a enviar-nos postais no aniversário, a mim e a Seraphina, mas, não obstante todo o seu charme e boas intenções, sentia que não podia confiar nela. Claire sabia mais acerca da minha mãe do que dava a entender. Se havia alguém que soubesse ou desconfiasse que a minha mãe planeava ir-se embora, ou que estivesse em contacto com ela presentemente, essa pessoa seria Claire.

Abeirou-se da bancada e serviu-se de uma colherada de salada de batata.

– Vai bem – respondi. Como haveria uma pessoa de resumir os últimos dez anos de vida de modo cordial e em poucas frases? – Frequento um colégio interno em New Hampshire. Comecei agora o penúltimo ano de liceu.

– E como é que estamos em relação a rapazes? – indagou Claire, levando uma garfada de batata à boca. – E as festas? Conta-me tudo!

– Claire – admoestou a minha avó. – Tenho a certeza de que a Charlotte leva os estudos muito a sério.

– Sim, mas há também que viver um pouco – alegou Claire. – A vida passa-nos ao lado se estivermos o tempo todo com o nariz enfiado nos livros. Ainda me lembro de como a Grace e eu éramos quando tínhamos a tua idade, Charlotte. As coisas que fazíamos!

– A Grace teve os seus momentos de rebelião, como é normal com qualquer adolescente – disse a minha avó. – Mas não devemos dar à Charlotte uma ideia errada. A Grace era uma boa aluna.

– Não estou a dizer que a Grace não era inteligente – defendeu-se Claire.
– A Grace era esperta como um alho, mas estar encafuada numa sala de

aulas ou estar sentada, quieta, não lhe enchia as medidas. Charlotte, a tua mãe queria ser livre, viver a vida. As aventuras que nós tivemos. Uma vez, já no liceu, roubámos uma autorização para sair da escola e fomos para o passeio marítimo de Seaside Heights. Passámos o dia todo na praia, com os pés na areia, a beber cerveja morna que um tipo nos dera no parque de estacionamento.

– Charlotte – interrompeu-a a minha avó, e entregou-me o prato no qual tinha posto alguns biscoitos –, levas isto ao teu avô? Está na salinha a ver o jogo.

– Claro – respondi.

Atrás das costas da minha avó, Claire sorriu para mim e disse, movendo apenas os lábios: «Já falamos».

A pequena sala estava quase às escuras. No seu cadeirão reclinável, o meu avô segurava uma lata de cerveja numa das mãos e um pacote de batatas fritas no colo. Endireitou-se de repente e apontou iradamente a cerveja à televisão. Algumas das batatas fritas saltaram do pacote para as calças dele.

– Chamas a isso uma falta? – gritou. – É melhor ires ao médico dos olhos!

O meu tio Lonnie, o mais novo dos meus tios, estava sentado no sofá, ao lado de Greyson e do seu irmão mais novo, Ryder, que já era um adolescente. Supus que teria mais ou menos a idade de Seraphina. O meu primo Patrick, alguns anos mais novo do que eu, estava estendido no chão, em frente ao televisor, e o tio Hank acomodara-se numa cadeira, junto à mesa de jogo. Empalideceu ao ver-me ali e eu tratei de desviar o olhar. Sabia que o mais certo era que ele não lhes tivesse falado da visita que me fizera a Knollwood, nem das fotografias que encontrara em resultado da sua entrada forçada na casa do lago. Provavelmente nunca esperara que eu aceitasse o convite e aparecesse ali.

– Olá, avô – disse.

O avô descolou os olhos do televisor por um segundo e olhou para mim, e, ligeiramente sobressaltado, desviou de imediato o olhar. Percebi do que se tratava. Percebi que, por um instante, ele achara que eu era ela, a minha mãe. Sempre fora muito parecida com ela, mas ultimamente essa semelhança revelara-se inquietante.

– Charlotte – disse ele, ao fim de um momento. – Que fazes aqui?

Sorriu para mim, mas havia uma certa tristeza nesse sorriso, e recordei-

me do motivo por que era tão duro voltar ali, estar perto deles. Levantou-se do cadeirão e abraçou-me. Os Calloways não eram grandes fãs de exibições físicas de afeto, mas não quis parecer mal-educada, por isso, esforcei-me por abraçá-lo de volta, ao mesmo tempo que equilibrava o prato com os biscoitos.

– Trouxe-lhe os seus biscoitos preferidos – anunciei, quando ele me largou.

Mostrei o prato, em jeito de prova.

– Não digas à tua avó – pediu ele, aceitando o prato e piscando-me o olho.

– Ela acha que o açúcar me está a fazer engordar.

Deu uma palmadinha na barriga.

– Não é o açúcar que o está a engordar, é esse cadeirão onde passa o dia todo sentado – gracejou o meu tio Lonnie. Levantou-se para me abraçar e eu contornei a mesinha do café para que ele o fizesse. – É bom ver-te, miúda – disse o tio Lonnie. – Hank, olha quem aqui está.

Desde a mesa de jogo, atrás do sofá, o tio Hank cumprimentou-me com um aceno de cabeça.

– Olá, Charlotte.

– Olá, tio Hank – respondi.

– Tens aí um lugar ao lado do Ryder – apontou o tio Lonnie, acenando com o queixo para a extremidade do sofá. – Senta-te e vê o jogo connosco.

Acomodei-me no sofá, perto da parede.

– Olá, Ryder – cumprimentei. – Há tanto tempo. Cresceste.

A última vez que vira Ryder ele era pequeno e magricelas, tinha cinco anos e uma cabeleira de caracóis louros. Era uma criança cheia de energia, sempre a dizer graçolas e a fazer asneiras. Agora era alto e esgalgado; recostado no sofá, as suas pernas compridas desapareciam sob a mesinha do café. Tinha um ar cansado.

– Iá – respondeu Ryder, sem tirar os olhos da televisão. – Foi um pico de crescimento.

– Fixe – comentei. – Eu cá continuo à espera do meu.

Ryder limitou-se a fazer que sim com a cabeça.

– Os adolescentes pré-púberes são um público difícil – comentou Greyson, inclinando-se um pouco para a frente e encolhendo os ombros.

– Não sou pré-púbere, ó estúpido! – reclamou Ryder.

– Olha a linguagem – ripostou Greyson.

Houve mais uma falta controversa na partida e toda a gente se exasperou e reclamou, depois o tio Lonnie questionou Greyson acerca da equipa de futebol da Universidade do Connecticut e eu fiquei sentada em silêncio, esquecida. Sentia-me constrangida, uma estranha, o extraterrestre que aterrara ali. Não sabia o que fazer com as mãos, por isso, enfiei-as nas dobras dos braços. Pela centésima vez desde que chegara, arrependi-me de ter ido.

Contemplei a parede forrada de madeira da pequena sala, as fotografias emolduradas que o brilho da televisão iluminava esporadicamente. Eram na sua maioria fotografias de Hank, de Will, de Lonnie e da minha mãe, quando eram jovens. Hank na piscina municipal, onde foi nadador salvador; Will com a sua farda dos Fuzileiros, em Parris Island; Lonnie no seu *skate*; a minha mãe num pódio junto a uma piscina, com uma fita a dizer «Campeã Estadual» a tiracolo, o cabelo molhado e a sorrir orgulhosamente para a máquina fotográfica. Havia outras fotografias da minha mãe: numa delas, tinha a cara toda suja de gelado e ria às gargalhadas, com a boca muito aberta; numa outra, estava toda aperaltada, de vestido escarlate e cabelo preso atrás, para um baile de liceu. Um rapaz moreno de fato e gravata tinha o braço em redor da cintura dela e puxava-a para si.

A minha mãe era a única rapariga da família, tendo crescido no meio de um bando de rapazes. Ocorreu-me que isto a tornara em mais dura. Ao olhar para as fotografias, percebi que, antes da adolescência, fora uma espécie de maria-rapaz, sempre a correr atrás dos irmãos, a tentar acompanhá-los, esfolando os joelhos e as mãos. Depois, tornara-se em mais feminina e apreciava maquilhagem e *tops* e um ou outro vestido, mas a verdade é que nunca houvera nada de suave ou brando em relação à minha mãe. Naquele último verão que passámos juntas, lembrava-me dela de queixo erguido e ombros direitos, como se estivesse sempre à procura de uma briga.

Por volta das dez horas, reunimo-nos todos na cozinha, à volta da mesa. Éramos demasiados para caber na pequena divisão e alguns tiveram de ficar encostados à moldura da porta ou no corredor, em bicos dos pés. A minha avó empurrou-me para junto da mesa e colocou o braço à volta dos meus ombros, para me manter ali. Fizera um bolo de aniversário para a minha mãe, e ela mesma o cobrira e decorara. «Feliz Aniversário, Grace», dizia em glacé roxo por baixo de duas velas com um «4» e um «3». Toda a gente

cantou desafinadamente os parabéns e, no final, olharam para mim. A minha avó sussurrou-me ao ouvido, ainda com o braço à minha volta:

– Sopra as velas, Charlotte.

Sabia que, ao olharem para mim, não poderiam deixar de a ver a ela. Inclinei-me para a frente, inspirei para apagar as velas e imaginei a minha mãe numa praia de areia branca, algures muito longe dali, a fazer exatamente a mesma coisa. Juntas, enchemos os pulmões, e juntas, apagámos as velas.

Oito

GRACE CALLOWAY

4 DE AGOSTO DE 2007

20h48

Quando cheguei à margem do lago, tinha começado a chover. Entrei na água até à cintura. O fundo arenoso cedia sob os meus pés; afundava-me um pouco mais a cada passo que dava. A água estava ainda morna, embora o Sol tivesse desaparecido. Respirei fundo, enchi os pulmões de ar e mergulhei.

No liceu, conseguia nadar cem metros de bruços em menos de um minuto. Sempre fora uma nadadora nata; sentia uma afinidade invulgar com a água e por isso fiquei tão chocada quando Jake, o meu namorado, se afogou numa ravina, no norte de New Hampshire.

Quando me deram a notícia, não disse grande coisa. A morte não faz qualquer sentido quando temos dezasseis anos. A morte também não faz qualquer sentido quando somos mais velhos. Torna-se apenas num estranho conhecido, numa presença à qual nos habituámos. Quando temos dezasseis anos, porém, somos teimosos o bastante para exigir respostas. A morte é um abismo negro para o fundo do qual gritamos. Lançamos pedras às suas entranhas e ficamos a ouvir o eco que produzem, tentando calcular a sua profundidade. Mas não há como saber.

Na semana seguinte, na escola, baldei-me à aula de economia, no quinto tempo, e esgueirei-me até à piscina do liceu. Nas bancadas, despi-me até ficar apenas em roupa interior e saltei para a parte mais funda da piscina. Deixei-me afundar, cada vez mais. Queria saber como era, o que se sentia. O coração martelava-me nos ouvidos. Sustive a respiração até ficar

estonteada e os meus pulmões gritarem por ar. Abri os olhos e senti o ardor provocado pelo cloro.

Agora, à tona da água, dei início às braçadas, cada vez mais velozes. Mergulhando e emergindo a cada braçada, aponteí à jangada, depois à margem e novamente à jangada, até sentir aquela doce exaustão tomar conta de mim. Os cortes no ombro doíam-me.

Tudo aconteceu na última volta. Quando nadava em direção à margem, a luz do alpendre das traseiras apagou-se. Fiquei de repente às escuras. Só o brilho ténue da Lua me iluminava o caminho, alongando-se pela superfície da água até à orla da casa. Olhei fixamente a escuridão, esforçando-me por perceber se havia alguma coisa, ou alguém, ali.

Não sejas palerma, admoestei-me a mim mesma. É claro que não havia ali ninguém. Estávamos sozinhas, não havia vivaíma num raio de quilómetros. A luz do alpendre devia ter-se fundido.

Ainda assim, uma parte de mim manteve-se alerta. De súbito, ouvi um grito agudo, um guincho. Provinha do quintal das traseiras; vi um rasgo negro a deslocar-se junto à linha da água. Era uma coisa pesada, escura. O meu coração disparou e afundei-me mais na água, que me pareceu de repente mais fria. Tremendo, localizei e segui o objeto em movimento com o olhar.

O guincho fez-se ouvir novamente, mas dessa vez reconheci-o. Era a corrente de metal presa ao velho ulmeiro, e o objeto misterioso que seguia atentamente com o olhar era o pneu que fazia as vezes de baloiço, empurrado pelo vento. Ri de mim mesma. Não havia nada de ominoso à minha espera. Era apenas a minha imaginação. Não havia nada a recear.

Olhei para o céu noturno. Chovia com mais força; a tempestade instalava-se. Era melhor voltar para casa. Inspirei, mergulhei uma vez mais e nadei de regresso a casa.

Nove

CHARLIE CALLOWAY

2017

Na manhã seguinte, acordei no antigo quarto da minha mãe. Ficava no sótão da casa dos meus avós: uma água-furtada com paredes que acompanhavam a inclinação do telhado. Ao lado da cama, havia uma pequena janela circular com vista para a estrada e para o cesto de basquetebol. Imaginei a minha mãe a acordar aos domingos de manhã ao som dos meus tios Will e Hank a jogar.

A colcha da cama era um *quilt* em *patchwork* que a minha avó fizera. No quarto, havia ainda uma cadeira de baloiço e uma cómoda branca encimada por um espelho com várias fotografias presas na moldura. Já estavam bastante desvanecidas pela passagem do tempo: fotografias dos amigos e colegas de escola da minha mãe, um instantâneo dela e de Claire, ambas adolescentes, na marginal de Jersey, da minha mãe sentada ao lado de um rapaz moreno nos degraus do alpendre da entrada, rindo. Vi prateleiras no canto oposto do quarto carregadas de troféus e faixas conquistados pela minha mãe quando pertencera à equipa de natação do liceu, e ainda um cavalete e uma bata velha.

Ocorreu-me então que, na verdade, não chegara a conhecer a minha mãe. Durante muito tempo, esforçara-me por esquecê-la ou por odiá-la. E, antes disso, ela não era uma pessoa, mas a minha mãe. Era a mulher que me entranchava o cabelo molhado a seguir ao banho. A mulher que ficava acordada a noite inteira, à minha cabeceira, quando eu adoecia, dando-me colheradas de gelado para mitigar uma dor de garganta e vendo *Wild Hearts Can't Be Broken* uma e outra vez até o DVD estar riscado. Mas a minha mãe fora uma pessoa antes de ter sido a minha mãe. Uma pessoa com um

grupo de amigos, com gostos próprios e ódios de estimação, com recordações e aventuras e desgostos amorosos. Vivera uma vida antes do meu nascimento. Se tentasse conhecê-la melhor, conhecer a pessoa que havia sido, talvez pudesse compreender por que razão ela partira.

Supus que o melhor sítio para começar era a casa junto ao lago Langely. Tinha sido aí que o tio Hank encontrara as fotografias, o que, sem dúvida, constituía uma pista. Há vários anos que não ia à casa do lago, mas se regressasse e visse a casa sob um novo ponto de vista, talvez encontrasse alguma coisa, ou porventura me recordasse de algo que pudesse ser útil.

Quando descí à cozinha, a minha avó estava ao fogão, a fazer panquecas. Havia *bacon* a fritar numa frigideira. O sorriso dela esmoreceu um pouco ao constatar que eu já estava vestida e tinha o saco de viagem ao ombro.

– Já te vais embora? – perguntou ela.

– Sim. Tenho um exame de Trigonometria amanhã e ainda preciso de estudar mais um pouco – menti. – Mas posso ficar para o pequeno-almoço.

– Ótimo – disse ela, animando-se. – Puxa uma cadeira que eu já te faço um prato.

Sentei-me à mesa da cozinha enquanto ela me enchia um prato com *bacon*, ovos e panquecas. Serviu-se de uma caneca de café e sentou-se à minha frente.

– O teu avô vai ficar deitado até mais tarde – disse ela, com um sorriso exasperado. – Tem setenta e cinco anos e não conhece os próprios limites!

– É a *bacon* que cheira?

Levantei a cabeça e vi o tio Hank entrar na cozinha, vindo da sala da televisão, com as mesmas calças de ganga e camisa de xadrez amarrotada que vestia na noite anterior. Tinha o cabelo completamente desgrehado.

– Por falar em crianças que não sabem crescer... – comentou a avó Fairchild.

Não me apetecia estar perto do tio Hank e receava um pouco o que poderia acontecer se a minha avó abandonasse a cozinha por algum motivo e me deixasse ali sozinha com ele. Começaria de novo a bombardear-me com perguntas e com as suas teorias? Assim sendo, comi à pressa para evitar essa possibilidade.

Quando fui colocar o meu prato no lava-louça, reparei numa porção de *tupperwares* em cima da bancada. Cada pequena pilha tinha uma etiqueta com um nome. Uma delas pertencia a Claire. Não tivera oportunidade de

conversar com ela durante a festa, mas se conseguisse falar com ela a sós, sondá-la um pouco, talvez ela pudesse dar-me alguma ideia acerca das fotografias que o tio Hank achara, de entre outras coisas.

– Avó, quer que deixe isto em casa da Claire? Fica em caminho.

– Tens a certeza de que ainda te lembras de onde fica? – inquiriu ela. – Eu aponto o endereço, pelo sim pelo não.

Escreveu o endereço num *post-it* e, já à porta, abraçou-me durante mais tempo do que para mim era confortável.

– Volta em breve, não deixes que se passe mais um ano – pediu ela. – Foi bom, muito bom, ter-te aqui.

Quando me largou, reparei que tinha lágrimas nos olhos. Virou um pouco a cabeça para tentar escondê-las.

*

Os Rhodes viviam numa casa azul de dois pisos em Maple Street. Havia uma carrinha verde em frente à garagem quando cheguei. Toquei à campainha com os *tupperwares* equilibrados num dos braços.

Foi Greyson quem abriu a porta. Vestia umas calças de ganga e uma *t-shirt* de decote em V.

Tinha ainda o cabelo molhado do duche. Cheirava a citrinos e a noz moscada.

– Martha Stewart, é um prazer ver-te de novo – cumprimentou-me ele.

– A tua mãe está? – perguntei. – A minha avó pediu-me que lhe entregasse isto.

Mas Greyson não me aliviou do peso. Em vez disso, segurou a porta mosquiteira aberta e fez-me sinal para que entrasse.

– Levou os rapazes a dar um mergulho – disse ele. – É uma manhã rara de paz e tranquilidade no lar dos Rhodes.

Fiquei desiludida, mas tentei não o mostrar.

– Ah. E tens ideia de quando é que ela voltará?

– Imagino que daqui a um par de horas já esteja de regresso. Entra – convidou ele.

Não sabia que outra coisa fazer, por isso, segui-o até à cozinha.

– Podes deixar as caixas aí na bancada – instruiu Greyson. – Eu depois arrumo-as. – Abriu o frigorífico e meteu a cabeça lá dentro. – Queres um refrigerante ou outra coisa para beber?

– Não, obrigada – declinei. – Na verdade, tenho de ir andando. Tenho um teste de filosofia amanhã e ainda preciso de estudar.

– Filosofia? – disse Greyson, levando uma garrafa de água aos lábios. – Quem é que estás a estudar agora? Aristóteles? Descartes? Nietzsche?

Merda.

– Foucault – respondi.

– Escrevi um ensaio acerca da teoria do panoptismo de Foucault – realçou ele, bocejando e espreguiçando-se. Tentei ignorar o modo como a *t-shirt* deixou à mostra os seus músculos abdominais definidos quando elevou os braços acima da cabeça.

– Isso – anuí. Engoli o caroço que se formara na minha garganta. Que raio se passava comigo? Desviei o olhar. – Panoptismo... É acerca disso mesmo que tenho de escrever o meu ensaio.

Greyson franziu o sobrolho.

– Pensei que tinhas dito que tinhas de estudar para um exame.

Merda.

– Sim, bem, o exame consiste em escrever um ensaio. Mas preciso de estudar para o escrever – tratei de explicar.

Toma lá, palerma.

Greyson sorriu.

– Que foi? – perguntei.

– Estás a armar alguma – opinou ele. – Franzes a cara como se estivesses a concentrar-te em alguma coisa com muita atenção. É a mesma expressão que fizeste naquela ocasião em que fiquei a tomar conta de vocês e tu e o Ryder desapareceram juntos e quando voltaram, e eu te perguntei o que tinham andado a fazer, tu disseste «Nada», mas depois eu fui lá acima e descobri que me tinham enchido o quarto de papel higiénico.

– Pois, talvez certa pessoa devesse ter prestado mais atenção à tarefa de que fora incumbido do que ao jogo Donkey Kong na sua Nintendo.

– Eu ia no nível nove. Estava prestes a salvar a princesa.

– Com certeza – repliquei. – Tenho mesmo de ir andando.

– Para escreveres o teu ensaio acerca da teoria do panoptismo de Kant?

– Sim, para escrever o meu ensaio acerca da teoria do panoptismo de Kant.

– Boa tentativa, mas o panoptismo é uma teoria de Foucault, não de Kant – disse Greyson.

Merda.

– Estás a ver? É por isso que preciso de estudar – argumentei.

– Desembucha, Charlotte. Que andas a tramar?

Suspirei.

– Pronto, está bem – cedi. – Mas não podes dizer à Claire.

– Perfeito. As coisas que prefiro fazer, acima de quaisquer outras, são precisamente aquelas que não posso contar à minha mãe – respondeu Greyson, e sorriu.

– Que fazes tu aqui, afinal? – indaguei. – Não terminaste já o curso? Não devias estar no mundo real, tipo um adulto?

Greyson tirou uma maçã da fruteira que estava em cima da bancada. Deu-lhe uma dentada e respondeu-me com a boca cheia.

– Terminei o curso, sim – disse. – E até tenho um emprego de adulto, mas não há nada como renda à borla e refeições caseiras.

Abanei a cabeça, num gesto reprovador.

– Então, basicamente, és uma lapa?

– Nem todas as pessoas têm fundos fiduciários – replicou Greyson.

Limitei-me a encolher os ombros. Não sentia a mínima vergonha ou constrangimento quando as pessoas mencionavam que eu tinha acesso a dinheiro que não ganhara, da mesma maneira que nunca me passava pela cabeça que as pessoas que não eram ricas deviam envergonhar-se disso. Na minha opinião, o que importava não era as cartas que o universo dava a cada um, mas, antes, o modo como cada pessoa as jogava.

– Por acaso, não terás uma lanterna que me possas emprestar?

– Posso emprestar-ta, se me lemares contigo – respondeu Greyson.

– *Okay* – anuí. – Vai ter comigo ao carro. Tens dois minutos, e depois vou-me embora, contigo ou sem ti.

No carro, a caminho da casa no lago, contei a Greyson o episódio das fotografias que o meu tio Hank encontrara. Foi bom falar disso com alguém, e Greyson, na verdade, era a pessoa perfeita para me ouvir. Sabia o suficiente acerca da minha mãe e da minha família para não precisar de muito contexto, mas era também uma pessoa imparcial. E talvez até fosse boa ideia levar alguém como companhia. Estava um pouco nervosa em relação a ir sozinha. Além do mais, dois pares de olhos eram melhores do que um só: aumentavam as hipóteses de encontrar alguma coisa.

– Como é que vais entrar? – perguntou-me Greyson, quando lhe disse

onde íamos. – Vai ser um arrombamento ou apenas invasão de propriedade privada? E poderá mesmo ser considerado arrombamento ou invasão, se a casa for nossa? Achas que pesquise isso no *google*?

Sorriu para mim e passou de novo a mão pelo cabelo.

– Para de fazer isso – pedi.

– De fazer o quê?

Imitei-o de forma exagerada, passando a mão pelo cabelo e dando-lhe um piparote por cima do ombro.

– Isto – disse.

Greyson riu-se.

– Peço desculpa. A minha farta juba masculina desconcentra-te?

– Nem um pouco – respondi. – E não vale a pena *googlares* isso. O tio Hank não tinha chave e encontrou uma maneira de entrar. Nós também havemos de conseguir.

Fiz pisca para a direita e entrámos no caminho sinuoso que conduzia à casa. Vista de fora, tinha o mesmo aspeto de quando a abandonámos. O meu pai contratara um caseiro para cuidar da propriedade e, de fora, ninguém diria que a casa não era habitada. O relvado estava aparado, os canteiros mondados, os arbustos aparados.

Entrar foi muito menos difícil, ou mesmo interessante, do que Greyson ou eu imaginara. A chave de reserva estava no mesmo sítio onde costumava ficar quando era miúda: no sapo de cerâmica que ladeava a porta traseira da cozinha.

Por dentro, a casa tinha um aspeto sombrio e abandonado: o soalho coberto de pó, as cortinas fechadas e a mobília tapada com lençóis brancos. Se corrêsemos as cortinas, haveria claridade suficiente, mas preferimos deixá-las fechadas e usar as lanternas.

As fotografias continuavam penduradas nas paredes. Havia uma da minha mãe, em Jersey Shore. Vestia um fato de banho vermelho e a água dava-lhe pelos tornozelos. Olhava por cima do ombro para quem estava a fotografá-la (o meu pai?) e sorria, como se tivesse sido surpreendida num momento privado. Impressionou-me o quanto a minha mãe era jovem em algumas daquelas fotografias – talvez poucos anos mais velha do que eu era agora. E a semelhança entre nós era flagrante; os mesmos olhos grandes e cinzentos e o mesmo rosto em forma de coração. O mesmo cabelo castanho-escuro e

pele pálida, o mesmo sorriso ligeiramente torcido, a mesma covinha na face direita.

Havia tantas fotografias. Instantâneos dos meus pais no jardim da avó Eugenia, na casa de Greenwich, fotografias de mim e da minha irmã a brincar no quintal das traseiras dos avós Fairchilds, no antigo baloiço da minha mãe. Uma foto do meu pai a abraçar a minha mãe. Instantâneos da família que costumávamos ser.

Suspenso ao lado destas fotografias, estava um retrato de família numa moldura pesada e dourada. Seraphina, ainda bebé, ao colo da minha mãe, eu ao lado dela e à frente do meu pai, Alistair Calloway. Alto e magro e bem-parecido, como era apanágio dos Calloways, com os seus olhos azuis, cabelo louro e testa alta. À exceção do cabelo, que começava a encanecer nas têmporas, estava igual, como se não tivesse envelhecido um único dia.

– Foi a coisa mais estouvada que o meu pai alguma vez fez – afirmei. – Casar com a minha mãe.

– Como é que se conheceram, então? – inquiriu Greyson, e era uma pergunta legítima.

– No salão de baile do Carlyle Hotel – contei. Tinha ouvido aquela história cem vezes. – Numa qualquer festa de beneficência organizada pelos meus avós. O meu pai trabalhava no Calloway Group. A minha mãe tinha vinte e dois anos.

– Então, a Grace era tipo o quê? Empregada de mesa na festa?

– Não – ripostei, e fulminei-o com o olhar.

– Que foi? – reclamou Greyson. – Não há nada de errado em ser-se empregado de mesa.

Olhei novamente para o retrato da minha mãe na parede; tinha um ar tão elegante, tão feliz. Em criança, nunca me ocorrera perguntar-lhe o que estava a fazer no salão de baile do Carlyle Hotel. Na minha cabeça, ela aparecia de vestido de baile e o meu pai dançava com ela e era amor à primeira vista. Entretanto, tinha de admitir que a presença dela naquele salão de baile parecia, de facto, estranha.

– O teu pai sempre me meteu um bocado de medo – confessou Greyson, contemplando o retrato. – É um homem intimidativo, convenhamos.

Não disse nada. Veio-me à memória a noite a seguir ao desaparecimento da minha mãe. O meu pai tinha ido à esquadra da polícia reportar o sucedido. A avó Fairchild ficara a tomar conta de nós e estava a dormir no

quarto de hóspedes. A meio da noite, a chorar, Seraphina foi ter comigo à cama. Eu não quis acordar a nossa avó. Tinha sete anos, era a irmã mais velha e queria ajudar.

– Não chores – disse eu a Seraphina. – Vamos construir um forte e escondemo-nos, de tudo e de todos.

Arrancámos os lençóis das camas e tirámos as almofadas dos sofás da sala de estar do rés do chão. Assaltámos o armário da roupa branca e reunimos toalhões, colchas, edredões e toalhas de mesa. Estendemos tudo por cima de cadeiras, candeeiros e mesas, prendemos as extremidades às paredes e às molduras das portas com fita cola. O nosso forte estendia-se pela sala de estar e de jantar. Munidas de uma pequena lanterna, gatinhámos pelo labirinto de espaços que tínhamos criado, atribuindo nomes e propósitos às divisões; e, no final, adormecemos aninhadas no espaço entre a mesinha do café e o sofá da sala de estar.

Algum tempo depois, o nosso pai chegou a casa. Ouvi a porta da entrada abrir-se e vi, através do pano de lençol estendido por cima da minha cabeça, uma luz acender-se. Ouvi os expletivos do meu pai, no vestíbulo, ouvi-o chamar por nós, ouvi a fita a ser arrancada das paredes, as arestas duras das cadeiras a embater contra o soalho de madeira ao mesmo tempo que eram derrubadas ou viradas.

– Foge – sussurrei à minha irmã. – Vai, depressa.

Fugir para onde, não sabia. Mas gatinhámos, uma atrás da outra, ao longo da sala de estar, com os tetos da nossa fortaleza a cair-nos em cima. O chão de madeira era duro e implacável sob os nossos joelhos e mãos. Abri caminho até à sala de jantar e refugiámo-nos sob a enorme mesa de carvalho.

A Seraphina foi a primeira a ser descoberta. O meu pai puxou-a de debaixo da mesa da sala de jantar pelo tornozelo. Vi tudo. Sentou-se a menos de um metro e meio de mim, deitou-a no colo e puxou-lhe as calças do pijama até aos joelhos. Ouvi o estalido agudo da sua palma contra as nádegas dela. Uma, duas, três vezes. Vermelha e com a cara franzida e os olhos a pingar lágrimas, a minha irmã olhava-me fixamente. Chorou e soluçou, mas não chamou por mim, não me denunciou.

Recuei para as profundezas da mesa de jantar. Tapei a boca com ambas as mãos, apertei os lábios com os dedos, para que ele não me ouvisse sequer respirar.

Ali de pé, em frente à parede, contemplei a figura do meu pai, alto e sorridente, com o braço por cima da minha mãe.

– Imagino que ele não estivesse muito presente, não é? – disse Greyson.

– Estava, sim – contradisse.

– Ah, então eu é que não me lembro de o ver muitas vezes, é só isso.

– Bem, não é que passasses o teu tempo todo aqui – referi.

– Sim, és capaz de ter razão – respondeu Greyson.

Quando chegámos ao patamar do primeiro piso, não virei à direita para ir ver o meu antigo quarto. Sabia o que aí encontraria; era capaz de percorrê-lo de olhos fechados, mesmo passados todos aqueles anos: a enorme janela saliente com vista para o lago, as paredes cor-de-rosa pálidas, as camas de dossel onde Seraphina e eu dormíamos, a minha casa de bonecas ao canto. Em vez disso, virei à esquerda e dirigi-me ao quarto dos meus pais, na extremidade oposta da casa. A porta encontrava-se fechada, mas não trancada. O interior estava às escuras e pouca era a luz que penetrava pelas frinchas das cortinas. Abri-as e o pó que se desprende delas provocou-me um ataque de tosse.

O toucador da minha mãe estava coberto de lençóis, mas eu afastei-os e sentei-me na sua cadeira, como tinha por hábito fazer quando era miúda e brincava com a sua maquilhagem. Abri o guarda-joias e comecei a revistar as caixas de veludo. Havia tantas joias: todas oferecidas pelo meu pai, presumi. Um colar de pérolas no aniversário, brincos de diamante para comemorar um aniversário de casamento, um anel de safira no dia do meu nascimento, uma pulseira de platina no dia de São Valentim.

Interroguei-me por que motivo a minha mãe não levava as joias com ela. Quando partira, o seu SUV ficara estacionado à porta de casa, a carteira com as chaves, o porta-moedas e o telemóvel estavam em cima da escrivaninha do quarto. Só ao fim de alguns dias é que alguém se deu conta de que a sua bagagem não estava no armário – duas malas estampadas com cornucópias nas quais ela costumava transportar os seus pertences entre a cidade e a casa do lago. Alguns dos seus objetos também tinham desaparecido: a escova dentífrica, o pente, o vestido de verão preferido, um par de sandálias. De início, fez-me confusão tentar descortinar a importância do que deixara para trás e do que escolhera levar com ela. Depois, o investigador privado encontrou as imagens das câmaras de vigilância do banco e tudo se encaixou: a minha mãe não quisera levar nada

cuja falta pudesse ser notada, nada que pudesse ser minimamente localizável. Não queria ser encontrada.

Recordei-me de que havia um rasgão no forro de uma das malas. Seraphina e eu tínhamos dado com ele certa vez, enquanto a minha mãe fazia as malas, e encarámos aquilo como uma coisa especial, uma espécie de compartimento secreto. Costumávamos guardar ali pequenas coisas quando estávamos de viagem, os nossos bens mais preciosos. Naquele verão, Seraphina guardara ali um dos seus póneis em miniatura e eu escondera a pulseira que o meu pai me trouxera de uma viagem de negócios a Barcelona. Em miúda, ficava por vezes acordada, na cama, à noite, e imaginava a minha mãe, onde quer que estivesse, a desfazer as malas e a descobrir os tesouros que Seraphina e eu ali tínhamos ocultado. Uma parte de mim ficava feliz com o facto de a minha mãe transportar um pedaço de nós com ela. Interrogava-me se lhe davam algum consolo.

Na gaveta do fundo do guarda-joias, encontrei uma bolsa velha com um fecho de cordão. Continha um fio dourado com um pendente que tinha a forma de um caranguejo. O corpo do caranguejo tinha um rubi falso incrustado e as pinças seguravam diamantes artificiais. Lembrava-me de ver a minha mãe com ele posto muitas vezes. Fora um dos seus preferidos; ela usava-o quase todos os dias. Sempre presumira que havia sido uma prenda do meu pai, mas, ao observá-lo melhor, percebi que era pechisbeque, uma peça de má qualidade; o fio dourado desbotara e o rubi tinha um aspeto turvo e plástico. Não era definitivamente uma prenda do meu pai. Assim sendo, porque o usara com tanta frequência e porque o guardava no guarda-joias em conjunto com as peças de valor? Não sei porquê, mas houve qualquer coisa que me fez querer ficar com ele. Guardei-o no bolso.

– Ei, que faz aqui?

Virei-me e vi um homem de fato-macaco na soleira da porta, segurando uma lanterna. Greyson estava no *walk-in closet* dos meus pais.

– Esta casa é minha – respondi. – Que está o *senhor* aqui a fazer?

– Vou chamar a polícia – declarou o homem, e tirou o telemóvel do bolso para marcar o número. Apontou-me um dedo. – Vi-a tirar uma coisa desse guarda-joias. É melhor devolvê-la.

– Não é preciso chamar a polícia. O nome dela é Charlotte Calloway – explicou Greyson, emergindo do *closet* e colocando-se ao meu lado. – O pai

dela é o dono da casa e a pessoa que lhe paga o salário. Talvez seja melhor não o irritar chamando a polícia por causa da filha dele.

O homem hesitou.

– É a filha do senhor Calloway?

– Sou, sim – confirmei. – E posso prová-lo.

Tirei a carta de condução da carteira e estendi-lha. Ele avançou na minha direção e aceitou-a, observando o nome e a fotografia e olhando depois para mim.

– É a sua vez – disse, mal ele me devolveu a carta de condução. – Quem é você?

– Frankie Martin – respondeu o homem, e passou a mão pela nuca. – Sou o caseiro há mais de cinco anos. Se bem que é a primeira vez que entro aqui na mansão. Ninguém me avisou de que vinha cá alguém.

Continuava a olhar-me, de sobrolho franzido, como se não tivesse a certeza de que eu deveria estar ali.

– Olhe, o senhor, ou eu, pode ligar ao meu pai, se quiser – propus, e procurei o telemóvel dentro da mala, para dar mais ênfase ao argumento. – Mas ele está em Aruba, em negócios, e posso afiançar-lhe que não vai ficar contente por ser incomodado. – Procurei o meu pai nos contactos e pus o polegar a um centímetro do botão vermelho de chamada.

O meu pai não estava em Aruba. Era domingo e estaria provavelmente em casa, na cidade, ou no campo de golfe com o meu avô. A verdade era que não queria ter de explicar ao caseiro por que carga de água eu estava ali.

– Não, não, não é preciso – replicou o homem, massajando de novo a nuca. – Não se esqueça é de trancar tudo quando sair. É que o responsável serei eu, se deixar uma porta destrancada e alguém aqui entrar.

– Fique descansado – disse Greyson.

Depois de o Sr. Martin ter partido, Greyson e eu passámos a casa a pente fino, de forma metódica, divisão a divisão, mas era impossível investigar todos os cantos e recantos. Começou a escurecer e concordámos que estava na hora de partir.

– Deixo-te em casa e depois sigo viagem – propus.

– Agradeço – disse Greyson.

Pensei melhor. Não chegara a falar com Claire.

– Para te ser franca, estou com fome – aleguei. Olhei de relance para ele.

– Achas que a tua mãe se importava que eu ficasse para o jantar?

– Quantos mais, melhor – disse Greyson, inclinando-se para a frente para regular o ar condicionado. – E, sorte a tua, ao domingo é dia de sanduíches de carne picada.

– Uau – respondi.

Ao jantar, Nolan, o mais novo, relatou a sua proeza daquele dia, saltar da prancha mais alta da piscina municipal, e Ryder grunhiu monossílabos de cada vez que alguém lhe fez uma pergunta. Terminado o jantar, ajudei Claire com a louça enquanto Greyson levava Nolan para cima, para lhe dar banho, e Ryder se enfiava no quarto para jogar no computador.

– Então, que fizeram hoje tu e o Greyson? – indagou Claire, e esguichou detergente para a água quente com que enchera a bacia. O vapor erguia-se da beira do lava-louça. – Não me digas que te obrigou a ficar aqui o tempo todo enfiada, a ver futebol na televisão?

– Não, passámos o dia quase todo fora – menti. – Ele levou-me à Geladaria da Mandy, na Third Street. E demos um pequeno passeio pelo parque.

Merda. A geladaria ainda existiria? Não ia lá desde... desde os sete anos. Olhei de soslaio para Claire a ver se a minha mentira colara.

Ela fazia que sim com a cabeça e mergulhava o esfregão na água.

– Obrigada – disse Claire. – Por teres tirado o Greyson de casa por umas horas. Sempre se distraiu. Estava mesmo a precisar de uma coisa assim.

Tirar Greyson de casa? Distraí-lo? Mas Greyson não teria amigos ou assim? Bem, isso não me surpreendia grandemente, na realidade. Greyson era um bocado parvalhão, embora fosse giro.

– Ah, sim, claro – respondi.

– E também te queria agradecer por teres ido à festa dos teus avós ontem – acrescentou Claire. – Sei que foi muito importante para eles ter-te lá.

– Pois – redargui. – Foi... Bom... Ter ido. Estar com eles.

– Passas-me esse prato? – pediu Claire, e eu dei-lhe o primeiro prato da pilha que havia na bancada.

– Claire, por falar na minha mãe – comecei.

– Sim?

– Estava a pensar... – hesitei. – Não sei, é que, do que me disse ontem acerca da minha mãe, fiquei com a ideia de que ela seria uma espécie de livre-espírito. Acha que talvez ela se tenha fartado de estar amarrada,

digamos assim, comprometida? Talvez quisesse começar de novo, do zero. Não é impossível, pois não? Acha que foi por isso que ela se foi embora?

Claire manteve-se em silêncio por um minuto, esfregando um prato, às voltas. Depois, afundou-o na bacia e virou-se para mim, com as mãos molhadas e vermelhas por causa da água quente.

– A tua mãe não vos abandonou, a ti e à Seraphina, Charlotte – afirmou ela. – Eu conhecia a tua mãe melhor do que ninguém e ela jamais teria feito uma coisa assim.

– Então, ela nunca mencionou que gostaria de partir? – perguntei. – Nem sequer hipoteticamente? Nunca ansiou por uma coisa diferente?

Claire baixou o olhar e mastigou o lábio inferior como se estivesse a debater-se consigo própria.

– Claire – pressionei. – Por favor.

Ela suspirou e olhou para mim.

– A tua mãe sempre tentou esconder isto de ti e da Seraphina, mas ela e o teu pai costumavam brigar.

– Eu sei. Eu ouvia-os.

– Não eram apenas discussões, Charlotte. As brigas eram físicas – revelou Claire.

– Está a insinuar... está a insinuar que o meu pai a agredia? – indaguei. Foi como se tivesse levado um murro no estômago. Não. Não. Não devia ter feito aquelas perguntas. Não queria saber aquilo.

– Julgo que agredia, sim – disse Claire.

– Julga que sim ou *sabe* que sim?

– A tua mãe era muito protetora em relação ao teu pai e ao relacionamento de ambos – elucidou Claire. Agarrou no pano de cozinha e enxugou as mãos. – Não queria que as pessoas soubessem que não eram felizes. Houve uma briga, uns dias antes de ela ter desaparecido, em que as coisas azedaram mais do que o costume. A Grace apareceu-me em casa uma noite com hematomas de uma ponta à outra do lado esquerdo do corpo e um corte feio e profundo no ombro. Fui eu quem lhe desinfetou e ligou o ombro.

– Foi o meu pai que lhe fez isso?

Ao esticar o braço para a bancada com o objetivo de me equilibrar, dei-me conta de que tinha as mãos a tremer.

– A Grace contou-me a sua versão dos acontecimentos – disse Claire. –

Houve uma discussão. Os ânimos exaltaram-se. Ela alegou que tinha caído.

– Então, foi um acidente – realcei. Era normal as pessoas discutirem, perderem a calma. Os acidentes aconteciam. Não fazia sentido. Nada daquilo fazia sentido.

Claire entendera mal a história, de algum modo. Se uma coisa assim tivesse acontecido, eu teria sabido.

– Ele nunca faria uma coisa dessas – afirmei, novamente. – Jamais.

– A Grace era uma forasteira, uma intrusa – continuou Claire. – Não vinha do mesmo mundo que eles. Não era um deles. E eles sempre a trataram como se ela não pertencesse à família. Eram frios... Toda a família dele era fria com ela.

– Isso não é verdade – contradisse, porque não era mesmo. Eu saberia, se assim fosse. – O meu pai amava-a.

– Talvez – respondeu Claire. – Sei que amou, em tempos. No início, pelo menos.

Havia sido um erro enorme da minha parte ter feito aquele tipo de perguntas, porque o que é que Claire podia saber acerca do relacionamento dos meus pais? Não estivera sempre presente; não vira nada em concreto. Não vira a maneira como a minha mãe se empoleirava nos bicos dos pés para compor a gravata do meu pai antes de ele sair para o trabalho. Não vira o modo como o meu pai deslizava as mãos para dentro dos bolsos das calças da minha mãe quando ela estava ocupada a assar batatas no grelhador das traseiras, a forma como ela se inclinava para ele. Se Claire tivesse visto as coisas que eu vira, jamais poderia acreditar que o meu pai fosse capaz de levantar a mão à minha mãe. Amava-a. Amava-a. E isso foi a sua ruína.

– Então, embora a Claire acredite em tudo isso, que a minha mãe era mal-amada, maltratada e agredida fisicamente, acha que ela não nos abandonou? – inquiri.

– Quando soube dos vídeos do banco, não fiquei chocada – respondeu Claire. – Na minha opinião, ela levantou todo aquele dinheiro com a intenção de deixar o teu pai, mas ia levar-te a ti e à Seraphina com ela, ia começar uma nova vida.

– Nesse caso, porque não o fez? – quis saber.

– Porque Alistair Calloway não é um homem ao qual se vire simplesmente as costas, que se abandone – opinou Claire. – Sobretudo quando se é uma rapariga de origem humilde, oriunda de Hillsborough.

Penso que ele descobriu o que ela estava a planejar. Descobriu e... Bem, castigou-a por isso. Fez de modo que ela jamais pudesse ir-se embora.

As palavras dela gelaram-me as veias. Claire não era melhor do que o tio Hank e as suas teorias estapafúrdias. Não, era pior do que o tio Hank, porque falava com ressentimento e inveja. Claire odiava o meu pai e tinha ciúmes do amor que a minha mãe sentia por ele.

– Podem não ter encontrado o corpo da Grace quando passaram a floresta a pente fino ou dragaram o lago – conjecturou Claire. – O Alistair é demasiado esperto. Mas a tua mãe continua em algum sítio, à espera de ser encontrada. E quando a encontrarmos, ele não poderá continuar a esconder o que lhe fez. O mundo inteiro irá então saber o que ele é.

– É uma mentirosa – ripostei. – Está a mentir. Porque não diz a verdade? Eu vi-a. Vi-a naquela noite, com a minha mãe, no lago.

Nunca tinha contado isso a ninguém. Nem à polícia, aquando da investigação inicial, nem ao meu pai, nem sequer ao tio Hank. Contara-lhes tudo menos isso.

Tinha havido uma tempestade na noite em que a minha mãe desapareceu. Ao longo de todo o dia, o céu estivera cinzento e carregado. Os meus pais discutiram ao final da tarde; o meu pai regressou à cidade. Por volta das sete e meia, a minha mãe deitou-nos, a mim e a Seraphina, no quarto que partilhávamos no primeiro andar, e depois saiu para tomar o seu banho noturno no lago. Levava uma toalha ao ombro e uma touca de natação no cabelo. Adormeci, mas acordei com o som da chuva a bater nas vidraças. No meu sonho, recordo-me perfeitamente de a minha mãe me chamar. Levantei-me e fui à janela. E vi-as, na água, a minha mãe e ela – Claire.

Claire estava de frente para a minha mãe, portanto, de costas para mim, mas reconheci-lhe o cabelo louro, preso num puxo junto à nuca. Não estranhei nada vê-la ali. Ela e a minha mãe estavam sempre juntas e não era invulgar sentarem-se as duas no alpendre fechado das traseiras numa noite assim, a desfrutar de um copo de vinho. Porém, havia qualquer coisa de estranho no modo como se abraçavam, na forma desesperada como se agarravam uma à outra dentro de água, que me fez desviar o olhar, constrangida. Senti um nó no estômago.

Não significava nada, disse a mim mesma, a maneira como estavam abraçadas. A minha mãe amava o meu pai, claro. Ela gritara e ele tinha-se ido embora, mas fora apenas um desentendimento. Voltei para a cama.

De manhã, percebi que a tempestade fizera estragos no quintal. Havia galhos de árvores no relvado das traseiras e no lago. Levantei-me e avancei pelo corredor até ao quarto dos meus pais, à procura da minha mãe, mas ela não estava lá. A cama nem sequer estava desmanchada.

– Vi-vos às duas juntas naquela noite – afirmei. – Vi-a no lago. Sei que você e a minha mãe... não eram apenas amigas.

Claire encostou-se ao lava-louça como se precisasse de apoio para se manter de pé.

– Charlotte – respondeu ela –, não sei de que estás a falar.

– Não precisa de me mentir – disse. – Não planeio dizer a ninguém. Só quero saber.

– A última vez que vi a tua mãe foi uns dias antes – argumentou Claire. – Não fui a vossa casa naquela noite.

– Diga-me a verdade – pedi. – É a única coisa que lhe peço. Diga-me o que estava ali a fazer. Diga-me o que significavam as fotografias.

– Que fotografias? – perguntou Claire.

– Você sabe. Eu sei que a Claire sabe.

– Charlotte, não faço ideia do que viste naquela noite ou quem é que viste, mas fosse quem fosse, não era eu – asseverou Claire.

Esticou o braço como se quisesse reconfortar-me, e eu dei um passo atrás. Bati com a mão num copo de vidro que estava em cima do balcão; caiu ao chão e estilhaçou-se.

– Charlotte – disse Claire.

– Tenho de ir – respondi.

Às cegas, agarrei na carteira que deixara em cima de uma cadeira e cambaleei na direção da porta da frente. Estava sentada no carro, a fazer marcha atrás para me afastar dali, quando me dei conta do que estava a acontecer.

Claire estava a mentir; tinha de estar a mentir.

A única questão era que... não tinha a certeza absoluta de que ela estivesse a mentir.

Segunda Parte

Dez

ALISTAIR CALLOWAY

OUTONO DE 1996

Todos os anos, em novembro, entre o Halloween e o Dia de Ação de Graças, a minha família organizava um baile de beneficência no Carlyle Hotel. Todas as receitas obtidas eram entregues à causa obscura e ridícula em que a minha irmã Olivia estivesse envolvida. Houve um ano em que angariámos fundos para o Comité de Ética para a Flora dos Estados Unidos, que lutava por uma proposta de lei para as plantas. Olivia acreditava que os brócolos deviam ter direitos, como as pessoas. A comida naquele ano foi atroz: sete pratos de legumes e vegetais silvestres, galinha criada ao ar livre e vinho de uvas fermentadas com humanidade. Num outro ano, reunimos dinheiro para próteses destinadas a cães só com três pernas. A *cause du jour*, no entanto, era apenas uma fachada, pois só existia uma causa na qual os grandiosos Calloways acreditavam e em prol da qual se esforçavam no sentido de sensibilizar os demais: nós mesmos.

Como sempre, cheguei pontualmente às oito da noite, barbeado e elegante num fato à medida, com a minha noiva, Margot Whittaker, pelo braço. Olhei em redor, à procura do meu irmão mais novo, Teddy, que não se encontrava ali. Como sempre, Teddy não iria ser pontual e o mais certo era que chegasse depois de o prato principal já ter sido servido, com uma barba de dois dias e exibindo uma indumentária propositadamente imprópria, como uma camisa estampada havaiana e chinelos de dedo. A missão de Teddy na vida era forçar os limites da paciência do meu pai e da adoração cega da minha mãe. O meu pai era um homem de muito pouca paciência e já teria deserdado Teddy há muitos anos se não fosse pela minha mãe, cuja reserva de amor por ele era aparentemente inesgotável.

Como habitualmente, Eugenia não se poupava a gastos (Eugenia era a minha mãe e eu sempre a tratara pelo primeiro nome, mesmo em criança, porque ela achava que o termo «mãe» a envelhecia prematuramente). As orquídeas cor de violeta que se destacavam nos centros de mesa tinham chegado de Bogotá, de avião; os vinhos eram de uma adega na Toscana; os bifos que seriam servidos como prato principal haviam sido maturados na cave do melhor talho da cidade durante as últimas três semanas. E nenhum pormenor fora descuido. As toalhas de mesa tinham sido engomadas e passadas a ferro, os copos da água colocados exatamente a dois centímetros das pontas das facas; Eugenia dera-se ao trabalho de verificar ela mesma a medida, munida de uma régua.

– Alistair, estás tão elegante – disse Eugenia, cumprimentando-me com um beijo em cada face.

Eugenia sempre se mostrara indiferente comigo. Julgo que encarava como entediante o facto de eu estar sempre onde devia estar, a fazer o que era suposto fazer. Não tinha de admoestar-me, de se preocupar comigo ou de amimar-me, como fazia com Olivia e Teddy. Além disso, eu era o preferido do meu pai, que achava Olivia frívola e pateta, e Teddy rebelde e desobediente. Eu estava sempre disponível, era inteligente e gostava de provar o meu valor, por isso, o meu pai pusera-me à prova repetidamente, fazendo de mim um homem que ele considerava merecedor de receber, um dia, o legado dos Calloways.

– Margot, querida – cumprimentou Eugenia –, como estás?

Era uma enorme desilusão para Eugenia que eu tivesse escolhido para casar uma rapariga que não era bonita, frívola ou rica. Em poucas palavras, que não tivesse escolhido alguém mais parecido com ela. E irritava-a que eu tivesse dado a Margot o anel de família: um diamante amarelo de dezoito quilates, impecável, cortado em forma de esmeralda, flanqueado por dois diamantes cortados em meia-lua e incrustados numa aliança de platina. O anel pertencera à minha avó. A minha mãe queria-o para Teddy, mas a minha avó deixara-mo em testamento e eu oferecera-o a Margot. Desde esse dia, a minha mãe tratava Margot como uma verdadeira cabra, na esperança de correr com ela, e Margot reagia sempre com um sorriso, não batendo nem um milímetro em retirada.

– Eugenia, que bom vê-la – respondeu Margot, sem qualquer vestígio de sarcasmo. – Esse vestido é deslumbrante. Tem de dizer-me quem é o

designer.

– Oh, e diria, querida – replicou Eugenia, e percebi nesse momento que a resposta não seria amável, porque, no dicionário da minha mãe, «querida» não era um termo afetoso. Sempre que ouvia a minha mãe pronunciar aquela palavra, escutava «escória» ou «lixo branco» no seu lugar, porque era isso que ela queria dizer, só que não eram designações que pudesse usar em sociedade. – Mas provavelmente não conheceria, uma vez que não é muito culta no que a moda diz respeito. O seu vestido é tolerável. Foi o Alistair quem o escolheu?

– Sim, foi um presente – disse Margot.

– É *Versace* – declarei. – Da coleção de outono. Achei que iria aprovar.

– Talvez em alguém com uma constituição diferente – argumentou Eugenia, ao mesmo tempo que levava o copo de vinho aos lábios e fitava Margot da cabeça aos pés. – Sim, uma constituição diferente valorizaria o vestido.

Abri a boca para ripostar, mas Margot apertou-me o antebraço.

– Estou a morrer de sede! – exclamou Margot. – E se fôssemos buscar qualquer coisa para beber? Foi um prazer conversar consigo, Eugenia. Mais tarde, pomos a conversa em dia.

A minha mãe fez-nos um sorriso azedo e Margot conduziu-me à outra extremidade do salão.

– Deixas que ela te irrite – sussurrou Margot reprovadamente ao meu ouvido.

– E como é que tu consegues que ela *não* te irrite? – segredai de volta.

Margot encolheu os ombros.

– Não ganho nada com isso. E acho divertido. Para mim, é assim uma espécie de jogo. Quanto mais cabra ela for, mais amorosa eu serei. Hei de vergá-la, mais cedo ou mais tarde. Um dia, ela irá deixar-me as ações que detém no Calloway Group e nesse dia eu saberei que venci. Vou obrigar aquela bruxa a amar-me.

– A Eugenia não ama ninguém... Exceto a si mesma e ao Teddy.

– Pois, mas como é que tu achas que o Teddy conseguiu essa proeza, ao certo? – inquiriu Margot, tirando dois copos de vinho da bandeja que um empregado transportava e oferecendo-me um.

– O Teddy é uma avezinha ferida, destroçada – expliquei, e aceitei o copo. – Como tal, a Eugenia sente necessidade de consertá-lo.

– Interessante – comentou Margot, e consegui ver as rodas dentadas dentro da sua cabeça a rodar ao mesmo tempo que ela formulava um qualquer plano. – Nunca me ocorreu que a fraqueza pudesse ser entendida como desejável. Posso usar isso.

Dei um gole no meu vinho e olhei de relance para a minha noiva. Margot era um mosaico de traços fortes e distintivos, todos lutando uns com os outros por predominância: uma testa alta, um queixo pronunciado, maçãs do rosto altas. Se tivesse apenas um destes traços, talvez fosse deslumbrante, mas todos juntos acabavam por se anular uns aos outros, tornando-a em assaz comum, nem bonita, nem feia.

As raparigas comuns sempre me interessaram mais do que as raparigas bonitas. As raparigas bonitas nunca têm de se esforçar por nada, mas as comuns vêem-se obrigadas a dar o máximo de si mesmas. Têm de fazer as pessoas reparar nelas, têm de cultivar o humor, a esperteza ou a audácia. As bonitas limitam-se a sorrir para nós e são tão simpáticas e afáveis o tempo todo que a vontade que dá é chamá-las à parte e contar-lhes uma verdade cruel para lhes tirar aquele sorriso estúpido dos lábios, ou então são tão antipáticas e difíceis de contentar que queremos sacudi-las um pouco e recordar-lhes que se partem com a mesma facilidade que os restantes mortais.

Margot era inteligente. Havia sido nesse aspeto que se esforçara. E não apenas intelectualmente inteligente, embora o fosse – estava no primeiro ano da faculdade de Medicina, na Universidade de Columbia –, mas também sabida, esperta. Era uma mulher ambiciosa e astuciosa, e manipuladora como poucas. Em abono da verdade, tinha noventa e nove por cento de certeza que Margot era uma sociopata, ou, no mínimo, exibia fortes tendências sociopatas. Era uma das coisas que mais me ligava a ela. Afinal de contas, eu tinha sido educado por um sociopata (o meu pai) e por uma narcisista (a minha mãe), logo, a maneira de ser de Margot era-me familiar.

Possuir fortes tendências sociopatas era praticamente um pré-requisito para se existir no meu mundo. As pessoas «normais» (também conhecidas como maricas fracotes) costumavam alegar que ter consciência era o que nos tornava humanos, mas, no meu entender, a consciência era uma vozinha aguda e viperina que eu adorava silenciar. Não era regendo-me pela consciência que iria gerir uma empresa imobiliária de sucesso que valia

bilhões de dólares, que tomaria decisões difíceis para cortar custos, que despediria Monica, a mãe solteira com três filhos em casa, ou Jerry, o sujeito cuja mulher tinha cancro em estágio três, quando isso era o melhor para a empresa. Um sociopata era capaz de sorrir e de perguntar a Monica pelos filhos na sala do café, de acenar compassivamente com a cabeça a Jerry quando este quase perdesse a compostura ao contar que o médico dissera que o último tratamento não fizera efeito, e depois dar meia volta e dizer a Monica e a Jerry que fossem despejar os seus gabinetes e se pusessem a milhas porque não andavam a cumprir os seus objetivos de vendas e aquilo era uma empresa rentável e não a Santa Casa da Misericórdia. Um sociopata não perdia o sono a pensar no modo como Monica ia pagar as contas do dentista dos filhos naquele mês ou como é que Jerry e a mulher se iriam safar sem seguro de saúde.

A verdade pura e dura era que a consciência só servia como atraso de vida. As pessoas normais podiam dar-se ao luxo de ter sensibilidade e vulnerabilidade e *sentimentos* e de viver as suas vidas bonitas, mas jamais passariam disso mesmo: de normais, de medianas. E eu nunca quisera ser mediano. Era um Calloway. Não nascera e fora criado para ser mediano. Isso não me cativava minimamente. A mediania fora-me arrancada, exterminada à pancada, e era melhor, mais forte, por isso.

Margot agarrou-me no braço. Olhava fixamente para a outra ponta do salão, na direção da entrada.

– O grande pedaço de merda – comentou ela. – Que jogo te parece que ele está a jogar agora?

Virei-me e segui o olhar dela. Para meu espanto, deparei com Teddy. Não só chegara praticamente a horas, como exibia um fato, tinha o cabelo cortado e bem penteado e, pelo braço, trazia uma rapariga de aspeto respeitável: uma beldade morena com um vestido de cetim simples e um decote em coração. Nada de mau gosto ou berrante. Nada que chamasse demasiado a atenção. Tão diferente das flausinas loiras de pernas altas e descobertas e vestidos demasiado justos e decotados que Teddy normalmente trazia a estas funções familiares.

– Qual será o objetivo dele ao chegar a horas com uma puritana entediante a reboque? – inquiriu Margot, observando Teddy e o seu par serem cumprimentados alegremente pela minha mãe.

Emborquei o resto do vinho que tinha no copo.

– Não faço ideia, mas tenciono descobrir – respondi, e entreguei o meu copo vazio a Margot.

Encaminhei-me para a entrada.

O meu maior medo era de que Teddy um dia se fartasse de ser um rebelde e tentasse provar o seu valor ao nosso pai. Que, de algum modo, conseguisse vir a gerir o Calloway Group, embora tivesse sido eu quem, ao longo de anos e anos, se tivesse esforçado e vertido suor e lágrimas para lá chegar. Havia sido eu quem terminara o liceu, na Knollwood Augustus Prep, com a melhor nota. Fora eu quem se licenciara *summa cum laude* na Universidade de Columbia. Eu, uma vez mais, quem passara todos os verões a estagiar no Calloway Group, dando o litro como um zé-ninguém na sala da correspondência, porque o meu pai acreditava que se devia começar do zero, de baixo para cima. Trabalhara sem descanso todos estes anos, ao passo que Teddy vivera a boa vida e fizera o que bem lhe apetecera. Conseguira ser expulso de três colégios internos. Os meus pais haviam tido de «comprar» a sua entrada em Princeton, e, entretanto, ele passava mais tempo lá a beber e a divertir-se com os amigos do que na sala de aulas. Para ele, tudo não passava de uma anedota, e, por mim, tudo bem. Não queria que ele se esforçasse, porque, se o fizesse, sendo o preferido da minha mãe, teria uma vantagem enorme, e o meu pai iria obrigar-nos a lutar um contra o outro, até que um de nós cedesse. Não tinha ilusões: o meu pai só me beneficiava porque eu me esforçava mais.

Encontrei o meu irmão junto à mesa dos *hors d'oeuvres* a encher um pequeno prato.

– Vai com calma – disse. – Eu sei que, habitualmente, quando chegas, já só encontras a sobremesa, mas o jantar tem sete pratos, por isso, não é preciso açambarcares.

– Vai à merda – ripostou Teddy.

– Quem é a moça? – indaguei.

Teddy espreitou por cima do ombro e enfiou um folhado de salmão na boca.

– O nome dela é Grace – disse ele.

Olhei para ela, ainda junto à entrada, absorta à conversa com a minha mãe. Grace. O nome condizia com ela. Era um nome afável e antiquado e ela parecia uma beldade do velho mundo, reservada e modesta. Onde é que o meu irmão fora arranjar uma pessoa assim?

– Não parece nada o teu tipo – fiz notar.

– O quê? Loura? De pernas altas? Fácil?

– Precisamente.

– Por isso mesmo – explicou Teddy, e comeu mais um folhado de salmão, falando com a boca cheia. – Não seria tão gratificante se não representasse um desafio.

– Não me digas que continuas a jogar aquele jogo palerma?

Estava irritado, mas também aliviado por saber que a presença de Teddy ali, a sua pontualidade, o seu fato bem engomado, fazia parte de um jogo ridículo que não tinha nada que ver comigo ou com o Calloway Group.

– Chama-se Jogo das Conquistas – elucidou-me Teddy –, e estou prestes a conseguir quatro em linha.

– Não me digas? E em que categoria é que a Grace se insere?

– Nesta ronda, o objetivo era raparigas citadinas – disse Teddy. – Conheci a Grace na biblioteca pública.

– E que raio estavas tu a fazer numa biblioteca?

– Perdi-me – respondeu Teddy.

– De cada vez que me convenço de que é impossível desceres mais baixo, tu provas-me o contrário e atinges níveis inimagináveis.

Teddy deu-me uma palmada nas costas e sorriu.

– Bem, estamos sempre a tentar superar-nos a nós mesmos, não é? Os Calloways são assim mesmo. Anda daí, eu apresento-ta. Ela está convencida de que sou um verdadeiro «coração de ouro», já estás a ver. Amo a minha família, somos todos muito chegados, blá-blá-blá. Podes desempenhar o papel de irmão mais velho e protetor e ajudar-me a vender esta imagem.

– Já estou cansado só de te ouvir – reclamei.

Tendo-me inteirado do objetivo do meu irmão, a conversa dele entediava-me. Não tinha qualquer interesse em entrar nos seus joguinhos ridículos.

– E se ganhares alguma coisa com isso? – propôs Teddy.

– Que tinhas em mente, ao certo?

Teddy franziu o sobrolho como se estivesse a pensar.

– No próximo verão, quando o pai me pedir para estagiar lá no escritório, eu dou-lhe uma nega. Há um amigo meu que tem um barco ancorado ao largo do Uruguai. Serão, pelo menos, dois meses longe de tudo e de todos.

– Deixa-me ver se entendi bem, Teddy. O favor que tu achas que me

fazes é recusar um emprego de merda a uma secretária para passares o verão de papo para o ar num iate?

– Ou então – disse Teddy –, posso chamar o pai à parte agora mesmo e ter uma conversa sincera com ele. Digo-lhe... Sei lá... Que ultimamente tenho pensado a sério na vida e que estou muito arrependido da maneira como sempre me comportei. Que vou começar a levar os estudos a sério e que gostaria muito de começar a aprender como funciona o negócio.

A maior parte do tempo, Teddy parecia ser um completo idiota, mas depois havia momentos como este em que eu percebia que tudo não passava de uma fachada e que, por baixo de toda aquela estupidez e preguiça fingidas, ele era realmente um de nós: esperto, perspicaz e implacável. Era um Calloway dos quatro costados.

– Pronto – cedi. – Apresenta-me lá a rapariga.

Teddy colocou o braço por cima dos meus ombros e conduziu-me até Grace e Eugénia.

– Grace – disse Teddy –, quero apresentar-te o Alistair, o meu irmão. Estudou na Universidade da Columbia e trabalha no Calloway Group com o nosso pai.

Grace olhou para mim. Fiquei com a sensação de já a conhecer, mas não me ocorria de onde pudesse ser. Os seus olhos eram cinzentos, com remoinhos de um amarelo pálido. De onde estivera, na companhia de Margot, não tinha conseguido perceber de que cor eram. De perto, contudo, achei-os deslumbrantes.

– Muito prazer – afirmou Grace. – O Teddy não se cansa de falar de si.

Demorei um momento a dar-me conta de que ela me estendera a mão.

– Ah, sim – respondi, e apertei-lhe a mão, tão diferente das mãos grossas e carnudas que estava habituado a apertar o dia inteiro no escritório. Na minha palma, a mão dela era pequena e quente e frágil, quebradiça.

– Alistair, apresento-te Grace Fairchild – continuou Teddy. – A Grace é pintora.

– Não profissionalmente, atenção – realçou ela. – Nunca vendi nenhum dos meus quadros.

– Muitos artistas conceituados não foram valorizados no início – comentou Teddy. – Van Gogh, por exemplo, só vendeu dois quadros ao longo da vida, e agora a sua obra vale milhões. É extraordinário o tempo

que as pessoas demoram a reconhecer o valor de uma coisa que está mesmo à frente dos seus olhos.

Fez deslizar o braço em redor da cintura de Grace. Perturbou-me testemunhar a facilidade com que ele lhe tocava, como se ela já lhe pertencesse.

– Pois, mas há muitas coisas que o Teddy acha extraordinárias – referi. – Um fato. Uma barba bem-feita. Ser pontual. Em abono da verdade, suponho que todos nós achámos isso extraordinário.

Teddy fulminou-me com o olhar.

Ah, merda. O irmão mais velho e protetor. Já me tinha esquecido.

– Dançamos? – convidei Grace.

Grace pareceu ter sido apanhada desprevenida, mas recompôs-se num ápice.

– Sim – respondeu. – Claro.

Afastou-se de Teddy e deu-me novamente a mão. O meu estômago contraiu-se.

Conduzi-a à pista de dança, passando por vários outros casais, de modo que já não conseguíssemos ver Teddy ou a minha mãe.

Grace inclinou a cabeça na direção do meu ouvido e murmurou:

– Bem, vou revelar-lhe um segredo, porque, de qualquer maneira, não tardaria a descobrir... Mas é que, na verdade, eu não sei dançar.

Sorri e aproximei os lábios da orelha dela.

– O seu segredo fica em boas mãos comigo. Não se preocupe, apoie-se em mim e eu conduzo-a. Ninguém vai perceber.

Coloquei então uma das mãos ao fundo das costas dela e segurei-lhe a palma na outra mão. Puxei-a para mim e começámos a dançar.

– Não é assim tão mau – disse Grace, ao fim de um momento. – Obrigada por me ajudar a fazer boa figura.

– Ora essa, não é nada difícil – respondi.

As faces de Grace ruborizaram-se e ela riu-se para tentar disfarçar que ficara embaraçada. Reparei no pendente do fio que trazia ao pescoço – um caranguejo – e interroguei-me se tinha sido Teddy quem lho oferecera.

– O Teddy contou-me que se conheceram na biblioteca – comentei. – Que azar o seu, deparar com o meu irmão por lá... Logo ele, que nem costuma frequentar bibliotecas.

Grace riu-se.

– Trabalho na biblioteca em *part-time*, por isso, passo lá bastante tempo. A pintura é mais um passatempo do que qualquer outra coisa. Faço-o apenas porque é uma paixão. Não conto que venha um dia a ser o meu ganha-pão.

– Então, se não pretende enveredar pela pintura, que se vê a fazer? – perguntei.

– Para lhe dizer a verdade, continuo a tentar decidir o que quero ser quando for crescida – disse Grace. – E o Alistair? Sempre soube que queria seguir as pegadas do seu pai e tomar conta do negócio de família?

– Sempre soube que o faria – respondi, e encolhi os ombros.

– Não é a mesma coisa – realçou Grace.

Olhou para mim, um olhar profundo, e havia qualquer coisa (perturbadora? Reconfortante?) no seu olhar. Olhou para mim como se já me conhecesse. Inclusivamente as partes que não tencionara mostrar-lhe, as partes que nunca mostrava a ninguém.

– É exatamente como ele o descreveu – afirmou Grace.

– O Teddy? – indaguei.

– Não. Jake Griffin – respondeu Grace.

Aquele nome teve um efeito surpreendente em mim; foi como um choque elétrico. Estaquei. Era um nome que não ouvia há muitos anos.

– Peço desculpa – disse Grace. – Se calhar, devia ter ficado calada. Ainda pensei em não dizer nada, mas pareceu-me estranho não o mencionar.

Dei-me conta de que estava imóvel e comecei a dançar de novo, constrangidamente, com Grace nos meus braços.

– Como é que conheceu Jake? – quis saber.

– Namorávamos quando aquilo aconteceu – revelou Grace. – Antes disso, crescemos juntos.

– Ah, é *essa* Grace! – exclamei. Fez-se luz, então. Percebi por que razão ficara com a sensação de conhecê-la. Nunca a conhecera pessoalmente, mas já a tinha visto.

– Ele falava de mim? – inquireu Grace.

Fiz que sim com a cabeça.

– Tinha uma fotografia sua no dormitório, em cima da secretária.

Recordava-me nitidamente daquela fotografia, embora se tivessem passado quase seis anos. Grace estava sentada nos degraus de um alpendre, vestindo um par de calções de ganga desfiados e ténis. Era verão e Grace

tinha um gelado meio comido numa das mãos; o resto estava lambuzado no nariz e queixo, e ela, inclinada para a frente, ria-se à gargalhada. Lembrava-me de ter pegado na moldura certa vez e de me ter interrogado sobre o que a fizera rir-se daquela maneira.

– A Grace tinha um gelado de cone na mão, mas havia mais gelado na sua cara do que no cone – descrevi.

– E não é assim que deve ser? – indagou ela.

Queria questioná-la acerca da fotografia, de quem a tirara e de que se ria ela na altura, mas quando levantei os olhos, vi Teddy atrás dela.

– Posso interromper? – perguntou ele.

Grace olhou para mim com aqueles olhos grandes e inocentes.

– Sim – respondeu Grace. – Com certeza.

Apercebi-me de que não afastara o braço da sua lombar, nem lhe largara a mão, embora tivéssemos parado de dançar. Relutantemente, larguei-a.

Dirigi-me a um dos vários empregados que deambulavam por entre os convidados com uma bandeja carregada de copos de vinho e tirei um, virando as costas à pista de dança; não queria vê-los juntos.

Margot foi ter comigo.

– Então, algum motivo de preocupação? – inquiriu Margot.

– O quê?

– O Teddy e a Virgem Maria que está com ele – elucidou ela.

– Ah. Não. É só mais um dos seus joguinhos.

– Típico – comentou Margot.

– Tão estranho... – comentei.

– O quê?

– A rapariga... Grace. Era namorada do Jake Griffin.

Olhei de relance para Margot. Queria avaliar a sua reação.

– Quem? – perguntou ela, franzindo o sobrolho. Não se recordava minimamente.

Era estranho que um nome que me assombrara ao longo dos últimos seis anos não tivesse qualquer efeito em Margot. Havia alturas em que estávamos deitados ao lado um do outro, às escuras, e sentia vontade de dizer aquele nome. Queria saber se ela pensava também no sucedido. Se a perturbava como me perturbava a mim. Se não estava sozinho.

Julgava saber o que Margot diria se lhe falasse das alturas em que não era capaz de abafar aquela vozinha guinchante na minha cabeça; naquele

momento, constatando a reação indiferente que ela tivera ao nome de Jake, percebi que estava certo.

Permitiste que isso te afetasse novamente, diria ela, reprovadamente.

Como é que consegues que isso não te afete a ti?, perguntaria eu. Porque ela sabia. Estivera lá naquela noite. Como podes não sentir, ao menos, uma réstia de culpa?

Porque não ganho nada com isso, alegaria ela.

E tinha razão.

Era uma fraqueza minha sentir culpa ou remorso. Era uma fraqueza minha pensar sequer no que acontecera.

– Jake Griffin, de Knollwood Prep – expliquei, por fim, e encolhi os ombros para fingir indiferença. – O rapaz que se suicidou.

– Ah, o Jake – disse Margot, então. – O mundo é uma aldeia, está visto.

– Pois – respondi, porque era verdade.

Virei-me e olhei para a pista de dança. Vi-os no ali: Teddy com Grace nos braços.

Na maior parte do tempo, o mundo parecia-me grande, ilimitado, cheio de possibilidades. O mundo inteiro estava à nossa disposição, à espera de ser conquistado, e Margot e eu estávamos preparados para tomá-lo. Não havia nada a temer. Nada nos impedia de fazê-lo. Nada poderia tocar-nos; não o permitiríamos.

Naquela noite, porém, pela primeira vez em muito tempo, o mundo pareceu-me pequeno, e eu senti-me igualmente pequeno dentro dele.

Onze

CHARLIE CALLOWAY

2017

Na aula de Trigonometria, manuseava o caranguejo de plástico que pendia do fio que pusera ao pescoço e contemplava as árvores, que começavam a adquirir os tons vermelhos do outono, do outro lado da janela. Trigonometria era uma disciplina do último ano, mas eu sempre tivera jeito para os números, para equações complicadas, para cálculos elaborados.

Isto não passa disso mesmo, disse a mim mesma. De uma equação complicada. O desaparecimento da minha mãe. A suposição (por parte de alguns) de que o meu pai a matara. Parecia intimidante quando a observávamos pela primeira vez: todas aquelas variáveis complexas. Contudo, se a decompuséssemos minuciosamente, no final, fazia sempre sentido: a equação conduzia sempre a uma resposta lógica.

– Quem é que sabe a resposta?

Dei um pulo e girei a cabeça na direção do quadro branco. Estava a arriscar muito ao sonhar acordada na aula da Trigonometria. O velho professor Franklin, ou «*sir*», como ele queria que o tratássemos, era um ex-militar. Estivera na guerra do Vietname. Acreditava na hierarquia, na reverência pela autoridade e em torturar e humilhar qualquer pobre alma que não fosse capaz de fazer cálculos mentais rápido o suficiente para chegar à resposta quando ele a exigia.

Trigonometria era a única aula em Knollwood Prep, ao contrário de Introdução à Fotografia, do professor Andrews, que não seguia o método Harkness. Era fácil perceber porquê: toda a gente sentada em círculo, professores e alunos em pé de igualdade, sendo os alunos encorajados a partilhar a sua opinião sempre que quisessem? Tal desafiava e ia contra tudo

aquilo em o que o professor Franklin acreditava. Assim sendo, as nossas mesas estavam dispostas em filas ordenadas, de frente para o quadro branco a partir de onde ele nos dava a aula, gritando problemas e exigindo respostas certas quando ainda mal tínhamos tido tempo de pousar a caneta. Ali não havia como escapar com respostas criativas, porque só havia uma resposta e uma resposta apenas. Consequentemente, pus o braço no ar, se bem que nem tivesse ouvido que equação devíamos resolver, porque a maneira mais certa de não sermos chamados a responder era darmos a entender que sabíamos a resposta. O professor Franklin escolhia sempre como seu alvo o aluno que estivesse ainda febrilmente a tentar resolver a equação no seu caderno, ou o desgraçado que tivesse desviado o olhar de propósito, rezando aos deuses para que a sua hora não tivesse chegado ainda.

– Senhor Kensington – disse o professor Franklin. – O senhor parece ter a resposta certa.

A expressão de Al Kensington não era, nem de longe, a de quem tinha a resposta certa. Dir-se-ia, isso sim, que o professor Franklin acabara de lhe pontapear o cão.

– Ora, x é igual a trinta graus? – disse Al.

O professor Franklin fulminou-o com o olhar.

– *Sir!* – exclamou Al, corando até ao colarinho da camisa. – Desculpe, x é igual a trinta graus, *sir*?

O professor Franklin destapou o seu marcador.

– Venha até aqui e mostre-nos como é que chegou a essa conclusão.

Isso, é claro, queria dizer que Al não acertara na resposta. O professor Franklin acreditava piamente que se aprendia muito com os erros alheios, portanto, assegurava-se de que os tornava no mais públicos possível e de que os realçava, ponto por ponto.

Al pegou no seu caderno e levantou-se, cambaleando em direção ao quadro, morto de medo. Ao passar junto à mesa de Auden Stein, o único aluno do terceiro ano além de mim, este levou o punho fechado à boca e tossicou discretamente para ele.

– Quarenta e cinco – tossiu.

Al retesou-se, parou por um segundo e prosseguiu o seu caminho.

– Que foi isso, senhor Stein? – perguntou o professor Franklin.

– Que foi o quê, *sir*? – perguntou Auden de volta, inocentemente.

– Fiquei com a ideia de que estava a tentar passar um número ao senhor Kensington quando ele passou pela sua mesa – explicou o professor Franklin.

Atrás dele, no quadro, Al afadigava-se a rabiscar, tentando perceber onde errara e chegar ao valor de quarenta e cinco antes que o professor se virasse para ele. Se o professor Franklin tivesse estado a prestar atenção a Al, teria visto que este resolvia a equação do fim para o princípio, começando pela resposta e recuando sucessivamente.

– Não, *sir* – afirmou Auden.

– Eu levo a batota muito a sério – referiu o professor Franklin. – Tenho a certeza de que conhece a política de tolerância zero da escola, senhor Stein.

– Conheço, sim, *sir* – respondeu Auden.

– Então, que foi aquilo?

– Que foi o quê, *sir*?

Por esta altura, a veia que pulsava na testa do professor Franklin parecia prestes a rebentar.

– Que disse ao senhor Kensington quando ele passou ao seu lado?

– Não disse nada, *sir* – teimou Auden. – Tossi. A minha mãe sempre me disse que tenho uma maneira de tossir muito curiosa, que parece mesmo que estou a dizer...

– Quarenta e cinco! – gritou Al, pulando e erguendo os braços no ar em sinal de triunfo. – Quarenta e cinco. A resposta é quarenta e cinco. – Apontou para o seu esforço, no quadro.

O professor Franklin suspirou lenta e exasperadamente.

– Mais um momento de aprendizagem desperdiçado. Pode voltar ao seu lugar, senhor Kensington.

– Mas eu posso explicar – começou Al. – Já entendi. Temos de...

– Senhor Kensington, volte para o seu lugar! – ordenou o professor Franklin, perdendo a paciência, e Al deu um pulo atrás como se tivesse sido esbofeteado.

Se Auden fosse outro aluno qualquer, o professor Franklin tê-lo-ia chamado ao quadro e dado uma equação impossível para ele resolver à nossa frente. Mas Auden era demasiado inteligente, uma espécie de prodígio da matemática, e o professor Franklin não queria proporcionar-lhe um palco no qual ele apenas iria brilhar mais.

– Acha que isto tem piada, senhor Stein?

Olhei para a parte da frente da sala, para o professor Franklin, que contemplava a fotografia que desde sempre estivera na extremidade da sua secretária como se nunca na vida a tivesse visto. Demorei um momento a perceber que se tratava *daquela* fotografia, a que um dos candidatos ao A tivera de roubar para entrar no clube. A última vez que vira a fotografia fora no Rebordo, há uma semana. Que estava então a fazer ali? Teria sido devolvida pelo A? Mas, se assim era, de que servira roubá-la?

– Eu perguntei se acha que isto tem graça, senhor Stein? – repetiu o professor Franklin, num tom de fúria mal contida.

Toda a gente se virou para olhar para Auden.

– Se acho graça ao quê, *sir*? – perguntou Auden.

– À destruição ou mutilação da minha propriedade individual – disse o professor Franklin. – É a este tipo de coisa que acha graça?

Auden franziu as sobrancelhas.

– Lamento, *sir*, mas não sei do que está a falar.

O professor Franklin virou a fotografia de modo que ele pudesse vê-la. De início, não reparei em nada de diferente em relação à imagem; lá estava o professor Franklin de farda, no Oval Office, e lá estava o presidente Nixon, a apertar-lhe a mão. Inclinei-me para a frente para conseguir ver melhor e caiu-me o queixo.

Alguém, recorrendo a um programa de manipulação de imagem, colara o rosto sorridente de Auden ao corpo do professor Franklin. A justaposição das duas coisas – o rosto sorridente e apatetado de Auden encimando o corpo rígido e fardado do professor Franklin – era tão ridícula que tive de me morder para não rir. Na cadeira ao meu lado, Sheila Andrews começava a perder essa batalha e esforçava-se por dominar as risadinhas com um ataque de tosse.

– *Sir*, eu não... – disse Auden.

– Para o gabinete do diretor, imediatamente, senhor Stein – ordenou o professor Franklin, de maxilar cerrado, quase sem mexer os lábios.

– *Sir*, não fui eu – afirmou Auden. – Quero dizer, sou eu... na fotografia. Mas não fui eu que fiz isso.

– Senhor Stein! – berrou o professor Franklin, e toda a gente ficou em silêncio.

Durante um longo momento, Auden manteve-se sentado, de olhos fixos na nuca de Dalton, como que o desafiando a virar-se e a olhá-lo nos olhos.

Dalton estava sentado na primeira fila, e olhava em frente como se nada de interessante estivesse a acontecer. Por fim, Auden juntou as suas coisas e saiu da sala, fechando a porta com tanta força que a parede estremeceu.

O professor Franklin seguiu-o sem mais uma palavra. Assim que saíram, Sheila desmoronou em cima da mesa, rindo a bandeiras despregadas.

– Foi... espe... tacular – disse-me ela.

Quase não consegui ouvi-la por cima do barulho que se instalara: cadeiras que eram arrastadas ou rodadas, gente a falar, uma excitação totalmente alheia à aula de Trigonometria do professor Franklin.

– Há quanto tempo é que tu achas que o Auden andava a planear aquela? – perguntou Sheila. – Caramba, foi de génio. Quem me dera ter a coragem dele.

Queria dizer a Sheila que ela nem sabia da missa a metade, que apenas apanhara uma parte da piada e que apenas catorze alunos em toda a escola compreenderiam a piada completa: Auden tinha sido tramado.

Olhei de relance para Dalton, que conversava com Crosby. Este tinha um sorriso escarninho nos lábios. Tentei perceber o que diziam, mas estavam ambos longe de mais.

O A fizera a sua primeira manobra do ano, uma partida que simultaneamente humilhara o professor menos apreciado da escola e repreendera o único iniciado que não cumprira a primeira tarefa, uma partida que toda a gente no *campus*, desde os alunos ao corpo docente, iria comentar durante semanas, e eu não fizera parte dela, nem tão-pouco soubera que ia acontecer. Porquê? Porque havia sido deixada de fora? Teria algum dos iniciados estado envolvido? Afinal de contas, tínhamos sido nós – ou um de nós, pelo menos – quem fizera o trabalhinho sujo. Não deveríamos, no mínimo, ter sido informados do objetivo de cada objeto roubado?

Arranquei uma folha de papel do caderno, amachuquei-a até formar uma bola e lancei-a à nuca de Dalton. Passou-lhe a um quilómetro de distância. Chamei-o, mas a barulheira era tanta que ele não me ouviu. Cruzei os braços, deixei-me deslizar na cadeira e pus-me a olhar fixamente na direção de Dalton e Crosby, desejando que se virassem para mim e me dessem alguma pista acerca do que se estava a passar, mas não tive sorte.

Só abandonámos a sala quando a campainha tocou. Ninguém se atreveu a sair, não fosse dar-se o caso de o professor Franklin voltar e encontrar a sala

meio vazia ou totalmente vazia ainda em período de aula. Não regressou, porém. Eu devia ter percebido então que a minha irritação para com Dalton e Crosby e os restantes membros seniores do A era a mais pequena das minhas ralações, que uma tempestade de maiores dimensões estava para rebentar. Mas não entendi. Passei o resto da aula a olhar para a secretária do professor Franklin, para o lugar onde a fotografia estivera. Não pude deixar de me interrogar há quanto tempo a fotografia ali estava à espera que o professor reparasse nela. Estaria ali desde a manhã a seguir à reunião do A, como uma bomba à espera de explodir?

*

– Truz, truz.

Abri os olhos e rodei a cabeça na direção da porta aberta do meu quarto. Vi Leo na soleira, encostado à moldura da porta. Tinha o equipamento de futebol vestido, o saco do ginásio ao ombro, o cabelo louro transpirado e as faces vermelhas e afogueadas.

Acordei meio grogue. Estava a estudar e adormecera. Tinha o portátil em cima da barriga, o monitor a tremeluzir e o cursor no meio de uma frase do ensaio no qual era suposto desconstruirmos o poema «Daddy» de Sylvia Plath. Tinha a *drive* USB que Dalton me dera com o conjunto de ensaios literários da aula da professora Morrison. Havia vários acerca da coletânea *Ariel*, e lê-los inspirara-me e estava a tornar a redação do meu próprio ensaio em muito mais simples.

– Que horas são? – perguntei, numa voz enrouquecida. Lá fora, o céu ganhara um tom rosado.

– Quase cinco e meia – disse Leo, ao mesmo tempo que pousava o saco aos pés da minha cama e se sentava.

Cutuquei-o com um dos pés descalços.

– Não te sentes aí – pedi. – Estás todo transpirado.

A sua reação a isto foi trepar pela cama acima e estender-se ao meu lado.

– Este cheiro que sinto é a alfazema? – indagou ele, tendo cheirado a minha almofada. – Lençóis lavados?

– Já não estão, graças a ti – comentei, e tentei empurrá-lo para fora da cama.

– Estou tão casado – queixou-se Leo. Bocejou e deitou novamente a cabeça na minha almofada. – O treinador pôs-nos a correr uns contra os

outros, percursos curtos, para um lado e para o outro. Era capaz de dormir vários dias seguidos.

Virei a cabeça e olhei para ele, a açambarcar a outra ponta da minha almofada. Tinha os olhos fechados e eu conseguia ver-lhe as pestanas compridas e femininas, batendo contra as maçãs do rosto ao mesmo tempo que ele respirava.

– Ei, não te ponhas demasiado à vontade – reclamei, e dei-lhe um pequeno encontrão.

Pestanejou e abriu os olhos, cor de turquesa. Sorriu, sentou-se e passou a mão pelo cabelo louro, um traço característico dos Calloways.

– Soubeste o que aconteceu ao Auden? – perguntou Leo.

– Estava lá quando aconteceu – realcei. – Temos Trigonometria juntos.

– Não... Eu sei disso – assentiu Leo. – Em relação ao que encontraram no quarto dele?

– Não. Que foi?

– O que restava da fotografia original do professor Franklin – disse Leo. – Também lhe revistaram o cacifo, no ginásio. Encontraram um conjunto de chaves pertencentes ao porteiro, as que desapareceram na semana passada.

As chaves do porteiro era outro dos objetos que faziam parte do ritual de iniciação. Uma estranha sensação de mau presságio tomou conta de mim.

– A escola vai acusá-lo de roubo, invasão de propriedade, destruição de objetos pessoais e assédio a um professor – revelou Leo. – Diz-se que vai ser suspenso. Terá de enfrentar o Conselho de Ética no final da semana.

Sentei-me.

– Tu sabias disto? – inquiri. As chaves do porteiro eram, afinal de contas, o item que Leo tivera de roubar. – Sabias que o A estava a planear isto?

– Não. Não me disseram nada – respondeu Leo.

– Então, estão... Quê... A castigar o Auden por não ter aparecido? Por não ter querido jogar o Jogo? – indaguei.

Leo encolheu os ombros.

– É o que parece.

– Não sabia que isso era possível, que fazia parte das regras – admiti.

Sabia as consequências por delatar o A, por revelar os seus segredos, mas nunca suspeitara de que seríamos castigados por não conseguirmos cumprir uma tarefa ou por desistirmos do Jogo. Não sabia sequer se Auden tinha de

facto desistido de jogar ou se não conseguira obter a tempo o objeto que lhe fora destinado. Talvez para o A uma coisa e outra fossem a mesma.

De início, a fotografia na sala do professor Franklin parecera-me uma partida inofensiva. Auden receberia, quando muito, uns quantos castigos. Mas as chaves do porteiro colocadas no cacifo dele? Uma suspensão? O A estava a brincar com o futuro de Auden, com o seu percurso académico. E com que objetivo? Era muito estranho, até porque ainda na semana passada, Auden tinha jogado póquer com Dalton e Crosby e Leo e eu. Era um de nós.

– É como se estivessem a enviar uma mensagem – opinou Leo. – Não apenas ao Auden, mas a nós todos.

– Sim – concordei. No que dizia respeito ao Jogo, não só não podíamos ser apanhados como não podíamos parar de jogar.

– Tendo em conta isto, estive a pensar que podíamos fazer uma aliança – propôs Leo. – Quando recebermos o próximo bilhete, eu ajudo-te com o teu e tu ajudas-me com o meu. Assim, duplicamos as nossas hipóteses. A primeira tarefa já foi bastante complicada e tenho a sensação de que não se vão tornar mais fáceis.

– Claro. Uma aliança parece-me bem.

Na verdade, até era um alívio não estar naquilo sozinha, sobretudo quando tinha o outro assunto que envolvia a minha mãe, e nesse estava sozinha. Não tinha grande escolha nessa frente. Não podia abrir-me com Leo, sabendo o que ele pensava da minha mãe. O meu primo não era propriamente um ouvido imparcial.

Encostei-me à cabeceira da cama e olhei para Leo, deitado na minha almofada com os olhos fechados. Devia ter adormecido.

Quando éramos miúdos, costumávamos dormir daquela maneira, lado a lado, todas as noites. Foi depois da zanga com o meu tio Hank, quando Seraphina e eu fomos viver com o tio Teddy e com a tia Grier durante uma temporada. Eu tinha o meu próprio quarto no segundo piso e era um quarto lindo. Os meus tios deixaram-me escolher a cor das paredes e encheram a estante com os meus livros preferidos. À noite, porém, ali deitada sozinha, às escuras, o quarto parecia-me infinito e eu sentia-me infinitamente sozinha. A casa fazia barulhos que eu nunca antes ouvira: na cave, a caldeira gemia e rugia; a água gorgolejava aterradoramente nos canos quando o autoclismo de uma das casas de banho era puxado. A escuridão assumia formas e eu ficava com a certeza de que havia qualquer coisa a

mover-se por trás do espelho da minha cómoda, e não conseguia dormir. Na maioria das noites, corria para o quarto de Leo, metia-me debaixo da sua colcha azul e aninhava-me contra as suas costas, encostando os dedos frios e descalços dos pés à pele quente das suas canelas, enterrando o nariz na nuca dele, longe da escuridão, longe dos barulhos que não reconhecia, longe das assustadoras fantasias da minha cabeça. E ele nunca me dizia que não, nunca me expulsava da sua cama. Era a única maneira de eu adormecer.

– Charlie? – chamou Leo, em voz baixa, e eu dei um pulo. Ele continuava com os olhos fechados. – Posso perguntar-te uma coisa?

– O que quiseres – respondi.

– Que achas do Royce Dalton?

Pareceu-me um pouco estranha a maneira como ele disse o nome de Dalton; talvez tenha sido por usar o seu nome completo, em vez de apenas o apelido.

– Porquê? – quis saber, desconfiada. Teria ouvido algum rumor? Teria Dalton questionado Leo acerca de mim ou dito ao meu primo que estava interessado em mim?

– Tem cuidado – alertou-me Leo. – Ele não é muito gentil no que diz respeito a raparigas. Quero dizer, é muito amável e simpático no início... Mas não no final. E há sempre um final.

– Pensei que vocês os dois eram amigos – referi.

– E somos – disse Leo. – Mas isso é só porque nunca namorámos.

– Ah – anuí.

– Mas olha que estou a falar a sério, Charlie – insistiu Leo, e abriu os olhos para olhar para mim. Estava a ser incrivelmente zeloso e sincero, e Leo raras vezes era assim zeloso. – Promete-me que não o namorarás.

– Não o namorarei – respondi. Era uma promessa fácil de fazer, porque 1) em dezassete anos nunca tivera um namorado, e era uma tradição que não tencionava quebrar tão cedo, e 2) só se fosse idiota é que namoraria um tipo mulherengo como Royce Dalton.

– Ótimo – concluiu Leo, e fechou novamente os olhos.

Ficámos assim durante bastante tempo, lado a lado na minha cama, até muito depois de me ter dado conta de que a respiração de Leo se aprofundara e que ele adormecera. Não tardei a seguir-lhe o exemplo.

Na aula de Literatura Americana da professora Morrison, na tarde do dia seguinte, estava a copiar do quadro as definições de «assonância» e «dissonância» quando Ren entrou na sala com um papel amarelo (uma autorização para sair da sala em período de aula) e o entregou à professora Morrison. Esta olhou para o papel e depois para mim.

– Charlie, é para ires ao gabinete do diretor Collins – informou ela.

Engoli em seco. Pensei de imediato na coleira de diamantes de *Nancy*. Ouvira dizer que o diretor Collins tivera um ataque ao descobrir que a sua querida cadela tinha sido assaltada. O jardineiro virara o quintal de pantanas para encontrar a coleira, crente de que esta se soltara e caíra algures. Teria o diretor descoberto, de algum modo, que a ladra fora eu? Teria eu inadvertidamente deixado para trás alguma pista incriminadora? Ou estaria Auden por trás disto? Teria decidido delatar todos os membros do A para se livrar de problemas?

– O diretor Collins mencionou qual é o assunto? – perguntei.

A professora Morrison observou o papel, mas a linha onde o motivo seria explicitado devia estar em branco, pois ela olhou expectantemente para Ren. Esta limitou-se a encolher os ombros.

– Eu apenas entrego as autorizações. O diretor Collins não me diz nada; protege a privacidade dos alunos como um *cão* protege o seu dono. – Lançou-me um olhar admoestador ao dizer isso, mas a professora Morrison nem reparou, porque já tinha devolvido a sua atenção ao quadro branco.

Merda.

Reuni as minhas coisas, coloquei a mochila ao ombro e segui Ren até ao corredor. Tentava mentalmente elaborar uma qualquer explicação plausível para o facto de ter surripiado a coleira de *Nancy* (de preferência uma explicação que não resultasse na minha expulsão), quando avistei Darcy encostada a uma série de cacifos a poucos metros de nós e a sorrir para mim.

– Estava só a meter-me contigo, Calloway – confessou Ren, e deu-me um encontrão, na brincadeira. – O diretor Collins foi a uma consulta no dentista.

– Viemos libertar-te – explicou Darcy. – Achámos que estava na hora de um pouco de D&D, descanso e descontração.

Darcy colocou o braço em redor dos meus ombros e, ao sairmos do edifício de Artes e Humanidades, conduziu-me para a esquerda, em direção

a Rosewood Hall.

Alguns alunos dos dois últimos anos de liceu tinham períodos de aulas livres. Por vezes, estavam obrigados a passá-los a estudar, e assentavam arraiais na biblioteca; outras vezes, durante um semestre, trabalhavam como assistentes de um professor. A terceira opção era ser mensageiro do gabinete do diretor da escola, o que implicava fazer recados para o próprio diretor, ou ficar sentado no sofá à porta do gabinete dele a estudar, caso fosse um dia de pouco movimento. Ser mensageiro era um cargo muito cobiçado em Knollwood, porque era como ter um lugar dentro da administração, literalmente. Ficava-se a saber coisas que mais ninguém sabia. Distribuía-se os papéis amarelos aos alunos sujeitos a ações disciplinares, ouviam-se fragmentos de conversas com conselheiros motivacionais que iam ao gabinete do diretor expor as suas preocupações e telefonemas entre o diretor e pais descontentes. Por vezes, era pedido ao mensageiro que fosse buscar o ficheiro pessoal de um aluno e o entregasse ao diretor, e é claro que não o devia espreitar, mas os olhos do mensageiro acabavam inevitavelmente por deparar com pormenores privados acerca da vida de um colega. Como o facto de Andrea Forrester ter sido hospitalizada por causa de um distúrbio alimentar, ou de Frankie Lewandowski ter tido uma condenação por conduzir sob o efeito de álcool. Informações que podiam ser úteis ou interessantes. Excelentes temas de mexerique no refeitório. Ser mensageiro era como estar no interior do coração pulsante da escola.

Naquele semestre, o mensageiro era Ren. Recordei-me então do maço de passes amarelos que vira na última reunião do A, todos com a assinatura do diretor Collins. Tinham sido desviados por um dos iniciados do clube. Concluí que estava finalmente a recolher alguma da diversão.

O dormitório estava vazio, uma vez que o dia ia a meio; os corredores pareciam abandonados. Segui Ren e Darcy até ao fundo do corredor do primeiro piso, onde ficavam os quartos dos finalistas. Ren fez deslizar o cartão no leitor e abriu a porta.

Deparei com uma enorme desarrumação. Por ser finalista, Ren não tinha de partilhar o quarto com ninguém. Havia uma cama de solteiro encostada à janela, com o edredão preto e os lençóis todos enrolados, e uma cadeira e uma secretária junto à porta. A secretária parecia servir apenas para acumular tralha: um secador de cabelo com o fio elétrico a soltar-se, uma

mala prateada *Miu Miu*, um manual de Estatística e Probabilidade, uma garrafa quase vazia de *Diet Pepsi*. E havia roupa por todo o lado: pendurada na cadeira e espalhada pelo chão, de modo que era impossível caminhar sem pisar qualquer coisa.

– Meu Deus, que desleixada – comentou Darcy, como se fosse uma qualidade cativante.

– Eu sei onde está tudo – alegou Ren. Inclinou-se e retirou uma espécie de caixa de cosmética de debaixo de uma pilha de *t-shirts*. Sentou-se na cama e abriu-a; no interior estava um moedor, três gramas de cânabis num saquinho e um cigarro eletrônico.

– Põe-te à vontade – disse-me Darcy. Fechou a porta do quarto e sentou-se na extremidade oposta da cama de Ren.

Encontrei um pufe soterrado sob uns quantos pares de calças, afastei-os e sentei-me. Darcy lançou-me o mais recente exemplar da *Cosmopolitan*, de uma pilha de revistas que estava em cima da mesa de cabeceira de Ren, e eu folhee-a distraidamente, passando os olhos pelas imagens brilhantes e pelos títulos: «Escolher o Lip Gloss Perfeito para o Seu Tom de Pele», «5 Truques para Experimentar na Cama que o Deixarão Boquiaberto», «As Tendências Essenciais Deste Outono».

Fazer amigas nunca tinha sido uma coisa fácil para mim. Não apreciava as coisas de que a maioria das raparigas gostava, não me interessava por maquilhagem nem tinha grande apreço por roupa ou por ir às compras; nunca tinha tido um namorado. Mais do que isso, manter amigas dava muito trabalho. Quando estava com rapazes como Leo, tudo era agradavelmente simples e transparente. Jogávamos às cartas ou jogos de vídeo, ou outra coisa qualquer, e, claro, os rapazes conseguiam ser um bocado superficiais e grosseiros, mas, pelo menos, quem lidava com eles sabia sempre em que pé estava. Com as raparigas, havia tanta coisa que se passava abaixo da superfície, tanto significado oculto que era preciso interpretar e analisar, tanto contexto a ter em conta, tantas regras tácitas a que era preciso prestar atenção. E havia *sentimentos* a tomar em conta. Drew e eu dávamo-nos bem porque dispensávamos todas essas tretas. Yael e Stevie faziam parte do pacote, mas mesmo com elas dava por mim muitas vezes a dizer ou a fazer o que não devia.

– Então, descobriste alguma coisa interessante? – perguntou Darcy a Ren.

– Se eu fosse a ti, não me preocupava – respondeu Ren, concentrando-se

em colocar a canábis triturada no cigarro eletrônico. – Ela teve um dezasseis no teste de Física, na semana passada, o que lhe fez descer a média naquela disciplina. E parece que ainda não fez Estatística e tu sabes que o professor Wong só dá dois vintes por semestre. Tu já o conseguiste, portanto tens uma vantagem enorme para o próximo semestre.

Não perguntei acerca de quem falavam, mas sabia o bastante para adivinhar. Era do conhecimento de todos que Darcy Flemming e Stella Ng estavam lado a lado na corrida para melhor aluno e orador de fim de curso daquele ano. Estaria Ren a usar os seus privilégios como mensageira para manter o desempenho académico de Stella Ng debaixo de olho e dar a Darcy informações confidenciais acerca da sua concorrente? Não deixou de me surpreender que falassem disso à minha frente. Queria isso dizer que me consideravam parte do grupo, que me confiavam os seus segredos?

Ren deu uma passa no seu cigarro eletrônico.

– Espero que sim – disse Darcy. – Este ano queria competir na final do troféu Maclay, mas com as coisas tão renhidas, a minha mãe está irredutível e mandou-me concentrar nos estudos e fazer uma pausa na equitação.

– Os cavalos são uma seca – declarou Ren, expirando.

– Montas? – perguntou-me Darcy.

– Eu não, mas a minha irmã monta – respondi. – Na verdade, foi por isso que decidi ir para a Reynolds. Têm estábulos e uma equipa de competição.

– A tua família tem uma casa em Martha's Vineyard, certo? – perguntou-me Ren.

– Sim. Em Edgartown – confirmei.

– Bem me parecia – disse Ren. – Fiquei com a ideia de neste verão te ter visto no L'Étoile.

– Sim, vamos lá muitas vezes.

– O meu pai tem uma casa em Chilmark, mesmo junto à água – disse Ren.

– Todos os anos, no Quatro de Julho, damos lá uma festa. Aparece por lá, um dia.

A festa anual dos Montgomerys, para comemorar o Quatro de Julho, era lendária. Em tendas brancas com muitos metros de comprimento montadas na propriedade, os convidados jantavam ostras e lavagantes. No ano anterior, a família Montgomery oferecera um espetáculo de fogo de artifício na praia que, segundo os rumores que corriam, teria custado mais de cem

mil dólares. Cedric Roth, o rapaz por quem na altura eu tinha uma paixoneta, estivera presente e contou-me tudo.

– Combinado – afirmei.

– Toma – disse Ren, passando-me o cigarro eletrónico.

A primeira vez que fumara tinha sido no verão daquele ano, com Cedric Roth, no quarto por cima da casa dos barcos, onde ele escondia o cachimbo dos olhares curiosos dos pais.

– Inspira – instruiu-me ele, e eu inclinei-me para a frente e coleí os lábios ao tubo de vidro.

Ele ensinou-me a inalar e a segurar o fumo nos pulmões. Senti um ardor na garganta, como se estivesse em chamas e, instintivamente, tossi, mas depois já não consegui parar de tossir. Não esquecera a maneira como o meu corpo relaxara e a minha mente se desenredara, e tudo à minha volta me pareceu diferente. Consegui sentir o ar na língua pela primeira vez na vida.

No quarto de Ren, quando dei uma passa no cigarro, o fumo fez-me comichão na garganta, mas consegui conter a tosse. Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

Não podíamos ter velas nos quartos, mas Ren tinha um aquecedor elétrico de cera depilatória ligado em cima da secretária. Tirou um quadrado de cera da respetiva embalagem e pô-lo no aquecedor.

– Maçã e canela – disse ela.

Contemplei as paredes do quarto, brancas e despidas. A maior parte das raparigas pendurava pósteres das suas bandas preferidas ou quadros de cortiça que depois cobria de fitas e de fotografias ou luzinhas decorativas; Ren, contudo, não se dera a esse trabalho.

Talvez, pensei, as coisas pudessem ser tão simples com Ren e Darcy e os outros membros do A como sempre tinham sido com Drew.

Dei outra passa no cigarro. Senti a canábis começar a fazer efeito ao mesmo tempo que olhava fixamente para as paredes brancas. Estas alongaram-se e ondularam perante os meus olhos, um mar de possibilidades.

*

As audiências disciplinares levadas a cabo pela Comissão de Ética eram sempre abertas ao público. Decorriam no Bleeker Hall, o maior dos

anfiteatros que Knollwood Prep tinha e uma sala habitualmente reservada a oradores importantes ou a grandes conferências, por ser a única sala, além do auditório, que podia acomodar a escola em peso, se toda a gente decidisse comparecer. De uma forma geral, as únicas pessoas que assistiam às audiências eram os próprios alunos que formavam a Comissão de Ética, o aluno que enfrentava o castigo e o diretor Collins. No entanto, em resultado da notoriedade do delito cometido por Auden Stein, dezenas de alunos, e até alguns professores, tinham marcado presença.

Crosby, Dalton e Ren estavam sentados atrás de Drew e de mim. Crosby não parava de picar Drew na nuca com o bico do lápis e Drew não parava de dar risadinhas, de fazer um ar aborrecido e de enxotá-lo. Eu tinha o pé apoiado nas costas do assento à minha frente. Sentia comichão no tornozelo e esforçava-me por não o coçar. Na noite anterior, pusera mais pomada antibiótica sobre a marca da dentada de *Nancy* e um penso rápido novo. Descolei a ponta do penso para espreitar a ferida. Tinha crosta, o que indicava que iria ficar com uma cicatriz.

– Uns quantos locais vão fazer uma fogueira, amanhã – ouvi Ren dizer a Dalton. Falava dos alunos do liceu público local, de Falls Church, que, por vezes, organizavam festas na floresta que havia entre a cidade e a nossa escola. Os alunos do terceiro e quarto anos de Knollwood tinham por hábito ir, porque havia sempre muita cerveja e canábis. – Tu vais? – perguntou Ren a Dalton.

Olhei por cima do ombro e vi que Ren mordida as peles dos dedos. Tinha um ar entediado, como se alguém a tivesse arrastado até ali contra a sua vontade.

– Talvez – respondeu Dalton. – É capaz de ser divertido.

– Duvido – afirmou Ren. – Que tenho de fazer para me divertir um pouco por aqui, cortar os pulsos?

– Credo, Ren – comentou Dalton.

– Convenhamos... Tinham mesmo de construir esta escola no meio de nenhures? Aqui nunca acontece nada de interessante.

Crosby inclinou-se para a frente para cutucar novamente a nuca de Drew e Ren afastou-lhe a mão com uma palmada.

– Para com isso – ordenou ela. – Não temos cinco anos, nem somos macacos.

No palco, Stevie, presidente do Conselho Estudantil de Ética há dois anos

consecutivos, levantou-se para ler o veredito do Conselho relativo ao castigo de Auden. As pernas da cadeira chiaram contra as pranchas de madeira quando ela se pôs de pé. Começou por ler as acusações contra Auden: roubo e destruição de propriedade privada. Assédio de um membro do corpo docente. O suficiente para ser suspenso por duas semanas. Era, pelo menos, o que o Manual de Conduta do Estudante da Knollwood Augustus Prep exigia, mas o castigo oficial era sempre recomendado pelo Conselho de Ética e depois sancionado e executado pelo diretor Collins. O Conselho pedia sempre, sempre, a pena mais dura possível, porque queria que o corpo docente o levasse a sério. Não queria parecer um grupo de miúdos laxistas que dava tratamento preferencial aos seus pares. E também porque só os maiores totós, sonsos e bonzinhos faziam parte do Conselho de Ética.

– O Conselho recomenda que o senhor Stein seja suspenso por duas semanas em resultado da sua conduta indecorosa e indigna de um aluno da Knollwood Augustus Prep – leu Stevie. – Além disso, recomendamos que, no final da suspensão, o senhor Stein se reúna com um orientador vocacional que avaliará se o senhor Stein está preparado para ser reintegrado nesta instituição.

Abanei discretamente a cabeça. O professor Franklin, sentado no palco, em frente à mesa do Conselho, cruzou os braços e tossicou, achando obviamente que o castigo era demasiado leve. Tenho a certeza de que apenas se contentaria com a expulsão de Auden.

– Obrigado, menina Sorantos – disse o diretor Collins. Estava sentado a uma mesa ampla de madeira que fora colocada no meio da sala, de frente para a audiência presente no anfiteatro. Coçou o queixo, olhou para o ficheiro que tinha aberto em cima da mesa e fez sinal a Auden para que se levantasse.

Fez então uma pequena pausa e olhou para os alunos e professores sentados à sua frente.

– Pela primeira vez durante o meu mandato como diretor desta magnífica instituição, encontro-me em desacordo com a decisão do Conselho Estudantil de Ética – declarou o diretor Collins.

Stevie soltou uma exclamação e deixou cair o lápis, que rebolou pela mesa e caiu ruidosamente sobre o chão.

– Este assunto encerra uma questão muito mais séria e abrangente do que

a forma decepcionante como o senhor Stein achou por bem conduzir-se, questão essa que o Conselho não abordou. Eu devo arcar aqui com uma parte da culpa – prosseguiu o diretor. – Durante vários anos, permitimos que uma erva daninha se desenvolvesse no meio de nós. Se não envidarmos todos os esforços para erradicá-la agora, ela acabará por estragar todo o jardim.

«Tradição. Que é a tradição? Temos muitas tradições nesta instituição. Uma delas é diplomar algumas das melhores e mais brilhantes mentes deste país, que depois ingressam nas universidades de topo da nossa nação. Outra dessas tradições é encorajar a excelência, a integridade e a inovação. Ao longo de muitos anos, porém, temos incentivado também a tradição de obsequiar e nos acobardarmos perante uma mão-cheia de alunos que decidiu vexar e assediar anonimamente alunos e professores, com o objetivo de levar a sua avante ou meramente de se divertir. Estes autoproclamados vigilantes desafiam os valores desta instituição, arvoram-se em defensores de objetivos egoístas e grosseiros, como as aulas de enriquecimento cultural ao sábado de manhã, muitas das vezes em detrimento de algo inestimável, como a reputação de uma pessoa.

«Tradição. Tem sido uma palavra que muitos antigos alunos, e, ocasionalmente, até membros do corpo docente e atuais alunos, têm usado para proteger este grupo, e durante muito tempo... demasiado tempo, eu diria, fiquei de braços cruzados. Contudo, quando esta *tradição* ameaça as tradições que são essenciais para a nossa instituição, é impossível continuar de braços cruzados. – O diretor Collins olhou então para Auden. – Senhor Stein, conquanto esteja a arcar com a culpa pelos vergonhosos acontecimentos que tiveram lugar na sala de aula do professor Franklin, não acredito que tenha agido sozinho. Assim sendo, e muito embora considere que as duas semanas de suspensão sejam o castigo adequado para as infrações cometidas, julgo que a conta não foi bem-feita. É que, não devemos aplicar duas semanas a uma pessoa só, mas duas semanas a cada pessoa que participou nisto. E visto que a tradição sugere que há, pelo menos, uma dúzia de pessoas neste grupo ilícito, então, o castigo adequado deverá ser de duas semanas para cada um destes alunos, ou, caso o senhor Auden opte por ser o bode expiatório do grupo, vinte e quatro semanas de suspensão para ele.

Fiquei boquiaberta. Um burburinho tomou conta do anfiteatro.

– Ele disse vinte e quatro semanas? – perguntou-me Drew.

Não respondi. Olhava para Auden. De olhos arregalados, tentava digerir o que o diretor Collins dissera. Duas semanas de suspensão já era mau o suficiente: uma mácula que ficaria para sempre no seu currículo acadêmico. Nenhuma das universidades de topo o iria querer. Mas vinte e quatro semanas de suspensão? Teria de repetir o ano.

– Portanto, pela última vez, senhor Stein – disse o diretor Collins –, peço-lhe que me diga os nomes dos alunos que foram seus cúmplices, e o castigo será dividido igualmente entre vós, ou então, arque sozinho com as consequências. A escolha é sua, senhor Stein, mas terá de fazê-la agora.

Ao meu lado, Drew retesou-se e ficou imóvel. Sabia o que ela estava a pensar: se o seu nome ficasse associado àquela infração, tal poderia custar-lhe a admissão no Wellesley College. Pensava também nos pais, George e Fern, com os quais travava uma eterna guerra emocional para chamar a sua atenção; um incidente como este sem dúvida que captaria a atenção deles, mas o tipo errado de atenção, o tipo de atenção que ela não desejava.

Eu não pensava na universidade ou na reação do meu pai. Ocorreu-me que o futuro do clube A, uma tradição que existia há praticamente tanto tempo como a escola, estava por um fio. Eu não tinha ainda tido a oportunidade de fazer parte dela, de deixar a minha marca. Não podia ser já o fim. Ainda nem sequer começara.

Auden abriu a boca e fechou-a de novo, como se fosse um peixe.

Veio-me à lembrança a primeira noite no Rebordo: Auden a caminhar atrás de Ren, de mãos afundadas nos bolsos e cabeça pendida. O que teria o A contra ele? E seria o suficiente?

– Eu... – começou Auden. Olhou para a assistência. Por um momento, os seus olhos fixaram-se em mim. – Fui apenas eu – afirmou. – Agi sozinho.

Drew expirou audivelmente.

O diretor Collins suspirou. Tinha um ar desapontado.

– Muito bem – concluiu ele. – Senhor Stein, fica por este meio suspenso da Knollwood Augustus Prep por um período de vinte e quatro semanas, com efeito imediato. E vocês... – o diretor Collins apontou um dedo roliço aos restantes alunos presentes no anfiteatro. Possuía um invulgar talento para fazer qualquer pessoa sentir que estava a ser visada diretamente, embora olhasse para toda a gente ao mesmo tempo. – Vocês sabem quem são. Reflitam nisto: no passado, tiveram uma administração que ladrava

muito, mas não mordia; pois isso acabou. Não haverá mais avisos, não haverá mais tratamento preferencial para quem ameaçar as nobres tradições desta instituição. Ponham um ponto final nas vossas conspirações e atuações ilícitas, ou tomarei como missão pessoal pôr-vos eu mesmo um ponto final.

– E isto, foi divertimento suficiente para ti, Ren? – ouvi Dalton segredar nas minhas costas.

Não pude ter a certeza, mas pareceu-me ouvir Ren ladrar baixinho, em resposta.

Doze

GRACE FAIRCHILD

OUTONO DE 1996

Quando terminei o liceu, consegui uma pequena bolsa de estudos para frequentar o Trenton State College, em New Jersey. Ninguém na minha família alguma vez andara na universidade, portanto, foi um grande feito para mim carregar o *Oldsmobile* que havia sido da minha mãe e conduzir quatrocentos quilómetros em direção a sul e ao meu quarto, no Travers Hall.

O que se passava era que nunca ninguém saía de Hillsborough. As pessoas nasciam ali, cresciam ali e depois casavam com o namorado do liceu, compravam uma casa ao fundo da rua dos pais e repetiam o ciclo. Só que eu não queria isso. Sempre ansiara por uma outra vida, por algo mais. Era quase uma espécie de força física que me movia, que me empurrava para longe da órbita de Hillsborough.

Jake era como eu, e por isso, entre muitas outras coisas, nos dávamos tão bem. Jake era diferente da maioria das pessoas que eu conhecia. Sonhava em grande e era muito inteligente e determinado. No liceu, conseguiu uma bolsa para um colégio interno finório em New Hampshire. Entre nós, havia um acordo tácito: ele iria e, mesmo não estando a viver na mesma rua que eu, a distância não mudaria nada entre nós; e não mudou.

Jake e eu éramos como duas peças de um *puzzle* que encaixam uma na outra: parecidos em alguns aspetos, diferentes noutros, mas as nossas diferenças complementavam-se sempre. Jake crescera com duas irmãs mais novas, por isso, era mais sensível do que a maioria dos rapazes. Eu tinha crescido com três irmãos mais velhos e, em resultado disso, desenvolvera uma resistência e uma força que surpreendia muita gente. Jake era estudioso, amante de livros; eu era dada às artes, andava sempre com

nódoas de tinta na roupa e nas *Doc Martens*, com os dedos sujos de argila. E ao passo que eu era calada e reservada, Jake era o tipo de rapaz que nos punha imediatamente à vontade. Jake era o meu melhor amigo e eu amava-o, mais do que alguma vez amara alguém, mas depois ele morreu.

Só que, não morreu apenas, suicidou-se. Essa foi talvez a parte mais difícil: a morte de Jack não resultou de um qualquer acidente trágico, mas de uma escolha sua.

A outra parte difícil foi o facto de não me ter apercebido de nada. Aconteceu perto do final do semestre de outono, andava eu no segundo ano do liceu e ele no terceiro, mesmo antes de Jake vir a casa passar as férias de Natal. Tínhamos falado pela última vez duas noites antes e ele soara-me normal, feliz. Não sabia que seria a última conversa que teríamos, caso contrário ter-lhe-ia prestado mais atenção. Tinha acabado de sair do banho quando ele ligou e estava aborrecida por causa de uma discussão que tivera com a minha amiga Claire; falei com ele menos tempo do que era costume porque queria terminar um trabalho que tinha de entregar na manhã seguinte.

Mais tarde, quando soube que Jake tinha morrido, repeti aquela conversa na minha cabeça uma e outra vez, tentando perceber o que me escapara. Ele parecera-me tão entusiasmado por regressar a casa; já tínhamos planeado as férias: descer Martha's Hill de trenó, patinar no lago Langely, beber batidos e chocolate quente no velho A&W. Onde é que, no meio de tudo isso, estava um pedido de ajuda? Onde é que, no meio de tudo isso, estava a despedida de Jake?

De início, pus tudo em dúvida. Quis ver o bilhete que fora encontrado na máquina de escrever no quarto de Jake. Examinei-o minuciosamente, tentando desacreditá-lo. Na noite a seguir ao funeral, telefonei à mãe de Jake e perguntei-lhe o que queria ele dizer quando, no bilhete, admitia ter roubado aquele exame. Jake tinha sido sempre aluno de vintes, porque precisaria de roubar um exame? Não fazia qualquer sentido.

Na manhã seguinte, a minha mãe veio falar comigo.

– Sei que estás a sofrer – disse ela –, mas tens de ter alguma compaixão pela pobre senhora Griffin. Ela perdeu o filho. Estás a escarafunchar uma ferida que quer sarar.

Dei-me conta de que, em certo sentido, a minha mãe tinha razão. As minhas perguntas eram egoístas. Uma parte de mim estava zangada com

Jake pelo que ele fizera, mas uma parte maior estava zangada comigo mesma. Porque Jake me conhecia melhor do que ninguém: confiara-lhe os meus triunfos mais insignificantes e as minhas maiores derrotas. Escutara-me pacientemente e encorajara-me quando eu me sentira em baixo. Mas eu, não sei como, não tinha feito o mesmo por ele. Jake precisara desesperadamente de mim e eu não o escutara com atenção suficiente para me aperceber disso. Fracassara, desamparara-o da maneira mais abjeta que uma pessoa podia faltar a outra. E enquanto questionasse tudo, enquanto Jake não se tivesse realmente suicidado, enquanto houvesse uma qualquer outra explicação, não o teria dececionado tanto quanto acreditava que dececionara.

Por outro lado, a minha mãe não tinha razão. Eu não estava a escarafunchar uma ferida que tentava sarar, porque a dor que sentia jamais passaria. Jake havia sido uma parte de mim e essa parte desaparecera, para sempre; nunca mais voltaria a estar completa. Compreendia isso, mesmo aos dezasseis anos. E tinha consciência disso aos dezanove anos, quando desisti da universidade para me dedicar à arte. E sabia disso aos vinte e dois, quando conheci o homem por quem me apaixonei em seguida, em Trenton, onde vivia há três anos.

O nome dele era Teddy Calloway. Eu trabalhava em *part-time* na biblioteca local (a arte não me pagava as contas) e estava a arrumar os livros devolvidos nas respetivas prateleiras. Tinha os auscultadores nos ouvidos para ir ouvindo música no meu Walkman. Ao empurrar o carrinho, senti-o bater em qualquer coisa e ouvi um grito abafado. Vi um jovem a encolher-se na outra extremidade do carrinho. Vários livros da pilha que transportava tombaram ruidosamente sobre o chão.

– Merda! – exclamei.

Sobressaltado, o rapaz olhou para mim e deu uma risada; não percebi onde estava a graça. Era um rapaz muito atraente, alto, pelo menos quarenta e cinco centímetros mais alto do que eu e dono de uns olhos azuis e penetrantes. Levou o indicador aos lábios, como se me quisesse silenciar, e dei-me conta de que continuava com os auscultadores nos ouvidos e que devia ter gritado «merda», ou, no mínimo, praguejado num volume pouco apropriado para uma biblioteca, onde devia reinar o silêncio.

Como que seguindo uma deixa, uma idosa assomou-se ao corredor e disse, escandalizada:

– Importava-se de não fazer barulho?

Assim que a mulher desapareceu, morde-me para não desatar a rir. Olhei para o sorridente rapaz do outro lado do carrinho, tirei os auscultadores e, mexendo apenas os lábios, repeti: «Merda».

Ele riu-se.

Contornei o carro e ajoelhei-me para apanhar do chão os livros que tinham tombado. O rapaz inclinou-se para me ajudar.

– És um bocado desastrada, não és? – segredou ele.

– E tu és um bocado desbocado, não és? – segredei de volta.

Ele sorriu.

– Peço desculpa por te ter magoado – disse. – Não estava a prestar atenção.

– Não faz mal. De qualquer maneira, eu não estava a usar este pé – replicou ele. – Que música é que gostas de ouvir?

– Um pouco de tudo – respondi, e empilhei os livros caídos nos braços. – Nirvana, Pearl Jam, Smashing Pumpkins.

– Smashing Pumpkins – repetiu ele, acenando aprovadoramente. – Vi-os no ano passado, ou assim, em Lollapalooza. O que estavas a ouvir é do último álbum deles?

Fiz que sim com a cabeça.

– Como é que te chamas? – quis ele saber.

– Grace Fairchild. E tu?

– Teddy – disse ele. – Teddy Calloway.

E pensei imediatamente em Jake.

Reconheci o último nome de Teddy. No colégio interno, Jake tinha um amigo chegado chamado Calloway. Falara-me dele várias vezes e mostrara-me fotografias. Lembrava-me vagamente dessas fotografias: um rapaz alto, louro, de olhos azuis e sorriso presunçoso. O rapaz que vira nas fotografias assemelhava-se ao que estava agachado ao meu lado, entre duas estantes poeirentas da biblioteca.

– Andaste na Knollwood Prep – aventei.

Teddy fez um ar surpreendido.

– Sim, na verdade, andei. Conhecemo-nos? Também lá andaste?

– Não, mas um amigo meu foi lá aluno. Jake Griffin. Conheceste-o?

– Não – respondeu Teddy. – Mas também só lá andei uns meses, no primeiro ano. Passei a maior parte do tempo em Andover.

– Ah.

– Talvez estejas a pensar no meu irmão mais velho, o Alistair – sugeriu Teddy. – Ele fez o liceu todo lá.

Alistair. Sim, claro. Era esse o nome dele.

– Ah, sim, és capaz de ter razão – anuí.

– Então, que liceu excessivamente caro é que frequentaste? – indagou ele.

– Eu? Nenhum. Andei numa escola pública.

– Sorte a tua – declarou ele.

Encolhi os ombros.

– Andas em Princeton? – inquiriu ele. Princeton ficava a cerca de vinte quilómetros de Trenton.

– Não, sou apenas uma habitante local – expliquei.

Ele animou-se.

– A sério?

– E com que outros factos perfeitamente banais acerca da minha pessoa é que te posso impressionar? – perguntei, sarcasticamente.

– É estimulante conhecer alguém que não seja da universidade, para variar, é só isso – explicou ele. – Eu ajudo-te com os livros.

Passei-lhe os livros que segurava e, ao fazê-lo, a minha mão roçou contra a pele do seu antebraço e senti uma pequena descarga elétrica.

– Que vais fazer esta noite, Grace? – perguntou ele, ao mesmo tempo que pousava os livros no carrinho.

Levei a mão ao pendente suspenso no fio que tinha ao pescoço. Fora Jake quem mo comprara em West Haven, no último verão que tínhamos estado juntos. O pendente era o seu signo do Zodíaco e a pedra relativa ao mês do seu nascimento: um caranguejo de rubi segurando dois diamantes nas pinças.

Sacudi as mãos nas coxas das calças de ganga e olhei para Teddy, mordendo o lábio.

– Não sei. Que vamos fazer esta noite? – respondi, descaradamente.

Teddy foi buscar-me a casa às oito horas e levou-me a um pequeno restaurante na cidade. Fazia coisas à moda antiga, como segurar a porta para eu entrar, puxar a cadeira onde eu me ia sentar à mesa e pôr o seu casaco à volta dos meus ombros quando eu tinha frio.

Duas semanas depois do nosso primeiro encontro, levou-me ao baile de beneficência da família dele, no Carlyle Hotel, em Nova Iorque.

Foi a minha primeira incursão no mundo de Teddy. Em Trenton, costumávamos frequentar sobretudo o meu mundo: Teddy aparecia na biblioteca e íamos para o meu apartamento ou então ao cinema. Nunca ia ter com ele à universidade, nunca me levava ao clube onde tomava as refeições, nem nunca conheci os seus amigos.

Sempre soube que Teddy e eu éramos diferentes, oriundos de mundos diferentes. Contudo, nunca o sentira até àquela noite no Carlyle Hotel. Quando entrei no salão de baile, fiquei deslumbrada; nunca tinha visto nada assim. Os fatos à medida e os cintilantes vestidos de noite, os copos de cristal e o jantar de sete pratos. E ali estava eu, no vestido simples que encontrara numa loja de roupa em segunda mão, na esquina da rua onde vivia. As pessoas cumprimentavam-se com um beijo na face, como os parisienses que eu via nos filmes, e conversavam acerca de restaurantes e chefes e *designers* de moda e hotéis e cidades onde eu nunca tinha estado, como se falassem numa língua estrangeira. E eu ali, no meio de tudo aquilo, esforçando-me por sorrir e interrogando-me sobre o que fazer com as mãos.

A única coisa agradável em relação àquela noite foi conhecer o irmão de Teddy, Alistair. Vê-lo foi como encontrar um rosto conhecido no meio de uma multidão de estranhos, o que não deixava de ser bizarro, tendo em conta que nunca o conhecera em pessoa; apenas o vira em fotografias e ouvira Jake falar dele. Porém, era como se fôssemos velhos amigos a retomar uma amizade depois de muito tempo de separação. Não senti qualquer constrangimento quando dançámos ou falei com ele de Jake.

Aguntei o resto da noite da mesma maneira que suportara os dois últimos anos em Hillsborough após a morte de Jake: bebi mais do que devia até me sentir mais corajosa, ri de coisas que não compreendia e sorri quando, na realidade, queria chorar. Era quem, no meu entender, toda a gente ao meu redor queria que eu fosse, e detestava isso.

No final do serão, um carro levou-nos de regresso a New Jersey e Teddy deitou a cabeça no meu colo. Estava ligeiramente embriagado. Passei os dedos pelo seu cabelo e tentei memorizar os traços do seu rosto, embora estivesse demasiado escuro.

- Divertiste-te? – perguntou-me ele.
- Sim – menti.
- A minha mãe gostou muito de ti – disse ele.
- Percebe-se que te ama do fundo do coração – referi. E era verdade.

Se fosse apenas Teddy e eu o tempo todo, como até então, eu até seria capaz de levar aquilo adiante, pensei. Não haveria uma réstia de dúvida na minha cabeça em relação a nós. Mas não iria ser apenas Teddy e eu no nosso pequeno mundo. Mais cedo ou mais tarde, iria haver o mundo dele também, e isso eu não iria aguentar, sentir-me tão deslocada e tão insignificante o tempo todo. Não podia regressar àquilo de que fugira: fingir que era alguém que não era, fingir que sentia o que, no fundo, não sentia só para fazer os outros felizes. Havia um fosso entre nós e eu não sabia se seríamos capazes de o ultrapassar.

Quando chegámos ao meu apartamento, Teddy acompanhou-me à porta. Encostou-se à moldura da porta enquanto eu procurava as chaves na carteira.

– Posso dormir cá? – pediu ele. – Estou um pouco embriagado.

– Não acho que seja uma boa ideia – respondi, sem o olhar nos olhos.

– O melhor era eu não conduzir – alegou, com um sorriso pateta. Descalçou-me a luva e beijou-me a pele nua do pulso.

– Tu não vais conduzir – realcei, e dei um puxão na mão. – Tens um motorista.

– Que foi? – indagou ele, surpreendido que eu não estivesse a alinhar na brincadeira, como era meu costume.

Mordi o lábio e forcei-me a olhá-lo nos olhos.

– Acho que não devíamos prolongar o inevitável, mais nada – declarei.

Arderam-me os olhos e odiei-me a mim mesma. Não queria chorar à frente dele.

– Prolongar o inevitável? – repetiu ele. – De que raio estás a falar, Grace?

– Ora – respondi, e a minha voz tremeu, traindo-me. – Sei que também te dás conta.

– Me dou conta de quê? – perguntou ele.

– De que somos... diferentes. Demasiado diferentes.

– Isto tem que ver com esta noite? – quis ele saber. – Pensei que te tinhas divertido.

– Mas não diverti, *okay*? – disse. – É isto que queres ouvir? Não me diverti. Senti-me como uma... como uma... Sei lá. E não gostei.

Teddy abriu os braços, envolveu-me neles e eu mantive-me hirta, recusando-me a ceder ao seu toque ou a ser consolada.

– Grace – sussurrou ele para o meu cabelo –, peço desculpa.

– A culpa não é tua – disse. – Não peças desculpa, não fizeste nada de mal.

Recuou, mantendo as mãos nos meus ombros, e tremia.

Achei que talvez estivesse aborrecido com o nosso rompimento; demorei um momento a dar-me conta de que Teddy se estava a rir.

– O que carga de água é assim tão divertido? – inquiri, um pouco irritada.

– É que... – começou ele, e riu-se mais um pouco. – Só te levei para te impressionar. Não estava à espera... Não estava à espera de que os detestasses tanto quanto eu.

– Estás mesmo bêbado – observei.

– Não – contrapôs Teddy. – Quero dizer, sim, estou. Mas só porque é a única maneira de aguentar uma noite com aquela gente.

Dei uma risada, mesmo sem querer.

– Sim – concordei. – Tens uma certa razão.

– São pavorosos – disse Teddy. – É tudo horrível... A comida, este fato, a conversa vazia e presunçosa, e o tal de Francisco Trivoli, seja lá ele quem for.

– Apenas o chefe e mecenas do Ivy – respondi, imitando o tom presumido da mulher que em toda a noite não se calara com Francisco Trivoli. – Aparentemente, tem três estrelas Michelin.

– Ele que vá à merda – ripostou Teddy.

Ri-me.

– Por favor, deixa-me entrar – pediu Teddy, enterrando as mãos nos bolsos do casaco e balançando de um pé para o outro. – Os meus tomates estão a engelhar, de tanto frio que está.

– Pronto, está bem – cedi. – Mas não te ponhas com ideias. Tu e os teus tomates vão dormir no sofá.

– Palavra de escuteiro – respondeu Teddy, e fez o gesto correspondente. – Juro por todos os chefes do mundo que não farei quaisquer avanços.

Dei uma risada.

– Parece-me que o juramento não é bem assim.

Deixei-o entrar. Esvaziámos uma garrafa de Pinot que tinha no armário e Teddy, fiel à sua palavra, dormiu no sofá. Só que, eu dormi lá também, aninhada nos seus braços, com o brilho do meu televisor velho iluminando o teto e as paredes da sala. Ao mesmo tempo que adormecia, senti os resquícios de uma coisa que não sentia há anos, desde que Jake morrera. Era

a sensação de que talvez houvesse uma pessoa que me via por quem eu era,
que me entendia.

Treze

CHARLIE CALLOWAY

2017

O Homecoming na Knollwood Augustus Prep foi praticamente uma reunião da família Calloway. O avô e Eugenia compareceram, bem como o meu tio Teddy, que frequentara Knollwood por uns meses quando tinha a minha idade, a tia Grier e as suas filhas Piper e Clementine. O meu pai também teria ido, já que Knollwood era a sua *alma mater*, porém, no último momento, decidiu visitar Seraphina, pois a escola dela escolhera igualmente aquele fim de semana para comemorar o Homecoming e ele não queria que ela se sentisse excluída, ou isso, pelo menos, foi o que me disse ao telefone. Foi uma desilusão, é claro, mas uma parte de mim ficou aliviada.

Depois de tudo o que Claire me tinha dito naquele fim de semana, não tinha a certeza de estar preparada para encarar o meu pai. Sabia que iria medir cada olhar, cada gesto seu, receando encontrar qualquer coisa escondida nas sombras das suas feições, alguma coisa em que nunca reparara, algo em que não *quisera* reparar.

Era isso que me perturbava, era esse o pensamento sombrio que não parava de andar às voltas na minha cabeça, à noite, deitada na cama à espera do sono que tardava em chegar. O meu pai seria mesmo incapaz de fazer as coisas que Claire lhe imputara ou era eu que não queria que ele fosse capaz de fazê-las?

– Por mais que me esforce, não consigo entender por que razão a Sera escolheu Reynolds em vez de Knollwood – disse Piper, inclinando o pescoço para ver por cima da cabeça do homem que estava sentado à sua frente nas bancadas. – Knollwood é superior em todos os aspetos mais importantes: currículo, atividades extracurriculares, rapazes giros.

Era sexta-feira à tarde (de um fim de semana inteiro dedicado ao Homecoming) e a escola em peso comparecera para ver os Knollwood Lions derrotar os nossos rivais, os Xavier Panthers. Piper ficara sentada ao meu lado. Do meu outro lado, estava Eugenia, que trouxera a sua própria manta e assento almofadado, bem como uma cesta de queijos e vinhos. A cada quinze minutos, gritava para o final da fila, na direção dos meus tios Teddy e Grier, sentados ao lado de Piper com a minha prima Clementine ao colo, e perguntava se queriam uma fatia de Brie sobre uma bolacha de trigo. Ao intervalo, tirou uma garrafa de vinho da cesta, um copo de pé alto e serviu-se. Quando lhe segredei: «Eugenia, não pode beber no campus», ela limitou-se a sorrir e disse: «Não, querida, *tu* é que não podes beber dentro dos muros da escola.»

O avô não fez nada para detê-la, mas, verdade fosse dita, o avô, na verdade, nunca fora capaz de impedir Eugenia de fazer o que quer que ela quisesse, portanto, raramente tentava fazê-lo. Além do mais, estava de bom humor, porque Leo era *quarterback* e o jogo estava a correr-lhe bem. Faltavam dois minutos para o final da partida e estávamos à frente por sete pontos.

– Bem, Reynolds tem estábulos no *campus* onde a Seraphina pode ter o *Peppermint* – expliquei a Piper. – E, para a Seraphina, isso superava qualquer outra coisa.

Piper empurrou o cabelo louro para trás do ombro. Era uma Calloway, sem tirar nem pôr, desde os olhos azuis à testa alta.

– A mamã fez-me visitar Reynolds, Andover e a Putney School, mas eu disse-lhe que não se animasse demasiado. – Piper tinha doze anos e no próximo ano letivo iria começar a frequentar um colégio interno. Era por isso que Piper e os pais se encontravam ali naquele dia: Knollwood era uma das escolas que tinham em mente.

– Ah, o meu peixinho – graciei, inclinando-me para ela.

– Peixe? – indagou Piper, torcendo o nariz como se tivesse cheirado alguma coisa estragada.

– Sim, peixe. Prima de peixe, sabe nadar. Nunca ouviste dizer?

– Jamais serei um peixe – afirmou Piper. – Sou uma Calloway.

Os Knollwood Lions marcaram novamente, tendo sido Leo quem transportou triunfantemente a bola até à linha, e a bancada em peso levantou-se, aplaudindo e dando vivas.

No final do jogo, Eugenia sugeriu que ela e eu esperássemos que Leo tomasse duche e trocasse de roupa e o resto da família rumasse a Falls Church para arranjar mesa no Fiona's. O Fiona's era o único restaurante de jeito da cidade e, por causa disso, havia sempre corrida às mesas nos fins de semana em que as famílias se abatiam sobre a cidade, como no Homecoming ou na entrega dos diplomas. Já de saída, o tio Teddy acotovelou-me na brincadeira e disse entre dentes:

– Não deixes a velha conduzir.

Quando toda a gente partiu e fiquei sozinha com Eugenia, afundei as mãos nos bolsos do casaco e preparei-me para o inevitável. Eugenia era sempre muito direta e não se encolhia de meter o bedelho nas nossas vidas. Nos últimos anos, desenvolvera um interesse pelos namoricos de Leo. No primeiro ano, eu cometera o erro de arrelhar Leo acerca de Drew em frente da Eugenia, e esta tratara de investigar toda a história familiar de Drew. Tendo descoberto que a tia de Drew jogava ténis no mesmo clube que ela, convidara-a, e ao marido, para jogarem uma partida a pares. Algumas semanas depois, num jantar de família, Leo viu-se forçado a admitir que o relacionamento com Drew fora de curta duração e Eugenia dissera a Leo, em frente a toda a família, que os Calloways não se envolviam em namoricos e que não ficava bem a um homem ter a fama de dissoluto. Quase me engasguei com o *bisque* e Leo corou até à raiz dos cabelos e não conseguiu enfrentar mais ninguém durante o resto do jantar. A partir desse dia, jurámos manter a boca calada no que dizia respeito a quem namorávamos (ou melhor, eu prometi não deixar escapar com quem Leo se envolvia, uma vez que eu não namorava).

Assim sendo, foi uma surpresa quando, em vez de me interrogar acerca das minhas conquistas românticas, Eugenia guardou a caixa das bolachas na cesta e disse:

– O teu pai disse-me que estiveste na casa do lago no fim de semana passado.

– Como é que ele...?

– O caseiro telefonou-lhe – informou-me ela. – Já há muito tempo que ninguém lá ia. Tu e o teu amigo pregaram um enorme susto ao pobre caseiro.

– Lamento – respondi.

Não me perguntou o que fora fazer à casa do lago nem tão-pouco a

Hillsborough, se bem que só existisse uma razão que lá me levaria: a minha mãe.

– A família da tua mãe... Sempre quiseram controlar a narrativa – disse Eugenia. – Não querem acreditar que a Grace seja o tipo de pessoa que se veio a revelar. É uma grande tragédia perder um filho, e uma tragédia ainda maior perder a boa opinião que temos desse filho, por isso, os Fairchilds inventaram uma história com a qual pudessem conviver. Não os censuro por isso. Mas censuro-os por tentarem convencer-te a ti e a toda a gente de que aquela narrativa delirante é a verdade. – Eugenia suspirou. – Charlotte, há uma coisa que tens de entender. Durante toda a tua vida, as pessoas irão tentar dizer-te quem és e no que deves acreditar acerca de ti mesma. Não permitas que o façam.

Contemplei o campo de futebol, então vazio. O céu estava raiado de rosa e laranja. Era o tipo de céu que se costumava ver no final do verão; o tipo de céu que marcava o final dos dias em que havia mais horas de luz do que de escuridão; que anunciava o frescor outonal.

– A verdade é que a tua mãe era infeliz – revelou Eugenia. – Sempre foi uma rapariga calada, reservada, volúvel. Propensa a mudanças de humor e a acessos. Uma vez bateu no teu tio Teddy, sabias? Quase lhe partiu o nariz – acrescentou, e abanou a cabeça.

– Bateu no tio Teddy? – perguntei. Nunca tinha ouvido aquela história. Não me recordava de alguma vez a minha mãe e o tio Teddy terem uma atitude hostil um com o outro. Na verdade, tanto quanto me lembrava, mal interagiam sequer. – Porquê?

– Dificilmente uma provocação pode justificar agredir alguém em público – disse Eugenia, descartando a minha pergunta. – Por vezes, interrogo-me se a tua mãe sofria de algum desequilíbrio químico que a fizesse agir como agia.

Aquela informação nova caiu como um seixo no lago que era a minha mente, agitando as recordações que tinha da minha mãe. Seria verdade o que Eugenia contara? Por um momento, pareceu obscurecer tudo o que achava saber acerca da minha mãe ou lançar uma luz diferente sobre cada imagem.

Lembrei-me de uma manhã, na casa do lago, me ter dirigido ao quarto dos meus pais e descoberto que a porta estava trancada. Era um dia de semana e o meu pai estava na cidade. Fiquei ali especada uma eternidade, a rodar a

maçaneta e a chamar pela minha mãe, mas ela não abriu a porta. Ao fim de um tempo, Claire apareceu. Recordo-me de ela me ter explicado que a minha mãe não estava a sentir-se bem e que ela estava ali para me levar a mim e a Seraphina a tomar o pequeno-almoço fora.

Teriam acontecido outras coisas que, na altura, eu não compreendera?

– Durante anos, a tua mãe manteve-se afastada da família – continuou Eugenia. – E poucos meses antes de partir, até se distanciou do teu pai. O que ela fez quase que o matou.

Nesse instante, Leo emergiu dos balneários com um dos colegas de equipa. Acenou ao ver-nos. Eugenia levantou-se e compôs a alça da cesta, que pusera ao ombro.

– Durante anos, mantive a boca calada em relação à tua mãe, por respeito ao teu pai. Mas achei que merecias saber a verdade – afirmou Eugenia, antes de me virar as costas.

*

Yael inclinou-se por cima do lavatório de porcelana ao meu lado e, quase colada ao espelho, concentrou-se o mais que pôde em fazer um risco com *eyeliner* preto sobre a pálpebra superior. Depois, inclinou-se para trás para admirar o seu trabalho: uma linha negra e perfeita.

– Faz o meu risco a seguir – pediu Drew. – Tu consegues sempre um esfumado perfeito. Não sei porquê, quando sou eu, fico a parecer um *zombie*.

– Isso é porque pões demasiado – disse Yael. – Quanto menos melhor.

Observei inexpressivamente a minha tez pálida ao espelho e o cabelo húmido e acabado de lavar. De uma forma geral, gostava de me arranjar para o baile de Homecoming e de passar aquele momento com as minhas amigas, contudo, estava a ser difícil sentir outra coisa que não o peso sufocante que tinha no peito. Desde que Eugenia me contara aquelas coisas, não conseguia pensar em mais nada. A minha mãe podia ter sofrido de um distúrbio bipolar. A família da minha mãe estava a tecer aquela história acerca do seu desaparecimento porque não conseguia aceitar a pessoa em que ela se tornara. Sem dúvida, uma parte do que Eugenia dissera era verdade, mas que parte?

– Terra chama Charlie – entoou Stevie.

– Hã? – perguntei.

– Estás a usar isso? – inquiriu ela, apontando para o batom vermelho equilibrado na beira do lavatório, à minha frente.

– Ah, não, aqui tens – respondi, e passei-lho.

– Estás bem? – perguntou Stevie, ao mesmo tempo que esticava o braço para o batom. – Passaste o dia todo meio sorumbática.

– Estou ótima – afirmei.

Yael abeirou-se de mim e pôs o braço por cima dos meus ombros.

– Não faz mal, Charlie – consolou-me ela, encostando a cabeça ao meu ombro e olhando compassivamente para o meu reflexo no espelho. – Não tens de esconder isso de nós. Eu sei o que se está a passar.

Sabia?

Nunca tinha falado com Yael ou Stevie acerca da minha mãe. Uma vez, quase que falara com Drew acerca dela, numa das primeiras noites de sábado que passámos em Knollwood, quando éramos ainda caloiras. O assunto impusera-se, praticamente. Drew e eu tínhamos ido ao supermercado em Falls Church com a nossa colega de quarto, River. Estávamos a abastecer-nos de *junk food* para uma noite de cinema no quarto, que seria supostamente uma boa experiência para criarmos laços, mas que se estava a tornar num curso intensivo e penoso acerca de um tema no qual Drew e eu nos tornaríamos peritas antes do final daquele semestre: Coisas que a River Não Pode Comer. (Ao longo do semestre, Drew e eu também nos tornámos em peritas relutantes noutros assuntos, como Coisas que a River Acha Misóginas e Coisas que a River Deixa Espalhadas pelo Quarto e que Parecem Lixo Mas não São Lixo Portanto Porque é Que Deitaste Aquilo Fora?) Cometera o erro de tirar um saco de gomas da prateleira assim que entrámos na loja e River enxotara-o como se metesse nojo.

– Então? – perguntei.

– As gomas são feitas de gelatina – declarou River, com uma expressão de repugnância.

– Sim, e depois?

Arqueou as sobrancelhas. Olhei para Drew, que parecia tão confusa como eu me sentia.

– É tipo uma coisa que engorda bués ou assim? – indagou Drew.

River escarneceu.

– A gelatina é feita a partir de colagénio, que é retirado de animais que

são triturados.

Drew e eu entreolhámo-nos.

– *Okay*, então, nada de gomas – concluí. Examinei os restantes doces na prateleira e escolhi um pacote de *M&M's*. – Gostas mais de chocolate? – perguntei, esperançosa.

River revirou os olhos.

– As camadas duras que envolvem essas drageias vêm de uma resina excretada por insetos – elucidou ela.

– Descritos dessa forma não soam tão apetitosos, de facto – disse Drew.

– Sim, tenho dificuldade em considerar apetitosa a tortura de animais inocentes, de uma forma geral – replicou River.

Agarrei num saco de nozes-pecãs cobertas de açúcar e canela.

– *Okay*, e que tal uns frutos secos? – quis saber. River lançou-me um olhar mortífero. – Que foi? Não és uma dessas pessoas que considera as plantas seres sencientes, ou és?

– Estão cobertas de *açúcar* – realçou River. – Também conhecido como carvão animal.

– Há alguma coisa nesta loja que possas comer? – resolvi perguntar.

– Vou ver na secção dos legumes – disse River. Arrancou-me o carrinho das mãos e empurrou-o com determinação pelo corredor abaixo.

Mais tarde, enquanto esperávamos na fila para pagarmos um carrinho cheio de couve orgânica e fruta, dei uma vista de olhos às revistas expostas ao lado das embalagens de pastilha elástica e de chocolates *York Peppermint Pattie*. Foi então que a vi, a minha mãe, na capa da *Star Enquirer*. Tinha uns óculos de sol grandes, um chapéu na cabeça e estava estendida numa cadeira de praia. Com as mãos levantadas, tentava tapar a cara e impedir o *paparazzo* de a fotografar. GRACE CALLOWAY, MULHER DO BILIONÁRIO, AVISTADA EM BUENOS AIRES COM AMANTE SECRETO, dizia o tabloide.

Fiquei sem pinga de sangue. Levantei a cabeça e cruzei o olhar com o de Drew. Percebi pela sua expressão que vira o mesmo que eu. Abri a boca para dizer qualquer coisa, para travar o assunto antes mesmo que fosse abordado, para explicar que tudo não passava de uma mentira, quando Drew se adiantou.

– Oh, meu Deus! – exclamou ela.

– Que foi? – perguntou River, ocupada a tirar um saco de laranjas do

carrinho e a pô-lo no tapete rolante.

– Estes mirtilos não são orgânicos – lamentou-se Drew.

– O quê? – estranhou River, e esticou o braço para tirar a embalagem das mãos de Drew.

– Eu não como OGM – declarou Drew. – Podias ir buscar-me os orgânicos, se faz favor?

River suspirou.

– Está bem – respondeu. – Volto já.

Assim que ela se afastou, Drew pegou na revista *People* que estava ao lado da *Star Enquirer* e folheou-a descontraidamente.

– Mais uma a quem se acabou o sonho – comentou Drew, referindo-se a uma qualquer celebridade que se divorciara. Não vi de quem se tratava; estava demasiado ocupada a tentar verbalizar a explicação mental, e calmamente, para que ela não me achasse uma tresloucada.

Aquela fotografia – a da minha mãe na capa da revista – havia sido tirada durante umas férias em família, em St. Thomas, quando eu tinha seis anos. Sabia isso, porque fora eu quem a tirara. A minha mãe levantara os braços, porque acabara de acordar de uma pequena sesta que fizera na espreguiçadeira e eu sobressaltara-a. Não fazia ideia de como é que a *Star Enquirer* conseguira a fotografia, que álbum de família haviam pilhado, que membro da família a tinha vendido a quem pagara mais. Não era a primeira vez que uma coisa assim acontecia e o mais provável era que não fosse a última.

Não, o meu pai não afugentou a minha mãe nem a matou nem fez nada do que os tabloides dizem. Não, não quero falar do assunto.

Drew, contudo, não fez perguntas. Não me lançou um olhar de piedade nem fez um sorriso condescendente. Limitou-se a devolver a revista *People* ao expositor, colocando-a por cima da *Star Enquirer* de maneira que a imagem da minha mãe ficasse totalmente tapada, escondida, e pôs-se a descarregar o carrinho. Foi aí que percebi que seríamos as melhores amigas.

Foi o mais perto que alguma vez cheguei de conversar com alguém da escola acerca da minha mãe. Sempre me esforçara por manter essa parte da minha vida no passado, por seguir em frente. Assim sendo, como é que Yael sabia? Como é que eu deixara transparecer o que quer que fosse?

– É o Dalton, não é? – inquiriu Yael. – Não te apetecia nada vê-lo esta noite.

Dalton. Na verdade, nos últimos dois dias nem me lembrara de que ele existia.

Encarei o reflexo de Yael. Ela olhava-me com uma expressão tão sincera e preocupada. Quiçá fosse bom abrir-me com alguém que não estivesse de maneira nenhuma envolvida no meu drama familiar, alguém que pudesse ouvir-me simplesmente e sugerir-me uma perspetiva diferente. Talvez fosse bom não estar sozinha em tudo aquilo. Por um momento, considerei contar-lhes tudo; mas depois dei-me conta de que teria de contar-lhes *tudo*. Teria de recuar ao início, e isso parecia-me avassalador. E se... E se decidisse confiar nelas e depois o tiro me saísse pela culatra, como já havia acontecido no passado?

– Pois – confirmei, ao fim de um momento. – É o Dalton.

– Não deixes que ele te chateie – aconselhou Drew, dirigindo-se a mim. – Deixa-me arranjar-te o cabelo. Tenho uma ideia para um penteado que te vai ficar a matar. Quando o Dalton te vir, esquece logo aquela cabra da McKenna.

– Okay – respondi, e esforcei-me por fazer um sorriso que parecesse genuíno. – Obrigada.

*

O teto do ginásio parecia um céu estrelado e uma banda tocava no palco que a Associação de Estudantes mandara erigir. Stevie, Yael e Drew estavam na pista de dança, girando em torno delas mesmas, assim como a maioria dos alunos que tinha ido ao baile. Com a desculpa de que precisava de qualquer coisa para beber, abandonara a pista de dança há meia hora e sentara-me sozinha a uma mesa. Tinha tentado ser sociável e normal a noite toda, mas começava a atingir o meu limite. Depois de ter conversado durante todo o jantar que a escola organizara no relvado, dançara e pulara com os braços no ar uma hora inteirinha (o que não constitui uma façanha nada fácil em cima de sapatos *Manolo Blahnik* com saltos de dez centímetros). Cogitava então numa manobra para sair dali, embora fosse ainda bastante cedo.

O meu telefone vibrou e tirei-o da carteira. Para minha surpresa, vi o nome de Greyson no ecrã e uma mensagem de texto.

GREYSON: Boa despedida à francesa, no domingo.

A mensagem dele fez-me sorrir. Teclei uma resposta rápida.

EU: Desculpa não me ter despedido. :/

GREYSON: Sem problema. A minha mãe contou-me. Está preocupada contigo.

Mordi o lábio e pousei o telemóvel. Não queria falar de como me sentia ou das relações de Claire. Lembrei-me então do que Eugenia tinha dito: que a minha mãe sofrera de depressão. Se tal fosse verdade, sem dúvida que Claire saberia. Peguei no telefone e enviei uma mensagem a Greyson.

EU: Alguma vez a Claire mencionou que a minha mãe era depressiva ou tinha acessos inusitados de fúria?

GREYSON: Não. Porquê? Que se passa?

EU: A minha avó disse-me que a minha mãe tinha mudanças bruscas de humor e pode ter sofrido de algum desequilíbrio químico. Não sei. Achas que pode ser verdade?

GREYSON: Não sei.

– Quem é o Greyson?

Levantei a cabeça e vi Drew de pé ao meu lado, ligeiramente ofegante e com a testa a brilhar de transpiração.

– Ninguém – respondi, e escondi o telefone debaixo da mesa para que ela não conseguisse ver o ecrã. – Apenas um velho amigo.

– Um velho amigo giro? – quis saber Drew, e arqueou uma das sobrancelhas.

– Não é nada disso – afirmei.

– Okay, menina dos segredos, não te faço mais perguntas – disse ela, e sentou-se na cadeira ao lado da minha. – Já estás hidratada? Foste buscar uma bebida, tipo, há uma eternidade.

– Desculpa, Drew.

Ela inclinou-se para a frente e começou a desatar as fivelas dos sapatos.

– Estes malvados estão a matar-me. Não sei por que raio achei que saltos de oito centímetros eram uma boa ideia.

Senti o telefone vibrar, baixei o olhar e vi uma mensagem nova de Greyson.

GREYSON: Sabes quem foi o investigador privado que tratou do caso da tua mãe? Alguma vez viste a papelada ou o que quer que ele tinha acerca dela?

O investigador privado; há que tempos que não pensava nele. Vira-o uma vez, quando tinha onze anos. Ele fizera-me uma série de perguntas. E lembrava-me de o ter visto, de vez em quando, no ano seguinte. Ele ia lá a casa falar com o meu pai, que se fechava com ele no seu escritório.

Eu: Hum. Não. Mas posso tratar disso.
GREYSON: Talvez consigas alguma coisa.

– Vem dançar connosco – desafiou Drew. Estava novamente de pé, mas já descalça, e de mão estendida para mim.

Olhei de relance para a pista de dança e vi Yael e Stevie perto do palco. Yael acenou-me; Stevie fez rodar no ar um laço invisível e lançou-o na minha direção, tentando puxar-me para a pista de dança. Ri-me. A canção que estava a tocar chegou ao fim e começou a ouvir-se uma música mais lenta.

– Dás-me a honra desta dança? – convidou Drew.

– Com certeza – respondi.

Drew deu-me a mão e arrastou-me para o centro da pista de dança. Pusemos as mãos nos ombros uma da outra e balançámos para um lado e para o outro como se fôssemos um casal apaixonado e rindo como se tivéssemos cinco anos.

À nossa volta, casais genuínos dançavam agarrados. Avistei Crosby com o braço ao redor da cintura de Ren. Drew viu-os também. Fez uma careta e um som como se estivesse a sufocar. Ri-me. E foi então que os vi: Dalton e McKenna.

Sinceramente, não pensei que me fosse afetar tanto; afinal de contas, tinha tantas coisas na minha cabeça. Mas afetou. Foi como se tivesse levado um murro inesperado na barriga.

McKenna exibia um deslumbrante vestido encarnado, sem costas e até aos pés. Dalton envolveu-a nos seus braços e, inclinando-se para ela, sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ela inclinou a cabeça para trás e riu-se. Desviei o olhar.

E se fosse eu? Era um pensamento disparatado, ridículo, mas não pude deixar de me interrogar. E se tivesse aceitado o convite de Dalton? E se fosse eu ali, com Dalton, em vez de McKenna; e se fosse eu quem Dalton

estava a abraçar, se fosse à minha orelha que ele segredava? Senti um peso no coração.

Quando o *slow* terminou, a banda tocou uma música animada. Inclinei-me para a frente e gritei, para que Drew me ouvisse por cima da música:

– Vou à casa de banho.

– Queres que vá contigo?

– Não, não, deixa-te ficar – respondi. – Eu volto já.

– *Okay*, procura-nos – disse ela.

Parti em direção à casa de banho das senhoras que, por acaso, ficava a caminho da saída, que era o meu verdadeiro destino. Não aguentava mais estar ali. Depois, arranjaría uma desculpa qualquer para Drew; dir-lhe-ia que a comida me caíra mal e que não quisera estragar a noite a ninguém, e por isso me fora embora.

Na rua, o ar era frio. Cruzei os braços em frente ao peito e esfreguei-os para me impedir de tremer.

O vento trazia até mim vozes. Para os antigos alunos, a escola montara uma tenda gigantesca no campo de futebol, e era aí que estavam a jantar e a divertir-se. No auditório, tocava a orquestra municipal de Falls Church. Seguindo pelo caminho que escolhera, acabaria por passar lá perto. Interroguei-me sobre que horas seriam ao certo e se não me iria cruzar com as pessoas que, caso o espetáculo já tivesse terminado, estivessem a sair do auditório. Não queria arriscar-me a que o meu avô ou o meu tio Teddy me vissem regressar ao quarto sozinha, vinda do baile. Levantaria demasiadas perguntas às quais não me apetecia responder. O melhor seria arrear caminho e contornar Acacia Hall, ou seja, ir pelo caminho mais longo. Dei meia volta de repente e esbarrei numa pessoa.

– Desculpe... – disse, sobressaltada, e deparei com os olhos castanhos de Dalton. Estava perto dele o suficiente para sentir o cheiro do seu perfume: uma mistura de citrinos, especiarias e madeira.

Pôs as mãos nos meus braços para me equilibrar e, por uma qualquer razão, sorria para mim.

– Olá, Calloway – disse ele.

– Olá – respondi, meio apatetada. Que raio estava Dalton a fazer ali?

– Vi-te sair do ginásio e queria certificar-me de que estavas bem – explicou ele.

– Estou ótima – assegurei.

– Ah, *okay*, ótimo – disse ele.

Continuava com as mãos nos meus braços. Porque não me largava?

– Era só isso? – indaguei, e olhei expressivamente para uma das mãos dele no meu braço.

– Vieste-te embora... só porque sim? – perguntou Dalton, largando-me finalmente e metendo as mãos nos bolsos das calças.

– Sim, estou cansada – repliquei. – Para que é o interrogatório?

– Estás chateada? – inquiriu ele, perplexo.

Não sabia por que razão estava a falar naquele tom com Dalton quando, nem há um minuto, estivera a fantasiar que, em vez de McKenna, era eu quem estava nos braços dele. De repente, porém, sentira-me tão irritada que não conseguira evitá-lo.

– Que queres, Dalton? – indaguei.

– Posso acompanhar-te até à tua residência? – perguntou ele.

– Queres acompanhar-me até à residência?

– Sim.

– Porquê?

– Porque não?

– Então e a McKenna? – inquiri.

– Que tem a McKenna? – perguntou Dalton.

– Vais continuar a responder às minhas perguntas com perguntas? – refilei.

– Desculpa – disse Dalton, surpreendido. – Estás zangada comigo? – quis saber, ao fim de um momento.

Revirei os olhos.

– Só não entendo o que estás a fazer. Vai desfrutar do baile com o teu par.

– Estás zangada por eu ter levado a McKenna ao baile? – perguntou ele.

– Não – respondi. – Estou-me pouco marimbando para quem convidas para o baile.

– *Okay* – disse Dalton. – É que me lembro de te ter convidado a ti e de me teres dito que convidasse outra pessoa, que foi o que fiz. Mas agora pareces irritada com isso.

Sim, é precisamente isso, pensei.

– Não – foi o que respondi.

Por alguma razão, ele sorria. Por que raio é que estava a sorrir? Acharia graça à situação?

– Para de sorrir antes que te bata – ordenei.

– Charlie – começou ele. – Vou dizer-te uma coisa, e quero que me escutes, e depois, em troca, quero que me digas a verdade.

– Pronto, está bem – disse.

– Gosto de ti – declarou ele.

– Isso é óbvio – respondi.

Dalton riu-se.

– Estás a ver, é por isso mesmo que gosto de ti, Calloway. Não és como as outras raparigas.

Ergui uma das mãos.

– Vou já travar-te antes que passes à expressão que é tipo o maior lugar-comum deste século: «Nunca senti nada assim».

– Raios, tu não tornas isto em nada fácil, pois não? – reclamou Dalton, esfregando a nuca. – Não era uma frase de engate... Não és como as outras raparigas aqui da escola. Elas teriam encarado o que eu disse como um elogio, mas eu digo que não és como as outras raparigas e tu basicamente mandas-me à merda.

– *Okay*, peço desculpa – disse. – Que querias dizer, então, se não era um cliché?

– Queria dizer que não és como as outras raparigas, porque elas andam em matilha, como se tivessem medo de estar sozinhas – explicou Dalton. – Mas tu estás muitas vezes sozinha. Não porque não tenhas amigos, mas porque a tua própria companhia te agrada. Além disso, és tipo mestra a dar a volta aos professores, e convidas-te para jogos de póquer de rapazes e depois ainda os arrasas a todos. Se bem que a tua tática tenha sido um pouco injusta. E ao passo que a maioria das raparigas, e dos rapazes, sejamos honestos, ande obcecada com quem namora ou quer namorar, nunca te vi com ninguém. És... Não sei... Diferente. E eu gosto disso. Gosto de ti. E isso não é uma frase feita ou de engate, é apenas a verdade.

Fiquei calada. Sempre tivera jeito para as palavras. Dava respostas rápidas e incisivas, frequentemente espirituosas. Era perita em dar a volta às perguntas dos professores com observações tão verbosas que, no final, eles já nem se lembravam de qual era a pergunta. Naquele momento, não me ocorria uma única resposta.

– Diz qualquer coisa – pediu ele.

Expirei. Estava frio o suficiente para ver o meu hálito.

– Tu também és porreiro, suponho – repliquei um momento depois.
– *Okay* – disse Dalton, como se isso pusesse tudo em ordem. – Toma. – Despiu o casaco e pôs-mo pelas costas. – Estás a tremer.
– Estou bem. – Mas não recusei o agasalho. Ainda conservava o calor dele.
– Anda – desafiou Dalton, e deu-me a mão. – Quero que vejas uma coisa. É imperdível.

Demos meia volta e seguimos pelo caminho que ia dar ao auditório. Ouvi o sino do campanário da escola bater as horas. Eram dez. Quase estaquei; quase voltei para trás. A orquestra já devia ter terminado de tocar. Bem-dito, bem-feito. As portas do auditório abriram-se e as pessoas começaram a sair. A minha vontade era virar-me e ir pelo outro caminho para evitar a multidão de ex-alunos, e foi nesse momento que o vi.

Em frente ao auditório, havia uma fila de bustos em cima de pequenos pilares. Retratavam cada um dos diretores que liderara Knollwood nos últimos cem anos. Na extremidade da fila, como seria de esperar, encontrava-se o busto do diretor Collins, erigido no ano anterior. Destacava-se por ser ligeiramente mais branco do que os restantes bustos. Os elementos ainda não o tinham desgastado a ponto de adquirir o mesmo tom de sépia dos outros. Naquela noite, contudo, destacava-se por um motivo totalmente diferente. Era visível mesmo à distância, à luz dos projetores do auditório: a coleira de diamantes de *Nancy* à volta do pescoço do diretor Collins. Os diamantes tremeluziam, mas não era apenas a coleira, ou a trela a ela apensa, que chamava a atenção. Um balão de banda desenhada havia sido colado aos lábios do busto. Nele lia-se. «Au-au! Au-au! Au-au!». E no pilar, com tinta em *spray*, alguém escrevera: «Senta, Collins. Lindo menino.»

«No passado, tiveram uma administração que ladrava muito, mas não mordia; pois isso acabou», dissera o diretor Collins aquando da audiência disciplinar de Auden. Ameaçara o clube A. E quando Dalton perguntara a Ren o que achara da ameaça do diretor, esta ladrara. Na altura, achei a reação dela estranha.

Alguém do grupo de ex-alunos reparou então no busto grafitado do diretor Collins; as pessoas começaram a juntar-se ali em redor. O burburinho era audível, entre o chocado e o divertido. Pouco depois, dirigindo-se a passo apressado ao busto e abrindo caminho por entre a

multidão como se esta fosse o mar Vermelho, eis que surgiu a vítima em carne e osso, o diretor Collins.

*

– É humilhante, é o que é – reclamava o meu avô, ao mesmo tempo que serrava a pilha de panquecas que tinha no prato. – Como é que um homem adulto não consegue impor respeito a um bando de adolescentes, quando essa é a sua função, é uma coisa que me escapa. Não se entende.

– Quem me dera ter visto o busto – disse Piper, pela centésima vez naquela manhã, e suspirou para o seu copo de sumo de laranja. – Em vez de estar no hotel a tomar conta da bebé.

– Não sou um bebé – ripostou Clementine, lançando o garfo para cima da mesa.

– Que maneiras são essas?! – ralhou a minha tia Grier. Pegou no garfo e devolveu-o a Clementine.

O Rosie's Diner era sempre concorrido aos domingos de manhã, depois da missa, mas naquele dia estava especialmente apinhado, pois a maioria dos ex-alunos continuava na cidade, aproveitando o fim-de-semana do Homecoming. Avistei pelo menos meia dúzia de colegas com as respetivas famílias, todos com o mesmo objetivo de tomarem pelo menos uma refeição em conjunto antes de se fazerem à estrada.

Sentada numa extremidade da mesa, não prestava grande atenção à conversa. Não conseguia esquecer a troca de mensagens com Greyson na noite anterior. Desde então, não parara de pensar na sugestão que ele fizera. Parecia tão óbvia. Porque não me ocorrera antes? Era um excelente ponto de partida. Algures, num armário escuro e poeirento, havia uma caixa cheia de respostas às inúmeras perguntas que eu tinha.

– O homem devia ser despedido – continuou o meu avô. – Assim que chegarmos a casa, vou ligar ao Fred Eakins, que está no Conselho de Administração. De certeza que já saberá do sucedido.

– Calma, pai, ainda tem um piripaque – disse o tio Teddy. – Se pensarmos bem, é apenas um rabisco com tinta em *spray*, um balão de cartolina e um grupo de miúdos que pregou uma partida. No meu tempo, fazíamos coisas piores.

Piscou-me o olho desde o outro lado da mesa.

– Por amor de Deus, Teddy, os miúdos ainda vão pensar que fechamos os

olhos a este tipo de comportamento – argumentou a tia Grier, e inclinou-se para limpar os cantos da boca de Clementine com uma toalhita húmida.

– Armar alguns sarilhos faz bem à pele – afirmou o tio Teddy. – Leo, Charlotte, quero que saibam que se não me telefonarem antes do final da adolescência a pedir-me que vos vá pagar uma caução, ficarei um pouco desiludido.

– Teddy! – reclamou a tia Grier.

– Expulsem tudo dos vossos sistemas antes que fique no vosso cadastro – prosseguiu o tio Teddy.

– Nada de proselitismo à mesa do pequeno-almoço – ordenou Eugenia.

– Sim, mãe – respondeu Teddy, só para a irritar.

O tio Teddy pediu licença e dirigiu-se à casa de banho. Esperei um pouco e depois levantei-me e segui-o. O Rosie's Diner tinha apenas uma casa de banho unissexo na parte de trás do restaurante. Aguardei, encostada à parede. Ouvi o autoclismo e depois o som de uma torneira a correr.

Disse a mim mesma que não havia motivos para estar nervosa. Sob muitos aspetos, o tio Teddy era como um segundo pai. Se havia alguém da família em quem podia confiar, para além de Leo, era ele.

A porta da casa de banho abriu-se e o tio Teddy apagou a luz.

– Ah, desculpa, não te vi aí – disse ele. Deu um passo atrás, segurou a porta da casa de banho para eu entrar e acendeu a luz. – Força.

Dei um passo em frente e preendi a porta com o pé.

– Na verdade, queria falar consigo acerca de uma coisa – confessei.

– *Okay*, de que se trata? – indagou o meu tio.

– É acerca da minha mãe – disse. Engoli o caroço que sentia na garganta.

– Sei que não é o seu tema preferido.

O sorriso do meu tio vacilou por um momento, mas, depois, disse:

– Que queres saber?

– Bem, em primeiro lugar, a Eugenia mencionou uma coisa estranha no outro dia – comecei, e preendi uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Disse que a minha mãe o agrediu, uma vez. Que quase lhe partiu o nariz.

O olhar do meu tio ausentou-se, como se estivesse noutra sítio ou a recordar-se de qualquer coisa. Um momento depois, recompôs-se.

– A tua mãe tem um gancho de direita poderoso – admitiu ele, simulando um sorriso.

– Então, é verdade?

– Olha, todas essas histórias do passado – respondeu o meu tio, ligeiramente irritado. – Não faço ideia por que raio a minha mãe foi desenterrar essas coisas.

– Descobriu que eu estive na casa do lago na semana passada – admiti.

O meu tio franziu a testa.

– Que foste lá fazer?

Hesitei.

– Se lhe contar uma coisa, promete que não vai fazer queixas ao meu pai?

– Charlotte...

– Não posso contar-lhe, se depois for dizer ao meu pai. Ele deixou bem claro que não o queria envolvido no assunto.

– Ele quem?

Hesitei.

– Promete que o meu pai não vai ficar a saber disto?

O meu tio suspirou.

– Pronto, está bem. Dou-te a minha palavra.

– O meu tio Hank... Lembra-se dele? O irmão mais velho da minha mãe?

– Sei quem é.

– Aqui há uma semana ou assim, veio visitar-me – comecei. – Disse que tinha de falar comigo da minha mãe... do que lhe tinha acontecido. E mostrou-me umas fotografias que encontrou na casa do lago. Se tivesse visto as fotografias, tio Teddy... Ele acha que estão relacionadas com o que aconteceu à minha mãe. Não sei.

– Que mostram as fotografias? – quis saber o meu tio.

– Algumas mostram a minha mãe com um tipo desconhecido, numa cafetaria – revelei. – E há algumas fotografias daquele verão, em que estou eu, a Seraphina e a minha mãe. São fotografias que parecem ter sido tiradas por alguém que nos perseguia por Hillsborough.

O tio Teddy franziu ainda mais as sobrancelhas.

– Tens essas fotografias contigo? Posso vê-las?

Abanei a cabeça.

– É o tio Hank quem as tem. Olhe, eu sei que a nossa família e a deles nem sempre se deram muito bem, e não sei o que pensar das fotografias, mas tenho de admitir que são estranhas – disse. – Sei que é um favor enorme o que lhe vou pedir, mas acha que consegue fazer-me chegar a informação acerca da minha mãe que o investigador privado que o meu pai

contratou reuniu? Preciso de saber toda a história. Ou, pelo menos, o que se sabe.

O tio Teddy ficou em silêncio por um momento.

– Eu consigo arranjar-te o ficheiro que o detetive privado compilou – cedeu ele. – Fica a ser o nosso segredo.

– Obrigada, tio Teddy – agradeci, e suspirei de alívio.

– Ora essa – respondeu o meu tio, e, de regresso à mesa, colocou o braço por cima dos meus ombros. – Que é um pequeno segredo entre parentes de sangue?

Catorze

ALISTAIR CALLOWAY

1996

No final de dezembro, a minha família reuniu-se em casa dos meus pais, em Greenwich, para comemorar a quadra festiva. Como sempre, Eugenia superou-se a si mesma. A casa cheirava a azevinho por todo o lado, havia uma árvore de Natal de seis metros de altura no vestíbulo da entrada, junto à escadaria, o corrimão estava engalanado de fitas e visco branco, havia enfeites em todas as lareiras e luzes a brilhar em todos os ramos das árvores do jardim.

Todos levávamos companhia para as festas, porque daríamos em doidos se tivéssemos de aturar-nos uns aos outros. Levei Margot, como acontecera no Natal do ano anterior. Olivia convidou o seu amigo Porter, de Vassar, que usava camisolas de losangos e óculos de armação de tartaruga e gostava de dissertar acerca de arte e de Sartre. Presumi que Teddy fosse aparecer meio bêbado no dia a seguir ao Natal com um dos seus compinchas do clube; em vez disso, chegou três dias antes do Natal, com Grace.

Margot e eu tínhamos passado a tarde toda no Bergdorf a fazer a lista de casamento e só vi o meu irmão e Grace ao final do dia, quando nos sentámos todos juntos na sala de estar.

A lareira estava acesa; Teddy e Grace estavam sentados no sofá comprido ao lado de Margot e de mim; Eugenia afadigava-se a tratar das bebidas.

– Quando foi a última vez que cortaste esse cabelo? – perguntou Eugenia, sempre muito dedicada a Teddy, ao mesmo tempo que lhe entregava o uísque que ele pedira.

Subconscientemente, Teddy passou a mão pelo cabelo e penteou a franja rebelde.

– Tenho andado ocupado – defendeu-se ele.

– Eu ligo ao Robert – decidiu Eugenia. – Peço-lhe que venha cá e te corte o cabelo e a barba.

Inclinei-me para a frente e fiz passar o arame da tábua do queijo pela casca descorada do *Parmigiano-Reggiano* que Eugenia colocara em cima da mesa do café. Imaginei que o bloco de queijo era o pescoço elegante e pálido de Grace.

Estava irritado por ela estar ali. Era como se, com a nossa última conversa, ela tivesse reaberto uma ferida que há muito sarara, obrigando-me a lidar com ela de novo. Andava a ter um sonho recorrente: encontrava-me no cimo de um precipício, às escuras. Estava tão escuro que não via nada à minha volta. Sabia instintivamente onde me encontrava e o que havia ao fundo do precipício. Esforçava-me por me afastar dele. Certo de que estava à minha frente, dava um passo atrás. Ou então, crente de que estava mesmo nas minhas costas, avançava. Os meus esforços saíam sempre gorados. Caía e caía e caía até chegar à água. Engolia-me, fria e negra, e eu tentava nadar, mas nunca chegava à superfície a tempo. Por muito depressa que nadasse, nunca chegava ao cimo. Acordava ofegante, a esbracejar, encharcado em suor.

Por duas vezes, Margot estava a dormir ao meu lado quando isso aconteceu. Ficou suficientemente alarmada para me incitar a consultar um médico. Marquei uma consulta com o meu médico de família, o Dr. Carmichael, que me mandou fazer uma bateria de análises e alguns exames. Não revelaram nada. Estava tudo normal.

– Respira saúde – disse-me o Dr. Carmichael na última consulta.

– Então, porque acordo a meio da noite, ensopado em suor? – perguntei.

– É ansiedade – respondeu o Dr. Carmichael. – Houve assim algum acontecimento stressante nos últimos tempos? Alguma coisa fora do comum?

Pensei em Grace. «Namorávamos quando aquilo aconteceu», dissera ela.

– Vou-me casar – disse. – Em setembro. Em Vineyard.

– Lá está – concluiu o Dr. Carmichael, com uma risada. – Um caso típico de nervosismo pré-nupcial.

Receitou-me Xanax; tomava-os como se fossem rebuçados, para ao menos conseguir dormir descansado.

E agora ali estava Grace de novo, sentada na sala de estar, como se

fizesse parte da família. Era irritante, no mínimo. Que raio fazia ela ali? Teddy ainda não teria acabado com a porcaria do seu joguinho ridículo?

– Chama-se Duas Verdades e Uma Mentira – dizia Eugenia ao grupo. – É um pequeno jogo que gostamos de jogar.

– Eu quero ser a primeira – declarou Olivia, encarrapitando-se numa cadeira junto à lareira.

– Primeiro, temos de explicar as regras do jogo – fez notar Eugenia. Acomodou-se no seu cadeirão com um copo de vinho tinto. – E a Grace devia ser a primeira, uma vez que é nossa convidada.

Olivia encostou-se ao espaldar da cadeira e suspirou.

– Não é justo. Como não sabemos praticamente nada acerca dela, a Grace tem uma enorme vantagem sobre nós.

– Temos mesmo de jogar a isso? – resmungou Teddy. – Não podemos ser normais e jogar às cartas ou assim?

– Dizes isso, porque perdes sempre – alegou Olivia. – Ele não tem jeito nenhum – informou ela, dirigindo-se a Grace.

– Bem, tendo em conta que neste jogo campeiam os mentirosos patológicos, encaro isso como um elogio – replicou Teddy. – Não é de admirar que sejas uma verdadeira campeã.

Olivia mostrou-lhe a língua.

Olivia e Teddy brigavam sempre que se jogava ao Duas Verdades e Uma Mentira. Da última vez, o jogo terminara com Olivia a lançar um copo de vinho à cara de Teddy: o copo todo, não apenas o vinho.

– Cada pessoa faz três afirmações; duas delas verdadeiras e uma falsa – explicou Eugenia a Grace e a Porter. Margot já tinha tido o prazer de jogar connosco. – Cabe aos restantes descobrir qual das afirmações é a mentira.

– E podemos fazer perguntas para tentar adivinhar – acrescentou Olivia. – E tu podes mentir à vontade para nos enganares.

– Se não acertarmos, a Grace continua em jogo – disse Eugenia. – Se acertarmos, fica eliminada. O vencedor é a última pessoa em jogo, obviamente.

– E o vencedor tem direito a um prémio – prosseguiu Olivia. – É sempre uma coisa que vale a pena. Qual é o prémio desta vez, Eugenia?

– O prémio é o meu relógio – afirmou Eugenia.

Desapertou a bracelete de ouro branco do pulso e exibiu o relógio para que todos o vissem. Era um *Rolex* com o mostrador cravejado de diamantes.

– Oh, deixe-me ver – pediu Olivia, estendendo o braço para alcançar o relógio. – É lindíssimo.

– Ora bem, Grace, pode dar o pontapé de saída – desafiou Eugenia.

– *Okay*, três coisas – disse Grace, segurando o pé alto do seu copo vinho.

– Não tens de jogar se não quiseres – alertou Teddy.

– Sim, tem de jogar – contradisse Olivia. – Porque não haveria de ter de jogar?

– Tudo bem – disse Grace, pousando a mão sobre o joelho de Teddy. Mordeu o lábio, absorta em pensamentos. – A primeira coisa é que costumava praticar natação no liceu e ganhei um título de campeã estadual – começou ela, ao fim de um momento. – A segunda coisa é: nunca terminei a faculdade. E a terceira: tenho quatro irmãos.

– Que estilo nadavas? – quis saber Margot.

– Bruços, ou de peito – respondeu Grace.

– Curioso – comentou Olivia. – O Teddy também adorava peitos quando andava no liceu.

– Cala a boca, Liv – ripostou Teddy.

Margot inclinou a cabeça para o lado e olhou fixamente para Grace. Rodava o anel de noivado, como era seu costume quando pensava.

– É possível que seja verdade – disse. – A Grace não é alta, mas parece ter de facto uma constituição de nadadora.

– Sim, não tem peito – acrescentou Olivia.

– Mas que te deu, Olivia? – reclamou Teddy.

As faces de Grace ruborizaram-se.

– Como se chamam os teus irmãos? – perguntei eu.

Grace virou-se para mim. Demorou uns segundos a responder.

– Lonnie, Will, Phillip e Hank – enumerou ela.

– Caramba! – exclamou Olivia. – Os teus pais são católicos ou assim? Não acreditam no planeamento familiar?

– Mãe, não pode tipo amordaçá-la ou açaimá-la? – reclamou Teddy. Era o único que podia tratar Eugenia por «mãe».

– Olivia, tenta ser educada – ralhou Eugenia.

– Conte-nos qualquer coisa acerca de cada um dos seus irmãos – pediu o meu pai.

– Bem, o Lonnie é o mais novo – revelou Grace. – É o bobo da família, digamos assim. O Will é o do meio. Sempre foi o mais corajoso, o

aventureiro. O Phillip é o cérebro da família. Está a estudar Direito. E o Hank é o mais velho... É assim uma espécie de brutamontes, mas tem um coração de ouro.

– Qual é o teu preferido? – inquiriu Olivia.

– Amo todos os meus irmãos – afirmou Grace. – Mas acho que sou mais chegada ao Hank.

– Porque não terminaste a faculdade? – indagou Porter.

Grace encolheu os ombros.

– Por muitas razões – disse ela. – Senti que não tinha uma ideia definida do que queria fazer. E julgo que não é uma sala de aulas, nem tão-pouco um grau universitário, que nos ensina o que precisamos verdadeiramente de saber na vida. Penso que o que queria não era estar metida numa sala de aulas, mas viver a vida.

– Que razões tão ridículas – comentou Olivia.

– Okay, acabou o jogo – decretou Teddy, batendo palmas. – Quem quer jogar às cartas?

– Que foi? – queixou-se Olivia. – Se alguém dá uma resposta estúpida, tenho o direito de o dizer. Faz parte do jogo.

– A Olivia tem razão, Teddy – corroborou o meu pai. – Não sejas tão sensível.

As pontas das orelhas de Teddy enrubesceram-se e ele olhou fixamente para a mesa do café.

– Diga-me lá de novo os nomes dos seus irmãos? – perguntou o meu pai a Grace.

Grace tardou em responder.

– Lonnie, Will, Hank e Patrick – disse, por fim.

– Antes tinha dito Phillip, minha querida – fez notar o meu pai. – Não Patrick.

Grace arregalou ligeiramente os olhos e esboçou um sorriso.

– Disse?

– Quem é que vota que a mentira é essa? – indagou Olivia ao resto dos presentes. – A Grace não tem quatro irmãos.

Todos levantámos a mão, à exceção de Teddy.

– Sim, acertaram – confessou Grace. – A mentira era essa. Assim sendo, fico de fora.

– Da próxima vez, não desistas tão facilmente – recomendou Olivia,

claramente irritada. – Podias ter tentado convencer-nos de que o meu pai já não se lembrava bem do que ouvira.

– É pouco provável que conseguisse – alegou o nosso pai. – Tenho memória de elefante.

– Agora é a minha vez – disse Olivia, sentando-me muito direita na cadeira, como um pavão emproado.

Grace ficou praticamente em silêncio durante o resto do jogo; ao lado dela, Teddy fervia de cólera. Chegada a vez dele de jogar, as suas três afirmações foram: «A minha irmã Olivia é uma parvalhona; odeio a minha irmã Olivia; e não espero que a Olivia tenha uma morte horrível e dolorosa.» No final, o meu pai ganhou o jogo, arrebanhou o relógio das mãos de Olivia e devolveu-o à minha mãe.

*

No final dessa noite, deambulei pelo corredor abaixo até ao quarto de Teddy. Acomodei-me no cadeirão ao lado da sua cama e fiquei a vê-lo desfazer a mala.

Teddy não acusou a minha presença, por isso, peguei na pequena bola de borracha *antisstress* que estava em cima da sua mesa de cabeceira e lancei-a ao ar, apanhei-a e lancei-a novamente ao ar.

– Que foi? – perguntou Teddy finalmente, quando já não podia mais ignorar-me.

– Nada. Achei apenas surpreendente a tua escolha de convidada, nada mais – respondi, e pousei a bola. – Estás mesmo a demorar este tempo todo a levá-la para a cama?

Teddy parou de desdobrar as camisas. Retesou-se e as suas orelhas tornaram a adquirir o mesmo tom de vermelho.

– Já não é a mesma coisa – explicou Teddy, mas sem olhar para mim. – Não que isso te diga respeito.

– Então, é o quê? Estás apaixonado por ela?

– E se estivesse, era assim tão mau?

– Teddy, que escolha tão fraca – respondi. – É demasiado... mediana.

Teddy deu uma gargalhada sombria.

– *Mediana*. Dizes isso como se fosse a pior coisa que uma pessoa pudesse ser. E estás enganado. Não a conheces como eu.

– Olha – respondi, e levantei-me e pousei a mão no ombro do meu irmão.

– Talvez aches que estou a ser injusto, mas estou apenas a olhar por ti. Podes ser muitas coisas e ser bem-sucedido nesta família. Sê estúpido, sê rebelde, sê frívolo, sê presunçoso. Mas não podes ser mediano. E a Grace é mediana. Não sobreviverá a esta família. Portanto, faz um favor a toda a gente, leva-a para a cama e acaba com isso.

Aconteceu num piscar de olhos: um momento estava ali de pé, com a mão no ombro do meu irmão, e, no momento seguinte, ele agarrou-me pelo colarinho da camisa e encostou-me com força à parede. Estava vermelho de raiva, ofegante e fulminava-me com o olhar.

Ri-me.

– Cuidado, Teddy – disse. – Tens os sentimentos à mostra.

*

Eugenia tinha finalmente aceitado que eu ia casar com Margot. Penso que o que a ajudou a ultrapassar a contrariedade foi o facto de adorar planejar um evento em que os Calloways seriam a atração principal. A organização do casamento concedeu à minha mãe mais em que pensar do que o seu desagrado em relação à noiva.

Na manhã seguinte, quando desci para o pequeno-almoço, encontrei a minha mãe e Margot à mesa, lado a lado. À frente delas, estava uma coleção de amostras de tecido.

– Que estão as minhas duas mulheres preferidas a fazer? – perguntei.

– Ei! – exclamou Olivia, ofendida. Estava sentada na outra extremidade da mesa, com uma revista de moda e um copo de sumo de laranja à frente. Ignorei-a.

– Estamos a escolher a paleta de cores para o casamento – respondeu Margot muito bem-disposta.

– Posso ver? – perguntei, estendendo o braço na direção de uma das tiras de tecido que estavam em cima da mesa.

A minha mãe deu-me uma palmada na mão.

– És homem; não tens direito a opinião – disse ela.

– Porque não? – quis saber.

– Porque és daltónico.

– Não sou nada daltónico! – afirmei.

A minha mãe suspirou e segurou dois pedaços de tecido branco.

– De que cor são? – perguntou ela.

– Brancos – respondi.

– Lá está – concluiu ela. Apontou para a amostra da esquerda. – Este é branco creme. Tem uma base mais amarela. – Apontou depois para o tecido da direita. – E este é branco lunar. Tem uma base azul. Sinceramente, são diferentes como a noite e o dia.

Semicerrei os olhos para os observar melhor.

– A mim parecem-me iguais – disse.

– Precisamente – teimou a minha mãe, e abanou a cabeça. – Daltónico.

– Pronto – respondi, admitindo que ela tinha razão. Peguei no jarro do café e servi-me de uma chávena. – Nesse caso, vou-me já embora e não vos maço mais.

Margot e a minha mãe ignoraram-me; estavam já ocupadas a decidir a cor das toalhas de mesa. Foi então que olhei pela janela e os vi: Teddy e Grace, no relvado da frente. Estavam a brincar na neve. Grace tinha um casaco curto creme-pálido, um gorro de lã que lhe cobria as orelhas e a ponta do nariz vermelha do frio. Teddy empurrava-a contra a neve. Ela ria-se. Tinha um ar ridículo, deitada de costas com as raquetes de neve nos pés a apontar para o céu. Puxou a perna de Teddy e ele caiu ao lado dela.

Grace começou a mexer os braços e as pernas para um lado e para o outro, desenhando um anjo. Mais parecia a porcaria de um postal da *Hallmark*.

Então, Teddy inclinou-se na direção dela, prendeu-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha e beijou-a. Senti um aperto no coração e desviei o olhar.

Quinze

CHARLIE CALLOWAY

2017

Fazia parte da tradição da Knollwood Prep os finalistas e pré-finalistas passarem o primeiro fim de semana de outubro num retiro em Camp Wallaby, no Maine. Em miúda, nunca frequentara um campo de férias, mas imaginava um grupo de jovens a assar *marshmallows* em redor de uma fogueira, a cantar «Kumbaya» ao som de uma guitarra acústica tocada por um *hippie* de cabelo comprido, a passar o dia a fazer canoagem e a entrançar pulseiras da amizade. Atividades pirosas, mas inofensivas. Harper Cartwright, no entanto, não tardou a cercear-nos as expetativas durante a viagem de autocarro até lá: o que nos esperava não era nenhum retiro relaxante.

– É mais tipo um choque com a realidade, um «orientem-se lá que a vida não é isto» – explicou Harper, recostada no banco.

Aparentemente, toda a gente estava obrigada a reunir-se em privado com um orientador vocacional que nos recordava que estávamos prestes a tomar uma das maiores decisões da nossa vida.

– Basicamente, fazem-nos ver que só existem umas dez universidades que vale a pena frequentar, esfregam-nos na cara as poucas ou nenhuma hipóteses que temos de ser aceites por elas e convencem-nos de que, se não entrarmos, mais vale cortarmos os pulsos. E recebem bónus por fazerem os alunos chorar – afiançou Harper.

– Não é assim tão mau – argumentou Dalton. – Ajudam-nos a construir uma estratégia, do género: que atividades extracurriculares devemos escolher para projetarmos uma personalidade mais abrangente ou que aulas devemos escolher para nos destacarmos na candidatura.

– No ano passado, convidaram uma pessoa do gabinete de admissões de Harvard para ir falar à escola – contou Crosby, e deu um piparote brincalhão no joelho de Drew, que, sabe-se lá como, tinha conseguido sentar-se ao lado dele, para grande contrariedade de Ren, que a dardejava com o olhar desde o outro lado do corredor.

– Estou a ficar um bocado enjoada – disse a Leo, sentado ao meu lado. – Acho que vou deitar-me lá atrás e tentar dormir um pouco.

– As melhoras – desejou-me ele.

Encontrei um banco vazio na parte de trás do autocarro e deitei-me, usando a mochila como almofada. Mas primeiro, saquei do velho livro de curso de 1990–1991 que desviara da biblioteca da escola uns dias antes. Depois das conversas que tivera com Claire e com o tio Hank, pusera-me a pensar no meu pai. Devia haver registo da sua passagem pela escola, vislumbres de quem fora quando tinha a minha idade.

Abri a capa dura do livro, nas cores de Knollwood: azul-marinho e dourado. As folhas eram grossas e acetinadas. A primeira página era um *in memoriam* a um aluno que falecera.

JAKE GRIFFIN

8 de julho de 1973 – 21 de dezembro de 1990

Amado filho, irmão, amigo e um inestimável membro da família Knollwood
Augustus Prep.

Não era dito como é que Jake falecera. (Teria sido uma doença crónica? Um acidente de viação? Ou qualquer coisa mais sinistra, tipo um suicídio?) No meio da página, estava um retrato dele, com o casaco e gravata do uniforme escolar. Era um rapaz bem-parecido, moreno e com um ar simpático. O seu sorriso rasgado parecia genuíno e contagiante.

Em redor do retrato, havia uma colagem de fotografias de Jake em Knollwood: Jake a presidir à Associação de Estudantes, com o martelo em riste para assinalar o início de uma reunião; Jake em cima de uma cadeira dobrável a pendurar grinaldas para o baile do Homecoming; Jake a pairar no ar, de raquete esticada por cima da cabeça, executando o serviço que lhe dera a vitória num torneio de ténis. Preparava-me para virar a página

quando reparei nela: uma fotografia de Jake no pátio da escola com o braço por cima dos ombros de outro rapaz. A fotografia tinha uma legenda: «Jake Griffin e Alistair Calloway». Quase não reconhecera o meu pai, aos dezassete anos, ao lado de Jake, mas observando melhor, identifiquei os traços fisionómicos que o distinguiam: o cabelo curto e louro, os olhos azuis, a testa alta e o queixo anguloso. Sim, era Alistair Calloway.

O meu pai costumava falar do tempo que passara em Knollwood e dos amigos que aí fizera; continuava a dar-se com muitos deles. Eram os seus parceiros de golfe ao domingo, as famílias com quem jantávamos no verão, em Martha's Vineyard, e até, ocasionalmente, as pessoas com quem passávamos férias. No entanto, nunca o ouvira mencionar Jake Griffin. Não era um nome que reconhecesse. Não obstante, ali estavam os dois, com o braço em redor um do outro, sorrindo para a fotografia.

Mas talvez não fosse assim tão estranho que o meu pai nunca tivesse falado de Jake. É possível que não fossem tão chegados como a fotografia sugeria, ou quiçá até fossem bastante amigos, mas recordar essa amizade fosse demasiado doloroso para o meu pai.

Virei a página. Era a vez dos retratos dos finalistas, por ordem alfabética. Não demorei a localizar o do meu pai, quase ao centro. Alistair Calloway. Fora eleito o «Melhor Em Tudo» pelos colegas. A sua citação era de uma fonte desconhecida: «Nunca olhes para trás. O que está feito está feito. Sê sensato e segue em frente.»

Folheando o anuário, percebi sem dificuldade o tipo de rapaz que o meu pai havia sido: giro, popular, esperto e atlético. Capitão da equipa de ténis, da equipa de remo, delegado da turma de finalistas, orador de fim de curso. Mas, pensando bem, que outra história era suposto um anuário contar senão uma história feliz, a que toda a gente queria recordar?

*

Um dos grandes prazeres de Camp Wallaby – e havia muitos, incluindo os bangalôs sem ar condicionado, os exercícios contínuos e intensivos de *team-building* que toda a gente se esganhava para liderar e as conversas forçadas à volta da fogueira durante as quais os alunos se queixavam de uma forma passivo-agressiva do comportamento passivo-agressivo dos colegas – era o facto de estarmos proibidos de levar os nossos telemóveis ou quaisquer outros dispositivos tecnológicos que nos ligassem ao mundo

exterior. Portanto, não só estava impedida de saber de quaisquer progressos que o meu tio pudesse ter feito na localização dos ficheiros do investigador privado acerca da minha mãe, como também não podia falar com Greyson, a única pessoa que fazia uma pequena ideia do lodaçal em que vivia diariamente.

Naquele momento, o grupo de doze pessoas no qual fora incluída ao calhas encontrava-se no campo de voleibol. O nosso orientador, Kirk, era um rapaz de vinte e tal anos demasiado apaixonado pelo seu trabalho.

– *Okay* – disse Kirk, batendo palmas. – Esta tarde vamos jogar voleibol. Vou escolher dois chefes de equipa. São duas pessoas que se saíram muito bem esta manhã naquela atividade em que tinham de se deixar cair para trás e confiar que os vossos companheiros vos segurariam.

Levantei a mão para perguntar como era possível alguém notabilizar-se numa coisa tão passiva como cair, mas Dalton estava mesmo à minha frente e Kirk não conseguiu ver a minha mão.

– Sheila e Zachery, venham até aqui e escolham as vossas equipas – chamou Kirk. – E vamos lá aplaudi-los pelos seus desempenhos desta manhã.

Bati palmas sem grande empenho.

– Três vivas à gravidade – trocei. – Em abono da verdade, foi ela que fez a maior parte do trabalho.

Dalton rodou a cabeça e deu uma risada. Pelo menos, divertia alguém.

– Eu escolho o Crosby – afirmou Sheila.

Crosby saiu de trás de mim e foi a correr para junto de Sheila.

Zachery escolheu Dalton. Sheila apontou para Harper Cartwright. Chegada a vez de Zachery, Dalton inclinou-se e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

– Oh, vá lá, meu! – reclamou Zachery. Mas apesar disso, esticou o braço e apontou para mim. – Queremos a Charlie.

Não podia censurar Zachery pela sua relutância em me escolher. Nunca tivera queda para os desportos, na verdade. Não entendia a atração por transpirar, por ofegar, por dores no corpo todo. Praticar desporto jamais fora uma coisa divertida para mim, além de que também sofria de um problema de coordenação.

– Muito bem, Calloway – disse Dalton quando cheguei ao pé deles. Levantou ambas as mãos acima da cabeça e eu tive de me pôr em bicos de

pés para lhes chegar.

– Pois, hum, força – respondi.

– Já se estava mesmo a ver – ouvi Harper comentar por cima do meu ombro. Virei-me e vi-a revirar os olhos e fazer biquinho, simulando um beijo, o que não deixava de ser irritante, mas não era nada que eu não ignorasse se Sheila não se tivesse rido ao mesmo tempo, como se a piada fosse partilhada.

Escolhidas as equipas, coloquei-me junto à rede, à frente de Dalton, que estava a servir. Do outro lado da rede, virada para mim, estava Harper. Era quase tão baixa como eu, por isso, nesse aspeto, estávamos iguais. Empurrou o cabelo encaracolado e louro para trás dos ombros e, sem grande determinação, pontapeou a terra escura do campo.

Dalton executou um serviço brilhante que roçou a rede e aterrou do outro lado, incólume, no meio de uma nuvem de pó. A minha equipa aplaudiu.

– Não tem importância, tudo bem – gritou Sheila, num esforço por animar a equipa. – O próximo é nosso.

– Está alguém acordado desse lado? – perguntou Zachery, ao mesmo tempo que Harper devolvia a bola a Dalton por baixo da rede.

– Aponta o próximo na minha direção, Dalton, se te achas assim tão infalível – desafiou Harper.

– A menina é que manda – respondeu Dalton, e esboçou um sorriso matreiro.

O serviço seguinte voou pelo ar, ultrapassou a rede e Harper deu um pulo e rechaçou a bola para o nosso lado.

Dei-me conta, demasiado tarde, de que a bola vinha direita à minha cara e que não estava bem posicionada para dar um passo atrás e devolver a bola. Assim sendo, desviei-me. A bola caiu ao chão, atrás de mim, com um baque surdo.

– É isso mesmo! – gritou Harper, e Sheila deu-lhe um «mais cinco».

– Sabes que tens de tocar na bola, certo? – perguntou-me Zachery.

De repente, dei por mim a desejar que o voleibol fosse um desporto de contacto.

– Posso fazer de conta que a tua cara é a bola e treinar? – ripostei.

– Calma aí.

O serviço seguinte coube a Sheila. Marcou um ponto antes de a bola voltar para a minha equipa. Foi com desânimo que compreendi, aquando da

rotação da minha equipa, que era a minha vez de servir. Tinha a força braçal e de tronco de um rapazinho de oito anos.

Tentei o serviço por baixo. A bola não passou por cima da rede, mas acertou na cabeça de Zachery, o que constituiu uma pequena, ainda que humilhante, vitória. No campo adversário, Harper deu uma risada. O meu único consolo foi o facto de lhe ter saído pelo nariz, parecendo um relincho.

– Tudo bem, foi um bom esforço! – elogiou Kirk, e bateu palmas sonoramente, o que, é claro, tornou a coisa em ainda pior do que já era.

Estava decidida a redimir-me. Fleti os joelhos e inclinei-me para a frente. Observei Dalton na jogada seguinte, a forma como só entrelaçava as mãos quando alcançava a bola, o modo como nivelava os ombros antes de a bater. Era capaz de fazer o mesmo. Quando a bola foi servida pela equipa adversária, eu estava preparada. Vi a bola voar para a minha secção do campo e cerrei os dentes.

– É minha! – exclamou Dalton, e mal tive tempo de sair do caminho. Dalton açambarcou a minha posição e elevou a bola no ar. Zachery lançou-a para o outro lado.

– Ei! – reclamei.

Mas Dalton limitou-se a piscar-me o olho, como se me tivesse feito um favor.

– Não te preocupes, eu ajudo-te.

Zombei do comentário dele, mas Dalton estava demasiado ocupado a fazer chocar o seu peito contra o de Zachery e a apupar como um homem das cavernas para se aperceber disso.

Sabia que o meu desempenho até então não lhe tinha dado muita confiança nas minhas capacidades, mas ainda assim...

Quando a bola seguinte veio na minha direção, catapultei-me para ela.

– É minha! – gritei eu e Dalton ao mesmo tempo, um segundo antes de colidirmos. Dalton caiu ao chão e eu tombei em cima dele.

– Estás bem? – perguntou Dalton, ao mesmo tempo que a poeira assentava ao nosso redor. Dei-lhe uma palmada no peito. – Au! – queixou-se ele.

– A bola era minha – reclamei.

– Estava apenas a tentar ajudar – alegou ele.

– Pois não ajudas.

Levantei-me e sacudi os joelhos, cobertos de terra.

– Está tudo bem, Dalton? – inquiriu Zachery. – Ela magoou-te?

– Ei, ele é que esbarrou em mim – realcei.

– Quando o Dalton diz que a bola é dele, tu saís da frente – instruiu Zachery. – Ele é o nosso LeBron James. E o LeBron James marca sempre o ponto que concede a vitória à equipa.

– Não vais querer mesmo dar outro passo na minha direção, Zachery – ameacei.

– Controla a tua rapariga, Dalton – pediu Zachery.

– Que disseste tu? – indaguei, mas Dalton esticou o braço e agarrou-me pela cintura.

– Não lhe lighes – disse ele.

Naquele momento, não tive mesmo outra opção senão ignorá-lo, porque a bola seguinte já voava por cima da rede. Não me pertencia; iria cair logo a seguir à rede, mas eu não quis saber. Lancei-me para a outra ponta do campo. Vi-a mesmo antes de saltar e de elevar a mão para jogar a bola. Ali, do outro lado da rede, à espera, estava Harper Cartwright. Ao mesmo tempo que a palma da minha mão entrava em contacto com a bola, pensei: *mergulha, cabra. Mergulha*. Bati na bola como se fosse a cara de Zachery.

Harper mergulhou, de facto, mas não foi suficientemente rápida. A bola bateu no chão. Ponto.

Berrei de uma maneira que evidenciava muito pouco desportivismo, o que, sem dúvida, horrorizou Kirk. Entretanto, Dalton elevou-me em ombros e fez-me girar numa espécie de dança da vitória.

– E agora, Zachery, hã? Como é que é? – gritei.

– Lamento interromper a festança – ouviu-se uma voz.

Dalton parou de girar e pousou-me no chão. Era Mariah, a minha orientadora vocacional.

A cada aluno que entrava em Knollwood era atribuído um orientador vocacional, e Mariah era a minha. Tínhamos de nos reunir com os nossos orientadores uma vez por semestre, pelo menos, e rever os nossos horários e falar dos nossos «objetivos» e do que «queríamos alcançar», o que já seria irritante o bastante por si só; no entanto, Mariah achava que o seu papel devia ir além das áreas académicas e extracurriculares. Aproveitava para me fazer perguntas acerca da minha família e de como é que eu me estava a aguentar, e – juro que não estou a imaginar coisas – a empurrar a caixa de lenços de papel na minha direção, como se, a qualquer momento, eu fosse

desatar a chorar baba e ranho. Vira o inegável brilho de felicidade no seu olhar da última vez que estivera no seu gabinete e pedira um lenço de papal, e depois o seu desapontamento ao constatar que eu o usara para limpar o batom.

Mariah era uma mulher de meia idade que andava sempre vestida de uma maneira informal: calças de sarja, sapatos fechados e baixos e camisa. Insistia em que os alunos a tratassem pelo primeiro nome e tinha o hábito de enfiar as mãos nos bolsos das calças e acenar com a cabeça quando estava absorta em pensamentos. As pessoas que enterravam as mãos nos bolsos das calças faziam-me confusão.

– Tenho uma reunião marcada com a Charlie – declarou ela. – Posso roubá-la por um bocadinho?

– Leve-a à vontade – respondeu Zachery.

– Marquei aquele último ponto, caso não tenhas reparado – realcei.

– Sim, parabéns. Também nos custaste muitos outros e quase lesionaste o nosso melhor jogador. Portanto, continuas em dívida, caso *tu* não tenhas reparado – argumentou Zachery.

– Oh, Zachery, vou mesmo sentir saudades deste bocadinho tão especial que partilhámos – disse. Levantei o braço e dei-lhe uma palmadinha na cabeça quando passei por ele.

Depois das linhas laterais, Mariah abraçou-me.

– É tão bom ver-te, Charlie – afirmou ela. – Estou tão contente que tenhamos uma oportunidade para conversar. Sinto que não chegámos tão longe quanto podíamos na nossa última sessão.

Desiste, mulher, tive vontade de dizer. Não vou chorar.

Rumámos à margem do lago. Mariah enterrou as mãos nos bolsos das calças e começou a dizer que sim com a cabeça.

– Independentemente do que possas ter ouvido dos lábios dos teus colegas, o verdadeiro objetivo desta conversa não é assustar-te, mas ajudar-te a chegar onde queres chegar – admitiu Mariah. – Julgo que o melhor lugar para começarmos seria tu dizeres-me onde te vês a ti mesma daqui a um ano e meio. A maioria dos alunos da Knollwood Augustus Prep anseia por entrar na universidade, mas alguns buscam outras oportunidades de crescimento intelectual, como, por exemplo, cursos de formação de carácter prático, um ano a viajar ou de trabalho voluntário.

– Os meus planos não mudaram – afirmei. – Vou para a Wharton School,

na Universidade da Pensilvânia.

Mariah sorriu.

– Neste momento, é importante que sejamos honestas uma com a outra, Charlie. Não te sintas pressionada pelos que os teus pares possam pensar ou pelo que a tua família possa achar das tuas escolhas. Estou aqui para perceber onde é que *tu* te vês a ti mesma.

– *Okay* – acedi. – Mas eu acabei de lhe dizer o que quero. A Wharton School. Universidade da Pensilvânia.

– É uma faculdade na qual não é fácil entrar – respondeu Mariah. – A taxa de aceitação é inferior a doze por cento.

– Tenho boas notas – aleguei. – E excelentes resultados nos testes.

– Sim, é verdade – concordou Mariah. – Uma média de três vírgula sete em quatro e um percentil bem acima dos noventa por cento nos testes. Não estou a questionar as tuas capacidades intelectuais, Charlie.

– Nesse caso, qual é o problema?

– Bem, uma universidade como a da Pensilvânia quer alunos que mostrem que sabem lidar com os rigores académicos do curso, mas também quer pessoas com uma formação mais abrangente, que se envolvam na vida da universidade para lá das aulas apenas, que desbravem o seu próprio caminho na universidade e no mundo. E tu não tens quaisquer atividades extracurriculares, o que é muito invulgar para um aluno da Knollwood. Não pertences a nenhum clube, nem sequer desportivo, nem revelas interesses especiais.

– O meu ensaio de acesso ao ensino superior vai ser acerca disso – expliquei. – É precisamente o facto de não me conformar ao modelo convencional que me torna numa pessoa invulgar, única e equilibrada. Hoje em dia, dir-se-ia que os currículos dos alunos tomaram esteroides. Toda a gente faz parte de uma orquestra e faz parte de uma equipa de ténis e pertence à Associação de Estudantes. E não é porque se interessam verdadeiramente por essas atividades, mas porque acham que devem cumprir esses requisitos para provar o seu valor perante a faculdade dos seus sonhos. No entanto, não preciso de ser definida pela minha participação num clube ou pela prática de um desporto. E isso faz de mim uma pessoa que pensa pela sua própria cabeça e que desbravará o seu próprio caminho numa universidade como a da Pensilvânia e, posteriormente, no mundo.

– Já esperava esse tipo de resposta da tua parte – disse Mariah.

– E que tipo de resposta é essa, ao certo?

– Manipuladora – respondeu ela. Deteve-se e olhou para mim, de mãos nos bolsos, a acenar com a cabeça. – És inteligente, mas penso que isso é um obstáculo ao teu desenvolvimento, porque aprendeste a usar o teu intelecto para deturpar as coisas a teu favor. Sabes manipular as pessoas.

Senti as faces aquecerem. Mariah nunca tinha falado comigo daquela maneira.

– Desculpe?

– O que me preocupa é que aprendeste inclusivamente a manipular-te a ti mesma – prosseguiu ela. – Acreditas de alma e coração no que acabaste de me dizer.

Não reagi. Ela encostara-me a uma parede. Podia dizer que acreditava, de facto, e ser apelidada de manipuladora, ou podia dizer que não acreditava e ser apontada como uma mentirosa.

– Adoraria ouvir a sua opinião acerca do assunto – disse. – Se deturpei os factos, reponha a verdade. Qual é o verdadeiro motivo por que não me envolvo em atividades extracurriculares?

– Careces de empatia – declarou Mariah. – Não te relacionas facilmente com outras pessoas, porque não confias em ninguém, e porque foste ensinada a pensar que és melhor do que os outros. E ensinaram-te a explorar os demais para teu próprio benefício. Em poucas palavras, sofres de transtorno de personalidade narcisista.

Fiquei sem palavras, sem ar, atónita.

– Merda – respondi, porque, naquele momento, estava-me pouco marimbando para as boas maneiras. – Partilhe comigo o que pensa verdadeiramente. Por favor, não se contenha por receio do que eu possa sentir, já que não tenho sentimentos.

– Pelo contrário – contradisse Mariah. – Os narcisistas têm sentimentos profundos, mas sobretudo em relação a eles mesmos. E não estou a tentar magoar-te, Charlie. Estou a tentar ajudar-te.

– E que tem isto que ver com a Universidade da Pensilvânia? – perguntei.

– Isto tem que ver com o teu futuro, Charlie, com o tipo de pessoa em que te queres tornar. Não é tarde demais para mudar, para dar a volta a isto.

Mariah tirou um papel da mala que trazia ao ombro e estendeu-mo. Era o poster do Dia dos Clubes da Knollwood Augustus Prep, igual ao que

encontrara na minha caixa de correio há umas semanas.

– Dá uma vista de olhos às oportunidades que Knollwood te oferece – aconselhou Mariah. – Escolhe qualquer coisa que te interesse, mesmo que seja só um bocadinho. O período de inscrição nos clubes ainda não está fechado. Experimenta. Tenta abrir-te a uma experiência nova, a novas pessoas. Talvez te surpreendas.

*

Naquela noite, em redor da fogueira, Kirk sacou da guitarra e incitou toda a gente a juntar-se a ele e a cantar «Save Tonight», de Eagle-Eye Cherry. Não tinha grande voz e, na verdade, apetecia-me estar sozinha, por isso, escapuli-me até à orla da luz emanada pelas chamas da fogueira. Deitei-me com a cabeça apoiada num tronco tombado e contemplei o céu noturno, limpo e carregado de estrelas cintilantes.

Não pude deixar de pensar em todas as pessoas cujas vozes ouvia, mesmo ali ao lado. Conhecia todos os planos de carreira e faculdades com que os meus amigos sonhavam. Ultimamente, não falavam de mais nada. Sabia que Leo planeava ir para Harvard, seguindo os passos do lado materno da sua família, e que Drew sonhava estudar Ciência Política em Wellesley, a *alma mater* de Hillary Clinton. Stevie queria ir para Berkeley, para estudar Medicina, e Yael inclinava-se para Columbia, sobretudo porque queria ficar na cidade. Tinham todos tantas certezas; estavam decididos e já tinham os seus futuros traçados, como eu. Interroguei-me se os seus orientadores também tinham espezinhado os sonhos deles, como a minha fizera; e não apenas os seus sonhos, mas as suas pessoas.

O mais certo era que tal só se tivesse passado comigo. Havia qualquer coisa de errado em mim. Muito provavelmente, o que Mariah dissera acerca de mim correspondia à verdade.

Ouvi um galho partir-se junto à minha cabeça e vi Leo junto a mim.

– Desculpa – sussurrou ele. – Não te queria assustar. Vim só juntar-me a ti. – E deitou-se no chão ao meu lado.

– Olá, primo – respondi.

– Estou ansioso por ir para a universidade – confessou Leo, suspirando. – Ou por voltar para a escola, onde ao menos há carne fresca. Já me enrolei com todas as finalistas e pré-finalistas com mais do que seis pontos. Já não há nada aqui para mim.

– Isso é, de facto, um problema – comentei, sarcasticamente.

– Imagina que dei por mim há pouco a considerar a Sheila Andrews – admitiu Leo. – Quando dei conta, estava a olhar para ela, à luz das chamas, com a voz de cana rachada do Kirk em pano de fundo, e a pensar: *talvez*. Foi então que decidi vir para aqui antes que cometesse uma loucura.

– Tenho a certeza absoluta de que a Sheila Andrews te decepava os tomates se te metesses com ela – realcei. – Se eu fosse a ti, mantinha-me longe dela.

– Então e a Stevie? – aventou Leo, abanando as sobrancelhas. – As pudicas e inibidas revelam-se sempre as mais divertidas na cama.

– Nem pensar – respondi. – A Stevie é demasiado esperta para perder tempo contigo, quanto mais a sua virgindade.

– Eu aprecio um desafio – argumentou Leo. – Talvez pudesses dar-lhe uma palavrinha em meu nome? Vencer um pouco a resistência dela?

Ocorreu-me então uma coisa e desfiz o sorriso que tinha nos lábios. Sentei-me.

– Diz-me que não incluístes a Stevie no teu jogo estúpido.

Nunca traíra a confiança de Leo falando a quem quer que fosse do Jogo das Conquistas, nem sequer a Drew. No entanto, se ele tivesse incluído Stevie no jogo, seria forçada a avisá-la. Não podia ficar de braços cruzados a vê-la ser enganada.

– Tem calma, estava a brincar – afiançou Leo. – Se bem que, tenho de admitir, incluir a Menina Casta no jogo iria tornar tudo em muito mais interessante.

– Promete-me que não incluístes nenhuma das minhas amigas no jogo – insisti, porque tinha de ter a certeza.

Leo olhou para mim e fez uma careta, aborrecido por eu não ter achado tanta graça quanto ele à piada que fizera.

– Prometo – disse ele. – Então, como é que correu a conversa com a tua orientadora? – inquiriu ele, mudando de assunto.

– Bem, mesmo muito bem – respondi, num tom ironicamente animado, e tornei a deitar-me. – Pelo visto, sou uma pessoa horrível.

Leo riu-se.

– Estou a falar a sério. Chamou-me narcisista, com as letras todas.

– És uma Calloway – fez notar Leo. – Somos todos narcisistas. Está-nos no sangue.

Ri-me.

– Talvez tenhas razão – concordei.

Remeti-me ao silêncio, fechei os olhos e tentei comunicar com ele como fazíamos quando éramos miúdos. Cada um de nós tentava captar o que o outro estava a sentir, mesmo quando não sabíamos como o exprimir por palavras.

Não sou má pessoa, pois não?, perguntei-lhe mentalmente. Nós, os Calloways, somos egoístas e manipuladores, mas... mas... mas nunca magoámos ninguém, assim a sério, com consequências graves. Pois não?

Era ridículo o tipo de coisas que me alegrava não ter de dizer em voz alta, mas também as que gostava de pensar que Leo compreenderia, se as tivesse verbalizado. Deitada, de olhos fechados, interroguei-me se ele me ouvira. Então, no meio da escuridão, senti-o dar-me a mão.

Dezasseis

GRACE FAIRCHILD

VÉSPERA DE NATAL DE 1996

Pela terceira noite consecutiva, não consegui dormir. A casa dos pais do Teddy era, de longe, a maior casa onde jamais estivera, mas não era acolhedora, não me senti em casa. Tinha tudo um ar intacto, imaculado. Parecia um museu. De manhã, havia flores frescas na jarra do meu toucador e à noite, quando voltava ao quarto, estava tudo arrumado: a roupa suja lavada, dobrada e guardada na minha mala, o lavatório sem marcas de dentífrico, a colcha perfeitamente dobrada e puxada para trás pela criada. Todos os vestígios de mim apagados. Era tão diferente da casa onde crescera, onde estávamos sempre a deixar a nossa marca: o sofá velho na garagem que tresandava à erva do Lonnie; as dedadas na parede junto à porta da frente, na qual nos equilibrávamos para descalçar as botas no inverno; a mancha permanente no teto da cozinha, resultante da erupção prematura do vulcão de Will; as covinhas no lambrim, por jogarmos à bola dentro de casa contra as ordens da minha mãe.

E não era apenas a casa que parecia inóspita, mas também as pessoas. Eugenia mostrara-se afável e fizera-me várias perguntas para me conhecer melhor. Montava a cavalo? *Não*. Fazia esqui? *Não*. Qual era o meu local de férias preferido? *Nunca viajei muito*. Na sua inexorável demanda por encontrar uma base comum, uma base de entendimento, apenas deixara bem claro que não tínhamos nenhuma. O pai de Teddy era um homem reservado; Olivia e o seu amigo Porter demasiado egocêntricos para prestar atenção aos demais. Margot nem se dera ao trabalho de decorar o meu nome (chamara-me «Gaby» e depois «Gina») e Alistair mostrara-se distante. Durante o jantar, ficámos sentados lado a lado e ele mal trocou duas

palavras comigo, preferindo envolver-se numa conversa elaborada com Porter acerca do existencialismo e da arte. Até mesmo Teddy me pareceu diferente, de algum modo. Quando estávamos só os dois, era divertido e descontraído, mas, junto da família, Teddy tornava-se numa caricatura de si mesmo: indolente e frívolo, como se quisesse refutar quaisquer expectativas que pudessem ter em relação a ele e, ao mesmo tempo, provar que se estava pouco marimbando para o que eles pensavam.

Era um mundo estranho no qual tinha dificuldade em me orientar. Ao jantar, foi servido *foie gras* em *jus* de pato. Não sabia o que aquilo era e tive vergonha de perguntar, por isso, comi. Jamais provara uma coisa assim, leve e amanteigada, que se derretia na boca; um pedaço do céu. Olivia absteve-se do *foie-gras* e comeu uma salada. Quando lhe perguntei se era vegetariana, respondeu que não achava a tortura de animais apetitosa, e explicou, com pormenores horríveis, de que modo os patos eram submetidos a gavagem. Duas vezes por dia, enfiavam-lhes tubos pelas goelas abaixo e forçavam-nos a comer milho cozido em gordura até que os seus fígados duplicassem de tamanho. Era isso que concedia ao fígado de pato aquela textura e paladar deliciosos. Mal ela terminou, pousei os talheres, horrorizada. Não consegui comer o queijo nem a sobremesa, um decadente *soufflé* de chocolate.

E o dia de amanhã será o pior de todos. Depois do *brunch*, haverá troca de presentes. Recrutei a ajuda de Teddy para escolher algumas coisas para a família dele. Teddy levou-me ao Barneys, onde ele fizera as suas compras. Mostrou-me os botões de punho de prata que comprara para o pai (metade da renda de casa da minha mãe) e a mala de mão *Hermès* que escolhera para a mãe (a renda de meio ano). Eu, obviamente, não me podia dar a esses luxos, por isso, escolhi um livro de jardinagem para Eugenia e um *kit* de barbear para o pai de Teddy. Receava o momento em que eles abrissem os pequenos embrulhos: os «ohh» e «ahh» e os agradecimentos efusivos e fingidos, sobretudo tendo em conta as prendas extravagantes que provavelmente me tinham comprado.

Tendo decidido que não conseguia ficar ali deitada mais tempo, lancei as cobertas para trás e levantei-me. Saquei os óculos e o fato de banho da mala, vesti-o e agarrei numa toalha da casa de banho. Às escuras, avancei pelo corredor cavernoso em direção à piscina interior que Teddy me mostrara a seguir ao jantar.

Já tinha perdido a conta ao número de voltas que fizera quando percebi que não estava sozinha. Vi Alistair Calloway sentado na extremidade oposta da piscina, junto à espreguiçadeira onde eu pousara a toalha. Tinha as pernas das calças enroladas e os pés mergulhados na água. Ergueu o copo da cerveja, num brinde, ao ver que eu me apercebera da sua presença. Tirei os óculos e nadei até ele.

– Não esperava ver-te aqui – comentou ele.

– Não conseguia dormir – expliquei, apertando o nariz para fazer sair a água.

– O quarto não é do teu agrado?

– Não. Quero dizer, sim, é lindíssimo. É que... parece que estou a dormir num museu – respondi.

– «Acolhedor» não é propriamente o estilo da Eugenia – concordou Alistair, e deu um gole na sua cerveja.

Estávamos na parte mais funda da piscina, por isso, agarrei-me à borda para me manter mais acima da tona da água. Instalou-se um daqueles silêncios constrangedores e interroguei-me o que estaria ele ali a fazer; se também não conseguia adormecer e se costumava nadar sozinho a altas horas da noite, para descontrair. Só que Alistair nem sequer estava de calções de banho, mas vestido dos pés à cabeça. Ter-me-ia seguido até ali?

Alistair era, de entre os membros da família de Teddy, o mais difícil de decifrar. Mostrara-se encantador e simpático no baile de beneficência, um conversador afável. Correspondera na perfeição ao retrato que Jake dele pintara há vários anos, quando nos sentámos na nossa casa na árvore, na beira do lago Langely, e ele abriu o seu anuário das pranchas de madeira e me falou dos seus amigos, identificando-os com a ajuda das fotografias. Recordava-me do retrato de Alistair, do seu cabelo louro-claro e olhos azuis; ficava muito elegante e bem-parecido com o casaco do uniforme escolar. Havia uma certa altivez na maneira como olhava para as pessoas, na ligeira inclinação do seu queixo. Quase não acreditara quando Jake me dissera que Alistair fora um dos primeiros amigos que fizera em Knollwood, que o tomara sob a sua proteção na equipa de ténis. Na noite anterior, contudo, Alistair mal tinha olhado para mim durante o jogo das Duas Verdades e Uma Mentira e, naquela mesma noite, ao jantar, ignorara-me por completo. Não compreendia o que podia ter feito ou dito para lhe desagradar.

– Disseste que no liceu costumavas praticar natação – comentou Alistair. Fiquei surpreendida que ele estivesse sequer a prestar atenção.

– Ganhei um campeonato estadual no estilo de bruços – emendei.

Alistair deu um assobio.

– Não imaginava que estava na presença de uma atleta de gabarito.

Mordi o lábio e empurrei um pouco de água na sua direção.

Ele riu-se e pôs-se de pé.

– Desafio-te para uma corrida até à outra ponta – disse ele.

Despiu a camisa por cima da cabeça, revelando uns abdominais muito definidos. Desviei o olhar quando ele começou a despir as calças.

– E para tornarmos a coisa em mais interessante – acrescentou Alistair –, apostamos qualquer coisa.

– Porque é que tudo na tua família tem de ser uma competição? – perguntei, meio a brincar.

– Porque é mais divertido se correremos o risco de perder qualquer coisa – explicou ele.

– Pronto, está bem – cedi. Ocorreu-me uma ideia. – Se eu ganhar, trocas comigo um dos presentes que tens para a tua mãe, um dos bons. E tu dás-lhe o livro de jardinagem que eu comprei para lhe oferecer.

– Um livro de jardinagem? – troçou Alistair. – Tu não brincas em serviço! Deslizou para dentro de água, de *boxers*.

– Combinado – disse ele. Expirou, adaptando-se ao frio da água. – Se eu ganhar, beijo-te.

Não percebi pelo tom dele se estava a brincar, se era suposto rir-me.

– Beijas-me? – repeti, e fiquei à espera do remate da piada.

– Sim – afirmou ele.

– Porquê? – indaguei.

– Porque quero.

– Não devias querer. – Foi a única coisa que me ocorreu dizer.

– E tu não devias fazer apostas que não tencionas ganhar – argumentou Alistair. – Ou não achas que és capaz de me vencer?

Ele tinha aquela expressão ativa no rosto, a mesma que vira no anuário. Semicerrei os olhos.

– Nesse caso, quando eu contar até três – disse, e pus os óculos. – Um, dois, três.

Impulsionei-me com toda a força para longe da parede. Estava um pouco

cansada de todas as voltas que tinha feito, mas tinha a vantagem de estar quente, ao passo que Alistair nem aquecimento fizera. Nadei o mais depressa que pude, com braçadas fortes e determinadas. Pela visão periférica, vi que Alistair me acompanhava, avançando ao mesmo ritmo. As minhas braçadas eram mais rápidas, mas ele era mais alto do que eu. Ele dava uma braçada por cada duas das minhas. No último momento, esticou-se e tocou na parede meio segundo antes de mim.

Pus-me de pé. Estávamos então na parte mais baixa da piscina. Ao meu lado, Alistair parecia tão ofegante quanto eu. Presunçoso, mas ofegante.

– És mais rápida do que pensava – admitiu ele.

– Não o suficiente, pelo visto – referi.

Depois de termos ambos recuperado o fôlego, Alistair avançou para mim ao longo da parede, até ficarmos quase colados um ao outro. Olhou para mim. Tinha olhos azuis, como o irmão, mas havia uma pequena diferença neles, eram mais sombrios, mais frios. Ao passo que os olhos de Teddy se assemelhavam a um céu estival límpido e cintilante, os olhos de Alistair eram como o mar Ártico. Inclinou-se para mim e, no último instante, desviei a cara. Senti a barba do seu queixo quando os lábios dele roçaram a minha face.

Fulminava-me com o olhar quando afastou a cara.

– Aquilo não foi um beijo – reclamou Alistair.

Encolhi os ombros.

– Não definiste que tipo de beijo seria – aleguei. – A culpa não é minha.

Nadei na direção oposta, dessa vez a um ritmo mais lento. Uns segundos mais tarde, ouvi o movimento da água atrás de mim e percebi que Alistair me seguia.

A meio da piscina, ele esticou o braço e agarrou-me no tornozelo. Puxou-me com força contra ele, contra o seu peito musculado. Senti o seu cheiro: um vestígio de especiarias e qualquer coisa exótica e doce, como flores de tuberosa. Olhou-me nos olhos e percebi que me ia beijar antes de o ter feito. Roçou-me os lábios ao de leve, entrelaçou os dedos da mão no meu cabelo e puxou-me mais ainda para si. Abriu-me os lábios com a língua e beijou-me com força. Fiquei sem fôlego, com o coração a martelar-me no peito, com o vértice das coxas a doer.

Quando terminou, olhou para mim, com a testa encostada à minha.

– Isto, sim – murmurou, contra os meus lábios –, foi um beijo.

Dezassete

CHARLIE CALLOWAY

2017

No meu regresso de Camp Wallaby, tinha uma caixa de grandes dimensões à minha espera à porta do quarto. No seu interior, encontrei uma carta do tio Teddy.

«Tal como prometi, miúda, aqui está tudo o que o investigador privado, o Sr. Lynch, reuniu.»

Havia pilhas de envelopes castanhos com etiquetas que diziam «Registos Telefónicos» e «Faturas de Cartões de Crédito». Encontrei uma *drive* rotulada de «Entrevistas» e liguei-a ao meu portátil. Continha vários ficheiros com nomes e datas. Quase toda a gente de ambos os lados da minha família imediata tinha sido interrogada, assim como amigos chegados da família e empregados. A família do meu pai encontrava-se no topo da lista, porque esta fora ordenada alfabeticamente. Pus-me a pensar em qual interrogatório devia escutar primeiro. Já tinha ouvido a opinião de Eugenia: que a minha mãe sofria de uma perturbação mental e que isso talvez tivesse alguma coisa que ver com o seu desaparecimento. Cliquei no ficheiro que tinha o nome da tia Grier. Era minha tia por afinidade e psicóloga. Frequentara Harvard e fizera o doutoramento na Universidade de Nova Iorque. Se alguém tivesse uma opinião válida acerca do estado mental da minha mãe e de que modo isso poderia estar relacionado com o seu desaparecimento, essa pessoa seria a minha tia Grier.

Abri o ficheiro de áudio e este começou a tocar. Pus os auriculares, para o caso de Drew entrar no quarto.

– Diga o seu nome, a data e o seu parentesco com Grace Calloway – pediu uma voz masculina, grave e enrouquecida, que supus ser a do Sr.

Lynch.

– Grier Calloway. Vinte e dois de outubro de dois mil e sete. Grace Calloway é minha cunhada.

Vinte e dois de outubro de 2007: era mais de dois meses após o desaparecimento da minha mãe e algumas semanas depois da descoberta das imagens de vigilância do banco.

– Senhora Calloway, diria que a senhora e a sua cunhada são chegadas?

– Nem por isso – respondeu a minha tia. – Tendo em conta o passado dela com o meu marido, penso que é natural que assim seja.

Que significava aquilo? O tio e a minha mãe não gostavam um do outro por algum motivo?

– Mas éramos cordiais o suficiente e víamo-nos com frequência em reuniões familiares e durante as férias – continuou a minha tia.

– E que opinião tem acerca da personalidade dela, do seu carácter?

– É uma pergunta complicada – disse Grier –, porque a impressão que tenho dela foi influenciada por acontecimentos que vieram ao de cima antes de a ter conhecido. No entanto, tendo em conta o passado dela, diria que a Grace é uma criatura de hábitos. Exibe padrões semelhantes de comportamento, nomeadamente de abandono, e parece impelida por um desejo único.

– E que desejo é esse?

– Bem, no fundo, dinheiro. Mas, é claro, este desejo tem sempre uma causa subjacente. Talvez para a Grace o dinheiro represente uma sensação de liberdade ou de segurança que a família, de classe baixa, nunca lhe pôde proporcionar. Quiçá o dinheiro lhe concedesse uma sensação de poder. Não lhe sei dizer; não a conheço bem o suficiente.

– Diz que a Grace é uma criatura de hábitos. Pode dar-me um exemplo do que quer dizer com isso? – pediu o Sr. Lynch.

– Bom, pensemos no que ela fez ao Teddy – disse a minha tia. – Não foi por coincidência que a Grace se instalou perto de Princeton e conheceu o Teddy. Era óbvio que andava atrás de um namorado rico. O Teddy era um bom partido; vinha de uma família rica e bem-estabelecida, por isso, a Grace investiu o seu tempo nele e no relacionamento que desenvolveram. E depois, quando conheceu o Alistair, o herdeiro preferido, uma pessoa que já estava posicionada para liderar o Calloway Group, tornou-o no seu alvo. Ao

ver uma oportunidade de o arrebatá-lo, não a desperdiçou. Para ela, isso constituiu um progresso.

Conseguia ouvir os batimentos do meu coração. Estava atordoada. A minha mãe namorara o tio Teddy? Trocara-o pelo meu pai? Seria verdade?

– E encara ambos os relacionamentos como motivados sobretudo pelo dinheiro? – inquiriu o investigador privado.

– Sim – afirmou a tia Grier. – Toda a gente está a reagir como se o facto de a Grace ter pegado no dinheiro e fugido fosse uma coisa surpreendente. Mas, se olharmos para o passado dela, trata-se de um comportamento que ela tem exibido repetidamente. A Grace é, à semelhança da maioria das pessoas, uma criatura de hábitos. Neste caso, teve a oportunidade de ficar com o dinheiro do Alistair sem quaisquer obrigações nem prisões, sem marido, sem filhos, sem nada que a prendesse. Mais uma vez, a Grace vislumbrou uma hipótese de subir na vida e aproveitou-a.

Fechei o portátil, com força. Não queria ouvir mais nada. Não podia. A minha mãe tinha usado o tio Teddy e o meu pai para subir na vida e, assim que a oportunidade surgira, fugira com o dinheiro? Todos aqueles anos, limitara-se a manipular-nos? E isso fazia de mim o quê? Um subproduto da sua ganância, um estorvo, uma «obrigação» ou uma «prisão» que constituía um obstáculo para conseguir o que realmente queria?

E que outros segredos obscuros do passado me escondia a minha família?

Talvez escutar aqueles interrogatórios e remexer naqueles ficheiros não fosse uma boa ideia. E se descobrisse coisas que não só arruinariam as boas recordações que guardava da minha mãe como manchariam o relacionamento com a família que me restava? Valia mesmo a pena?

*

– Estou furibunda – reclamou Drew, suspirando. Atravessávamos o pátio rumo a Rosewood Hall. – Física Quântica? Trigonometria? Mas ela passa-se? Quase adormeci a ler a descrição das disciplinas, como é que vou sobreviver a um semestre inteiro de ciências?

Drew estava aborrecida porque Mariah lhe dissera que precisava de fazer algumas disciplinas da área da matemática e das ciências no semestre seguinte para contrabalançar as aulas de arte, de história e línguas que ela parecia coleccionar.

– Eu quero ir para a universidade estudar ciência *política* – realçou Drew.

– Não ciências puras.

– Por falar do próximo semestre – interrompi-a, baixando o tom de voz. – O Dalton disse-me que, enquanto membros do A, temos direito a matrículas preferenciais para o semestre de primavera.

Por norma, apenas os finalistas tinham acesso a matrículas preferenciais, o que significava que se podiam inscrever primeiro do que os restantes nas disciplinas da sua preferência. Aparentemente, Jude Bane tinha conseguido entrar no sistema e enganá-lo, levando-o a pensar que os pré-finalistas eram finalistas e, deste modo, permitindo-nos saltar para o início da fila quando as matrículas abrissem.

– Aleluia! – exclamou Drew. – Vou finalmente inscrever-me no seminário de Ioga e Mindfulness da professora Horvath. Desde que vim para Knollwood que o queria fazer, mas sempre que chegava a minha vez, a turma já estava cheia.

– Temos de entregar a nossa lista de disciplinas ao Dalton até ao final da semana para ele as introduzir no sistema – disse. – Talvez pudéssemos coordenar a coisa de modo a termos um horário semelhante?

– Boa ideia – concordou Drew. – Ah, é verdade, nunca chegaste a contar-me que coisas horríveis é que a Mariah te disse?

– Pelo visto, careço de empatia e sofro de um caso grave de narcisismo – confessei.

– Pois, sim. Aponta-me um adolescente que não se enquadre nessa descrição – comentou Drew, nem um pouco impressionada.

– Também te chamou narcisista a ti?

– Não, mas a Stevie contou-me que a Mariah lhe disse que o seu perfeccionismo raiava um transtorno obsessivo-compulsivo e recomendou-lhe terapia.

– Au, essa foi dura.

– Podes crer.

– Como é que a Stevie reagiu?

– Está a criar uma folha de cálculo com o nome de psiquiatras num raio de oitenta quilómetros que estejam abrangidos pelo seguro de saúde dos pais dela, incluindo as faculdades em que andaram e respetivas especializações, antes de tomar uma decisão definitiva.

– Se calhar, a Mariah não estava muito longe da verdade.

– Pois... – anuiu Drew.

– A mim, a Mariah disse que terei mais hipóteses de entrar na Universidade da Pensilvânia se me inscrever em algumas atividades extracurriculares – revelei.

– Desde o primeiro ano que te digo isso – referiu Drew. – Devias ir para a esgrima. Juro que te ajudará a libertar toda a agressividade reprimida que tens dentro de ti.

Pensei no jogo de voleibol em Camp Wallaby.

– Não primo pela coordenação motora – aleguei.

– Tens razão – concordou Drew. – E que tal o clube de debate? A luta física pode não ser o teu forte, mas o pugilismo verbal é, sem dúvida, a tua cara.

– Sim, mas o clube de debate? Prefiro não entrar na Universidade da Pensilvânia do que ser uma feroz oradora.

– Pronto, está bem. – Drew parou de repente e esticou o braço para me travar também, de tal maneira que me deu um murro no estômago.

– Au! – reclamei. – Ao menos, avisa!

– Tive uma ideia bestial – explicou Drew, e recomeçou a andar.

– Consegues ter ideias bestiais e caminhar ao mesmo tempo? – indaguei. Esfreguei o estômago.

– Chiu – disse Drew. – Escuta. É de génio. Devias juntar-te ao *Knollwood Chronicle*.

– O jornal da escola? – questionei, duvidosa.

– Sim. Podias ser, sei lá... Colunista na secção de opinião. O jornal tem muito mais influência do que o clube de debate. Não é bem o mesmo que praticares um desporto, mas está lá quase.

– Hum, não sei – respondi.

– A Universidade da Pensilvânia há de adorar esse tipo de coisas – aventou Drew. – E assim a Mariah deixava de te chatear.

– Talvez.

– Meninas – cumprimentou Leo, aproximando-se de mim e de Drew pelas costas e colocando um braço em redor dos nossos ombros.

Drew enxotou-o.

– Que nojo! – reclamou ela. – Acabei de tomar um duche.

– Onde é que tens andado ultimamente? – perguntei a Leo. – A tua Xbox sente-se um bocadinho posta de parte.

– Desculpa, as minhas atividades *extracurriculares* têm-me mantido

ocupado – explicou Leo. – Por falar disso, que vos pareceu a segunda ronda?

– Quando é que...

– Esta manhã – respondeu Leo. – Vão às vossas caixas de correio.

– Que te saiu? – quis saber.

Leo tirou o braço de cima dos meus ombros e levou a mão ao bolso do casaco.

– Parece que tenho de ir à pesca – disse ele.

Drew e eu parámos para ler o cartão que ele me estendera.

Item #2: Um dos peixes da estátua da Fonte de Poseidon

Drew franziu os lábios como se fosse um peixe.

A Fonte de Poseidon ficava no relvado norte, em frente ao teatro. Era uma fonte de grandes dimensões, em pedra, com a figura do deus do mar no centro, montado numa onda espumosa e brandindo o seu tridente no ar. Estava rodeado por cinco peixes que saltavam da água e a vertiam pelas bocas abertas. Roubar um dos peixes seria uma tarefa complicada se Leo não tivesse ninguém que o ajudasse, pois com certeza que as estátuas eram pesadas demais para serem carregadas por uma só pessoa. Por sorte, Leo tinha-me a mim.

– Podia ser pior – comentei, e devolvi-lhe o cartão.

Leo acompanhou-nos até à sala do correio de Rosewood Hall. Encostou-se à parede ao lado da minha caixa.

– Vai uma aposta sobre o que vos irá sair? – desafiou Leo. – A receita secreta dos biscoitos da senhora Wilson?

– Hum... Ou o pit bull do diretor Collins... O cão mesmo, desta vez – aventei.

Tirei o cartão da minha caixa e li.

Item #2: Uma fotografia comprometedora de ti com o professor Andrews

Fiquei com um nó no estômago.

Drew inclinou-se para ler ao mesmo tempo que abria a sua caixa de correio.

– Não é justo – resmungou ela. – Seduzir o senhor Andrews? Sorte a tua! Eu fazia-o só por desporto.

– Que te saiu, Reisling? – inquiriu Leo.

Drew sacou do cartão.

– Merda! – exclamou, depois de o ler.

– É assim tão mau? – inquiri.

– Vê por ti mesma – disse Drew, e passou-me o cartão.

Peguei nele e li-o, em conjunto com Leo.

Item #2: Teste de Trigonometria do professor Franklin

Chocado, Leo assobiou.

– Caramba, Reisling – comentou ele. – Quem é que irritaste para te sair uma coisa assim?

Drew e eu entreolhámo-nos. *Ren.* O namorico de Drew e Crosby não passara despercebido. Ren estava a usar o Jogo para levar a cabo a sua vingança.

Roubar um teste já seria mau o suficiente devido à política de tolerância zero de Knollwood no que dizia respeito a batota, cópia e outros tipos de desonestidade intelectual. Se Drew fosse apanhada a tentar roubar um exame, seria expulsa, ponto final. Aquele exame em especial, contudo, seria ainda mais difícil de subtrair, porque o professor Franklin o elaborava sempre, de raiz, no dia anterior. Não havia nenhum atalho fácil, tal como conseguir um exame antigo de um aluno mais velho ou aceder ao computador do professor Franklin para conseguir uma cópia. Não, ia ser uma verdadeira manobra digna de *Missão: Impossível*.

– Não sei bem – respondeu Drew a Leo. – Mas está visto que há alguém que me odeia.

À porta do edifício que albergava o *Knollwood Chronicle*, imaginei todas as coisas que preferiria estar a fazer naquele momento.

A comer um frasco de *jalapeños* crus até ficar com a garganta em sangue.

A ter outra conversa sincera com Mariah acerca do meu distúrbio de personalidade.

A correr uma maratona num dia escaldante de agosto, com o alcatrão a derreter.

Nenhuma dessas coisas parecia divertida, mas eram todas mais apelativas do que o que me preparava para fazer. Ainda assim, disse a mim mesma para agir como uma adulta, respirei fundo e empurrei a porta da sala de redação.

A ideia que tinha do que devia ser a redação de um jornal de liceu estava, em larga medida, deturpada por filmes antigos como *O Grande Escândalo* e *O Mundo a Seus Pés* e *Os Homens do Presidente*. Imaginava uma sala onde os editores – de óculos e pulôveres sem mangas, cada qual com um lápis atrás da orelha – perseguiram os repórteres ao longo de filas apertadas de secretárias, exigindo saber onde tinham conseguido os seus furos; os repórteres, esses, juravam sempre a pés juntos jamais revelar as suas fontes. Imaginava jornalistas curvados sobre máquinas de escrever, pilhas intermináveis de copos de esferovite com café rançoso e o som dos telefones a tocar.

A redação do *Knollwood Chronicle* assemelhava-se às restantes salas da escola: as mesmas paredes cinzento-acastanhadas, a mesma carpete cor de rato, algumas secretárias com computadores e cadeiras. Numa das pontas, vi um sofá velho e remendado e, na outra, um arquivador metálico. O silêncio imperava. Vi apenas uma mão cheia de pessoas sentadas ao computador, teclando, e um pequeno grupo junto ao sofá.

– Posso ajudar-te?

Virei-me e vi uma rapariga pálida e morena sentada atrás da secretária que ficava mais perto da porta.

– Isto é o *Chronicle*? – perguntei.

– Em toda a sua glória – respondeu ela. Pôs-se de pé e inclinou-se por cima do computador para me apertar a mão. – O meu nome é Penn Franklin, sou a editora-chefe.

Penn era finalista. Nunca nos tínhamos conhecido oficialmente, mas eu sabia quem ela era, conhecia-a de vista.

– Sou a Charlie – apresentei-me. – Queria experimentar o *Chronicle* como atividade extracurricular, se ainda tiverem vagas.

Ela franziu a testa. Não só porque eu lhe aparecia ali na última semana de inscrições para os vários clubes, mas também porque era uma pré-finalista que nunca antes entrara no *Chronicle*. A maioria dos alunos que se inscreviam nos clubes eram caloiros, ansiosos por encontrar o seu lugar na escola. Os alunos do terceiro ano tinham já encontrado o seu nicho. Grande

parte deles trepara até aos degraus mais altos do clube ou do desporto que haviam escolhido enquanto caloiros. Drew era cocapitã da equipa de voleibol. Stevie era presidente da Comissão Estudantil de Ética. Leo era delegado de turma. Eu era desprovida de título.

– Em que departamento é que estavas interessada? – inquiriu Penn. – Redação, fotografia, *layout*, *marketing*, vendas?

– Redação – afirmei. – Redação, sem dúvida.

– A maior parte das secções já foi distribuída – referiu Penn, e prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Terei de ver se algum dos nossos editores te pode aceitar.

– Eu posso ficar com ela.

Reconheci a voz antes mesmo de me virar e ver os seus caracóis louros e sedosos penteados na perfeição. Harper Cartwright.

– Temos uma vaga nas rubricas – disse Harper, e sorriu para mim.

Cerrei instintivamente os maxilares.

– Perfeito – replicou Penn, não me dando tempo de bater em retirada com uma desculpa esfarrapada qualquer. É que eu já sabia no que me estava a meter. Sendo o membro mais recente da equipa, já esperava vir a ser sobrecarregada de trabalho, ter de servir cafés e ficar com as histórias de merda que mais ninguém queria. Aquilo, porém, seria totalmente diferente. Seria colocar-me diretamente sob a bota de Harper Cartwright, coisa que não me apetecia nada tendo em conta que ela era a mais recente ex-namorada de Dalton e o mais certo fosse que suspeitasse que Dalton e eu fôssemos mais do que bons amigos.

– Perfeito – repetiu Harper, e o brilho perverso no seu olhar foi bem notório. – Estamos mesmo a acabar de alinhar uma ideias, se te quiseres juntar a nós.

– Excelente ideia – menti.

Segui-a até um canto da sala onde um pequeno grupo de alunos se reunira em redor de uma velha mesa de café e tomei o único lugar vago no sofá remendado. Harper acomodou-se num cadeirão, de frente para o sofá, de bloco de notas na mão.

– Esta é a Charlie – apresentou-me Harper ao grupo.

Olhando à minha volta, dei-me conta de que não conhecia uma única pessoa ali, o que talvez quisesse dizer que eram quase todos caloiros. Pareciam tão jovens e inocentes.

– A Charlie é pré-finalista – continuou Harper. – É nova no jornal, por isso vocês vão ter de lhe ensinar como é.

Quase revirei os olhos perante tamanha condescendência, mas lá consegui fazer um sorriso e acenar ao grupo.

– Finn, é a tua vez – disse Harper, depois de dar uma vista de olhos ao seu bloco de notas.

– Ora bem – começou Finn, sentado ao meu lado e chegando-se um pouco à frente. – Imaginem isto. Título: «Uniformes Escolares». Subtítulo: «O Grande Nivelador ou o Grande Divisor?» – Gesticulou com grande afã, como se estivesse a escrever o título invisível no ar à sua frente com os dedos atarracados e sapudos. – O título precisa de ser apelativo, claro, de ficar no ouvido, mas o cerne do artigo seria um olhar ao mesmo tempo político e estilístico, digamos assim, acerca destes uniformes hediondos que somos obrigados a usar.

Foi então que reparei nos vincos irrepreensíveis das suas calças, no casaco perfeitamente engomado. No bolso do peito, colocara um lenço de seda cor-de-rosa. Tive de me morder para não fazer uma careta desdenhosa. Mais um caloiro obcecado por roupa e indignado por termos de usar casacos de poliéster nas aulas. *Oh, por favor, matem-me já*, pensei. Eu bem sabia que ir ali era um erro.

– Parece fascinante – comentou Harper, ao mesmo tempo que acenava com a cabeça e rabiscava no bloco. – Parece ser um tema vasto, por isso, vou juntar-te à Charlie.

– Charlie, eu? – indaguei, esperando e sabendo ao mesmo tempo que era inútil desejar que houvesse outra Charlie no grupo.

– Sim, tu, Charlie – confirmou Harper. – Vocês os dois podem partilhar a autoria do artigo.

Tinha de partilhar o meu primeiro artigo com um caloiro? Tinha de pôr o meu nome num artigo ridículo acerca de riscas *versus* bolas que toda a escola iria ver? E era suposto a Universidade da Pensilvânia ficar impressionada com isso?

É que nem pensar.

– Na verdade, eu tenho uma ideia bestial para uma história – aleguei.

– Tenho a certeza de que sim – disse Harper – e nós vamos todos adorar saber qual ela é... Mas fica para a próxima reunião. As nossas páginas já estão cheias. – Harper fechou o bloco com estrondo e sorriu para o grupo. –

Excelente trabalho esta semana, malta. Estou ansiosa por ler o vosso trabalho. Não se esqueçam de me entregar os rascunhos até ao final de sexta-feira.

Ao mesmo tempo que as restantes pessoas arrumavam os cadernos, os estojos e os portáteis, Finn virou-se para mim.

– Queres ir tomar um café? – propôs ele. – Podíamos aproveitar para delinear um plano geral para o artigo.

– Agora não vou poder – respondi. – Tenho de ir a um sítio.

Tipo um sítio qualquer menos este.

– *Okay* – disse ele. – Nesse caso, devíamos trocar números de telefone ou endereços de *e-mail*, para combinarmos encontrar-nos mais tarde.

Harper encaminhava-se para a porta. Tinha de falar com ela antes que se fosse embora, convencê-la a deixar-me escrever o meu próprio artigo.

– Claro – anuí. Rasguei o canto de uma folha de papel que encontrei na mala, rabisquei o meu *e-mail* e entreguei-lhe o papel, pondo-me de pé ao mesmo tempo. – Aqui tens. Depois, envias-me o teu.

Atravessei a redação a correr e saí pela porta antes que ele pudesse reagir ou protestar.

– Harper! – chamei.

Harper parou a meio do corredor e virou-se.

– Ei, Charlie. Estou muito contente por teres decidido juntar-te ao *Chronicle*. Não fazia ideia de que te interessavas por jornalismo.

«Não tenho o mínimo interesse», apeteceu-me responder. «Só quero uma desculpa para passar mais tempo contigo. Talvez mais tarde possamos pintar as unhas juntas e entrançar o cabelo uma à outra?» No entanto, mordi a língua. Tinha de ser simpática.

– Sim – menti, uma vez mais. – Estava a pensar que talvez pudesse ficar de fora desta vez e vir à reunião na próxima semana?

– Podes dizer-me quais são, ao certo, as tuas preocupações em relação a fazeres esta história com o Finn? – pediu Harper, mudando a alça da mala de um ombro para o outro. Franziu o sobrolho como se estivesse verdadeiramente interessada na minha resposta.

– Ora, Harper – repliquei. – Uniformes escolares? É um artigo ridículo e entediante. Acho que, mesmo que me esforçasse, não me ocorreria nada menos interessante.

Harper clareou a garganta; olhou por cima do meu ombro esquerdo.

Virei-me e vi Finn atrás de nós. Estava vermelho como um tomate.

– Com licença – disse ele.

Não disse nada; limitei-me a dar um passo ao lado para o deixar passar.

Harper e eu ficámos ali especadas, em silêncio, a ouvir os passos dele desvanecerem-se e desaparecerem depois de ter dobrado a esquina. À distância, uma porta abriu e fechou.

Harper sorriu.

– Como sabes, esta é a última semana de inscrição nas atividades extracurriculares – fez ela notar. – Portanto, se queres um lugar no jornal, terás de partilhar este artigo com o Finn.

Suspirei.

– Não podes mesmo dar-me mais nada?

– Preciso de mil palavras até sexta-feira – afirmou Harper.

Depois, deu meia volta e foi-se embora, e eu fiquei a ver a minhas hipóteses de ser bem-sucedida naquela atividade extracurricular desaparecerem com ela.

*

A primeira coisa que fizemos foi apagar as luzes da fonte. Estava uma noite escura, de Lua nova, mas quando a Fonte de Poseidon se acendia sabíamos que o Velho Riley, ou qualquer outra pessoa que deambulasse pelo *campus* às duas da manhã, conseguiria ver-nos a várias centenas de metros de distância.

Leo tinha um conjunto de chaves iguais às do porteiro, que abriam todas as portas da escola. O A fizera uma cópia antes de ter tramado Auden, colocando o conjunto original no seu cacifo. E foi desse modo que o meu primo conseguiu aceder ao quadro elétrico que ficava no teatro e apagar as luzes.

A coberto da escuridão, despi-me e, apenas de roupa interior, enfiei-me na bacia da fonte. Estávamos em outubro e o ar era frio. Fiquei com pele de galinha nos braços e nas pernas ao mesmo tempo que avançava para o meio da fonte, onde ficava o sorvedouro. Com a fonte cheia, a água chegava-me à cintura.

Nunca gostara muito de estar dentro de água. Aprendi a nadar tarde, para desilusão da minha mãe, que sempre fora uma nadadora inata.

Aos quatro anos, os meus pais ensinaram-me a nadar na piscina interior

da casa dos meus avós, em Greenwich. Recordo-me de a minha mãe me segurar, de barriga para baixo, e me dizer que desse aos pés e às mãos. Assim que me largava, porém, eu começava a afundar-me e agarrava-me a ela, e ela trazia-me ao de cima, a chorar e a cuspir água.

– A mimá-la desse modo, jamais vai aprender – disse o meu pai, sentado na beira da piscina com as pernas na água.

– Ela há de chegar lá quando for a altura certa para ela, quando se sentir preparada – argumentou a minha mãe, e sentou-me ao lado do meu pai. Saiu da piscina e secou-se com uma toalha. – Aprendi a nadar quando ainda andava de fraldas. Está nos genes dela. É só dar-lhe tempo.

Esticou o braço e despenteou-me o cabelo.

– Tenho de telefonar ao Hank antes do jantar – afirmou ela, ao mesmo tempo que inclinava a cabeça para um dos lados, para tirar a água dos ouvidos.

– Nós aqui estaremos, não é? – disse o meu pai, falando comigo. – A olhar para a bonita piscina e a pensar como seria bom nadar nela.

– Não a apresses, Alistair – pediu a minha mãe, e agachou-se para beijar o meu pai na face. – Ela chega lá por si mesma.

Depois de a minha mãe se ter ido embora, o meu pai meteu-se na água. Afastou-se da beira e virou-se, estendendo os braços na minha direção.

– Vá, Charlotte – incitou ele. – Nada até ao papá.

Olhei para ele, duvidosa.

– Salta – pediu o meu pai. – Salta que eu apanho-te.

Pus-me de pé na borda da piscina e olhei para os seus braços esticados. Não pareciam muito longe. Sem dúvida que, com um salto, conseguiria alcançá-lo. E decidi saltar.

Senti os pés entrarem na água e depois a cabeça a afundar-se e fiquei à espera, à espera de ver os braços do meu pai imergirem para me agarrarem, para me salvarem, mas isso não aconteceu.

A minha primeira reação foi gritar por socorro, e foi o que fiz. Abri a boca para chamar o meu pai e a minha boca encheu-se de água.

A minha reação seguinte foi entrar em pânico; pontapeei e esbracejei numa tentativa desesperada de nadar ao mesmo tempo que ia ao fundo. Abri os olhos e senti o ardor provocado pelo cloro. Olhei para cima e vi a figura desfocada do meu pai, pairando acima de mim, longe do meu alcance. Estiquei o braço e ele deu um passo atrás. Ouvia a voz dele, abafada, e

fiquei com a sensação de que chamava por mim, mas debaixo de água não conseguia escutá-lo com nitidez.

O coração martelava-me no peito com força. Não conseguia respirar. Ardiam-me os pulmões.

Então, houve qualquer coisa que me agarrou por trás e me puxou até à tona da água.

Chorei, berrei; não conseguia ver e respirava sofregamente. Demorei um momento a perceber que estava ao colo da minha mãe. Tirara-me da piscina e envolvera-me na sua toalha molhada. Embalava-me para me acalmar.

– Caramba, Alistair – reclamou a minha mãe, por cima do meu ombro. – Onde é que tinhas a cabeça?

– Ela teria nadado – alegou o meu pai. Não conseguia vê-lo, porque ele estava atrás de mim, na piscina. – Teria percebido como se faz, se não tivesses intervindo logo. Eu não deixaria que lhe acontecesse nada.

Na bacia da fonte, fui apalpando o chão com o pé até o encontrar: o tampão. Respirei fundo, sentei-me no chão e puxei por ele.

– Está uma noite muito agradável para dar um mergulho – comentou Leo quando eu regresssei à superfície. Estava sentado ao meu lado, à espera que a água escoasse à nossa volta.

Esvaziada a fonte, desmontámos um dos peixes do seu pedestal. Era tão pesado que tivemos de carregá-lo os dois, devagarinho e bamboleando, até ao teatro. Escondemo-lo na sala dos adereços, coberto com um lençol.

*

Era o final do dia de quinta-feira e, como seria de esperar, Finn não me contactara a combinar um local de encontro para redigirmos o rascunho do artigo. Não o podia censurar, obviamente, mas não ia permitir que escrevesse uma história sozinho, que eu assinaria, ou, pior ainda, revelasse a Harper que eu não o ajudara, dando-lhe assim uma desculpa para correr comigo do jornal. Uma vez que Harper não me deixaria escrever um artigo só meu, a minha única opção era convencer Finn a conduzir o artigo numa direção diferente, menos choninhas. Assim, mal o avistei na outra ponta do refeitório, peguei no meu tabuleiro de piza e refrigerante e dirigi-me à mesa dele.

Drew olhou para mim quando passei, sem parar, junto à mesa onde costumávamos ficar e onde ela estava sentada com Yael e Stevie e os

rapazes – Leo, Dalton, a malta toda.

– Ei, onde é que vais? – chamou-me ela.

Vou suicidar-me socialmente, humilhar-me para o resto da vida, provavelmente, tive vontade de dizer, mas limitei-me a encolher os ombros e a fazer uma careta.

Avancei a passos largos para a mesa de Finn. Estava acompanhado de uns caloiros borbulhentos e transpirados que conversavam animadamente, mas que se remeteram ao silêncio assim que me viram.

– Olá, Finn – disse eu.

Finn levantou a cabeça e, ao ver que era eu, corou mais uma vez. Fixou o olhar no prato, onde tinha o garfo espetado num novelo de linguine.

– Olá – respondeu ele.

– Há muito tempo que não nos víamos – continuei.

– Pois – replicou ele, sem olhar para mim, e eu quase que me senti mal por isso. Em parte, por ele, pelo que me ouvira dizer no corredor, mas também por mim mesma, por ter de aturar isto. É que, independentemente de o ter magoado, o que eu dissera era verdade.

– Achas que podíamos encontrar-nos mais tarde? – inquiri. Nem sequer disse *para trabalharmos no artigo*, porque achei que seria boa ideia fazer um favor ao miúdo. Os amigos que pensassem que nos íamos encontrar por outros motivos; que achassem que ele tinha um encontro com uma pré-finalista.

Finn limitou-se a encolher os ombros, porém.

– Não sei. Mais logo vou estar ocupado.

Oh, merda.

Encolhi também os ombros.

– Não tem importância – respondi. – Pode ser agora.

Dei um passo à frente e pousei o tabuleiro na mesa. Os amigos de Finn deslizaram no banco para me dar espaço.

– Olá, eu sou a Charlie – apresentei-me, e abri a lata do refrigerante.

– Sou o Declan – disse o miúdo sentado ao lado de Finn, sacudindo a cabeça para desviar a franja dos olhos.

– Luke – apresentou-se o rapaz ao meu lado.

– O Finn e eu estamos a escrever um artigo para o *Chronicle* acerca de uniformes escolares – informei.

Levei a ponta do indicador à boca para sugar o refrigerante que salpicara

e saquei do portátil da mala que tinha ao ombro.

Decidi que talvez até jogasse em meu favor o facto de os amigos de Finn estarem ali. Ao discutirmos o artigo à frente deles, porventura Finn se apercebesse do quanto este era ridículo e compreendesse que precisávamos de abordá-lo sob um ângulo diferente ou de arranjar um tópico mais apelativo.

– Estive a pensar que podíamos usar algumas citações no artigo – sugeri.
– Que acham vocês do uniforme? – perguntei a Declan e a Luke. – São pró-poliéster ou antipoliéster?

– Sinceramente – interrompeu-me Finn, arqueando as sobrancelhas –, isto vai para lá da ridicularia que é forrar um *blazer* com poliéster. Queria seguir por uma via mais política.

– E que há de político, ao certo, nos *blazers*? – perguntei.

– Pensa lá – pediu Finn. – Em Knollwood, o objetivo do uniforme é eliminar as divisões socioeconómicas, mas esse é um contexto muito restrito, centrado no microcosmo do nosso *campus*. Se pensarmos nas comunidades mais abrangentes de que fazemos parte, Falls Church, por exemplo, ou New Hampshire, ou mesmo nos Estados Unidos, então, o uniforme de Knollwood torna-se não num elemento igualador, mas num símbolo de *status*.

Hum. Não me passara pela cabeça que ele quisesse seguir naquela direção. Em abono da verdade, nunca tinha passado muito tempo a pensar no uniforme que usava, na maneira como as outras pessoas o encaravam e no que ele significava. E de que modo esse significado podia mudar dependendo de onde eu me encontrava e de com quem estava.

– Isso é profundo, meu – comentou Declan.

– Não é tão merdoso como eu achava que iria ser – admiti. – Na verdade, não é mesmo nada merdoso.

– Eu sei – afirmou Finn. – Está longe de ser um artigo ridículo e entediante.

Clareei a voz e abri um novo documento no processador de texto.

– Pois, não é nada entediante. Já fizeste algum esqueleto do artigo?

Finn deu um gole na sua água e secou delicadamente os cantos da boca com o guardanapo.

– Já – respondeu depois. – Estava a pensar ir para a biblioteca terminar o rascunho, antes que feche. Se quiseres vir...

Consultei o meu relógio de pulso. Passava pouco das sete da noite.

– Claro – afirmei. Fechei o portátil e embrulhei a fatia de piza num guardanapo para a comer pelo caminho. – Vamos então. Foi um prazer conhecer-vos, Declan e Luke.

– Igualmente – respondeu Declan.

Era capaz de jurar que, ao levantar-me para pegar no tabuleiro, vi Luke piscar o olho a Finn.

Finn e eu levámos os tabuleiros até ao tapete rolante que ficava numa das extremidades do refeitório, onde devíamos colocar a louça, e encaminhámo-nos para as portas de vidro que davam para o pátio do refeitório e para o caminho que contornava o edifício e conduzia à biblioteca.

– Devíamos fazer umas entrevistas com alunos aqui da escola – aventei. – Podíamos fazer assim tipo um jogo de associação livre. Pedíamos às pessoas que nos dissessem as primeiras três palavras que lhes viessem à cabeça quando pensavam nos uniformes de Knollwood. Era giro vermos que conotações vêm ao de cima, a percepção subconsciente que as pessoas têm do uniforme.

Dei uma dentada na piza e quase esbarrei em Finn, que estacara e se colocara à minha frente, virado para mim.

– Olha – começou ele. – Não quis dizer isto à frente dos meus amigos e parecer uma cavalgada, mas não vou partilhar este artigo contigo. Já o escrevi e o teu nome não vai constar dele.

Quase que me engasguei com a piza. Engoli à pressa o pedaço que tinha na boca. Estava mal mastigado e arranhou-me a garganta e o esófago ao descer. Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

– É por eu ter dito à Harper que achava o teu artigo ridículo? – perguntei. – É que eu queria escrever o meu próprio artigo, foi só por isso. Não sou muito boa nesta coisa de... *colaborar*, de trabalhar em equipa.

– Eu também não ansiava por partilhar o meu artigo com ninguém – disse Finn. – Sobretudo com uma pessoa que chegou quase no final do período de inscrições e escapou da Semana Infernal. Mas não agi como um idiota por causa disso.

– Que é a Semana Infernal? – perguntei.

– Obrigaram todos os caloiros a usar chapéus de burro, e não apenas na redação, mas em todo o lado. E tínhamos de correr à volta do edifício de

cada vez que usávamos a voz passiva e lavar a roupa dos editores. Coisas desse tipo.

– Argh – comentei.

– Pois – concordou Finn. – Portanto, teres chegado a meio da reunião, a armar em grande, e exigires assinar o teu próprio artigo e depois chamares ridícula e entediante à minha ideia quando *eu* tenho de aguentar contigo... Digamos que é preciso ter lata, muita lata, se queres a minha opinião. Ainda que eu seja um caloiro e tu sejas... tu.

– Eu sou... Eu? Que quer isso dizer?

– Ora, és a *Charlie Calloway* – respondeu Finn, e consegui ver o itálico na forma como ele disse o meu nome, como se isso quisesse dizer alguma coisa.

– Olha, deixa-me ajudar-te a escrever este artigo e, em troca, eu faço qualquer coisa por ti – propus. – Há de haver alguma coisa que queiras. Podes dizer aos teus amigos que curtiste comigo, se quiseres.

– Sou *gay* – declarou Finn.

– Ah. Achei que os teus amigos achavam que éramos... Não sei. Tenho quase a certeza de que o teu amigo Luke te piscou o olho, há bocado.

– O Luke é um idiota – disse Finn.

– É que... Tipo... Eu preciso disto – admiti. – Se não partilhares este artigo comigo, a Harper corre comigo do jornal. E eu preciso deste jornal para entrar na Universidade da Pensilvânia.

– Lamento – respondeu Finn.

Por um segundo, achei que estava a pedir-me desculpa, que mudara de ideias em relação ao artigo.

– Lamento – repetiu ele. – Uma singela palavra. Devias tentar usá-la de vez em quando.

– Hã? – perguntei.

– Chama-se um pedido de desculpa. Contrição. Sentirmo-nos mal quando praticamos uma má ação.

– Eu sei o que «contrição» quer dizer – afirmei.

– Ah sim? É que eu não ouvi nenhum pedido de desculpa, de espécie nenhuma. A única coisa que ouvi foi tu a debitares aquilo de que precisas, aquilo que queres e de que maneira podes manipular-me para o conseguir. E estou certo de que isso até costuma resultar. Mas esta não é uma dessas vezes – declarou Finn.

– Finn – supliquei. – Por favor.

Ele deu meia volta e começou a subir o caminho.

– Lamento – disse, por cima do ombro.

Mas não soava minimamente lamentoso.

Dezoito

ALISTAIR CALLOWAY

PRIMAVERA DE 1997

Na sala de conferências, o meu pai e o principal arquiteto da empresa tinham as plantas do nosso mais recente projeto de desenvolvimento, em Murray Hill, abertas em cima da mesa. Estavam a rever os planos de ordenamento da zona. Eu tinha acabado de regressar com o meu consultor de *design* da visita a um edifício esventrado. Era o primeiro projeto oficial que liderava para o Calloway Group. Encontrara o edifício e ajudara na mediação do negócio. Iria, entretanto, supervisionar as extensas obras de renovação que transformariam aquela decrepitude em apartamentos de luxo que jovens profissionais de sucesso arrendariam por uma fortuna.

– Onde está o Teddy? – perguntou o meu pai ao ver-me entrar.

– Não está aqui? – indaguei também, e consultei o relógio de pulso. Eram quase duas e meia da tarde. Teddy estava meia hora atrasado. Encontrava-se na cidade a desfrutar das férias de final do semestre e o meu pai ordenara-lhe que passasse pelo escritório.

De uma forma geral, eu ficaria satisfeito com a falta de comparência de Teddy, mas isso fora antes de o meu pai o ter tornado no meu braço direito no projeto de Murray Hill. Estava combinado que em maio, quando Teddy terminasse a faculdade, me acompanharia na execução do projeto. O meu pai até já tinha desimpedido um gabinete só para ele. Aparentemente, Teddy ia conseguir um lugar à mesa, quer desse as caras, quer não desse.

– Eu ligo-lhe – afirmei. – Já volto.

A caminho do meu escritório, pedi a Rosie, a minha secretária, que ligasse para Teddy.

Não me surpreendia que Teddy estivesse atrasado. Ele e Grace estavam hospedados no meu apartamento no Upper East Side e passavam os dias a deambular pela cidade e a apreciar as vistas. Evitara-os o mais possível, saindo para o escritório antes de eles se levantarem. Tinha até ficado duas noites em casa de Margot, mas o apartamento dela, num terceiro andar sem elevador, em Brooklyn, era pequeno e desconfortável; além disso, ela partilhava-o com outras duas estudantes de Medicina. Por isso, na noite anterior, dormira em minha casa. Ouvi-os chegar, já tarde. A risada de Grace ecoou no vestíbulo e depois ouvi a porta do quarto deles ranger ao mesmo tempo que era fechada. Tapei a cabeça com a almofada e esforcei-me por não os imaginar juntos.

– Tenho o Teddy na linha um – disse-me Rosie, da soleira da porta.

Levantei o auscultador.

– Onde raio é que tu estás? – exigi saber. – Estava combinado vires aqui hoje rever os planos para o novo projeto de arrendamento. Estás meia hora atrasado.

– Só um segundo – pediu-me Teddy. A sua voz distanciou-se. – Sim, malpassado, se faz favor. E um copo de Chardonnay, quando puder. – Ouvi estática e depois a voz do meu irmão novamente. – Desculpa. Que se passa?

– Diz-me que não estás a almoçar fora neste preciso momento! – reclamei.

– Bem, a primeira sessão de cinema estava esgotada, por isso, tivemos de ir à seguinte e isso atrasou o almoço, depois ainda tivemos de esperar para arranjar mesa, portanto, só agora é que estamos a pedir – explicou Teddy.

– Mete-te na merda de um táxi e vem para aqui – comandeí. – Agora.

– Tu, na verdade, não precisas de mim aí – argumentou o meu irmão. – Não podes pôr-me mais tarde ao corrente do que eu perdi? Vá lá, estou de férias, afinal de contas.

– Teddy – ripostei –, toda a tua vida tem sido umas longas férias. A diversão acabou.

– Está bem, *pai* – respondeu Teddy.

– Estou a falar a sério, Teddy – declarei. – Já chega de brincadeira. Se o pai e a Eugenia querem dar-te prémios de consolação a vida toda só por existires, isso é problema deles. Mas este projeto é meu e macacos me mordam se vou permitir que mo estragues.

– A tua voz está-me a chegar um pouco estridente – realçou Teddy. –

Talvez seja apenas da ligação. Seja como for, as entradas já chegaram.

– Escuta-me bem, meu inútil – refilei –, nem penses em...

Mas antes que conseguisse terminar, Teddy desligou.

*

O meu telefone tocou. Procurei o interruptor do candeeiro da mesa de cabeceira.

– Credo! – murmurou Margot, ao meu lado. Com a mão, protegeu os olhos da luz.

– Desculpa. Volta a dormir – disse, pestanejando para ver as horas.

Duas e dezoito da madrugada. Quem é que me estaria a ligar àquela hora? Alcancei o telefone. O número no ecrã era o de Teddy. Que se lixasse.

Apaguei a luz e virei-me. Abracei o corpo quente de Margot com o braço e puxei-a para mim. Ela acariciou-me o braço com as pontas dos dedos e aconchegou-se a mim.

Uns segundos depois, o meu telefone tocou novamente.

Margot gemeu e tapou a cabeça com a almofada para abafar o som.

Agarrei de novo o telefone e atendi.

– É bom que estejas a morrer numa valeta, algures – disse.

Só que, do outro lado, não foi a voz de Teddy que me respondeu, mas a de Grace.

– Alistair? – perguntou ela.

Sentei-me na cama.

– Alistair, desculpa estar a ligar a esta hora – disse ela. Soava um pouco ofegante. – Eu sei que é tarde, mas não sabia a quem mais ligar.

– Que se passa? – perguntei.

– É o Teddy – respondeu ela. – Está tudo bem, mas... É que ele bebeu muito e depois vomitou no táxi e o condutor encostou e obrigou-nos a sair. E agora mais nenhum taxista nos quer levar, tendo em conta o estado dele. Está uma lástima e acho que não consigo fazê-lo descer as escadas do metro sozinha. Ele é demasiado pesado e está sempre a cair.

– Onde é que vocês estão? – inquiri, esfregando os olhos para despertar.

– Em West Village – disse ela. – Entre a Seventh e Greenwich.

– Fiquem aí – pedi eu. – Eu vou buscar-vos.

*

Meia hora mais tarde, cheguei a Lower Manhattan. Avistei-os quase de imediato: Teddy caído de montão no passeio e Grace com o seu casaco curto de inverno, a respirar nuvens de vapor quente para o ar frio de março; tinha um ar perdido e preocupado. Encostei o carro junto ao lancil do passeio.

Grace chamou-me assim que me viu.

– Nunca o vi desta maneira – explicou ela. – Tentei convencê-lo a ir para casa há várias horas, mas ele recusou-se a sair do bar.

Tremia e tinha os lábios roxos. Tive vontade de esmurrar o meu irmão por obrigá-la a estar ali ao frio, a meio da noite.

– Eu ajudo-te a metê-lo no carro – foi tudo o que disse.

Senti o cheiro do meu irmão antes de chegar perto dele. Tinha uma das lapelas do casaco vomitadas e cheirava a vinho e a comida chinesa acre. Grace segurou Teddy gentilmente por um dos braços e eu pelo outro, talvez com alguma brutidão, e conduzimo-lo ao carro.

– Eu sei que estás de férias – disse a Teddy. – Mas isto não é Cancun.

Teddy entrou e esparramou-se no banco traseiro. Grace entrou a seguir a ele e eu contornei o carro para me sentar ao volante. Antes de acelerar, olhei para o meu irmão pelo espelho retrovisor.

– A que se deveu a comemoração? – perguntei num tom seco e irónico.

Abraçado a si mesmo, Teddy mantinha os olhos fechados e gemia.

– Foi o teu pai – contou Grace. – Telefonou ao Teddy por causa de ele não ter aparecido para a reunião e, não sei, não correu bem.

– É um filho da mãe – grunhiu Teddy, e encostou a cabeça ao vidro. – Não me sinto bem.

– Então, mete a cabeça de fora – recomendei. – Não vou pagar para mandar limpar o carro só porque tu não sabes beber.

Grace inclinou-se e fez descer o vidro do lado de Teddy. O ar gelado encheu o carro.

– Está demasiado frio – lamuriou-se Teddy, com a voz entaramelada.

– O ar frio faz-te bem – afirmou Grace. Acariciava o joelho do meu irmão. – Fiquei com a ideia de que o teu pai foi um bocado duro com ele – disse ela, dirigindo-se a mim.

– Não te deixes enganar pela fita do Teddy – respondi. – Ele merecia bem mais do que umas palavras duras.

Teddy pendeu para o lado de Grace, deitou a cabeça no seu colo e fechou

os olhos. Grace começou a afagar-lhe o cabelo e a cantarolar uma cantiga.

Nunca invejara nada ao meu irmão, mas invejei-lhe aquilo.

Teddy murmurou qualquer coisa que não entendi.

– Que disse ele? – indaguei.

– Qualquer coisa acerca de uma roseira? – disse Grace.

– É tal como a roseira – repetiu Teddy.

Ao fim de uns minutos, aquietou-se e calou-se. Achei que tinha adormecido.

– Que quer ele dizer com a roseira? – perguntou-me Grace, num sussurro.

Entreolhámo-nos no espelho retrovisor. Desviei o olhar.

– Quando éramos miúdos, o meu pai pediu-me que fosse cortar a roseira premiada da Eugenia – contei. Era a preferida da minha mãe, a que vencera o Hartford Flower and Garden Show durante três anos consecutivos. Estava um dia escaldante e a transpiração corria-me para os olhos; os espinhos picavam-me as palmas ao mesmo tempo que golpeava o tronco da roseira com a tesoura de poda do jardineiro.

– Em determinada altura, levantei a cabeça e vi Teddy a correr para mim, gritando que parasse com aquilo. Não parei, é claro, o meu pai dera-me uma tarefa para cumprir e eu tencionava levá-la a cabo. Acabámos por nos envolver numa luta.

Recordava-me bem daquela briga: nós os dois rebolando pelo chão, trocando canelados e murros.

– Cortei a roseira e, naquela noite, ao jantar, o Teddy não pôde sentar-se à mesa.

– Por causa da briga? – inquiriu Grace.

– Não. Porque o meu pai lhe dissera para salvar a roseira e ele fracassara nessa missão.

– Não compreendo – referiu Grace. – Pensei que o teu pai te tinha dito para a cortares.

– E disse – expliquei. – A mim disse-me para a cortar e ao Teddy pediu que a salvasse.

– Mas porquê?

– Suponho que quisesse ver qual de nós seria bem-sucedido.

– Mas isso é cruel.

Encolhi os ombros. Sabia que Teddy via o episódio da mesma maneira, mas eu não.

O meu bisavô, um alfaiate, chegara àquele país com uma mão à frente e outra atrás. Esfalfou-se a trabalhar e, com o dinheiro que poupou, comprou uma fábrica no Meatpacking District e juntou uma pequena fortuna. O meu avô, o mais novo de seis irmãos, trapaceou os irmãos para lhes ficar com a herança e, com ela, fundara o Calloway Group. O meu pai pegara nessa empresa e desenvolvera-a, transformando-a numa das maiores empresas do ramo imobiliário da cidade de Nova Iorque. Não queria que o Teddy e eu tomássemos como garantido o que ele conseguira; queria que fizéssemos mais com o que nos seria dado, tal como o pai dele e ele mesmo tinham feito. O objetivo do meu pai era que construíssemos o nosso próprio legado.

– O meu pai é um *darwinista* – referi. – Acredita que só os mais fortes sobrevivem e que os restantes serão extintos.

– E tu também acreditas nisso? – quis saber Grace.

Mais uma vez, o nosso olhar cruzou-se no retrovisor. Quando era miúdo, admirava o meu pai, queria ser exatamente como ele. O meu pai ensinou-me a ser egoísta, a lutar pelas coisas que eu queria com uma tenacidade inflexível e obstinada. Era a única maneira de vencer, de prosperar, de alcançar alguma coisa parecida com a que ele já tinha alcançado. Pensei em todas as coisas que sacrificara ao altar daquela crença. Coisas que jamais podia desfazer ou reparar. Quem era eu – o que era eu –, se deixasse de acreditar naquilo?

– Ele não está errado – foi tudo o que disse.

O reflexo de Grace prendeu-me o olhar. Tinha um ar pensativo, quase triste.

– Talvez – disse ela, ao fim de um momento. – Mas parece uma forma tão solitária de viver.

Dezanove

CHARLIE CALLOWAY

2017

Despertei com uma luz ofuscante. Olhei de relance para a porta e vi que Drew tinha acendido a luz. Entrei em pânico. Ter-me-ia deixado dormir? Olhei para o relógio na mesa de cabeceira. Seis e meia da manhã. Tapei os olhos com um dos braços.

– Credo, Drew, apaga a luz, sim? – pedi. A minha voz soou rouca.

Ouvi duas passadas pesadas e senti Drew aterrar na minha cama.

– Estou tão orgulhosa de ti! – exclamou Drew. – És a minha Edward R. Murrow.

– De que estás para aí a falar? – perguntei, ao mesmo tempo que me sentava na cama.

– De ti – disse ela. – Do teu artigo.

Drew estava de calções de corrida e *t-shirt*. Ainda tinha as faces ruborizadas e o cabelo meio despenteado. Estendeu-me o jornal que segurava na mão.

– Vi-o esta manhã, quando fui tomar um café – explicou ela. – Está tãooooo bom, Charlie. A sério. Li-o duas vezes.

Abri o jornal e li.

BONITO LHE PARECE

Por Finn McIntire e Charlie Calloway

Finn decidira incluir-me nos créditos, afinal de contas. Mas porquê?

– Vou tomar um duche rápido – decidiu Drew – e depois vamos tomar o pequeno-almoço, *okay*?

– *Okay* – concordei. Esfreguei os olhos, ainda ensonada.

Drew tirou a toalha do cabide atrás da porta e pegou na frasqueira. Cantarolava quando se dirigiu à casa de banho.

Esperei que ela saísse para ler o artigo.

*

– Queres ser tu a seguir, Charlie? – sugeriu Harper, depois de ter pousado a esferográfica sobre o bloco de notas.

A equipa dos artigos de fundo estava novamente reunida em redor da mesa do café da redação do *Chronicle*. O sofá remendado era, mais uma vez, o meu poleiro, e Finn encontrava-se do outro lado da mesa, sentado numa cadeira giratória que roubara a uma das mesas. Tinha passado a reunião toda sem olhar para mim. Sabia-o porque, desde que me sentara, não desviara o olhar dele, tentando chamar-lhe a atenção.

– Pode ser – respondi. – Queria escrever um artigo acerca das lendas urbanas de Knollwood. Analisar os mitos que circulam pelo *campus*. Qual a sua origem? Que revelam acerca de nós? Porque é que determinadas histórias ainda persistem?

– Interessante – comentou Harper. – Tens algum exemplo?

– Toda a gente conhece o fantasma de Knollwood – referi –, mas ninguém sabe se, de facto, morreu algum aluno no *campus* ou quando é que estas histórias começaram a circular.

Desde que vira a página no anuário do meu pai que homenageava Jake Griffin, não conseguira parar de pensar nele. Que lhe acontecera, ao certo? Poderia o fantasma de Knollwood, o espectro que assombrava o *campus*, ser ele?

– Estou a gostar – disse Harper. – Parece-me que conseguiste o teu primeiro artigo a solo, Charlie.

– Na verdade, uma vez que o artigo vai envolver bastante pesquisa, estava a pensar trabalhar de novo com o Finn.

Olhei para ele. Ele olhou para mim e desviou os olhos de imediato, mal nos entreolhámos. Corou.

– Da última vez, formámos uma boa equipa – argumentei.

– Claro – respondeu Harper. – Parece-me bem.

Assim que a reunião acabou, enfiei o caderno na mala e dirigi-me a Finn, que estava ainda a arrumar as suas coisas.

- O artigo... – comecei, em voz baixa para que mais ninguém me ouvisse.
- Não tinhas de fazer aquilo.
- Finn encolheu os ombros.
- A tua ideia da livre associação era boa. Usei-a e não me pareceu correto não te dar quaisquer créditos por isso.
- Obrigada – disse.
- Finn olhou para mim.
- Não tens de partilhar este artigo comigo.
- Eu quero fazê-lo – afirmei. – Chama-se recompensa. Reparar um erro que cometemos. A menos... A menos que não gostes da história e prefiras escrever acerca de outra coisa?
- Não, eu gostei – respondeu Finn. – Acho que pode ficar muito bom. Além do mais, quem é que não gosta de uma história de fantasmas?

*

Na tarde seguinte, no final de Introdução à Fotografia, deixei-me ficar para trás depois de toda a gente ter saído. O professor Andrews era sempre o último a abandonar a sala, porque tinha de desligar o PowerPoint e arrumar todo o equipamento. Guardando sem pressa o portátil na mochila, consultei o relógio por cima da porta. Eram 16h15. Leo prometera que, às 16h25, estaria lá fora, no pátio, pronto para captar com o seu iPhone, a partir da janela da sala de aula, o abraço tórrido entre mim e o professor Andrews.

– Importava-se de dar uma vista de olhos a algumas das fotografias que tirei na semana passada? – pedi. Estava de pé, junto a uma das mesas altas, com as fotos espalhadas em cima dela. Certifiquei-me de que ficava de costas para a janela, pois não queria que o meu rosto fosse discernível em qualquer umas das fotografias de Leo.

– Com certeza – respondeu o professor Andrews, e colocou-se ao meu lado. Inclinou-se para observar melhor as fotografias. O braço dele roçou no meu e eu não me desviei. Mantive-me onde estava, pressionando ao de leve o meu braço de encontro ao dele.

Naquele momento, senti-me poderosa. Seria daquela maneira que os rapazes se sentiam quando andavam atrás de uma rapariga? Como se fossem o caçador e a rapariga a presa?

– Tentei incluir no enquadramento a regra dos terços de que nos falou – expliquei. Dei um passo na direção dele e, quando ele se endireitou, ficou

encurralado entre mim e a mesa, de frente para a janela.

– Estou a ver que sim – disse ele. – Fizeste um bom trabalho.

– Obrigada – respondi, e pestanejei. – Aprendi com o melhor.

Ergui-me nos bicos dos pés e beijei-o ao mesmo tempo que lhe rodeava o pescoço com os braços. Ele não se mexeu.

– Charlie... – disse o professor Andrews, quando o beijo terminou; afastou-me os braços do seu pescoço. – Acho que ficaste com a ideia errada. Sou teu professor.

– Eu sei – repliquei. Inclinei-me para ele, acariciei o botão do cimo da sua camisa e esbocei um daqueles sorrisos dengosos e sedutores que vira Drew dirigir a Crosby um cento de vezes. – E acho que tem muito para me ensinar.

Quando o olhei nos olhos, fiquei à espera de ver a mesma expressão que Cedric Roth fazia quando me beijava no sofá da biblioteca, pressionando-se contra mim: os olhos semicerrados, a boca entreaberta, o olhar de desejo. Mas não foi nada disso que vi. Em vez disso, o professor Andrews tinha um ar dececionado.

– Não faças isso, Charlie – pediu o professor Andrews. – Não te deprecies desta maneira. Vales muito mais do que... do que isto.

Lentamente, afastou-se de mim. Ao virar-me para olhar de relance para a janela, onde a câmara do iPhone de Leo estava, já não me sentia poderosa. Em lugar disso, apercebi-me de uma coisa que há muito tempo não sentia.

Vergonha.

*

Nessa noite, no refeitório, sentada a uma mesa na companhia das minhas amigas, empurrava a comida de um lado para o outro do prato. Depois dos acontecimentos daquela tarde, perdera o apetite. Não conseguia entender como é que um namorico inofensivo se havia transformado numa coisa que me fazia sentir como lixo. De repente, dei-me conta de que tanto Stevie como Yael me olhavam fixa e expectantemente.

– Que foi? – perguntei.

– Eu bem te disse que ela não estava a ouvir – disse Stevie.

– Lá porque os rapazes não estão aqui connosco, isso não quer dizer que vocês as duas possam abandonar a conversa – fez notar Yael.

Olhei para Drew, sentada à minha frente. Também ela parecia estar a dar

uma nova disposição à comida que tinha no prato, e não a levá-la à boca.

– Desculpem. Estou cansada – aleguei.

– Sem problema, estávamos apenas a meter-nos com vocês – explicou Yael. – Quem é que quer iogurte gelado?

– Eu! – exclamou Stevie, e até pôs a mão no ar.

– Eu não quero, obrigada – respondeu Drew.

– Eu também não – acrescentei.

Esperei que Stevie e Yael se afastassem para chamar a atenção de Drew com um pequeno pontapé por baixo da mesa.

– Olha, o Dalton precisa das nossas listas – informei-a, em voz baixa.

– Quais listas?

– Para as matrículas do próximo semestre – fiz lembrar. – Enviei-te a minha lista na semana passada, mas até hoje ainda não recebi a tua.

– Ah, pois. Desculpa, ainda nem olhei para ela – disse Drew.

– Hum... *Okay* – respondi. Não compreendi por que motivo ela estava a comportar-se daquela maneira. Era a nossa oportunidade de conseguir as disciplinas que queríamos no semestre seguinte e de garantir horários compatíveis e ela parecia estar a desperdiçá-la.

– Entrega a tua lista ao Dalton para não falhares o prazo – sugeriu Drew.

– Uma vez que já me enviaste a tua lista, eu construo o meu horário com base nela.

– Está tudo bem? – indaguei.

– Hã? – respondeu Drew, a milhas dali. – Ah, sim. Estou só com uma enxaqueca.

A resposta dela pareceu-me claramente evasiva. A desculpa de que estava com uma enxaqueca era tão esfarrapada como a minha, de que estava cansada.

– Ei, já sabes como vais surripiar o exame de Trigonometria ao professor Franklin?

– Sim, julgo que sim – disse Drew.

– Precisas de ajuda?

– Não, tenho tudo controlado – afirmou ela. – Mas, de qualquer maneira, obrigada.

– Então e não me vais sequer contar os pormenores? – inquiri.

– Não vão acreditar! – exclamou Stevie, sentando-se à mesa com um tabuleiro onde equilibrava três tigelas de iogurte gelado. – O sabor a moca

está de volta.

Empurrou uma das tigelas para mim e acotovelou a outra na direção de Drew.

– Eu trouxe colheres! – anunciou Yael, e despejou um punhado delas em cima da mesa.

– Chlép – disse Drew, mas percebi que o seu sorriso era fingido. Alcançou uma colher e já não olhou mais para mim. Fiquei com a estranha sensação de que, se Stevie e Yael não tivessem regressado à mesa naquele instante, ela teria encontrado uma maneira de evitar responder à minha pergunta.

*

Mais tarde, ainda naquela noite, estava no quarto de Dalton a fazer pesquisa para um trabalho que o professor Andrews nos atribuíra aos dois. Tínhamos de escrever acerca de um fotógrafo moderno que estivesse a fazer qualquer coisa de inovador na área.

Era permitida a permanência de raparigas nos dormitórios dos rapazes durante o período de estudo, que ia desde o jantar ao recolher obrigatório, logo, entre as sete e as nove da noite, nos dias de semana. No entanto, tínhamos de deixar a porta entreaberta e ter sempre três pés no chão. Estava sentada na cama de Dalton, ao lado dele, com as costas apoiadas na parede e um pé por baixo do corpo. Tentava concentrar-me no trabalho, mas não parava de pensar no professor Andrews. Tinha vontade de perguntar a Dalton o objetivo da fotografia comprometedora (que queria o clube fazer com ela?), mas não sabia como abordar o assunto. Dalton não teria autorização para me revelar o propósito da fotografia comprometedora e, se o fizesse, estaria a trair a confiança do clube, e eu não queria colocá-lo nessa posição.

Por um lado, o professor Andrews parecia-me uma pessoa decente e chantageá-lo ou arruinar a sua reputação com aquelas imagens enganadoras era cruel. Por outro lado, contudo, não tinha escolha. Se não cumprisse as ordens do A, o mais certo era que divulgassem as fotografias que tinham de mim e de Leo, tiradas naquela noite, no carro. À parte da humilhação pública de que eu seria alvo, Leo iria sofrer também, e o meu primo não tinha feito nada de mal. Não lhe podia fazer uma coisa dessas.

– Terra chama Charlie.

Levantei os olhos e deparei com Dalton a olhar-me fixamente.

– Hã?

– Pareces um pouco ausente – referiu Dalton. – Está tudo bem?

– Sim – menti. – Tudo ótimo.

– Que achas deste tipo? – inquiriu ele, e inclinei-me para ele, para ver melhor a imagem que tinha no ecrã do portátil. O meu ombro chocou contra o dele e senti-o retesar-se.

– Hum, então, este fotógrafo só fotografa com luz natural – explicou Dalton. – A sua mais recente exposição vai estar na West Village na próxima quarta-feira. A seguir, até vai fazer uma sessão de perguntas e respostas. Podíamos ir, que dizes? Se calhar, termos uma citação do próprio artista no trabalho até nos granjeava uma melhor nota.

– Parece-me boa ideia – concordei. – E sempre posso perguntar-lhe como é que ele vê a fronteira entre o público e o privado na sua arte – aventei, sarcasticamente.

– Levanta um ponto muito interessante, menina Calloway – respondeu Dalton, fazendo troça da minha conversa com o professor Andrews no primeiro dia de Introdução à Fotografia. – A ética *versus* a arte é sempre uma discussão elucidativa.

Virei-me para rir e apanhei Dalton a sorrir para mim. Nem cinco centímetros nos separavam. Sem me dar tempo de recuar, Dalton inclinou-se para a frente e beijou-me.

– Há muito tempo que queria fazer isto – confessou ele.

– Há quanto tempo? – perguntei.

– Desde que eras caloiira e chamaste puta à Libby Winkler, mesmo na cara dela, porque a tipa estava armada em boa.

– Ela era do mais pretensioso que pode haver – argumentei. – Toda a gente a detestava.

– Ainda assim, foi uma jogada bastante corajosa da parte de um caloiro, tendo em conta que ela era pré-finalista.

Dalton desviou o portátil do colo e fez deslizar as pontas dos dedos ao longo da linha do meu maxilar, até chegarem à nuca; puxou-me então para ele e beijou-me com muito menos gentileza. Foi doloroso e excitante em igual medida, e quando ele afastou a cara foi como se me tivesse sugado o oxigénio dos pulmões. Nunca tinha sido beijada daquela maneira.

– E queria fazer isto desde a primeira aula de Introdução à Fotografia –

acrescentou Dalton.

– Ah sim? – repliquei, e arqueei uma sobrancelha. Estava um pouco ofegante, mas esforçava-me por escondê-lo. Não queria que ele soubesse o efeito que tinha em mim. Queria manter o controlo e levar a melhor. Estiquei a mão e, num gesto brincalhão, desabotoei-lhe o colarinho da camisa. Dalton tinha os lábios entreabertos e o seu olhar transparecia desejo.

– E que me quiseste fazer depois de te ter vencido ao póquer? – indaguei.

– Só me venceste porque fizeste batota – alegou Dalton, quase a sussurrar e sorrindo.

– Não foi muito cavalheiresco da minha parte – admiti. – Mas, se também tu fosses menos cavalheiresco, talvez tivesses ganhado.

– Nem sempre sou um cavalheiro – afirmou Dalton.

– Eu sou como São Tomé... Ver para crer – realcei.

Ele empurrou-me para trás, contra a colcha, e prendeu-me os pulsos acima da cabeça com uma das mãos. Em cima de mim, beijou-me mais uma vez, e com a mão livre acariciou-me o pescoço, a clavícula, o peito, o umbigo. Depois, esgueirou a mão para baixo da minha camisa: pele quente contra pele quente.

A porta do quarto fechou-se com estrondo e Dalton saiu de cima de mim num ápice, quase com um pulo.

– Merda! – exclamou ele.

Dirigiu-se à porta, abriu-a e espreitou para um lado e para o outro do corredor. Sentei-me e compus o cabelo.

– Que estranho – comentou Dalton, ao voltar para o quarto. – Se calhar, foi só uma corrente de ar ou assim.

– É melhor eu ir andando – disse. – Já temos o nosso trabalho alinhavado.

Alcancei o meu portátil e comecei a arrumar as minhas coisas.

– Sim, eu acompanho-te à residência – disponibilizou-se Dalton.

*

Drew ainda não tinha regressado, embora faltassem alguns minutos para o recolher obrigatório, por isso, sentei-me na cama com o portátil e aproveitei para tirar algumas notas acerca do fotógrafo que Dalton e eu tínhamos escolhido para o nosso projeto. A *drive* USB com as entrevistas relativas ao

desaparecimento da minha mãe estava na minha mesa de cabeceira e não parava de chamar-me a atenção.

Talvez o meu erro não tivesse sido ouvir as entrevistas, mas ouvir as entrevistas erradas. Voltei a colocar a *drive* na porta USB e abri o ficheiro de áudio relativo à entrevista da avó Fairchild. Mais uma vez, pus os auriculares. As perguntas da primeira parte da entrevista foram mais ou menos semelhantes à da entrevista da minha tia Grier, ou seja, abarcaram a personalidade e o carácter da minha mãe, mas é claro que a avó Fairchild pintou uma imagem muito diferente e muito mais benigna da minha mãe. Então, o Sr. Lynch questionou-a acerca do relacionamento dos meus pais.

– A Grace gosta muito do Alistair – disse a avó Fairchild. – Foi uma relação relâmpago, quase, o que não era nada habitual para a Grace. Depois do Jake, ela fechou-se muito.

– Jake?

– Sim, Jake Griffin, o namorado do liceu. Vivia na mesma rua que nós, algumas casas mais abaixo. O Jake e a Grace conheciam-se desde miúdos.

Jake Griffin. O nome soava-me conhecido. Onde é que eu já o tinha ouvido?

– Era um bom rapaz, um rapaz inteligente – continuou a minha avó. – Frequentou um colégio interno em New Hampshire, se não estou em erro. Tinha uma bolsa de estudos. Mas morreu muito novo. A Grace ainda estava no liceu. Creio que teria uns dezasseis anos quando ele morreu. Era jovem. Ficou devastada e demorou muito tempo a ultrapassar o sucedido.

Um colégio interno em New Hampshire? Um rapaz que morreu? Um calafrio percorreu-me a coluna. Jake Griffin. Não tinha ouvido aquele nome, lera-o, na primeira página do anuário do meu pai. Jake Griffin, o rapaz que falecera, o que estava na fotografia com o meu pai, com o braço por cima um do outro, os dois sorrindo para a máquina. «Jake Griffin e Alistair Calloway», dizia a legenda da fotografia.

Tentei juntar todas aquelas peças na minha cabeça, a ver se encaixavam. O que significaria o facto de:

1. A minha mãe ter namorado aquele rapaz
2. Ao mesmo tempo, o meu pai ser amigo dele
3. Nesse mesmo ano, o rapaz ter morrido e

4. Dezassete anos mais tarde, a minha mãe ter desaparecido sem deixar rasto?

*

Pareciam-me demasiadas coincidências para não quererem dizer alguma coisa.

Vinte

GRACE FAIRCHILD

PRIMAVERA DE 1997

Assisti à cerimónia com a família de Teddy e Margot. Quando Teddy subiu ao palco, envergando o seu traje académico, mantivemo-nos educadamente sentados, ao contrário da maior parte das restantes famílias, que se levantavam para tirar fotografias. Eugenia tinha contratado um fotógrafo para se manter perto do palco e documentar tudo. Também nos obrigara a chegar duas horas antes da cerimónia de entrega de diplomas para que o dito fotógrafo pudesse tirar fotografias da família com Teddy nos locais mais pitorescos do *campus* universitário. Desse modo, não teríamos de competir pelos melhores locais com os restantes estudantes e respetivas famílias. Na minha opinião, Eugenia queria era tirar as fotografias quando o seu cabelo e maquilhagem estivessem ainda em perfeito estado, em vez de no final de uma hora de discursos sob o Sol escaldante.

Eu tinha comprado um conjunto novo para a ocasião: um vestido rosa-pálido em saldos, de uma *designer* que ouvira Olivia mencionar certa vez. O vestido era justo, mas tinha um decote recatado, e a saia ficava mesmo por cima dos meus joelhos. Sentia-me bem com ele, mas, ao posar para as fotografias, ocorreu-me um pensamento perturbador: e se o vestido fosse demasiado transparente? Não me parecia que fosse quando o vestira em frente ao espelho, sob as luzes fluorescentes do provador, porém, com aquela claridade, comecei a ficar com dúvidas e amaldiçoei-me por não ter tido a previsão de vestir um saiote, só por via das dúvidas.

A banda tocava então e os finalistas avançavam orgulhosamente com os seus diplomas na mão pelo corredor central formado pelas cadeiras. O pai de Teddy inclinou-se para mim.

– Vamos perder a nossa reserva – disse ele, de olhos fixos no relógio e sobrolho franzido. A cerimónia começara depois da hora e ameaçava arruinar os planos meticulosamente traçados por Eugenia.

– Alistair, ficas para trás à espera do teu irmão – comandou Eugenia. – Nós vamos andando para o restaurante para não perdermos a mesa.

Margot pousou a mão no antebraço de Alistair e, com a outra, abanou-se furiosamente usando o programa da cerimónia.

– Eu vou com os teus pais – disse ela. – Se ficar debaixo deste Sol mais um minuto, apanho uma insolação.

– Eu espero contigo – ofereci-me.

Alistair acenou que sim com a cabeça.

– Reúne as tropas, se faz favor – pediu-me ele, ao mesmo tempo que se punha de pé, de mãos enfiadas nos bolsos das calças. – Vou só ver se encontro uma casa de banho.

Demorei alguns minutos a encontrar Teddy no meio da alameda com as outras famílias e licenciados. Por fim, localizei-o junto a uns amigos, num semicírculo, de costas para mim. Reconheci dois deles: Graham Park e Nick Cheng. Teddy e eu já tínhamos ido ao cinema e saído com eles para jantar algumas vezes. Eram rapazes simpáticos, sempre muito educados. O terceiro rapaz era alto, desengonçado e sardento. Estava meio de esguelha para mim, por isso, conseguia vê-lo apenas de perfil. Dei voltas à cabeça a tentar lembrar-me dele, mas não me recordava de Teddy mo ter alguma vez apresentado.

– Eu continuo a afirmar que aqui o Teddy é o verdadeiro campeão – dizia Nick, e deu uma palmada nas costas de Teddy.

– O Nick chamou-me a atenção para ela há pouco, junto à fonte – respondeu o mais alto. – Vi o vestido curto cor-de-rosa que ela tem vestido. É impossível que não se tenha enrolado contigo.

Estaquei. A tomada de consciência de que estavam a falar de mim foi como um murro no estômago. De repente, senti-me como se estivesse sem roupa. Era como um daqueles sonhos horríveis em que nos damos conta de que andamos nus e de que está toda a gente a olhar para nós.

– Como vos disse, abduco desta ronda – disse Teddy.

– Tretas – replicou Graham. – Não quero ganhar por desistência. Vamos rever as jogadas. Nick?

– Ora, o Teddy foi à primeira com a miúda da Associação de Estudantes

Zeta Sigma, completou a segunda com aquela aluna francesa de intercâmbio e a terceira com a assistente do Departamento de Economia – enumerou Nick, contando pelos dedos cada uma das conquistas de Teddy.

Interroguei-me quando é que aqueles relacionamentos tinham ocorrido: enquanto estávamos juntos? Antes?

– E conseguiste um *home run* com a rapariguinha local – realçou o alto e desengonçado.

Rapariguinha local. Nem sequer tinha nome.

– Vá lá, deixa-te de coisas e admite – prosseguiu ele. – Enrolaste-te com ela.

Teddy encolheu os ombros. Ria-se. Percebi isso pela maneira como os ombros dele abanavam, muito embora não lhe conseguisse ver a cara.

– Invoco a quinta emenda – disse Teddy.

Ver Teddy divulgar um dos pormenores mais íntimos da nossa relação àquele rapaz sardento e desconjuntado e aos restantes amigos deu-me nojo. Isso e o facto de o assunto ser tratado como uma piada, como se fosse uma espécie de jogo.

Nick ergueu triunfantemente o braço de Teddy no ar.

– Declaro um vencedor.

– Não somos dignos, ó grande mestre – disse o rapaz alto e sardento e saudou Teddy com uma pequena vénia zombeteira.

Continuava ali, desejando esfumar-me, mas incapaz de me mexer, quando Teddy se virou e me viu.

A expressão no meu rosto deve ter-lhe dito tudo o que eu não conseguia dizer, pois perdeu de imediato o sorriso que tinha nos lábios e ficou exangue.

– Grace – disse.

Dei meia volta e afastei-me rapidamente dele, tropeçando um pouco de cada vez que os saltos dos meus sapatos se afundavam na relva. Ele correu atrás de mim e agarrou-me o braço para me forçar a parar.

Vi os amigos dele um pouco mais atrás, ainda no seu semicírculo e a olhar para nós.

– Não me toques! – ordenei. Tentei libertar o braço, mas isso só serviu para ele me segurar com mais força ainda. Tinha os dedos cravados no meu antebraço. Encolhi-me.

– Grace, deixa-me explicar – pediu ele, como se tivesse palavras para

consertar a situação, para nos voltar a unir. Era impossível. Essas palavras não existiam.

– Eu disse para tirares as mãos de cima de mim! – repeti, em tom de ameaça.

– Não sei o que ouviste – continuou Teddy, e olhou para trás, para os amigos, antes de baixar o tom de voz. – Mas não liguês àqueles idiotas. Estavam só a armar-se em parvos. Aquilo não significa nada.

– Não, *eu* é que não significo nada – aleguei. – Fui apenas... O quê? Uma brincadeira para ti? Um jogo?

– Não – respondeu Teddy, com veemência. – Isso não é verdade. Não foste uma brincadeira, claro que não. – Parou e respirou fundo. Olhou para mim com uma sinceridade tal que até doeu. – Foi verdadeiro. Tu e eu. Juro-te que os meus sentimentos por ti são verdadeiros. Grace, eu amo-te.

Fiz o que Hank me ensinara no quintal das traseiras, quando eu tinha dez anos. O punho bem cerrado, o polegar por cima do indicador e do dedo do meio, o peso no pé de trás, e depois empurrei o braço e o corpo para a frente, em direção à cara dele. O impacto foi doloroso. Ouvi-o cuspir o ar; libertou-me instantaneamente e dobrou-se para a frente.

– Merda! – exclamou Teddy, agarrado ao nariz. – Merda.

Não fiquei para ver se ele estava bem. Virei-me e fui-me embora dali.

Nem conseguia ver bem. Ao dobrar a esquina do edifício mais próximo, esbarrei com força numa pessoa. Torci dolorosamente o tornozelo, junto à fivela do sapato, e quase caí, mas a pessoa amparou-me.

– Cuidado! Magoou-se? – perguntou o homem.

Quando levantei a cabeça, vi que era Alistair. Reconhecemo-nos um ao outro ao mesmo tempo. Reparei que o rosto dele se iluminou e até os olhos cintilaram.

– Ia agora mesmo à tua procura – explicou ele.

Foi então que reparou na minha expressão de pesar e o seu rosto ensombrou-se.

– Estás bem? – perguntou ele.

Nem sabia como responder àquela pergunta.

– Era tudo uma mentira – declarei. – Um jogo.

Sabia que estava a balbuciar, mas não conseguia evitá-lo.

Esfreguei o tornozelo dorido e apoiei o pé no chão, fazendo pressão sobre ele. Não era grave, apenas o torcera, e conseguia caminhar.

Ouvi o meu nome, ao longe, e olhei para trás por cima do ombro. Era Teddy, tentando perceber para que lado eu tinha ido. Tinha sangue na camisa. Partira-lhe o nariz.

Olhei para Alistair. Ele fez que sim com a cabeça, como se compreendesse.

– Vai – recomendou ele. – Eu asseguro-me de que ele não te segue. – O tom dele era sério, raiava o furioso.

Era a segunda vez que Alistair me salvava e, pela segunda vez, estava demasiado perturbada para lhe agradecer. Dobrei a esquina e corri para longe, sem olhar mais para trás.

Vinte e um

CHARLIE CALLOWAY

2017

Esperei que a Sra. Stanfeld fizesse a sua ronda noturna para confirmar que toda a gente já estava nos respetivos quartos, e, sem perder tempo, tirei uma mochila do roupeiro e fiz a mala: uma muda de roupa, o portátil e o conteúdo da caixa que o tio Teddy me enviara.

– Importavas-te de ser sincera comigo? – pediu Drew, observando-me desde a sua cama. – Diz-me o que se passa.

– Não sei o que se passa – respondi, ocupada a tentar que a frasqueira coubesse na mochila. – Mas planeio descobrir, isso é certo.

– *Okay* – cedeu Drew. – Estás a deixar-me preocupada. Podes dizer-me ao menos onde é que vais?

– Vou a Hillsborough – revelei. – Mas não podes dizer a ninguém, nem sequer ao Leo. Preciso que me encubras, caso amanhã não chegue antes do recolher obrigatório. Pode ser?

– Combinado – disse Drew.

Saí pela janela e depois Drew lançou-me a mochila.

– Promete que vais ter cuidado – sussurrou Drew.

– Vou tentar – sussurrei de volta.

Meti-me no carro e cheguei a casa dos meus avós às duas da manhã. A carrinha do meu tio Hank encontrava-se na entrada para a garagem e a casa estava às escuras. Não queria acordá-los, por isso reclinei o banco e fechei os olhos. Não esperava conseguir dormir, mas fui despertada por uma pancada no vidro.

– Charlotte?

Sentei-me e esfreguei os olhos. Gemi quando tentei rodar o pescoço. Estava hirto por ter dormido no carro.

A minha avó abriu a porta do carro.

– Charlotte? – tornou ela. –Que estás a fazer aqui fora, querida?

– Olá, avó – cumprimentei. Pestanejei e perguntei que horas eram.

Ela estava de roupão e chinelos e tinha o jornal matutino na mão.

Devia ter um ar realmente atarantado, já que a minha avó não me pressionou mais acerca do motivo por que me encontrara ali. Em vez disso, sugeriu:

– Vem para dentro. Eu faço-te qualquer coisa para comeres.

Segui-a e sentei-me à mesa da cozinha. Senti o cheiro a café acabado de fazer e olhei em redor. A minha avó untava uma frigideira e punha-a ao lume.

– Panquecas e ovos parece-te bem, querida?

– Sim – respondi.

– Aqui tens – disse ela, depois de me servir uma caneca de café e de a pousar à minha frente.

Ocupou-se a bater os ovos e a preparar a massa das panquecas, mas não parou de me deitar olhares preocupados. Beberiquei o café ao mesmo tempo que tentava pôr as ideias em ordem.

Jake. Jake Griffin. Jake Griffin e a minha mãe. Fora isso que me levara ali. Que tinha acontecido a Jake? Como é que ele morrerá? E qual era a relação entre Jake e a minha mãe e o meu pai? Porque tinha de haver qualquer coisa que os unisse. Tinha as peças do quebra-cabeças e só me faltava entender como é que elas se encaixavam.

Preparava-me para abrir a boca e falar de Jake, para dizer à minha avó que tinha ouvido a conversa que ela tivera com o investigador privado e que precisava de saber tudo o que havia para saber, quando o meu tio Hank entrou na cozinha.

Estacou mal me viu. Ainda levantei a mão para lhe acenar, mas desisti assim que vi a sua expressão de ódio e desprezo.

– Que raio está ela a fazer aqui? – perguntou ele.

O quê?

A minha avó parou de fazer panquecas e virou-se para ele.

– Esta casa é minha, Hank, e sou eu quem decide quem é bem-vindo, e a Charlotte é sempre bem-vinda.

– Depois da merda que ela armou? – vociferou o tio Hank, apontando-me um dedo; fulminava-me com o olhar. – Ela não é a Grace, mãe. Pode parecer-se com ela, mas não é. É um deles e será sempre um deles.

– Que se passa? – perguntei.

– Sabes muito bem o que fizeste – afirmou o meu tio. Espumava de raiva. – Achava que eras aquela menina de quem eu me recordava. Mas não és. Tornaste-te em tão traiçoeira e manipuladora como todos eles. Confiei em ti, mas não devia tê-lo feito. Foi um erro que não voltarei a cometer.

As lágrimas ardiam-me nos olhos. Que podia eu ter feito desde a última vez que ali estivera para ele me odiar tanto? Tinha a certeza de que só podia ser um grande mal-entendido.

– Tio Hank... – comecei, mas ele ergueu umas das mãos para me calar.

– Nem te atrevas – rosnou ele. – Não te ponhas a chorar como se te tivéssemos magoado quando na verdade te estás pouco marimbando para nós. Mentiste-me descaradamente.

– Eu não...

Olhei para a minha avó em busca de ajuda. De braços cruzados à frente do peito, parecia abraçar-se a si mesma. As lágrimas corriam-lhe pelas faces.

– Foste falar com ele depois de eu te ter pedido que não o fizesses – disse o meu tio.

– Com quem? – indaguei.

– Com o teu pai – revelou o tio Hank.

– Não fui!

– Então, porque veio o teu tio falar comigo? Como é que ele sabia das fotografias?

– O tio Teddy contactou-o? – inquirei.

– Exigiu que lhe desse as fotografias que encontrei – contou o tio Hank. – Ameaçou acusar-me de invasão de propriedade privada se não o fizesse.

– Eu não sabia – expliquei. – Não imaginava que ele fosse fazer isso.

– Fora daqui – ordenou o meu tio. – Seja lá o que for que vieste aqui fazer, não estamos interessados. Não vieste aqui por nós. Estás aqui porque queres alguma coisa, só que vieste bater à porta errada.

Olhei de novo para a minha avó, à espera que ela dissesse qualquer coisa em minha defesa, mas ela não o fez. Limitou-se a olhar para mim como se lhe tivesse partido o coração.

– Lamento... – disse, e, levantando-me, saí pela porta antes que as minhas pernas deixassem de suportar o meu peso.

*

No carro, ordenei a mim mesma que não chorasse. Dirigi-me ao último lugar em Hillsborough onde talvez ainda fosse bem recebida: a casa dos Rhodes.

Eram cerca de sete e meia da manhã. Sabia que era um pouco cedo para visitas não anunciadas, mas, ainda assim, toquei à campainha.

Greyson veio abrir.

– Por aqui, Martha Stewart? – gracejou ele.

Fazia um esforço hercúleo para manter a compostura. Tinha um caroço enorme na garganta e sentia-me vergar sob um peso insuportável. *Agora odeiam-te*, dizia a mim mesma. *Odeiam-te*.

Foi difícil não me aperceber da enorme disparidade entre o afeto e amor que sentira da última vez que estivera em casa dos meus avós e a frieza absoluta com que fora corrida desta feita. E a minha avó limitara-se a assistir a tudo aquilo. Permitira que o meu tio dissesse aquelas coisas horríveis e olhara para mim como.... Como se concordasse com ele.

Jamais tornaria a ser bem recebida ali. Não voltaria a sentar-me na sala de estar, na companhia de toda a gente, enquanto assistíamos a um jogo de futebol. Nunca mais iria dormir na cama da minha mãe. Já não pertencia ali.

– Charlie, estás bem? – perguntou Greyson. O sorriso e a comicidade tinham-se dissipado, sendo substituídos por uma expressão de ansiedade.

– A tua mãe está? – inquiri. – Preciso mesmo de falar com ela.

– Foi levar os miúdos à escola – informou-me ele. – E depois ia começar o turno dela no hospital.

Olhei para Greyson com olhos de ver e reparei que estava de fato e gravata. Era dia de semana, portanto, ele preparava-se para sair para o trabalho. Como é que não reparara nisso antes? Estava desnorteada por ter dormido pouco.

– Não devia ter vindo – disse. – Peço desculpa.

E dei meia volta para me dirigir ao carro.

Não chores até chegares ao carro, disse a mim mesma.

– Charlie, espera... – chamou Greyson, e avançou atrás de mim pelo passeio. Desatei a correr para o carro, mas ele chegou primeiro do que eu e

colocou-se à frente da porta do condutor, bloqueando a minha fuga. – Charlie, que se passa? – insistiu Greyson.

E fez então o impensável. Abraçou-me e foi a minha ruína. Desatei a chorar. Baba e ranho. Como uma Madalena.

Greyson acariciou-me as costas e abraçou-me com mais força.

– Está tudo bem – garantiu Greyson. – Vai ficar tudo bem.

E as palavras dele reconfortaram-me, embora soubesse que não correspondiam à verdade.

*

Quando acordei, não sabia onde estava. Olhei à minha volta. Vi as cortinas da janela fechadas e estava deitada numa cama, mas não era a minha, e aquele não era o meu quarto.

Era uma cama de casal com lençóis escuros. Havia um televisor e uma Xbox em cima de uma cómoda preta e uma secretária com um portátil encostada à outra parede. E vi troféus de futebol numa estante e fotografias de um rapaz de cabelo louro. Era Greyson. Estava no quarto de Greyson.

Sentei-me. Lembrei-me então da crise de choro no passeio, do abraço de Greyson, que durara até eu já não ter mais lágrimas para chorar. Depois, levava-me para o seu quarto e deitava-me como se eu fosse uma criança. Fechou as cortinas e disse-me que dormisse descansada. Adormeci mal fechei os olhos.

Desci. Greyson estava na cozinha, ao fogão, a cozinhar qualquer coisa. O cheiro era delicioso, e o meu estômago roncou, apesar de tudo.

– Que estás a fazer? – perguntei.

– Burritos – revelou ele. – São o melhor para a ressaca pós-crise.

– Cheira divinamente – elogiei.

– Estás com ar de quem já se sente melhor – comentou ele.

– Sinto, sim.

Sentei-me no banco alto em frente à ilha e ele preparou-me um burrito e fez o prato deslizar até mim. Comi como se estivesse esganada e, no final, lambi os dedos. Depois, arrotei acidentalmente. Tapei a boca com a mão e corei. Bolas.

– Na China é sinal de que apreciámos a refeição – tratei de alegar.

– Diz que é o melhor elogio que se pode fazer ao cozinheiro – concordou Greyson, e eu desatei às gargalhadas. Greyson também se riu.

Quando nos recompusemos, Greyson perguntou:

– Então, depreendo que o teu tio te arranhou os ficheiros do investigador privado?

– Arranjou – respondi, e pu-lo a par de tudo, desde a teoria da minha tia Grier, segundo a qual a minha mãe, uma exploradora, só quisera arranjar um marido rico na família Calloway, à descoberta da misteriosa morte de Jake no anuário do meu pai, passando pela entrevista da minha avó e pela reação do meu tio Hank quando eu aparecera em casa dos meus avós naquela manhã.

– Bolas! – exclamou Greyson. – Esquece lá os meus burritos para a ressaca. Se tivesse sabido de tudo isso, teria feito a minha omelete para o *stress* pós-traumático.

– Pois, estou um pouco transtornada, no mínimo – concordei.

– Que posso eu fazer para ajudar? – indagou Greyson. – Atribui-me uma tarefa. Dá-me qualquer coisa para fazer

– Preciso de falar com a tua mãe – respondi. – Ela há de saber disto do Jake. Como é que ele morreu e se isso poderá estar, de alguma maneira, relacionado com o desaparecimento da minha mãe.

– Vou buscar as chaves do carro – disse Greyson.

*

Greyson estava sentado ao meu lado na sala de espera das Urgências. Tínhamos contactado Claire há cerca de dez minutos, através do *pager*. De repente, as portas automáticas do corredor abriram-se e Claire apareceu a correr.

– Greyson, que se passa? O Ryder está bem? Foi o Nolan?

Greyson levantou-se.

– Não, está toda a gente bem, mãe. Mas há uma pessoa que precisava de falar contigo.

Deu um passo ao lado, revelando a minha presença ali, e eu pus-me de pé também.

Claire suspirou de alívio ao ver-me e depois virou-se para Greyson e abanou a cabeça.

– Não se envia uma mensagem a uma pessoa nas urgências a dizer cento e doze a menos que se esteja a sangrar da cabeça – refilou Claire.

– Acredita em mim, é isso, mais ou menos, que se passa – alegou ele. –

Metaforicamente, pelo menos.

Claire olhou para mim.

– Que se passa, Charlotte? – inquiriu ela. – Está tudo bem?

– É por causa da minha mãe – revelei. – Preciso que me diga tudo o que sabe acerca dela e de Jake Griffin.

Greyson, Claire e eu sentámo-nos num banco na rua, junto à entrada do hospital.

– Jake Griffin... ora aí está um nome que não ouvia há muito tempo – disse Claire. – Que te fez querer saber dele?

Contornei a verdade, uma coisa em que começava a tornar-me perita.

– O meu pai deu-me acesso às entrevistas que o investigador privado levou a cabo e o nome do Jake veio à baila – expliquei. – Queria apenas preencher algumas lacunas, pormenores que não entendo.

Claire fez que sim com a cabeça.

– Entendo, mas o Jake não tem nada que ver com o desaparecimento da tua mãe. Isso foi há várias décadas.

– Eu sei. Queria apenas compreender melhor.

– Bom, não há muito para contar – disse Claire. – A tua mãe e o Jake cresceram juntos. Os Griffins viviam na mesma rua que os teus avós, naquela casa azul, na esquina da rua. O Jake e a tua mãe passavam a vida juntos e quando andavam na escola preparatória começaram a namorar. Só que o Jake era um sonhador. Queria mais do que aquilo que Hillsborough tinha para oferecer e, quando começou a frequentar o liceu, transferiu-se para um colégio interno fora do estado, a expensas de uma bolsa de estudos. A partir daí, a tua mãe e ele mantiveram um namoro à distância, que, de um modo geral, até resultou. Claro que também tinham os seus desentendimentos, como toda a gente.

– Discutiam por causa de quê? – quis saber.

– Coisas normais – disse Claire. – Como o facto de passarem pouco tempo juntos. Mas depois entendiam-se. Então, no décimo primeiro ano, pouco antes das férias do Natal, se não me engano, o Jake suicidou-se.

– Porquê? – perguntei.

– Para te dizer a verdade, foi um choque para todos nós – respondeu Claire. – O Jake era um rapaz bem-disposto, feliz. Suponho que isto só mostra que, na verdade, nunca sabemos o que se passa na cabeça das pessoas. Julgo que o Jake estava com dificuldades nos estudos. Foi

encontrado um exame roubado no quarto dele. E também encontraram um bilhete. Segundo o que Jake deixou escrito, alguém tinha descoberto que ele roubara o exame e preparava-se para o denunciar. Seria expulso da escola, provavelmente. Imagino que o Jake tenha achado que iria perder tudo aquilo por que trabalhara tão arduamente. Quando somos muito jovens, uma coisa dessas pode parecer-nos o fim do mundo. A tua mãe ficou devastada. Jamais esperara uma coisa assim.

– Então e o meu pai? – indaguei.

Claire fez um ar baralhado.

– Que tem o teu pai?

– O colégio interno que Jake frequentou era o Knollwood Augustus Prep – revelei. – Eles eram amigos.

– O Jake e o teu pai conheciam-se? – perguntou Claire.

– Sim – confirmei. – A minha mãe nunca mencionou isso?

– Não – disse Claire. – Nunca.

Seria possível que a minha mãe ignorasse esse facto? Seria uma mera e estranha coincidência que se tivessem conhecido anos depois de Jake ter falecido?

Havia, no entanto, alguma coisa que me dizia que não se tratava de uma coincidência, que, ainda que não percebesse de que modo as coisas estavam relacionadas, elas encaixavam umas nas outras. A relação entre os três era importante. Só me restava descobrir porquê.

*

– Talvez seja tipo aquela teoria dos seis graus de separação – referiu Greyson. Inclinou-se para a frente para aumentar o volume do rádio. Os Red Hot Chili Peppers estavam a tocar. – Tipo eu conheço uma pessoa que conhece uma pessoa, que conhece uma pessoa que conhece outra pessoa que conhece o Tom Cruise – acrescentou Greyson. – O mundo é mais pequeno do que imaginamos. Há dois anos, durante o verão, andava eu à boleia pela Europa com um compincha quando, em frente ao Palácio de Buckingham, enquanto assistíamos ao mudar da guarda, olho para a minha direita e dou de caras com a senhora Chavez e o marido, que moram na casa em frente à da minha mãe. Cada qual com a sua pochete e tudo. Quais são as hipóteses de atravessares meio mundo e acabares no mesmo sítio, à mesma hora, que os teus vizinhos?

– Realmente – concordei. – É, de facto, muito estranho.

Tirei os pés do painel de instrumentos quando Greyson ligou o motor do carro. A tarde ia a meio e encaminhávamo-nos para casa de Claire. Parámos num semáforo e olhei pela janela. Vi um sem-abrigo sentado num banco junto à paragem do autocarro. «Desvende os Factos. Discreto e Confidencial», dizia o anúncio nas costas do banco.

Quando a luz mudou para verde e Greyson acelerou, o sem-abrigo deitou-se no banco e pude então ler o anúncio todo. Sob o título «Hindsberg & Thornton Investigations», havia uma fotografia cortada pelos ombros de dois homens de fato. Olhavam em frente com um sorriso confiante. Não podia ser!

– Para! – gritei. – Para o carro.

Greyson travou o *Corolla* no meio do cruzamento. Fui empurrada para a frente no assento e o condutor do carro atrás de nós buzinou, zangado.

– Que foi? – perguntou Greyson. – Charlie, que é?

Um dos homens daquela fotografia, o da direita, estava mais velho do que da última vez que o vira. Tinha entradas pronunciadas no cabelo e o rosto mais rechonchudo. Mas era ele. Tinha a certeza de que era ele.

– Olha – disse, e apontei para o banco. O olhar de Greyson seguiu a direção que o meu dedo indicava. – É ele – prossegui. – O homem que aparece nas fotografias do tio Hank. O tipo que está no restaurante com a minha mãe. É ele.

Vinte e dois

ALISTAIR CALLOWAY

VERÃO DE 1997

A galeria de arte de Hillsborough ficava num edifício antigo de tijolo encarnado junto à avenida principal. Semicerrei os olhos para os proteger da luz que se refletia nas paredes brancas e no chão de cimento e olhei à volta em busca do único rosto familiar que esperava encontrar ali, mas não vi Grace em lado nenhum.

Recebera pelo correio há uma semana o folheto a anunciar a exposição de artistas locais. O remetente era Grace, que acrescentara um bilhete ao folheto: «Alistair, para o caso de ficares curioso ...» Guardara o bilhete e o folheto na gaveta da secretária, longe da vista. Não estava interessado. Ou melhor, não *devia* estar interessado. Naquela manhã, contudo, tirara o folheto da gaveta e, sem pensar duas vezes, vestira uma camisa informal e pedira ao *valet* que fosse buscar o meu carro.

Deambulei sozinho pela galeria, observando as peças de arte tão diversas que pendiam das paredes; havia fotografias, quadros a óleo, gravuras. Avistei-a por fim. Grace estava na outra extremidade da sala, perto da mesa dos *hors d'oeuvres*, à conversa com um grupo de pessoas que eu não conhecia. O homem ao lado dela encostou a mão às suas costas e Grace continuou a falar como se fosse a coisa mais natural do mundo que aquele sujeito lhe estivesse a tocar. Senti um aperto no peito.

Não devia ter ido. Fora uma decisão impulsiva e idiota, tornada em ainda mais asinina pelo facto de ser dia de trabalho. Devia era estar no escritório. Tínhamos despedido o nosso consultor de *design* para o projeto de Murray Hill e eu devia ter passado aquela tarde a ver os currículos que o Departamento de Recursos Humanos me enviara. Consultei o relógio. Se

não apanhasse trânsito, conseguiria estar na cidade dali a uma hora e meia. Pensava num sítio para parar e comer qualquer coisa quando levantei a cabeça e o vi: o rosto eternamente jovem de Jake a olhar-me fixamente.

Era um quadro abstrato a óleo sobre tela. As cores garridas das suas feições eram surpreendentes: amarelo, cor de laranja, azul. Tonalidades fortes e alegres, porém, havia qualquer coisa de sombrio no olhar dele. A tinta sobre a tela era espessa, tendo sido espalhada por uma espátula que lhe conferia uma certa textura e tornava em palpável cada ângulo das suas feições, bem como a tristeza que transmitiam.

– Sempre vieste.

Rodei a cabeça e vi Grace ao meu lado. Sorriu e ofereceu-me um copo de vinho branco.

– Recebi o teu bilhete – expliquei, aceitando o copo.

Grace acenou que sim com a cabeça.

– Nunca cheguei a agradecer-te por... Tu sabes – disse Grace.

Clareei a garganta e desviei o olhar. Não vira ou falara com Grace desde a cerimónia de licenciatura de Teddy. A imagem de Grace quando a amparara para que não caísse, os olhos cheios de lágrimas, o tornozelo torcido, as palavras balbuciadas acerca de Teddy e do seu jogo cruel, ainda me ensombrava.

– O Teddy é um idiota – afirmei.

– Pois – anuiu Grace. – Demorei algum tempo a perceber isso.

Virou-se e apontou para as telas na parede.

– Então, que achas tu? – perguntou ela, mudando de assunto.

Olhei de novo para a parede. Só tinha reparado no quadro que retratava Jake, mas percebi então que havia também uma série de retratos abstratos: uma mulher de meia-idade que se parecia vagamente com Grace (a mãe dela talvez?), encostada a um lava-louça; um adolescente de pernas compridas a andar de *skate*; uma mulher jovem e loura numa praia, de ombros despidos e queimados pelo Sol. Cada um dos quadros exibia as mesmas cores vivas que o de Jake, a mesma textura, mas, de certo modo, pareciam mais alegres, mais claros.

– Fantásticos – respondi.

– Sabes, estive a rever todas as fotografias que tinha dele, à procura da imagem certa para pintar – revelou Grace. – Escolhi as minhas recordações preferidas: o Jake no lago, o Jake na marginal, o Jake a matar o tempo no

alpendre da minha casa. E, apesar disso, os quadros saíram todos assim. Independentemente das cores garridas que escolhesse, o estado de espírito parecia ensombrá-las e macular todo o retrato. Ele não era assim, mas é deste modo que agora o recordo.

Ficámos em silêncio por um momento. Olhámos um para o outro. Por cima do ombro de Grace, vi que o homem com o qual ela estivera a conversar nos observava. O seu olhar pareceu-me territorial e pouco acolhedor. Acotovelou a pessoa com quem estava a falar e acenou com a cabeça na nossa direção, como se estivesse a perguntar quem eu era. Devolvi a minha atenção a Grace.

– Não quero afastar-te dos teus amigos – disse.

– Não estás a fazê-lo – respondeu Grace.

– Bem, parece-me que o teu namorado não está a gostar muito que estejas a conversar comigo.

– O meu namorado? – Deu meia volta para ver a quem eu me referia. – Ah, é o meu irmão Hank – explicou Grace, e deu uma risada.

O peso que sentira no peito desvaneceu-se de imediato e ri-me também.

– Está apenas a ser protetor – continuou Grace. Fez uma pequena pausa. – Eu não... De momento, não namoro ninguém.

Anuí com a cabeça, incapaz de a olhar nos olhos.

– O Jake falava muito de ti, sabias? – referiu Grace, que concentrara de novo o seu olhar no retrato de Jake. – Quando falava de Knollwood e dos amigos que lá tinha, o teu nome era o que surgia com maior frequência.

– A sério?

– Sim – confirmou Grace. – Julgo que ele te admirava.

Limitei-me a acenar novamente com a cabeça. Não sabia o que dizer. Há anos que não falava com ninguém de Jake. Na altura da sua morte, fora difícil não falar dele, não pensar nele. Passado todo este tempo, porém, as palavras escapavam-se-me.

– Entendo que não gostes de falar dele – disse Grace. – Portanto, não temos de fazê-lo. Mas queria fazer-te uma pergunta antes de encerrarmos o assunto para sempre. Nunca tive a oportunidade de ver o Jake em Knollwood. Ele falava muito da escola, mas eu nunca o fui lá visitar, e sempre quis saber como era o Jake na escola. Parecia-te feliz?

– Sim, gostava de lá estar. Era feliz – respondi.

– Bem me pareceu – disse Grace. – Quando conversávamos, ele soava-me

sempre feliz.

– Toda a gente gostava do Jake – prossegui. – Era difícil não gostar, embora quase desse vontade de o detestar, porque aquele filho da mãe saía-se bem a tudo.

Grace deu uma gargalhada, como quem entendia muito bem isso.

– Era um ás na sala de aula e era um ás no campo de ténis... Bem que me fazia suar as estopinhas – contei.

– Foi isso que sempre me fez espécie – confessou Grace. – Dir-se-ia que a vida lhe corria bem. Mas suponho que não era bem assim. Nunca imaginei que ele estivesse com dificuldades.

– Knollwood é uma escola muito competitiva – argumentei. – Todos nós enfrentámos dificuldades, de tempos a tempos.

– Ele nunca te disse nada acerca de sentir que estaria a ficar para trás?

Senti um nó na garganta. Não queria falar mais do assunto. Abri a boca para lhe responder, mas não fui capaz. Limitei-me a abanar a cabeça.

– Comigo ele também nunca se abriu – lamentou Grace.

Tinha de pôr um ponto final naquele interrogatório antes que a coisa fosse demasiado longe.

– Posso dizer-te muita coisa acerca do Jake – afirmei. – Mas se procuras uma explicação para o que aconteceu, eu não tenho nenhuma.

Grace ficou calada por um momento.

– Isto pode soar-te mal – disse ela –, mas a verdade é que ouvir-te dizer isso me faz sentir melhor. É que... Durante muito tempo, achei que o dececionara, ao não me aperceber de nada. É reconfortante ouvir que não fui a única a quem o sucedido apanhou desprevenida.

Sem pensar, estiquei o braço a agarrei-lhe a mão. O gesto surpreendeu-a, mas ela não afastou a mão.

– Escuta-me, Grace – disse eu, lenta e deliberadamente, porque era importante que ela me ouvisse. Era importante que ela compreendesse. – O que aconteceu ao Jake não foi culpa tua. Não tiveste nada que ver com o sucedido.

Ela olhou-me com um ar pesaroso.

– Não foi culpa tua – tornei.

Grace cobriu a minha mão com a sua e deu-lhe um pequeno apertão.

– Também não foi culpa tua – devolveu ela.

Encolhi-me ao ouvir aquelas palavras. Não suportava mais aquela

situação, mas tinha a mão presa entre as dela.

Clareei a voz e desviei o olhar.

– Eu... Tenho de ir andando para a cidade – declarei, e libertei a mão, fingindo que tinha de coçar a nuca com ela.

– Tens de ir agora mesmo? – indagou Grace. Soava desapontada. – Podes esperar meia hora? Queria muito mostrar-te uma coisa.

Olhei para ela. Grace parecia fazer questão naquilo.

– *Okay* – cedi.

Ela fez um sorriso rasgado e satisfeito.

– Ótimo – respondeu.

*

Grace sentou-se no banco do passageiro do meu carro e foi-me dando direções. Uns minutos depois de termos saído da vila, disse-me que parasse junto a uma pequena mata. Estacionámos sob um ulmeiro rachado ao meio por um raio. Grace deu-me a mão e conduziu-me pela mata. Por uma clareira no meio das árvores, avistei o lago.

– O lago Langely – anunciou Grace.

Apontou para um carvalho frondoso à beira da água. Havia várias tábuas de madeira na horizontal a preencher o espaço entre os dois ramos largos em que o tronco se ramificava. Tábuas mais pequenas tinham sido pregadas ao tronco e serviam de escada de mão.

– Fomos nós que construímos aquilo, o Jake e eu, quando éramos miúdos – revelou Grace. – Era o nosso lugar especial. Mais ninguém sabia da sua existência. Sei que não parece grande coisa, mas, para nós, era uma coisa fantástica.

Grace trepou a escada improvisada até à casa na árvore e eu segui-a. Sentámo-nos nas tábuas com as pernas a pender na direção da água.

– A primeira vez que te vi foi aqui precisamente – disse Grace. – O Jake abriu o seu anuário aqui, naquele primeiro verão que veio a casa. Apontou para a tua fotografia e disse-me o teu nome. Tinhas um ar tão arrogante e impertinente com aquele *blazer* vestido que nem acreditei quando o Jake me disse que vocês eram amigos.

Ri-me.

– A culpa não é minha – aleguei. – Toda a gente tinha de usar aqueles *blazers*. Parecíamos todos uns cretinos pretensiosos.

– Acredita, não era o *blazer* – contradisse Grace. – Eras tu. Tinhas um ar... Não sei, era como se soubesses que eras melhor do que os restantes.

– Bem, que posso dizer... Sempre causei uma excelente primeira impressão – gracejei. – Por mais curioso que possa parecer, a primeira vez que te vi também foi numa fotografia. Julgo que mencionei isso quando nos conhecemos. Era uma fotografia tua a comer um gelado de cone que o Jake tinha na secretária dele.

– Ah, sim – recordou Grace. – Aquela em que tenho a cara lambuzada de gelado? Estás a ver, também causei uma excelente primeira impressão. – Fez chocar o ombro contra o meu e contemplou o lago. – Eu achei que eras um vaidoso e tu achaste que eu era uma selvagem que ainda não tinha dominado a arte de comer.

– Não. Não pensei nada disso – afirmei.

– Ah não? Então, que pensaste? – perguntou Grace.

– Achei... achei que eras a personificação da felicidade – respondi. Não sabia pôr por palavras o que sentira ao ver a fotografia dela, mas alguma coisa dentro de mim mudara nessa ocasião. – Pensei: tenho de conhecer aquela rapariga.

Seguiu-se um momento dolorosamente longo até Grace ter desviado o olhar, fixo no lago, e olhado para mim. Queria confessar-lhe os meus sentimentos, mas sentia tanta coisa ao mesmo tempo. Em vez disso, tomei-a nos braços e beijei-a. Ela não me rechaçou. Beijou-me de volta.

Puxou pelo colarinho da minha camisa, arrastando-me com ela para as tábuas da improvisada casa na árvore. Dali a um segundo, as minhas mãos estavam enleadas no cabelo dela, desabotoavam-lhe a blusa, roçavam a bainha da sua saia.

Depois, demos as mãos, e Grace encostou a cabeça ao meu ombro. Juntos, contemplámos o lago e vimos o Sol desaparecer atrás das árvores, na outra margem, como a chama de uma vela a tremeluzir antes de se apagar.

Terceira Parte

Vinte e três

CHARLIE CALLOWAY

2017

Já não era apenas um homem anónimo numa fotografia. Sabia o seu nome, a sua ocupação, o seu paradeiro. Peter Hindsberg. Era um detetive privado, uma metade da Hindsberg & Thornton Investigations, que geria com o sócio, Ron Thornton. O *website* da agência indicava que o escritório ficava perto do centro comercial, do outro lado da cidade. Nas curtas biografias incluídas no *website*, li que Peter Hindsberg havia sido investigador de fraudes da Hartco Insurance durante vários anos, antes de ter fundado a sua própria firma de investigações com o seu amigo de longa data Ron Thornton, ex-agente da polícia de Stamford. Uma rápida pesquisa no Google não revelou muito mais informação, além de um anúncio de noivado no *Hillsborough Chronicle*, datado de 2004, entre Peter e uma tal de Lucy Hale, uma morena bem-parecida que era educadora de infância numa creche local.

– Achas que a tua mãe desconfiava que o teu pai andava a enganá-la ou coisa assim? – indagou Greyson, inclinando-se sobre o meu ombro para ver melhor o monitor do meu portátil.

– Porque dizes isso? – perguntei.

Greyson apontou para o ecrã.

– Por causa desta lista de serviços.

Examinei-a. Sob os cabeçalhos vigilância, verificação de antecedentes, pessoas desaparecidas, investigações criminais e civis, apoio pré-contencioso, pareceres jurídicos e intimações, havia ainda: cônjuges infiéis, pensão de alimentos e custódia de menores.

– Ou será possível que a tua mãe estivesse a pensar em divorciar-se? – aventou Greyson. – Talvez quisesse preparar-se bem antes de avançar com um pedido?

Mordi o lábio. Não pude deixar de me recordar do que Eugenia dissera acerca de a minha mãe não ser uma mulher feliz. E Claire afirmara: *Alistair Calloway não é o tipo de homem ao qual se vire simplesmente as costas*. A última vez que tinha visto os meus pais juntos fora no seguimento de uma briga. A minha mãe gritara para o meu pai que a largasse. E se a minha mãe tivesse anunciado ao meu pai que queria o divórcio ou o meu pai tivesse, de alguma maneira, descoberto que ela planeava deixá-lo? E se fosse esse o motivo da briga?

Levantei o auscultador do telefone fixo que Greyson tinha na secretária e comecei a marcar um número.

– Que estás a fazer? – perguntou Greyson.

Levantei uma das mãos para o silenciar. O telefone tocava do outro lado da linha.

– Hindsberg e Thornton Investigations – disse uma voz de mulher. – Em que posso ajudar?

Abri a boca para falar, mas desisti. Desliguei o telefone.

– Então? – indagou Greyson.

– Acho que preciso de ir falar com ele – disse.

– Com Peter Hindsberg? – inquiriu Greyson. – E pretendes dizer-lhe o quê?

– Não sei – respondi. – Mas tenho de descobrir porque é que a minha mãe se encontrou com ele ou o contratou.

– Está bem – concordou Greyson. – Eu levo-te lá.

*

A Hindsberg & Thornton Investigations ficava num desleixado complexo de escritórios em frente a uma farmácia. No interior, a zona da receção estava vazia. Com Greyson no meu encalço, dirigi-me à mulher de meia-idade sentada atrás do balcão da entrada.

– Posso ajudá-la? – perguntou a mulher. Pela voz, percebi que era a mesma mulher que me atendera o telefone há pouco tempo.

– Vinha falar com Peter Hindsberg – disse.

– Ele não está.

– Então, quando é que regressa? – indaguei.

– De segunda-feira a uma semana – informou a mulher. Olhou para o monitor do computador. Pelo reflexo nas lentes dos seus óculos, fiquei a saber que estava a jogar Solitaire. – Foi de férias para a Jamaica com a família.

Isto. Não. Estava. A. Acontecer.

– Precisava mesmo de falar com ele – insisti. – É urgente.

A mulher olhou novamente para mim.

– É nossa cliente?

– Sim – menti. – Preciso com urgência de falar com ele do meu caso.

– Diz-me o seu nome? – pediu a mulher, com os dedos a postos em cima do teclado. Dei-me então conta de que ela ia procurar-me na lista de clientes e que rapidamente perceberia que eu não fazia parte dela.

– O que eu queria dizer é que sou uma cliente nova – emendei. – Preciso de encontrar uma pessoa e, quando falei com o senhor Hindsberg ao telefone, na semana passada, ele disse que podia ajudar-me. Talvez pudesse dar-me o número de telemóvel dele?

– É o senhor Thornton quem está a tratar dos casos do senhor Hindsberg durante as férias deste – disse a mulher. – Se é assim tão urgente, posso perguntar-lhe se tem alguns minutos livres para a atender.

– Boa ideia – respondi, olhando de relance para a sala de espera vazia. – Isso seria ótimo. Agradeço.

– Um momento – pediu a mulher. Empurrou a cadeira para trás, levantou-se e desapareceu no pequeno corredor atrás dela.

– Que estás a fazer? – murmurou Greyson.

– Preciso que a distraias – sussurrei de volta.

– Que a distraia?

– Que a entretenhas com conversa – expliquei. – Que a mantenhas ocupada.

– Charlie, que se passa? – perguntou ele.

À distância, ouvi uma pancada numa porta e vozes abafadas.

– Tenho um plano. Confia em mim – afirmei.

Não tive tempo para explicar mais nada, pois a rececionista regressou à sua secretária.

– O senhor Thornton vai recebê-la agora – anunciou a mulher. Sentou-se e apontou com a cabeça para o corredor. – Segunda porta à direita.

– Obrigada – disse.

Pisquei o olho discretamente a Greyson antes de deixá-lo junto ao balcão da rececionista e de avançar para o corredor. Deparei com três portas: uma à esquerda e duas à direita. A rececionista tinha deixado a segunda à direita ligeiramente entreaberta. As outras estavam fechadas.

– Então, é fã dos Huskies? – ouvi Greyson perguntar à rececionista. – Gosta de basquetebol?

Assim, de chofre. Onde é que eu tinha cabeça ao confiar nas habilidades sociais de Greyson para montar uma manobra de distração credível?

– Não – respondeu a mulher.

– De futebol?

– Não.

Olhei por cima do ombro para me certificar de que a rececionista não estava a olhar na minha direção. Com a dúvida desfeita, agarrei na maçaneta da primeira porta à direita, rezando para que não estivesse trancada. Rodou. Estava com sorte. Abri a porta o mais silenciosamente que pude e espreitei para o interior da divisão. Estava às escuras, mas avistei o meu reflexo no espelho por cima de uma bancada. Era a casa de banho, não o que procurava. Fechei a porta e avancei pelo pequeno corredor.

Parei em frente à porta da esquerda. Com um derradeiro olhar de relance para garantir que ninguém me via, abri a porta sem fazer barulho. A divisão encontrava-se às escuras porque os estores estavam corridos, mas vi uma secretária, um sofá e um par de armários arquivadores. Era o gabinete de Peter. Esgueirei-me lá para dentro e fechei a porta.

Tirei o telemóvel do bolso das calças e liguei a lanterna. Examinei os armários arquivadores, alinhados ao longo da parede à minha direita, atrás da secretária. Ao ler as etiquetas do primeiro armário – «Contabilidade», «Extratos Bancários», «Contratos», «Licenças e Autorizações» –, avancei para o segundo. Aquele continha os ficheiros dos clientes, ordenados alfabeticamente. A primeira gaveta dizia: «Clientes: A–C.» Bingo. Agarrei o puxador para abri-la, mas estava trancada. Bolas.

Olhei em redor, em busca de qualquer coisa para arrombar a fechadura e tentando recordar-me de tudo o que vira naqueles tutoriais a que Drew assistira no YouTube para conseguir o primeiro objeto que o A lhe pedira. Do que me lembrava, precisava de dois *clips* grandes, um para usar como gazua e o outro para fazer tensão sobre a fechadura. Revistei a secretária de

Peter Hindsberg e encontrei um par de *clips* junto ao suporte para as canetas. Desmanchei os *clips* e moldei um gancho na extremidade de um deles para usar como uma espécie de alavanca. Introduzi-a na parte de baixo da fechadura e virei-a ligeiramente para a direita, aplicando pressão na direção em que a fechadura rodava. Mantive-o assim e inseri a gazua na parte de cima da fechadura, até conseguir alinhar os pinos. Senti então que a fechadura cedera e pude rodá-la com o primeiro *clip*. Sucesso.

Abri a gaveta devagar e apontei a lanterna para o interior, sem perder tempo a examinar os ficheiros. Havia, pelo menos, uma centena de pastas comprimidas dentro da gaveta, algumas grossas e outras quase vazias. Passei os olhos pelos ás e pelos bês em busca do início da letra cê. Então, perto do fundo da gaveta, achei-a: «Calloway, Grace». A pasta era leve. Continha umas quantas folhas de papel pautado, com notas rabiscadas e um envelope mais pequeno. Abri-o e uma pilha de fotografias deslizou lá de dentro e caiu ao chão. Peguei numa e apontei-lhe o feixe da lanterna.

Era o meu pai.

Na fotografia, era ainda um adolescente. Segurava uma cerveja numa das mãos e tinha o outro braço esticado por cima dos ombros de um rapaz que reconheci: Jake Griffin.

A fotografia era escura e havia sido tirada de noite. No canto inferior direito, uma marca temporal a vermelho indicava: *21h32, 21 dezembro, 1990*. Na imagem, Jake sorria para a câmara e brindava com a sua cerveja a quem quer que estivesse a tirar a fotografia. Do outro lado de Jake, estava uma rapariga, prestes a dar-lhe um beijo na cara. Reconheci Matthew York, um dos amigos do meu pai, do lado direito deste.

Inclinei-me e apanhei outra fotografia do chão. Retratava uma rapariga loura e magra que não reconheci. Estava nua e olhava fixamente quem estava a fotografá-la com um ar desavergonhado e impassível. Várias partes do seu corpo tinham riscos feitos com um marcador encarnado, acompanhados de palavras depreciativas: o nariz, que alguém descrevera como «penca», a barriga, descrita como «gorda». A marca temporal daquela fotografia indicava que fora tirada três meses antes: *22 setembro, 1990*.

Através da parede, ouvi o telefone tocar na receção e a mulher atender.

– Hindsberg e Thornton Investigations – disse ela. – Ah, olá, Peter. Como é que foi o voo? Hum. *Okay*, deixe-me ver se encontro. Eu transfiro a chamada. É só um momento.

Ao meu lado, o telefone que estava em cima da secretária de Peter Hindsberg tocou e eu dei um pulo.

Ouvi a voz de Greyson do outro lado da parede. Soava meio em pânico, como se tentasse alertar-me para o facto de estar prestes a ser descoberta.

– Olhe, já agora, podia dizer-me onde fica a casa de banho? – perguntou Greyson, quase aos gritos. – Tenho mesmo de ir. Desculpe, mas É MESMO URGENTE. Deve ser dos *burritos* que comi esta manhã. Não me caíram nada bem.

Merda. Fechei a gaveta do arquivador, ajoelhei-me para reunir as fotos que tinham caído e voltei a colocá-las na pasta.

– Ah, é aqui? – indagou Greyson. – *Okay*, obrigada. Hum, o rolo do papel higiénico já não parece ter muito. Tem mais rolos? Desculpe lá, estou só a tentar ser prevenido... é que eu sofro de uma doença e às vezes... Ah, estão ali, debaixo do lavatório? Caramba, grande carregamento de papel higiénico, hã? Imagino que comprem por atacado naquelas grandes superfícies que vendem por atacado. Pois, sempre sai mais barato. Sabe se só as empresas é que podem lá fazer compras?

Só tive tempo de fechar a pasta e de me esconder debaixo da secretária de Peter Hindsberg antes de a porta do gabinete se abrir. Desliguei a lanterna do telemóvel e sustive a respiração.

– É só para empresas, julgo eu – respondeu a rececionista, ao mesmo tempo que acendia a luz do teto.

– Pois, claro, faz sentido – disse Greyson.

Percebi pelo som da sua voz que se tinha aproximado do gabinete e estava então na soleira da porta. Hesitou um momento, provavelmente enquanto perscrutava a divisão, à minha procura.

Vi a rececionista da cintura para baixo quando contornou a secretária e encolhi-me mais ainda, abraçando os joelhos contra o peito.

– Peço desculpa, mas estou ocupada – disse a mulher.

– Ah, claro, com certeza – replicou Greyson. – Vou então ali à «casinha».

Ouvi a porta da casa de banho fechar-se do outro lado do corredor e, no seguimento, a rececionista inclinou-se por cima da secretária e atendeu o telefone.

– Onde é que disse que tinha deixado o papel? – indagou ela.

Engoli em seco e tentei aquietar a respiração. Ouvia o meu coração bater como um tambor, no meio do silêncio, bem como o ar entrar e sair pelo meu

nariz. Seria a minha respiração sempre assim tão ruidosa?

Foi então que a vi: uma fotografia tresmalhada. Estava a cerca de dois centímetros do bico do sapato direito da rececionista. Se ela olhasse para baixo e a visse, estava tramada. Talvez conseguisse inclinar-me para a frente, muito lentamente, esticar o braço e arrebatá-la antes que ela tivesse tempo de a ver. Mas, e se com isso chamasse a atenção dela?

– Com certeza, eu envio isto ainda hoje – afirmava ela. – Boas férias. E diga à Nancy para, desta vez, não poupar no protetor solar. Não queremos uma repetição da viagem às Florida Keys.

A rececionista deu uma gargalhada, pousou o auscultador e eu mantive-me muito quieta, de olhos cravados na fotografia. Mentalmente, ordenava-lhe que não olhasse para o chão. *Não a vejas, não a vejas, não a vejas.*

Pareceu-me que ela ficou ali uma incompreensível eternidade e depois afastou-se da secretária. A luz apagou-se e ouvi a porta fechar-se. Respirei de alívio e agarrei na fotografia solitária.

Escondi a pasta dentro do casaco, contra o peito, e distribuí as fotografias pelos bolsos. Saí do gabinete e fechei a porta sem fazer barulho. A porta da casa de banho continuava fechada e, pela frincha debaixo da porta, vi que a luz estava acesa.

Ao contornar o balcão da rececionista mantive as mãos nos bolsos do casaco e rezei para que ela não reparasse nas protuberâncias.

– Já está, querida? – indagou ela, depois de desviar o olhar do monitor do computador. – É preciso marcar alguma reunião com o senhor Hindsberg, quando ele voltar?

– Não, obrigada – respondi. – Já tenho tudo o que preciso.

– Ainda bem – disse ela. – O seu amigo foi à casa de banho. – Inclinou-se para a frente e baixou o tom de voz. – Tem a certeza de que está bem? – inquiriu ela, num tom preocupado.

Antes que tivesse tempo de responder, ouvi o autoclismo e a porta da casa de banho abrir-se. Greyson apareceu e fez um ar aliviado ao ver-me.

– É melhor irmos embora – pediu Greyson. – Não me estou a sentir bem.

Agarrou-me no braço e conduziu-me à porta.

– Se eu fosse a si, não entrava ali – recomendou Greyson à rececionista, por cima do ombro. – Por precaução, espere, pelo menos, uma meia hora.

E rumámos ao carro dele, deixando a rececionista atarantada.

Vinte quatro

ALISTAIR CALLOWAY

VERÃO DE 1997

Margot abriu a porta sem demora. Vestia umas calças de fato de treino e tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo. Estava de óculos, por isso, presumi que estivesse a estudar, porém, quando entrei no apartamento, vi a planta do local onde decorreria a recepção do casamento, com o desenho das mesas, aberta em cima da mesa da cozinha, e não manuais de medicina.

– Acabei de fazer chá, és servido? – ofereceu Margot, e entrou na cozinha.

Tinha as mãos metidas nos bolsos, mas isso era um sinal de fraqueza, de nervos. Tirei-as e cruzei os braços à frente do peito. Também não me pareceu um gesto natural. Merda, o que havia eu de fazer com as mãos?

– Alistair? – chamou-me Margot, desde a cozinha.

– Sim?

– Chá? – ofereceu ela, de novo.

– Não, obrigado – respondi.

Controla-te, ordenei a mim mesmo. Só tinha de dizê-lo, de uma forma direta e simples, e acabar de uma vez com aquilo: Grace e eu éramos marido e mulher.

Tínhamos casado na sexta-feira, num tribunal nos arredores de New Haven. O juiz e a sua secretária haviam sido as únicas testemunhas dos nossos votos. Grace vestira um vestido amarelo-pálido estampado, chinelos de dedo e usara o cabelo solto.

Depois, já à noite, sentámo-nos na praia, iluminada pelo luar, e fomos tomar banho ao mar, com a roupa vestida. De regresso ao hotel, pusemos a roupa a secar no aquecedor e metemo-nos na cama, para aquecer. Com os

lençóis, fiz uma tenda por cima de nós e beijei a minha esposa. Grace tinha ainda o cabelo molhado e colado à testa e às têmporas, mas, ao olhar-me fixamente por entre as pestanas, achei-a mais bela do que nunca. Sabia que iria recordar aquele momento para o resto da vida.

– Ainda bem que vieste – disse Margot, emergindo da cozinha com uma chávena de chá. Sentou-se à mesa. – A distribuição dos convidados pelas mesas está a dar-me água pelas barbas!

Não podia protelar mais. Tinha de fazê-lo naquele momento.

Sentei-me ao lado dela.

– Margot, tenho uma coisa para te dizer – anunciei.

Ela soprou o chá e bebeu um pequeno gole, à experiência.

– Que se passa? – indagou ela.

– Nas últimas semanas, envolvi-me uma relação com outra pessoa – desembuchei.

– Envolveste-te numa relação com outra pessoa? – repetiu Margot lentamente, como se não tivesse a certeza de ter ouvido bem.

– Sim.

– Essa pessoa tem nome? – quis saber Margot.

Suspirei e não respondi.

– Eu conheço-a? – perguntou ela. – Não me digas que dormiste com a tua secretária? Que lugar-comum!

– É Grace Fairchild – admiti, com relutância.

– Quem? – inquiriu Margot.

O cérebro de Margot funcionava de uma maneira muito característica: recordava-se de datas e nomes sem dificuldade, se achasse que eram importantes o suficiente para os fixar. Era óbvio que Grace não lhe causara uma grande impressão.

– Estiveste com ela várias vezes. Ela costumava namorar o Teddy – referi.

– Andas a dormir com a ex-namorada do teu irmão? – Margot riu-se. Não respondi. – Essa Virgem Maria? – continuou ela. – Bem, suponho que era mais Maria Madalena do que eu imaginava.

– Cruzei-me com a Grace numa galeria de arte que visitei há uns dois meses – revelei. – Nenhum de nós planeava que isto acontecesse, mas aconteceu.

Não mencionei que Grace estava grávida. Não sabia se isso não acabaria

por enfurecer Margot ainda mais ou se a ajudaria a dar-se conta de que era impossível ficarmos juntos.

– E sentes-te melhor agora? – perguntou Margot.

– Se me sinto melhor?

– Agora que aliviaste a tua consciência, contando-me a tua pequena aventura? – explicou ela. – Podemos seguir em frente? – Deu um gole no chá. – Não esperes que seja tão compreensiva em relação a futuras infidelidades – alertou ela. – Mas eu entendo. Estás sob pressão por causa do casamento e precisavas de libertar alguma dessa tensão. *Okay*, eu compreendo. Mas que não se repita.

Devolveu a sua atenção à papelada que tinha em cima da mesa.

– Dava-me mesmo jeito a tua ajuda – disse ela. – É a tua tia Veronica que está de relações cortadas com o teu primo em segundo grau, o Harold? A tua mãe mencionou que havia uma desavença qualquer nesse lado da família. Portanto, estava a pensar pôr o primo Harold na mesa oito, com a tua família de Cambridge, e sentar a tia Veronica na mesa sete com os primos de Bridgeport.

– Margot – interrompi-a, em voz baixa. Merda, aquilo estava a ser mais difícil do que eu antecipara. – Não vai haver casamento – declarei.

Olhou então para mim.

– Como assim, não vai haver casamento? – perguntou ela.

– Não vim falar-te da minha relação com a Grace por ter terminado – elucidei. – Vim falar-te disso, porque... Bem, porque já não vai haver casamento.

– Não estou a entender – disse Margot.

– A Grace e eu... casámo-nos no fim de semana passado – confessei. – Não passei o fim de semana a jogar golfe com o meu pai, como te disse. Estive com a Grace.

Margot não disse nada. Fixou o olhar no chá

Eu mantive-me em silêncio por um momento. Não sabia o que dizer, sentado ali com Margot, perante os preparativos das nossas iminentes núpcias.

Margot mordeu o lábio inferior e, inconscientemente, fez rodar o anel de noivado, como acontecia quando ficava absorta em pensamentos. O diamante amarelo do anel da minha avó fez refletir a luz da cozinha. Aquela era outra tarefa difícil que tinha pela frente. Sabia que o mais cavalheiresco

naquelas situações em que o noivo cancela o casamento era permitir que a noiva rejeitada ficasse com o anel. Só que aquele anel era uma herança de família.

– Não tens de te preocupar com nada – afirmei, ao fim de uns minutos. – Eu trato dos cancelamentos... Os locais da cerimónia, os convidados. Não precisas de fazer nada.

– Isso é muito nobre da tua parte – replicou Margot, com frieza.

– Mas... – prossegui. *Raios partam, isto é difícil.* – Bem, há ainda uma coisa...

– Que é? Que queres ainda de mim?

Expirei lentamente.

– Preciso que me devolvas o anel da minha avó – desabafei.

O que tornava tudo aquilo em cem vezes pior era o facto de o cancelamento do casamento ir alterar de forma drástica as perspetivas financeiras de Margot. Ter-me-ia ficado a sentir um pouco melhor se, no mínimo, lhe pudesse deixar qualquer coisa que aliviasse esse fardo.

– Eu mando avaliá-lo e ressarço-te desse valor.

Margot escarneceu.

– Dispensó as tuas esmolas, Alistair – cuspiu ela, orgulhosa. Tirou o anel do dedo e pousou-o em cima da mesa. – Tu e eu, nunca foi pelo dinheiro.

Deixei que, tanto o anel como aquela mentira, permanecessem ali entre nós, e senti o peso de ambos. A relação entre Margot e eu nunca se resumira a dinheiro, estritamente falando. Eu sabia disso. Tivera mais que ver, isso sim, com a minha família, com o apelido Calloway, que eu exibia como se fosse uma marca. Tivera que ver com as ambições que partilhávamos e com o que juntos podíamos alcançar. O dinheiro, como é óbvio, era um subproduto disso.

Margot sempre quisera ser cirurgiã, uma carreira dispendiosa e árdua, mas não planeava ficar-se por aí. Sonhava em abrir um centro dedicado à investigação e à descoberta na área da cirurgia, um lugar onde fossem desenvolvidas e testadas novas técnicas e ferramentas cirúrgicas, um lugar que juntasse cirurgiões, engenheiros e pioneiros. Só que, um centro de investigação dessa magnitude só se tornaria em realidade com um grande financiador ou vários, e um nome como o meu para os atrair.

Ficámos sentados em silêncio durante um tempo. Não houve lágrimas nem birras, não houve objetos lançados ao chão nem ameaças vagas e

irracionais. Mas Margot era assim mesmo: fria e analítica. É claro que a minha declaração, que iria alterar profundamente a sua vida, seria encarada com uma tranquilidade férrea.

– Porquê ela? – quis saber Margot. Tinha aquela expressão no rosto de quem tentava resolver um algoritmo complicado. – Porquê ela e não eu?

– Margot...

– Queria apenas entender – explicou Margot. Fez deslizar a ponta do indicador pela borda da chávena. – Ela é bonita, claro, mas casar com uma pessoa pela sua aparência é um mau investimento. Portanto, tem de ser outra coisa... Mas o quê, então?

Suspirei. Entrelacei as mãos em cima da mesa.

– As suas origens são humildes – continuou ela. – Tem poucos estudos, não tem uma réstia de ambição nem de fibra. Seja por que perspectiva for que se observe esse relacionamento, a conclusão é a mesma: ela não está à tua altura, nem de longe.

Sabia que Margot estava enganada; Grace era muito mais do que aquilo. Mas pôr-me ali a enaltecer as virtudes dela não me levaria a lado nenhum.

– Nem sempre é possível racionalizar estas coisas – argumentei. – O amor não é racional.

Quando olhei para Margot ela exibia um ar de profundo desapontamento, que não era a primeira vez que via. Era um misto de aversão, descontentamento e pena, e não pude evitar desviar o olhar. Senti vergonha, a verdade era essa.

– Amor – disse Margot. – Estás a deitar fora o que podíamos ter tido por amor?

Não lhe respondi.

– És um palerma – criticou Margot. – O amor é apenas e unicamente o primeiro ato. Não dura para sempre. E depois? Que se segue?

Peguei no anel e guardei-o no bolso.

– Desejo-te tudo de bom, Margot – disse. – A sério que sim.

Quando já estava à porta, ela chamou-me e eu olhei para trás, por cima do ombro.

– Tu e eu... podíamos ter construído algo juntos – alvitrou ela. – Mas tu e a Grace só se destruirão um ao outro. Vais ver. Quando for tarde demais para fazer o que quer que seja, irás recordar este momento e perceberás que eu tinha razão. Todas as grandes tragédias começaram com amor.

Vinte e cinco

CHARLIE CALLOWAY

2017

Aconcheguei-me melhor no meu blusão de aviador e tentei acompanhar o ritmo de Dalton. O que para ele era uma passada vagarosa, para mim era apressada. Calçara inclusivamente botas de salto para tentar compensar a diferença de altura entre nós os dois.

Dalton colocou o braço à volta dos meus ombros e perguntou-me ao ouvido se me apetecia um café.

Respondi que sim com a cabeça, entrámos numa cafetaria apinhada em West Village e pusemo-nos na fila. Tanto eu como Dalton tínhamos permissão da escola para visitar a exposição de David Tower e passar a noite com os nossos pais na cidade, regressando a Knollwood no dia seguinte. Tínhamos saído bem cedo naquela manhã. Dalton ia ao volante. Parámos nos arredores de Hartford para tomar o pequeno-almoço. Era bom sair da escola por algum tempo e a companhia de Dalton era muito agradável. Sempre servia para me distrair da minha mais recente obsessão: as fotografias que estavam na pasta que surripiara do gabinete do detetive privado.

Que fotografias eram aquelas? De onde é que tinham vindo? Que significavam? E, acima de tudo, que faziam ali? Examinara as folhas de papel soltas também incluídas na pasta, mas continham sobretudo rabiscos ilegíveis. Apenas conseguira perceber uma data no topo de uma das folhas: 14 de julho de 2007 (três semanas antes do desaparecimento da minha mãe), e as palavras «Knollwood» e «Jake Griffin».

Portanto, três semanas antes de a minha mãe desaparecer, Peter Hindsberg estivera a ajudá-la num caso que envolvia o seu falecido ex-

namorado, colega de escola do meu pai.

E havia ainda as outras fotografias, as que o meu tio Hank encontrara debaixo das tábuas do soalho no quarto dos meus pais, na casa do lago Langely. As fotografias de Peter Hindsberg e da minha mãe, e o bilhete que as acompanhava: «EU SEI». E aquela palavra no verso da fotografia que me retratava a mim: «PARA COM ISSO».

Teria alguém descoberto o caso que levava a minha mãe a solicitar os serviços de Peter Hindsberg? E, se assim fosse, ter-se-ia essa pessoa (ou essas pessoas) sentido ameaçada a ponto de enviar aquelas mensagens à minha mãe, e que mais seria capaz de fazer? Talvez a minha mãe se tivesse assustado e resolvido fugir. Ou talvez nem tivesse tido oportunidade de fazê-lo.

Senti um calafrio pelas costas abaixo e sacudi a cabeça para enxotar aqueles pensamentos.

Dalton estendeu o cartão de crédito à empregada e insistiu em pagar o meu café. Abri a boca para objetar, mas Dalton lançou-me um olhar que significava que não iria mudar de ideias.

– Obrigada – agradei.

– Ora essa, é um prazer – respondeu ele com um sorriso nos lábios.

Qualquer pessoa que olhasse para nós pensaria que éramos namorados. Que Dalton era apenas um rapaz simpático e normal (que era) e que eu era apenas uma rapariga simpática e normal (que não era).

Desde o beijo que trocáramos no quarto de Dalton, reparara numa mudança subtil na maneira como ele me tratava. Tornara-se num protetor e, de certa forma, possessivo. Ao jantar, os rapazes tinham começado a sentar-se na mesma mesa que eu, Drew, Yael e Stevie. Até então, raramente o faziam, mas, de repente, era como se fizéssemos parte do grupo. Por vezes, Dalton sentava-se ao meu lado, recostava-se na cadeira e, como quem não queria a coisa, esticava o braço por cima das costas da minha cadeira. Como se fôssemos namorados. Certa vez, Walker Trefont fizera uma piada qualquer acerca da minha falta de coordenação como voleibolista e Dalton respondera-lhe de imediato com uma observação sarcástica relacionada com a falta de perícia de Trefont no lacrosse. Trefont corou até à raiz dos cabelos e não abriu mais a boca até ao final da refeição. Era como se Dalton fosse o meu cão de guarda.

Sabia que a minha reação àquilo – a reação normal que qualquer pessoa

teria – devia ser ficar contente, satisfeita. Devia ter rabiscado o nome de Dalton no canto do caderno, encomiar incessantemente os olhos dele ou qualquer outra característica.

Em vez disso, dava por mim a afastar-me, a esgueirar-me para longe. Se Drew falasse de Dalton, eu calava-me, encolhia os ombros, na melhor das hipóteses, e não mostrava o mínimo entusiasmo. Ao jantar, por vezes, fazia questão de não lhe dirigir a palavra ou de não olhar na direção dele. Nas aulas, se Dalton desse a sua opinião durante uma qualquer discussão, eu levantava o braço e defendia fervorosamente a posição contrária. Era como se quisesse que ele me odiasse.

Sabia que era uma parvoíce, porque a verdade é que gostava de Dalton. Era um rapaz inteligente, amável e popular. Via os olhares que as outras raparigas lhe deitavam e apercebi-me da frieza delas comigo quando se tornou óbvio que Dalton gostava de mim. Também me sentia atraída por ele. Gostava de beijá-lo em corredores às escuras ou atrás do balneário dos rapazes, depois do treino de futebol. Gostava de lhe desabotoar o casaco e de encostar o meu corpo ao dele. Por alguma razão, no entanto, sentia que devia refrear-me, de mantê-lo a alguma distância, sempre que pudesse.

O telemóvel de Dalton vibrou e ele sacou-o do bolso para ver do que se tratava.

– Parece que a minha mãe está um pouco atrasada – disse ele. – Pergunta se há algum problema em ir ter connosco ao escritório do teu pai.

– Não há problema nenhum – garanti.

Segundo Dalton, a mãe dele estava ansiosa por me conhecer. Supus que ele lhe dissesse que namorávamos. Ao saber que íamos estar na cidade um dia inteiro, convidara-nos para jantar. Dalton tinha sugerido que eu convidasse o meu pai também, e assim mataríamos dois coelhos com uma só cajadada, já que Dalton também não conhecia o meu pai. Eu ainda considerara inventar uma desculpa esfarrapada, tipo que o meu pai não estava na cidade. Em abono da verdade, não sabia bem se me apetecia estar com ele.

Não o via desde antes do início do ano letivo, desde antes de o meu tio Hank me ter mostrado as fotografias que encontrara na casa do lago. Não sabia como conciliar todas as coisas que a família da minha mãe e Claire haviam dito acerca do meu pai com o homem que eu pensava que conhecia.

Não sabia se iria ser capaz de olhar para ele da mesma maneira. Por certo

que, assim que estivéssemos juntos debaixo do mesmo teto, ele saberia que eu o traíra, que fora vasculhar o seu passado, que sabia coisas que não devia saber, que acalentara dúvidas pavorosas acerca dele. Como é que poderíamos voltar a ser os mesmos depois de uma coisa daquelas?

No final, contudo, concordara com o jantar e convidara o meu pai. Se queria apurar a verdade acerca do que acontecera à minha mãe, precisava de fazer algumas perguntas ao meu pai; e decidi que o melhor era começar com Jake Griffin. Depois de ter visto aquelas fotografias na pasta da minha mãe, parecia-me óbvio que o seu desaparecimento estava, de algum modo, relacionado com Jake. Só precisava de descobrir de que maneira as duas coisas se entrelaçavam e se o meu pai estaria envolvido nisso também.

*

O escritório do meu pai ficava no último piso de um arranha-céus envidraçado, na baixa. Tínhamos telefonado com antecedência, por isso havia passes à nossa espera no balcão da segurança no piso térreo. Rosalind, a secretária do meu pai desde sempre, foi receber-nos à saída do elevador. Era uma mulher entroncada de cinquenta e poucos anos, o tipo de pessoa que é toda sorrisos e amabilidade quando gosta de nós, mas desagradável e antipática quando não gosta. Em criança, vira-a fazer homens adultos de Wall Street chorar. Ou engolir as lágrimas, pelo menos.

– Rosie – disse, e abracei-a.

Ela riu-se e abraçou-me de volta.

– Não digas isso muito alto – pediu ela. – Só tu é que me podes tratar por esse nome, e eu não quero que alguém aqui pense que é uma alcunha para usar no dia a dia.

Como se alguém ali se atrevesse a semelhante coisa.

– E quem é o teu amigo alto e bem-parecido? – indagou Rosie.

– Royce Dalton – apresentou-se ele, estendendo a mão e sorrindo. – É um prazer conhecê-la. A Charlie fala sempre de si com muito orgulho e carinho.

– É um prazer conhecê-lo também – respondeu Rosie, e apertou-lhe a mão. Olhou para mim e piscou-me o olho. – É um borracho – sussurrou-me ao ouvido.

Rosie conduziu-nos ao gabinete do meu pai e foi buscar-nos água. Aparentemente, o meu pai tido ido a uma reunião do outro lado da cidade e estava um pouco atrasado.

O gabinete do meu pai era espaçoso e carecia de decoração. Era suposto aquela austeridade conferir-lhe um ar moderno e desempoeirado, mas a mim parecia-me apenas frio e inacessível, e talvez fosse esse, em parte, o objetivo. Era uma divisão de canto, portanto, duas das paredes eram compostas por janelas com uma vista privilegiada sobre a cidade. No meio, estava a secretária, com uma espécie de armação em aço e o computador. Na outra extremidade do gabinete, havia um sofá de couro negro, dois cadeirões e um armário para bebidas.

Dalton sentou-se no sofá e eu fui-me pôr à janela, contemplando a cidade. Dali de cima, todos os edifícios em redor pareciam pequenos.

– O teu pai tem bom gosto – elogiou Dalton.

– Sim – concordei.

Virei-me para a secretária e para a estante que cobria uma das paredes. Havia muitas fotografias do meu pai. Com clientes e pessoas importantes. Com alguns dos seus amigos dos tempos de escola: a velejar com Freddy Heinz, a jogar golfe com Matthew York. Mas havia apenas uma fotografia do meu pai comigo e com Seraphina. Estávamos na praia, junto à casa de Martha's Vineyard. Seraphina devia ter uns sete anos; estava empoleirada nos ombros do meu pai. Eu estava ao lado dele, inclinada para ele e ele tinha o braço à minha volta. Eu vestia uma das *sweatshirts* velhas do meu pai, que me ficava demasiado grande. Tinha buracos nas mangas, nos quais eu costumava enfiar os polegares.

– Lamento ter-vos feito esperar – disse uma voz familiar nas minhas costas. Virei-me e vi o meu pai na soleira da porta, de fato e sobretudo.

Entrou e pousou a pasta em cima da secretária.

– Charlotte, é tão bom ver-te – disse ele. Abraçou-me com um dos braços e deu-me um beijo no cabelo. Cheirou-me a rebentos de tuberosa, o aroma do seu perfume preferido do Barneys.

– Igualmente – respondi, um pouco ofegante.

– E tu deves ser o amigo da Charlotte – disse o meu pai, atravessando o gabinete para ir apertar a mão de Dalton.

Dalton levantou-se do sofá, de mão estendida.

– Royce, *sir* – apresentou-se Dalton. – É um prazer conhecê-lo. Peço desculpa, mas receio que a minha mãe esteja um pouco atrasada, e ela gosta de fazer entradas... Como direi... Que causem impressão.

– Que bela maneira de apresentares a tua mãe.

Virámo-nos os três para a porta e vimos uma mulher elegantemente vestida com umas calças escuras de linho, uma camisola delicada de caxemira e um casaco grosso de lã. No braço, trazia uma mala *Birkin* quadrangular. Havia qualquer coisa de impressionante, quase de intimidante, na sua postura, no modo como se comportava, se bem que fosse uma mulher de estatura mediana. Estranhamente, por mais atraente que Dalton fosse, a minha expectativa sempre fora que a sua mãe fosse uma beldade. Pelo contrário, era capaz de apontar alguns traços fisionómicos que, muito cativantes em Dalton, desfeavam a sua mãe: o queixo quadrangular, o nariz largo, a testa alta. Fiquei com a sensação de já a ter visto, mas não me ocorria onde.

– Era um elogio, prometo – apressou-se Dalton a alegar, com um sorriso nos lábios. – Charlie, senhor Calloway, permitam que vos apresente a minha querida mãe...

– Margot – disse o meu pai.

– Ah – respondeu Dalton, com a testa franzida, apanhado desprevenido. – Peço desculpa, não sabia que já se conheciam.

A Sra. Dalton avançou (havia qualquer coisa de masculino e autoritário no seu andar) e beijou o meu pai na face.

– Alistair, meu caro, há tanto tempo – realçou ela. – E esta deve ser a tua filha Charlie – disse ela, e concentrou em mim toda a sua atenção. Olhou-me de cima a baixo. – Ora, ora, se não é a imagem chapada da mãe. Por favor, querida, trata-me por Margot.

Estendeu a mão e eu apertei-lha, embora, ao ouvi-la mencionar a minha mãe, tivesse ficado com o coração aos pulos. Ninguém falava dela à minha frente.

– Conheceu a minha mãe? – perguntei.

– Sim, conheci a Grace – confirmou a Sra. Dalton. – O teu pai e eu fomos colegas de escola. Primeiro em Knollwood e depois em Columbia.

Foi então que se fez luz e percebi por que razão ela me parecera familiar. Nunca a tinha conhecido pessoalmente, mas já a tinha visto. Margot era a rapariga da fotografia: a rapariga nua, com o corpo rabiscado a vermelho. Tinha o mesmo olhar ousado e impassível da fotografia, como se nós, e não ela, é que tivéssemos nus.

– Meu Deus, Knollwood... parece que já foi há uma eternidade, não é? – perguntou Margot ao meu pai, tendo-se virado para ele. – Dá para acreditar

que já somos velhos o suficiente para ter filhos que frequentam a mesma escola que nós? Somos uns velhos jarretas, eu diria.

O meu pai demorou algum tempo a responder. Parecia absorto em pensamentos, aturdido.

– Sim, de facto, custa a acreditar – anuiu ele.

– Bem, espero que todos gostem de comida italiana – disse Margot, olhando para cada um de nós à vez e sorrindo. – Reservei uma mesa no Osteria da Luca. – Olhou expressivamente para o meu pai. – Costumava ser um dos teus restaurantes preferidos, se não estou em erro – referiu ela.

O meu pai limitou-se a acenar que sim com a cabeça.

– Ótimo – disse ela. – A reserva ficou para as dezanove e trinta.

Levantou o braço para consultar as horas. A manga do seu casaco deslizou ligeiramente e revelou a bracelete de ouro branco do relógio, uma peça lindíssima: o mostrador era branco-pérola e estava rodeado por uma dúzia de diamantes amarelos que cintilavam e refletiam a luz. A mãe de Dalton tinha bom gosto.

– Muito bonito – comentei. – É do Barneys?

– Hã? – perguntou Margot.

– O seu relógio – elucidei.

– Ah, não, é uma herança de família – respondeu ela. Deixou pender o braço e a manga do casaco tapou o relógio. – Tenho um carro lá em baixo à nossa espera – anunciou ela. – Vamos andando?

✱

Passava-se qualquer coisa com o meu pai. No restaurante, fui olhando de relance para ele, de vez em quando. Achei-o invulgarmente calado e não entendia o que o teria afetado daquela maneira; teria Eugenia partilhado com ele a conversa que tivéramos no fim de semana do Homecoming? Teria o tio Teddy quebrado a promessa que me fizera e revelado a história das fotografias que o tio Hank encontrara na casa do lago? Estaria ele zangado comigo? Ou seria a presença de Margot que o perturbara? E, assim sendo, porquê?

Fosse o que fosse, não podia permitir que isso compromettesse o meu objetivo. Clareei a voz e enterrei o garfo na pilha de *risotto* que tinha no prato.

– Entrei para o jornal da escola – anunciei.

– O *Chronicle*? – perguntou o meu pai, despertando assim momentaneamente do seu devaneio. – Isso é ótimo, Charlotte.

O meu pai sorriu e ter a sua aprovação alegrou-me muito.

– De momento estou nos artigos de fundo – contei. – O meu próximo artigo será acerca dos mitos urbanos que povoam o *campus*.

– Isso parece interessante – disse Margot.

– Pois é – concordei. – O mito que estou a investigar neste momento é uma espécie de história de fantasmas. Envolve um rapaz, um antigo aluno de Knollwood, que ensombra o *campus*. Supostamente, ter-se-á suicidado, mas os pormenores que rodeiam a sua morte são muito vagos.

– Pois é – disse Dalton. – O Crosby jurou tê-lo visto numa noite quando vinha... – fez uma pausa e olhou para o meu pai e para a sua mãe. – Hum... Quando vinha de estudar da biblioteca. Apanhou um susto de morte.

Olhei discretamente para o meu pai, engoli e continuei.

– Estou a tentar perceber com quem estará o suposto fantasma relacionado e descobri que, no século passado, só dois alunos é que morreram em Knollwood. Curiosamente, um deles esteve em Knollwood na mesma altura que tu. O nome dele era Jake Griffin.

O meu pai parou de cortar o bife.

– Jake Griffin – Margot disse o nome lentamente, como se estivesse a ter dificuldade em recordar-se dele. – Ah sim, já me lembro. Foi um acontecimento muito trágico. Aconteceu quando eu andava no penúltimo ano do liceu, se não estou em erro.

– Então, conheceu-o? – indaguei.

– Sim, pertencemos os dois à Associação de Estudantes. O Jake era um miúdo muito querido.

– Também o conheceste? – perguntei ao meu pai.

– Nem por isso – respondeu o meu pai. – Ele não era do meu ano.

Nem por isso? Veio-me de imediato à memória a página de homenagem no anuário, o instantâneo do meu pai e de Jake Griffin, com os braços por cima dos ombros um do outro, sorrindo para a câmara. «Jake Griffin e Alistair Calloway». O meu pai estava a mentir.

– Mas pareceu-me ver uma fotografia de vocês os dois juntos no anuário – realcei.

O meu pai não respondeu.

– Tu e o Jake não estavam na mesma equipa de ténis? – inquiriu Margot.

– Não me lembro – disse o meu pai. Não estava a olhar nem para mim nem para Margot. – Como tu disseste, tudo isso parece ter sido há uma eternidade.

– Mas há uma fotografia de vocês os dois, lado a lado, no anuário – insisti. Não fazia tenções de largar o assunto. Queria respostas. Precisava de respostas. – Vocês os dois, no pátio, muito compinchas.

– Onde é que disseste que esse fantasma costuma aparecer? – interveio Margot.

– Perto da residência dos pré-finalistas e finalistas, à noite – disse Dalton.

– Nesse caso, o teu fantasma não pode ser o Jake Griffin – concluiu Margot.

– Porquê? – inquiri.

– Porque Jake Griffin não morreu na escola – disse Margot.

– Ah não? – estranhei.

– Ora, Margot, isto não é conversa para se ter à mesa do jantar – reclamou o meu pai.

– Por favor, eu quero saber – afirmei. Se o meu pai não planeava dar-me respostas, talvez Margot estivesse mais disposta a isso. – Para o artigo – aleguei.

– É para a escola, Alistair – argumentou Margot. – Estou a ajudá-la com os trabalhos de casa.

O meu pai suspirou e voltou a cortar o bife, com um vigor renovado.

– Foi encontrado numa ravina do rio Spalding – contou Margot. – Ao que parece, foi apanhado a fazer batota, subiu ao Rebordo e saltou. O pobre do rapaz afogou-se. O corpo só foi encontrado alguns dias depois.

– Isso é horrível – comentou Dalton.

– Sim, foi um choque grande para toda a escola – disse Margot. – Knollwood é uma família, e Jake era um de nós. Penso que é fácil esquecermos, quando não estamos lá, da pressão a que vocês estão sujeitos para serem bem-sucedidos, para competirem uns com os outros. Knollwood é uma escola dura; nem toda a gente está talhada para isso.

Houve qualquer coisa nas palavras de Margot que me deixou estonteada. Sentia dificuldade em respirar.

– Com licença – pedi, levantando-me. – Preciso de ir à casa de banho.

– Estás bem, querida? – inquiriu Margot. – Pareces um pouco pálida.

– Estou ótima – menti.

Afastei-me da mesa e tentei não cambalear até chegar à casa de banho. Aí, fechei a porta do cubículo no qual entrei e encostei-me a ela, respirando com dificuldade.

As fotografias de Jake, do meu pai, de Margot e dos amigos deles que vira na pasta da minha mãe tinham sido tiradas no Rebordo. Como é que eu não tinha percebido?

As peças do quebra-cabeças começavam a juntar-se e a formar uma imagem:

1. Em primeiro lugar, havia aquela fotografia do meu pai e de Jake no pátio.
2. Depois, havia o desmentido do meu pai de que alguma vez tivessem sido amigos.
3. A seguir, o exame roubado, que não fizera sentido para mim, de início, porque, segundo o que toda a gente afirmava, Jake havia sido um aluno brilhante.
4. Por fim, havia a clareira sobranceira ao rio Spalding, a partir da qual Jake supostamente mergulhara para a sua morte.

*

Todas estas pistas apontavam para uma conclusão: *Jake fizera parte do A*. Havia sido um iniciado, tal como eu. E é claro que o meu pai e Margot também tinham sido membros do A; tinha a certeza disso. Algumas das fotografias que encontrara no escritório do detetive privado eram as fotografias da iniciação, como as que Leo e eu tínhamos tirado no banco traseiro do carro de Ren.

E se o exame roubado tivesse sido uma das provas de Jake, um dos objetos que devia levar à reunião do clube, e ele não tivesse sido bem-sucedido? Fora apanhado a fazer batota. Enfrentando uma provável expulsão, subira ao Rebordo por cima do rio Spalding. Mas, estaria sozinho? Teria saltado de moto próprio ou havia sido forçado por alguém a saltar para as águas do rio?

Vinte e seis

GRACE CALLOWAY

OUTONO DE 1999

Encostei-me à parede do cubículo até este parar de girar. Pelo menos, não vomitara. Isso teria sido o auge da minha humilhação: ajoelhar-me nos ladrilhos de porcelana da casa de banho do Carlyle Hotel no meu vestido de noite *Oscar de la Renta* ao mesmo tempo que as esposas viperinas do Upper East Side me ouviam vomitar o almoço para a sanita. Quando regressasse finalmente ao salão, metade dos convidados já teria ouvido dizer que eu sofria de um distúrbio alimentar e a outra metade teria proclamado veementemente que eu não passava de uma alcoólica.

A última coisa que queria naquela noite era sair de casa, mas era o baile anual de beneficência dos Calloways e Alistair ia discursar. Ao início da noite, enquanto se arranjava, Alistair tinha ensaiado o discurso uma última vez, revendo as partes em que queria dar mais ênfase e aquelas em que planeava fazer pausas para as já esperadas gargalhadas e aplausos. Pensara dizer-lhe qualquer coisa nessa altura, que não me sentia bem e que talvez fosse melhor ficar em casa, mas ultimamente as coisas entre nós andavam muito tensas e não quisera provocar mais uma discussão.

Menos de cinco minutos depois de chegarmos, ele afastara-se para ir conversar com colegas e *socialites* de vestidos decotados e eu ficara, uma vez mais, sozinha. Sentira então o cheiro dos folhados de salmão que os empregados serviam nas bandejas e o meu estômago revirara-se. Rumara de imediato, e em passo apertado, à casa de banho.

Só que não podia ficar ali escondida para sempre. Por isso, respirei fundo e abandonei o cubículo. Em frente a um dos lavatórios, coloquei as mãos debaixo da água fria que jorrava da torneira. O meu reflexo pálido olhava-

me de volta no espelho. Tinha um ar péssimo, a condizer com a maneira como me sentia.

Chamam-lhes enjoos matinais, mas eu sentia-os o dia todo.

Tinha descoberto que estava grávida há dois dias, sentada no chão da casa de banho, acompanhada de três garrafas de água e cinco testes com cinco sinais positivos. Ainda não tinha dito a ninguém, nem sequer a Alistair.

Ouvi um autoclismo ser descarregado e a porta de um dos cubículos abriu-se. Olhei para trás de mim através do espelho e empalideci ainda mais quando vi o seu reflexo: Eugenia.

O choque do meu enlace com Alistair tinha sido mais duro para Eugenia do que para Teddy. No primeiro Dia de Ação de Graças depois do nosso casamento, ela desconvidara-nos para as festividades familiares e o postal de Natal dos Calloways chegara com a cabeça de Alistair recortada da fotografia. A raiva dela só começara a abrandar depois de Teddy ter casado com uma rapariga bonita, chamada Grier Greymouth, há uns meses, em Martha's Vineyard. Os Greymouths eram uma família antiga e rica que fizera fortuna no negócio da navegação. A mãe de Grier era amiga de Eugenia, e fora ela a casamenteira. Grier estava a tirar um doutoramento em Psicologia na Universidade de Nova Iorque, e essa era uma das muitas façanhas da sua nora acerca da qual Eugenia gostava de perorar: essa e o seu cabelo sedoso e as fitas azuis que conquistava nas competições de *dressage*.

Quanto à restante família Calloway, o pai de Alistair prestava-me tanta ou tão pouca atenção como anteriormente, Teddy deixara de falar comigo e Olivia mudara-se para Paris depois de terminar os estudos na Faculdade de Vassar. Trabalhava numa galeria de arte nas margens do Sena e vivia com um expatriado de ar taciturno que era trinta anos mais velho do que ela.

Eugenia fez uma careta ao ver-me, o que não constituía uma reação invulgar da parte dela.

– Está a transpirar como um porco – comentou ela ao juntar-se a mim no lavatório. Revistou a mala de mão e estendeu-me um toalhete matificante, o gesto mais caridoso que alguma vez teve comigo.

– Obrigada – disse, e pressionei o toalhete contra a testa.

– A sério, querida, está com péssimo aspeto – continuou Eugenia. – Tem a certeza de que está bem?

– Acho que apanhei uma virose qualquer – aventei. – Sinto-me um pouco

nauseada.

Eugenia afastou-se de mim e foi lavar as mãos noutra lavatório.

– Ah, pois, nesse caso, talvez fosse melhor ir para casa e deitar-se – recomendou ela, e, num gesto quase circense, esticou-se para alcançar a toalha. – Não queremos que ponha toda a gente doente, caso isso seja contagioso.

Já estaria, sem dúvida, a ver o filme todo: o seu evento a provocar um surto de gripe em metade do Upper East Side, sendo eu a doente zero.

– Acho que é isso mesmo que farei – anuí. – Quando vir o Alistair, diga-lhe que não me sentia bem e que fui para casa, sim?

– Com certeza, querida – disse Eugenia. – Vá para casa e descanse.

Atravessei o salão de baile em linha reta, rumo ao bengaleiro, junto ao vestíbulo, mas não estava lá ninguém. A rapariga teria ido provavelmente fumar. Já passava da hora a que as pessoas deviam chegar e era ainda demasiado cedo para irem embora. Consultei o relógio, interrogando-me se ela iria demorar muito.

– Já de partida?

Dei meia volta e deparei com Teddy no vestíbulo sombrio; tinha um copo de uísque na mão.

– Não me sinto bem – respondi.

– O Alistair vai ficar dececionado – realçou Teddy. – Ainda não fez o seu cativante e egocêntrico discurso. Ouvi dizer que se tornou tão bom a fazê-los que já consegue não inchar de orgulho.

Teddy encostou-se à parede. Senti o cheiro a bebida no seu hálito.

– Tenho de voltar lá para dentro – declarei, e afastei-me do balcão do bengaleiro.

Teddy imitou o meu movimento e, com isso, bloqueou-me intencionalmente a passagem.

– Não tinhas dito que te ias embora? – referiu Teddy.

Estava demasiado perto de mim. Os cabelos da minha nuca eriçaram-se.

– Estás muito bonita – elogiou Teddy. Esticou o braço e fez deslizar um dedo pelo meu antebraço. Fiquei com pele de galinha. – Repara como ainda reages ao meu toque – segredou Teddy. Aproximou-se ainda mais e sussurrou-me ao ouvido. – Ainda me lembro da maneira como acariciava o teu corpo e te fazia gemer. Aposto que ele não te faz isso, pois não?

Mantive-me muito quieta. Olhei para o fundo do corredor escurecido e

silencioso que dava acesso ao salão de baile, vi as luzes cintilantes do lustre e ouvi o tilintar dos pratos e dos talheres.

– Devias voltar para junto da tua mulher, Teddy – aconselhei. – Ela provavelmente anda à tua procura.

– A minha mulher – disse Teddy, com uma gargalhada, e deu um gole no seu uísque. – A minha mulher. O teu marido. Já viste como parecemos tão adultos com os nossos cônjuges?

– Estás bêbado – fiz notar.

– Sim – concordou Teddy. – Estou. Mas isso não torna o que eu disse em menos verdadeiro. Só um nadita mais ridículo, talvez.

– Sim, é ridículo.

Teddy virou-se. Era Alistair. De mãos nos bolsos, no corredor às escuras, observava-nos.

– Como já te disse tantas e tantas vezes, vai com calma – recomendou Alistair, que, entretanto, avançara para o vestíbulo. Tirou descontraidamente o copo de uísque da mão de Teddy. – Não vais querer fazer figura de urso.

– Sempre a desempenhar o papel de irmão mais velho – comentou Teddy, com secura e ironia. – Devias tirar uma noite de folga. Tens um ar cansado.

– Vai ter com a tua mulher – ordenou-lhe Alistair, num tom gélido. – E deixa a minha em paz.

Por um momento, Teddy manteve-se onde estava, imóvel, olhando fixamente Alistair com todo o rancor que acumulara com o passar dos anos. Teddy era mais alto do que Alistair, quinze centímetros, pelo menos. Mas Alistair era mais largo de ombros, tinha uma constituição mais robusta. A tensão entre ambos era palpável e interroguei-me se aquela seria a gota de água que faria transbordar o copo, e se Teddy daria finalmente rédea solta ao ódio que nunca se esforçara muito por ocultar. Ao fim de mais uns segundos, porém, Teddy pareceu reconsiderar e bateu em retirada na direção do salão de baile. Ficámos a vê-lo afastar-se.

– Que se passou aqui? – perguntou-me Alistair, como se, de alguma maneira, o sucedido fosse culpa minha.

– Como é que queres que eu saiba?

– Agora tenho de me preocupar com vocês os dois? – indagou ele. – Esgueiram-se para cochichar um com o outro às escuras e sozinhos?

– Não fui eu que comecei – referi. – Só vim buscar o meu casaco.

Alistair ergueu as sobrancelhas e dei-me conta de que continuava sem o

casaco.

– A rapariga do bengaleiro ausentou-se – expliquei. – Ia-me embora e o Teddy encurralou-me.

Alistair fez um ar magoado.

– Ias-te embora? Não tencionavas ficar para ouvir o meu discurso? – indagou ele.

– Não me sinto bem – admiti.

– Que conveniente – comentou Alistair.

– Não é conveniente, não! – ripostei, num tom mais alto do que tencionava. A minha voz atravessou o pequeno corredor e as pessoas sentadas nas primeiras mesas rodaram a cabeça. Continuei num sussurro impetuoso. – Não é conveniente ser-se arrastado para um evento ao qual não queremos ir quando nos sentimos nauseados, tontos e cansados. E não é conveniente quando a pessoa com a qual viemos nos abandona no dito evento e a única altura em que se digna a falar connosco é para nos acusar de uma coisa que não fizemos. Nada disto é conveniente, Alistair.

Não podia regressar àquele salão e sentar-me no meio daquelas pessoas fazendo de conta de que estava tudo bem. Dei meia volta e dirigi-me à saída, mesmo sem casaco. O casaco que se lixasse.

Alistair foi atrás de mim até ao passeio.

– Desculpa – pediu Alistair. – Não era minha intenção ignorar-te.

– Pois, nunca é – ripostei.

Os serões no escritório, as videoconferências aos fins de semana, a sua atenção sempre concentrada num qualquer projeto novo, nada disso era feito de propósito para me magoar.

– Tu sabias que eu era assim quando me conheceste – argumentou Alistair.

– Já não tem que ver apenas contigo – disse. – E também já não tem que ver unicamente comigo.

Comecei a lacrimejar. Não era daquela maneira que queria dar-lhe a novidade, num passeio de Nova Iorque, no meio da noite e do frio, e de uma troca acesa de palavras.

– De que estás a falar? – perguntou Alistair.

– Estou... – A minha voz desvaneceu-se. Encostei a mão à barriga. – Estou grávida.

Alistair ficou em silêncio. Dir-se-ia que perdera o fôlego.

– Tens a certeza? – perguntou ele.

– Sim, tenho – confirmei.

Não sabia como é que ele iria reagir. A nossa primeira gravidez resultara num aborto espontâneo perto do final do primeiro trimestre. Eu ficara devastada pela perda e suspeitava que Alistair sentira o mesmo que eu, mas ele nunca fora pessoa de falar abertamente das suas emoções, nem mesmo comigo.

Alistair avançou então para mim e envolveu-me nos seus braços. Não soube o que fazer com aquela inesperada demonstração de afeto, por isso, fiz deslizar os braços por dentro do casaco dele e contornei-lhe o tronco. Abraçou-me com força, como já não fazia há muito tempo.

– Estás feliz? – perguntei.

– É claro que estou feliz – afirmou Alistair, e beijou-me o cabelo. – Tu não estás?

Não respondi. Não conseguia destrinçar o que sentia em relação à gravidez do que sentia relativamente a Alistair e a mim. A distância que nos separava nunca havia sido tão grande como então.

– Não me sinto bem – disse, o que não respondia à pergunta, mas era verdade.

Alistair despiu o casaco e colocou-o nos meus ombros.

– Então, é melhor ires para casa – disse ele, e avançou até ao lancil do passeio para chamar um táxi.

Quando abriu a porta para que eu entrasse, tentei devolver-lhe o casaco.

– Fica com ele, está frio – fez notar Alistair.

– Mas o teu discurso... – realcei. Não podia discursar em mangas de camisa. Eugenia teria um ataque.

– Não te preocupes – disse ele. Inclinou-se e beijou-me na testa. – Daqui a pouco já estarei em casa.

Tomei um banho quente e sentei-me no sofá da sala de estar, de pijama a comer bolachas de água e sal e a beber um *ginger ale*. Vi televisão e deixei-me dormir. Acordei à meia-noite e a televisão passava tele vendas. Desliguei a televisão e fui para a cama sozinha.

*

Na manhã seguinte, quando acordei, Alistair estava em casa. Entrou no quarto de calças de ganga e camisola, e trazia uma tigela fumegante de

papas de aveia. Pousou-a na mesa de cabeceira, ao meu lado.

– Bom dia, dorminhoca – disse ele. – Fiz-te papas de aveia com açúcar mascavado. Achei que seria melhor para o teu estômago do que ovos. Tens de te alimentar.

Pestanejei e esfreguei os olhos.

– A que horas é que chegaste, ontem à noite? – indaguei.

– Come depressa e veste-te – disse ele, com um sorriso nos lábios. – Quero mostrar-te uma coisa.

Só consegui engolir meia dúzia de colheradas antes de começar a ficar enjoada. Dirigi-me para a casa de banho.

Enquanto me vestia, Alistair ligou ao *valet* para que fosse buscar o carro. Estava à nossa espera em frente à porta assim que descemos. Sentei-me no lugar do passageiro e encostei a cabeça ao vidro frio da janela.

– Onde é que vamos? – perguntei a Alistair, quando ele arrancou.

– É uma surpresa – respondeu ele. Deu-me a mão e presenteou-me com um sorriso tranquilizador. – Uma surpresa boa – acrescentou.

A viagem demorou mais do que uma hora. Os arranha-céus deram lugar aos subúrbios e depois a campos abertos e planos. Fechei os olhos e adormeci. Quando o carro parou, despertei. Olhei pela janela, mas só vi árvores.

– Anda daí – desafiou Alistair, abrindo-me a porta. – Estamos quase lá.

Dei-lhe a mão e deixei que me guiasse. Tinha a estranha sensação de que já ali estivera, mas, de início, não consegui perceber onde estava. Foi então que vi o lago. O lago Langely.

Caminhámos durante vários minutos em silêncio até que chegámos à árvore na qual Jake e eu tínhamos construído a espécie de casa quando éramos miúdos. O lugar onde Alistair e eu havíamos feito amor pela primeira vez.

Alistair parou e virou-se para mim.

– Sei que não tens andado infeliz – disse ele. – E há muita coisa que não posso mudar na nossa vida. Mas talvez haja um meio termo. Foi aqui que tudo começou – lembrou ele, e apontou com a cabeça para o lago. – E é aqui que vamos começar de novo. Vou construir aqui uma casa para nós. Não apenas uma casa, mas um lar. E vamos enchê-lo com os nossos filhos, a nossa família. Este será o nosso refúgio, longe de tudo. Quando viermos para aqui, será apenas nosso.

Alistair soava tão sincero. Era como se acreditasse que, por mera vontade e determinação, conseguiria manter-nos juntos, preencher as fendas, impedir o nosso casamento de se desmoronar. E eu queria acreditar nele. Queria desesperadamente acreditar nas palavras dele, na sua intenção. Por isso, não disse nada. Limitei-me a apertar-lhe a mão.

Vinte e sete

CHARLIE CALLOWAY

2017

No dia seguinte, Dalton e eu iniciámos a viagem de regresso a Knollwood mais tarde do que seria desejável. Margot telefonou para a escola a avisar que não iríamos chegar a horas do recolher obrigatório e a administração deu o seu consentimento, se bem que com grande relutância, mas estipulou que tínhamos de nos apresentar perante os supervisores das respetivas residências na manhã seguinte. No caminho de volta, encostei a cabeça ao vidro frio da janela do passageiro, fechei os olhos e fingi que me doía a cabeça. Estava demasiado abalada pelas conclusões a que chegara acerca de Jake para manter uma conversa com Dalton. Queria ficar sozinha com os meus pensamentos. Era como se, de súbito, todas as peças se estivessem a encaixar. Ali estavam, por fim, os elos que eu procurava, as ligações que eu sentira que existiam, logo abaixo da superfície, à espera que eu as encontrasse.

Quanto mais pensava nisso, porém, mais me convencia de que estava errada. O clube A atrever-se-ia mesmo a matar alguém? Ainda que um recruta não conseguisse cumprir uma tarefa, um desafio, mesmo que um iniciado ameaçasse denunciar os membros do A, seria isso motivo suficiente para... matar alguém? Valeria mesmo a pena? Era certo que o clube tinha uma faceta sombria e desvirtuada e cruel, mas... Homicídio?

Mais importante ainda, não era capaz de compaginar tudo isso com o desaparecimento da minha mãe. Então, Jake e o meu pai tinham-se conhecido em Knollwood e eram ambos membros do A. Quicá tivesse sido o meu pai quem atribuía a Jake a tarefa de roubar o exame. Este acabara por ser apanhado e, uma vez que se arriscava a ser expulso, suicidara-se por

achar que a sua vida tinha acabado. Que poderia isso ter que ver com o desaparecimento da minha mãe uma década e meia mais tarde?

Quando as peças pareciam estar a encaixar-se, eis que tornavam a baralhar-se. Já não tinha certeza nenhuma em relação às respostas que me haviam parecido tão indiscutíveis no restaurante. Pareciam-me então pouco sólidas e mesmo ridículas. Nada fazia sentido, uma vez mais.

– Toma isto – disse Dalton.

Abri os olhos e vi que ele apontava para uma garrafa de água que estava no suporte entre os dois bancos.

– Obrigada – agradeci, pegando na garrafa –, mas julgo que não é um problema de hidratação.

Dalton sorriu.

– Não, palerma – disse ele, e inclinou-se na direção do meu banco para abrir o guarda-luvas com a mão direita, mantendo a outra no volante. – Isso é para tomares *isto*.

Tirou uma embalagem cor de laranja de comprimidos e entregou-ma. Percebi que eram analgésicos receitados por um médico.

– Onde é que arranjaste isto? – perguntei.

– São o que restou da lesão que fiz no pé no ano passado – respondeu ele. Fechou o porta-luvas e concentrou-se de novo na estrada. – Quando o idiota dos Xavier me pregou aquela rasteira nas semifinais, não te lembras?

Recordava-me vagamente de Dalton ter andado de canadianas na primavera anterior, com uma fila de caloiras atrás dele a carregar-lhe os livros.

– Obrigada – disse, e aceitei os comprimidos.

– Gostei de conhecer o teu pai – realçou Dalton.

– Ainda bem – respondi.

– Mas, para te ser franco, fiquei com a sensação de que, na verdade, não fiquei a conhecê-lo mesma nada – confessou Dalton. – Parece ser uma daquelas pessoas que, não sei, não se abrem facilmente ou que resistem ou não se deixam conhecer.

Não respondi, e fingi que não o podia fazer porque tinha a boca cheia de água para engolir os comprimidos.

Mas a minha vontade foi dizer-lhe: nem sabes da missa a metade.

Dirigimo-nos ao Rebordo mal chegámos a Knollwood. Harper fez uma cara de poucos amigos ao ver-nos chegar juntos. Fomos os últimos a comparecer e eu apressei-me a enviar a Ren as fotografias que Leo tirara de mim e do professor Andrews. Os restantes recrutas do A colocaram os itens referidos nos seus cartões em cima do capô do carro de Crosby.

Não obstante os acontecimentos do dia anterior, sentia-me aliviada e, no fundo, bem-sucedida, porque conseguira. Cumprira duas tarefas, já só faltava uma. Era praticamente um membro do A. Olhei em redor do círculo e cruzei o olhar com o de Leo.

Estamos quase lá, disse-lhe mentalmente.

Procurei Drew no círculo. Queria partilhar aquele momento com ela também. Estava desejosa de ficar acordada até mais tarde para ouvir a história de como ela roubara o exame de Trigonometria ao professor Franklin. Examinei o grupo uma vez mais e não a encontrei. O meu coração disparou. Olhei para o capô do carro de Crosby, à procura do exame do professor Franklin, mas também não o vi ali.

Só então me dei conta de que Drew não tinha conseguido cumprir a tarefa que lhe havia sido destinada.

Vinte e oito

GRACE CALLOWAY

JUNHO DE 2007

– Olh’ó passarinho!

O *flash* disparou e Charlotte segurou a máquina digital com todo o cuidado e olhou para o pequeno ecrã para ver a fotografia que acabara de tirar à irmã, sentada ao seu lado no banco traseiro.

– Porque é que as pessoas dizem «Olh’ó passarinho»? – perguntou Charlotte.

– Porque isso faz as pessoas rir – respondi, olhando para ela pelo espelho retrovisor.

No banco do condutor, ao meu lado, Alistair falava para o seu auscultador *Bluetooth*. Tínhamos deixado a cidade ao início da tarde para escaparmos ao trânsito costumeiro de fim de semana. O verão chegara oficialmente e a maior parte das pessoas que nós conhecíamos dirigia-se aos Hamptons, mas nós rumávamos a norte, à nossa casa no lago Langely.

– Porque é que as pessoas têm sempre de rir nas fotografias? – perguntou Charlotte.

Inclinei-me para tirar o bálsamo para os lábios que tinha na mala, aos meus pés.

– Porque as fotografias servem para captar um momento que queremos recordar mais tarde. Quando olhas para uma fotografia, não preferes ver-te a ti mesma ou às outras pessoas a sorrir e felizes? – indaguei.

– Tu tens um ar *tão* palerma, Sera – disse Charlotte, e inclinou-se para o lado para mostrar a fotografia à irmã.

– Não chames palerma à tua irmã, Charlotte – repreendi, e usei de novo o retrovisor para olhar para ela.

Charlotte era muito parecida comigo. Há umas semanas, a minha mãe tinha-me mostrado umas fotografias minhas quando tinha a idade dela e as semelhanças chegavam a ser inquietantes. O mesmo cabelo ondulado e castanho-escuro, os olhos cinzentos e afastados, a curva das maçãs do rosto. Parecia-se comigo, mas saía muito mais a Alistair. Era dura e obstinada e dona de uma confiança e de uma compostura que pareciam sobrenaturais.

Olhando para a minha filha, no banco traseiro, dei por mim a interrogar-me se, em termos de carácter, seríamos parecidas.

Seraphina agarrou na alça da máquina, arrebatou-a da mão de Charlotte e a máquina foi projetada contra a porta.

– Ei! – reclamou Charlotte. De testa franzida, recuperou a máquina. – Porque fizeste isso?

Charlotte mexeu na máquina durante um momento e depois olhou para mim.

– A Sera estragou-a – choramingou.

Virei-me no banco e pedi-lhe que me desse a máquina para que pudesse examiná-la. O corpo da máquina e o ecrã pareciam bem, mas já não se ligava.

– Terei de mandar arranjá-la quando voltarmos para a cidade – disse.

– Então e o meu projeto para a aula de Arte? – reclamou Charlotte. – Tenho de tirar fotografias este fim de semana.

Charlotte estava a tirar um curso de arte de uma semana, na escola.

– Acho que temos uma máquina antiga em casa. Usas essa – respondi. – Depois de chegarmos, vamos à procura dela.

– Diz-me lá esses números outra vez – disse Alistair, ao volante. – Espera um pouco.

Carregou num botão do auscultador para cortar o som e olhou para mim: a primeira vez que o fazia desde que tínhamos saído da cidade.

– Grace, importavas-te de manter a conversa num volume razoável? O telefonema é importante.

Não esperou pela minha resposta para concentrar de novo a sua atenção na estrada e levar a mão ao auscultador.

– Peço desculpa, Fred – continuou Alistair. – Tenho as miúdas no carro.

Riu de qualquer coisa que Fred disse e eu não ouvi.

Fiz uma careta às escondidas de Charlotte e de Seraphina e sorri para elas depois de levar o dedo indicador aos lábios a pedir que não fizessem

barulho.

Virei-me novamente para a frente e suspirei lentamente.

Olhei de relance para o meu marido e pensei nas saudades que tinha daquele estremecimento que sentimos quando não conhecemos todas as facetas de uma pessoa, o quanto isso é atrativo. Quando não dormimos ao lado dessa pessoa todas as noites, ou partilhamos com ela uma casa de banho, ou limpamos o seu vomitado. Sentia falta do mistério, de não saber o que viria a seguir. Daquela altura em que a outra pessoa nos parece perfeita, porque apenas conhecemos as melhores partes dela, as partes que ela quer que vejamos.

Era um pensamento terrível, não era? Se bem que por vezes me questionava se Alistair não sentia o mesmo. Por certo que, às vezes, imaginava que eu era outra pessoa quando fazíamos amor. Sabia que ele olhava para outras mulheres, jovens de pescoços longos, pele perfeita e decotes generosos que outros homens gostavam de exhibir em eventos de beneficência. Via-o olhar para elas e via-as olhar de volta para ele. Tentava ver o meu marido através dos olhos delas. Sabia que, para elas, ele era um homem muito bem-parecido: alto, de olhos azuis penetrantes, testa eminente e cabelo louro-claro. Era mais do que isso, contudo; era a postura de Alistair, altiva, como se o mundo fosse dele, como se não lhe importasse minimamente o que as pessoas pensavam dele. Nesses momentos, olhava às vezes para o meu marido, o mesmo homem ao lado do qual vivia, e, por um breve instante, conseguia vê-lo, vê-lo de verdade. A questão era precisamente essa. Não é aquilo para o que olhamos, é o que vemos. E quando passamos tempo suficiente com alguém, deixamos de nos ver por quem somos.

Estar com a mesma pessoa há dez anos era como ouvir a nossa música preferida demasiadas vezes no rádio. Sabemos a letra de trás para a frente, mas a música já não nos transmite os mesmos sentimentos que costumava transmitir, e que nos fizeram gostar dela; e é estranho, porque a letra é a mesma, assim como a batida e a melodia... Nada mudou. Exceto que, entretanto, quando a música passa, a nossa vontade é mudar de estação de rádio.

✱

Em casa, comecei por procurar na cozinha. Abri gavetas e armários. Sabia

que tinha uma máquina fotográfica daquelas descartáveis que comprara para o aniversário de uma das miúdas. Não tendo encontrado nada na cozinha, avancei para o armário que havia no vestíbulo das traseiras. Charlotte andava atrás de mim pela casa e Seraphina seguia-lhe o rasto, qual patinho atrás da mãe, meio cambaleante, com as pontas dos pés a apontar para dentro.

Tirei uma caixa de cartão não etiquetada da prateleira de cima e pousei-a no chão.

– Que é isso? – perguntou Charlotte.

– Tralha, querida – respondi.

Uma pilha de cassetes de vídeo e de álbuns de fotografias. No fundo da caixa, quase escondido, um objeto captou a minha atenção.

– Ah, sim! – exclamei.

– Que é? – quis saber Charlotte.

Mostrei-lha. Era uma máquina de fotografar preta, de trinta e cinco milímetros.

– É uma máquina antiga – expliquei, ao mesmo tempo que verificava se tinha rolo. Tinha. – Isto era o que o teu pai e eu usávamos para tirar fotografias quando tínhamos a tua idade.

Verifiquei o mostrador que indicava o número de fotografias. Restavam vinte e cinco, quase um rolo completo. Carreguei no botão para a ligar, mas não aconteceu nada.

– Está estragada – concluiu Charlotte, desapontada.

– Não, só precisa de pilhas novas – contradisse. – Esperem aqui.

Dirigi-me para a cozinha e tirei um par de pilhas AA da gaveta. Introduzi-as na máquina, pressionei o botão e, dessa vez, a máquina ligou-se. Corri de volta ao vestíbulo para mostrar a Charlotte.

– Pronto, já está – disse, e entreguei-lhe a máquina. – Trata-a com cuidado, está bem? Já não é muito nova.

– Onde está o ecrã? – perguntou Charlotte.

– Não tem – disse. – Só poderás ver as fotografias que tiraste depois de revelarmos o rolo que ela tem lá dentro. Tens de encostar o olho ao visor para veres aquilo que estás a fotografar.

Apontei para o visor e Charlotte encostou a máquina ao olho.

– Assim? – inquiriu ela.

– Isso mesmo.

Posicionou o indicador por cima do botão para tirar uma fotografia. Tentei impedi-la de desperdiçá-la, mas já não fui a tempo. O *flash* disparou.

– Fixe! – exclamou Charlotte.

Ri-me.

– Terás de pensar bem que fotografias queres tirar – alertei. – Só tens vinte e quatro para o fim de semana todo.

Charlotte tornou a levar a máquina à cara, mas não tirou nenhuma fotografia. Observou um dos lados do vestíbulo através do visor e depois o outro.

– *Okay* – disse.

*

No domingo, antes de regressarmos à cidade, passei no estúdio fotográfico de Hillsborough para ir buscar as fotografias de Charlotte. Havia duas pessoas a atender: um homem idoso de óculos e um rapaz que não devia ter mais do que vinte anos e que usava as calças quase ao fundo da anca, exibindo um palmo dos *boxers* quando se virava de costas. O homem mais velho veio atender-me.

– Vim buscar um rolo que deixei a revelar esta manhã – informei, e tirei o porta-moedas da carteira. – Ficou em nome de Grace Calloway.

O rapaz das calças a cair, ocupado a organizar rolos de filme atrás do balcão, deixou cair uma embalagem depois de ter olhado para mim com um ar escandalizado.

– Hum, eu posso ir buscar – disse ele ao colega mais velho. – Fui eu que as revelei. Eu volto já.

Desapareceu na sala das traseiras e o senhor mais velho sorriu para mim. O rapaz voltou com um envelope.

– Aqui estão elas – anunciou ele. Dirigiu-se à máquina registadora para registar a venda. O cabelo dele era comprido e oleoso. A etiqueta na camisa dizia que se chamava Randy.

– Se precisar de mais alguma coisa, é só dizer – realçou o senhor mais velho, em jeito de despedida, antes de ir atender outro cliente.

– Então... hum... – disse Randy, e olhou de relance por cima do ombro para se certificar de que o colega não iria ouvi-lo. – Normalmente, não revelamos este tipo de fotografias. Na verdade, a nossa política é *não* revelar este género de coisa. Mas sendo eu uma pessoa que acha que cada

pessoa é que sabe da sua vida, posso ser persuadido a fazer de conta que não sei de nada.

– O quê? – perguntei. O que raio queria ele dizer com «este tipo de fotografias»?

– Tipo, com um incentivo – elucidou ele, num sussurro, e inclinando-se na minha direção.

Olhei para ele, de testa franzida, cada vez mais perplexa.

O rapaz suspirou.

– Uma nota de vinte ou assim e ficamos quites – especificou.

– Tem a certeza de que está a falar com a pessoa certa? – inquiri. Compus a alça da carteira sobre o ombro. – É apenas um punhado de fotografias que a minha filha tirou. Ela tem sete anos.

Randy consultou o nome que estava rabiscado no envelope.

– Grace Calloway? – perguntou ele.

– Sim – confirmei. – Sou eu. Mas talvez o rolo tenha sido trocado ou assim? Posso verificar, para ter a certeza?

Randy encolheu os ombros e facultou-me o envelope.

– Veja por si mesma – disse ele. – Mas é o seu rolo, sem dúvida. A senhora aparece em algumas das fotografias.

Abri o envelope. A primeira fotografia era a que Charlotte me tirara no vestíbulo, quando eu lhe dera a máquina. A lente apontava para cima e eu parecia enorme, com a mão esticada para impedir a fotografia. Seguiam-se duas dezenas de fotografias, algumas de Charlotte e Seraphina, uma de Alistair e eu no barco, ao pôr do Sol. A imagem seguinte não fora obviamente captada pela minha filha. Fiquei boquiaberta ao vê-la.

Retratava uma pessoa que eu conhecia bem e que não via há mais de uma década. Era Jake. Jake Griffin.

A imagem era escura; fora captada à noite. No canto inferior direito da imagem, a vermelho, estava a data em que a fotografia havia sido tirada: setembro de 1990, poucos meses antes de Jake ter morrido.

Na imagem, Jake tinha o colarinho da camisa desabotoado e a gravata do uniforme escolar de esguelha. Numa das mãos, segurava uma garrafa de cerveja meio vazia e, com a outra, mostrava o dedo do meio à câmara. Tinha um sorriso ébrio na cara.

Na fotografia seguinte, consegui distinguir a barriga nua e pálida de uma rapariga estendida em cima do capô de um carro. Com a camisa puxada até

ao pescoço, exibia também os seios. Por cima do estômago dela, via-se uma linha de cocaína. A câmara tinha surpreendido Matthew York, um dos amigos de Alistair, a inclinar-se para a frente com um dedo a tapar uma das narinas, pronto para snifar a linha de droga.

Havia outras fotografias, e não apenas de Jake, mas de outros miúdos também. Pessoas que reconheci, embora, entretanto, fossem mais velhas. Lá estava Freddy Heinz, Margot, Marissa Saunders e Alistair.

Numa das fotografias, Margot estava nua e tinha o corpo todo riscado com um marcador encarnado. Havia círculos e xis. Também havia palavras escritas com caligrafias diferentes, como se toda a gente tivesse tido a sua oportunidade. *Gorda, megera, puta, feia, desesperada, ridícula, cabra.*

Não quis ver mais. Não queria saber. As fotografias eram horríveis. Porque tinham sequer sido tiradas? E porque haveria alguém de guardá-las?

Mas não consegui conter-me. Vi as últimas duas fotos. Lá estava Jake, com o braço por cima de Alistair. Margot estava do outro lado, em bicos dos pés e inclinada para dar um beijo na face de Jake. Ao lado de Alistair, Matthew York ria de boca aberta. Estavam os quatro na beira de um penhasco. No canto direito, a vermelho, a foto dizia «21h32, 21 de dezembro de 1990». A data provocou-me um calafrio pelas costas abaixo. Aquela fora a noite em que Jake morrera, pouco tempo antes da hora a que se estimava que Jake morrera, de acordo com o relatório da autópsia. Atrás dele, estava o Rebordo do qual ele tinha saltado. Contudo, ali estava ele, não sozinho, mas rodeado de amigos, a sorrir de orelha a orelha. Tinha um ar tão cheio de vida e satisfeito. Como podia aquele Jake – o que me olhava fixamente a partir da fotografia – estar prestes a cometer suicídio, saltando daquele penhasco?

– Que te aconteceu? – murmurei para a fotografia, esquecendo que estava num lugar público. – Que aconteceu?

Olhei então para o rosto juvenil do meu marido. Alistair estivera lá naquela noite. Nunca me dissera isso. Nem mesmo quando, na galeria de arte, há vários anos, eu lhe confessara que me sentia culpada pela morte de Jake. Por jamais ter percebido a dor por que ele estaria a passar e que o levara a tirar a própria vida. Abrira o meu coração com ele, e ele não dissera nada.

Não, não era bem verdade que não tivesse dito nada. Dera-me a mão, recordei-me então. Havia sido um gesto inesperadamente íntimo e terno, e

dissera que o que acontecera a Jake não tinha sido culpa minha, mas que ele também não tinha respostas para me dar.

– Um bocado esquisitas – disse Randy.

Levantei a cabeça. Lembrei-me de onde estava. Randy olhava-me expectantemente.

– Pois – concordei.

– Então, são suas? – indagou ele. – Devem ser. A senhora aparece em algumas.

– Eu levo-as – declarei. Abri o porta-moedas e fiz deslizar uma nota de vinte discretamente por cima do balcão.

Randy enfiou a nota no bolso e fez passar o código de barras do envelope.

– São dezasseis dólares e cinquenta cêntimos – disse ele, e eu entreguei-lhe o cartão de crédito. Tentei impedir a mão de tremer.

Uma coisa sabia com toda a certeza. Se quisesse descobrir a verdade acerca do que acontecera naquela noite, não podia perguntar a Alistair. Teria de procurá-la por outros meios.

Vinte e nove

CHARLIE CALLOWAY

2017

Quando regresssei ao quarto, a luz estava acesa e Drew estava lá. Vi-a a partir do ramo do ulmeiro junto à nossa janela e, quando bati na vidraça, ela foi abrir a janela para me deixar entrar.

– Presumo que já saibas? – comentou ela, como quem não queria a coisa, e esticou o braço para me ajudar a entrar. Atrás dela, vi um *trolley* aberto em cima da cama, já meio cheio.

– Só a versão das CliffsNotes – respondi. – O Crosby disse-me, mas não estava propriamente falador.

Na verdade, estava demasiado zangado e perturbado para me dar mais do que os pormenores mais básicos: o professor Franklin tinha apanhado Drew naquela tarde a tentar roubar o exame de Trigonometria. Passara o resto do dia no gabinete do diretor Collins e ia ser expulsa.

Drew regressou à pilha de roupa que tinha em cima da cama. Pegou no primeiro cabide e levantou-o.

– Queres isto? – perguntou ela, e virou-se para me mostrar o vestido preto *Chloé* que eu sempre cobiçara. Comprara-o no SoHo quando me fora visitar, há dois verões. – De qualquer maneira, fica-te melhor a ti do que a mim.

Não respondi; ainda não tinha conseguido processar muito bem o que estava a acontecer. A parede do lado dela estava despida: o quadro das recordações, as fotografias, o cordão de luzes, tudo arrumado numa caixa de papelão em cima da secretária dela. O varão do roupeiro estava vazio.

– Merda – comentei. – Merda.

– Pois – anuiu Drew. – É isso.

– Continuo sem perceber o que aconteceu – admiti. Abri uma clareira na cama dela e sentei-me de pernas cruzadas. – Conta-me tudo, desde o início.

– Sabes que o Crosby é assistente da professora Benson, não sabes? – começou Drew. A Sra. Benson era a professora de Geometria dos caloiros. Respondi que sim com um aceno de cabeça. – O Crosby tem uma espécie de *pin* para entrar na sala de convívio dos professores, no edifício de matemática, e deu-me o código. Uma vez que o exame de Trigonometria é amanhã, supus que o professor Franklin usaria a fotocopidora da sala de convívio esta tarde para fazer as cópias dos testes. Escondi-me na sala de convívio e fiquei à espera que ele aparecesse. Vi-o pôr o exame na fotocopidora e, enquanto ele fazia as cópias, era suposto eu mandar uma SMS ao Crosby para ele acionar o alarme de incêndio e assim tirar o professor Franklin do edifício. No entanto, não tive de fazê-lo, porque o professor decidiu ir à casa de banho enquanto a fotocopidora fazia o seu trabalho. Ou assim pensei eu. Deve ter ido à máquina do café, porque só se ausentou um minuto, se tanto. Digamos que me apanhou em flagrante quando eu já vinha a sair.

– Tem de haver alguma coisa que possamos fazer – afirmei, ao mesmo tempo que dava voltas e voltas à cabeça. Tinha de existir uma maneira de Drew sair daquela situação. – Convenhamos, tu nem sequer tens Trigonometria, logo, não pode ser considerado batota, porque tu nem ias fazer o teste!

Olhei para Drew e ela encolheu os ombros. Continuou a dobrar roupa e a emalá-la, como se estivesse tudo bem. Estiquei o braço e agarrei-a pelo pulso.

– Para! – pedi-lhe. – Para de fazer as malas como se te fosses embora, como se não houvesse nada a fazer. Talvez os membros do A possam ajudar.

– Já falei com o Crosby – disse Drew. – Ele diz que conhece uma pessoa no Conselho de Admissões de Wellesley que talvez consiga que fechem os olhos ao sucedido no próximo ano, quando eu me candidatar.

– Não, eu queria dizer que tem de haver uma maneira de te manter aqui em Knollwood – elucidei. – Talvez haja uma penalização menos grave ou uma espécie de vazio legal nas regras.

– Não há – asseverou Drew.

Tirei o telefone do bolso.

– Deixa-me ao menos telefonar ao Dalton. Talvez ele possa ajudar.
– Não telefones – pediu Drew, e tentou agarrar-me o telefone.
Segurei-o longe do alcance dela.
– Não entendo porque estás a aceitar isto tão pacificamente – contestei. – Parece que nem te importas.

Drew ficou calada por um momento.

– Não fui totalmente sincera contigo – confessou ela, por fim. Pousou a peça de roupa que estava a dobrar. Percebi que estava a tentar engolir o caroço que tinha na garganta. – A minha mãe perdeu o emprego há uns meses – disse Drew. – A firma dela abriu um processo de falência.

As palavras de Drew foram um autêntico murro no estômago. A minha melhor amiga passara o semestre todo a lidar com uma enorme crise familiar e eu, demasiado concentrada no A e no meu próprio drama familiar, nem me dera conta.

– Drew, lamento muito – disse, envergonhada. – Não fazia ideia.

– Ainda considerámos se haveria de voltar este ano – revelou Drew –, mas os meus pais acharam que correria tudo bem. Julgo que a minha mãe estava otimista em que conseguiria outro emprego rapidamente, mas isso não aconteceu.

O pai de Drew era professor de História numa pequena escola no Connecticut. Não ganhava o suficiente para arcar sozinho com a propina de uma escola como Knollwood.

– Já tiveram de vender a casa – continuou Drew. – E o corte seguinte seria a propina. Descobri há uns dias que ia ter de sair a meio do semestre.

– Foi por isso que não me deste muita saída quando te pedi que escolheesses as disciplinas para o semestre de primavera? – perguntei.

– Desculpa – pediu Drew. – É que... Não sabia bem como dizer-te o que se estava a passar.

– Não podes candidatar-te a uma bolsa? – sugeri.

– As bolsas são atribuídas no início do ano letivo – disse Drew. – Só para o ano é que poderia candidatar-me e, seja como for, já não iria ser a mesma coisa.

Ocorreu-me então. Drew tinha sido apanhada de propósito para assim poder salvar a face. Preferia sair da escola de uma forma estrondosa (toda a gente acreditaria que fora apanhada a roubar um exame para o A) do que por falta de condições financeiras (passando assim pela vergonha de toda a

gente saber que a sua família estava na ruína). Preferira a infâmia à ignomínia.

– Mais alguém sabe? – inquiri. Interrogava-me se ela teria ao menos confidenciado a sua situação a Stevie.

Drew abanou a cabeça.

– Só tu.

Estiquei o braço e apalpei a alça suave do vestido *Chloé*. Recordava-me do dia em que ela o comprara como se tivesse sido ontem. De vestidos de verão e sandálias, Drew e eu tínhamos passado a tarde a entrar e a sair de *boutiques*. Drew simulara um sotaque francês e, num inglês macarrónico, namoriscara um lojista de trinta anos. Consequira o número de telefone dele, só para provar que era capaz de fazê-lo. Mais tarde, num minúsculo restaurante de *noodles*, ligámos-lhe. Drew confessou-lhe, usando o francês elementar que aprendêramos na aula de Madame Le Fèvre, qual era a sua comida preferida (*Je mange les noodles. J'adore les noodles*). Do outro lado da mesa, eu tapava a boca para abafar as risadas. Tentara voltar àquele restaurante no verão passado, mas já não fora capaz de o encontrar.

– Fica tu com o vestido – disse. – Tens pernas para ele, ao contrário de mim.

– Sim, tens razão, és quase oficialmente uma anãzinha – troçou Drew.

Ri-me e dei-lhe um empurrão.

– Não sei como te atreves a deixar-me – queixei-me, e fiz um esforço para não chorar.

– Tenho tanta pena de ti – brincou Drew. – Vais passar a ser uma tipa importante. A única pré-finalista a viver sozinha. Podes juntar as duas camas e ficar com uma cama de casal.

– Uma mega-cama – comentei.

Drew riu-se.

– E com um roupeiro igualmente mega, se quiseres – realçou ela. Abanou a cabeça. – As coisas que eu faço por ti.

✱

No dia seguinte, ao almoço, o clima à mesa era invulgarmente melancólico. Durante a noite, a notícia de que Drew fora apanhada a roubar o exame de Trigonometria do professor Franklin espalhara-se. Os seus pais tinham já

chegado ao *campus* e Drew fora chamada ao gabinete do diretor Collins há meia hora.

– Raios partam, afinal de contas, quem é que morreu? – perguntou Zachery. Pousou o tabuleiro e olhou para cada um de nós à vez.

– És mesmo um idiota – respondi.

– Lamento, estava apenas a tentar desanuviar o ambiente – explicou ele, sentando-se.

– Não há como fazê-lo – disse Stevie. – Isto é uma grande chatice.

– E que pretendes fazer em relação a isso? – indagou Crosby.

Crosby era habitualmente a alma da festa, mas aquelas eram as primeiras palavras que pronunciava naquele dia.

– Como assim? – inquiriu Stevie.

– Refiro-me à audiência disciplinar desta tarde. Que vais dizer?

Stevie ficou vermelha como um tomate. Fixou os olhos no prato e empurrou as ervilhas com os dentes do garfo.

– As regras em relação a isto são muito claras – declarou Stevie. – Neste ponto, a audiência disciplinar é apenas uma formalidade.

– Então, basicamente, pretendes chegar lá e dizer ao diretor que expulse a tua melhor amiga.

– Pretendo seguir as regras – afirmou Stevie –, que são sempre as mesmas para toda a gente. Ou deviam ser, pelo menos.

– Talvez se não fosses tão mesureira tivesses mais amigos – ripostou Crosby.

– Ei, tem lá calma – interveio Yael. – Nada disto é culpa da Stevie, pois não?

Stevie parecia estar a engolir as lágrimas.

– Vou buscar água – disse ela, tão baixinho que mal a ouvi.

Levantei-me e segui-a até ao dispensador de água.

– Estás bem, Stevie? – perguntei-lhe.

– Não sei por que carga de água ele acha que estou em posição de fazer alguma coisa em relação a isto – argumentou Stevie, arrancando um copo da pilha com tanta força que fez tudo tremer.

– Ele está só aborrecido – expliquei. – Estamos todos. Mas lamento que o Crosby esteja a descarregar a sua frustração em ti.

Stevie colocou o copo vazio sob o dispensador de bebidas e carregou no botão da água.

– Se ele está à procura de alguém que carregue a culpa, não é para mim que tem de apontar – referiu Stevie.

– Que queres dizer com isso? – indaguei.

Stevie virou-se lentamente para mim e, pela primeira vez, vi o quanto ela estava zangada.

– É óbvio que a Drew não foi roubar o exame para si mesma. Era para alguém – realçou ela.

– Não estás a achar que... – parei e engoli. – Estás mesmo a querer dizer que achas que fui *eu* que pedi à Drew que roubasse aquele exame?

Stevie encolheu os ombros.

– Só sei que ultimamente te tenho ouvido falar muito da Universidade da Pensilvânia e que tens andado um bocado distraída com o teu novo namorado...

– O Dalton *não* é meu namorado – asseverei.

– Como queiras – respondeu Stevie. – É que... Não me ocorre uma única razão para que a Drew tivesse ido fazer aquilo, a não ser por um motivo que ela achasse muito válido, como salvar-te a ti.

– Stevie, eu jamais lhe pediria para fazer uma coisa assim por mim – afirmei.

– Ou isso – continuou Stevie, mas baixou o tom de voz – ou fê-lo porque outra pessoa lho pediu.

– Outra pessoa?

Stevie cruzou os braços à frente do peito.

– Diz-me lá, a Drew... anda metida no A? E tu?

– Não – disse. – É claro que não.

Stevie estava de novo à beira das lágrimas.

– É isso que o diretor Collins vai achar – fez notar Stevie. – E eu, sinceramente, não sei o que é pior... Se tu seres egoísta o suficiente para pedires à Drew que fizesse uma coisa tão disparatada ou o facto de vocês fazerem parte desse clube detestável e ridículo.

– Stevie...

– São horríveis – afirmou Stevie. – Os membros do A. Não passam de um bando de miúdos ricos, egocêntricos com a mania que têm direito a tudo e que agem como se fossem deuses. Um punhado de gente sem ética.

– Não creio que seja bem assim – aleguei.

– É *precisamente* assim – reiterou Stevie. – Não entendo por que razão

não consegues ver isso.

Uma parte de mim desejava poder dizer a Stevie: que Drew ia sair da escola de qualquer maneira. Mas depois, lembrei-me da maneira como Drew me ajudara com River, quando éramos caloiras; naquela altura, nem sequer nos conhecíamos, e ela encobrira o meu segredo. Aquele segredo não era meu e não me competia a mim partilhá-lo.

Stevie deu um passo para longe de mim e depois virou-se.

– Sabes, para alguém tão inteligente, estás a comportar-te como uma verdadeira idiota.

Abri a boca para responder, mas nesse momento o meu telefone vibrou. Olhei para o ecrã e franzi a testa. Era o número do escritório do meu pai. Que se passaria? Não tinha tempo nem pachorra para lidar com aquilo, mas também não tinha escolha.

– Rosie? – perguntei, quando atendi.

Foi a voz do meu pai que me respondeu.

– Charlotte.

– Pai? – disse, bastante surpreendida. O meu pai nunca me telefonava. – Está tudo bem? – Tapei o outro ouvido com o dedo para o ouvir melhor por cima do barulho do refeitório.

– Não, não está – respondeu ele. – Achei que era imperativo telefonar-te para falarmos das companhias com que te dás.

– Ah sim? – inquiri, perplexa. Que sabia ele acerca das companhias com quem eu me dava? Teria descoberto o que se passava com Drew? Que estava prestes a ser expulsa por tentar roubar um teste? Lembrei-me então do jantar com Dalton e os nossos pais. – Estás a falar do Dalton?

Que raio se estaria a passar? Virei-me para as portas de vidro na extremidade do refeitório em busca de um sítio calmo para falar.

– Sim, o rapaz que levaste ao jantar – confirmou o meu pai. – Não sei ao certo qual é a natureza do vosso relacionamento, mas, seja ela qual for, tem de parar.

Empurrei uma das portas e saí para a rua. Estava frio e não havia quase ninguém no pátio.

– Não sei se estou a compreender – respondi.

O meu pai estava mesmo a ligar-me para exigir que eu cortasse relações com um rapaz que ele conhecera num jantar?

– Ele não é a pessoa certa para ti, Charlotte – argumentou o meu pai. – A

família dele... Não são o tipo certo de pessoas. E habitualmente quem sai aos seus não degenera. Não quero que te dê mais com ele.

– A família dele? – perguntei, cada vez mais baralhada. Nunca tinha ouvido dizer nada de mal acerca dos Daltons, e Margot parecera-me muito simpática. – Mas eu fiquei com a ideia de que tu e a mãe dele tinham sido amigos.

– Nesse caso, ficaste com a ideia errada – declarou o meu pai. – Não te quero perto da Margot. Se ela tentar contactar-te, debes dizer-me imediatamente e eu trato do problema.

– *Okay* – repliquei, como quem dizia «*okay*, essa é nova!». Mas julgo que o meu pai encarou o meu *okay* como uma concordância, como se eu tivesse acatado a sua ordem.

– Muito bem – respondeu ele, e soava ligeiramente apaziguado e um pouco cansado. – Isto é para o teu próprio bem, Charlotte. Confia em mim.

– *Okay* – repeti.

O problema era que não confiava nele. Nem um pouco.

*

A reunião disciplinar foi tão horrível quanto eu antecipara. Sentada no meio dos restantes membros do A, vimos o diretor Collins oferecer a Drew a oportunidade de se salvar, denunciando-nos a nós, mas ela recusou fazê-lo. O diretor deu-lhe até ao final do dia para arrumar as coisas e abandonar a escola.

Nessa noite, depois da encarregada da residência ter ido confirmar que toda a gente estava nos seus quartos, deitei-me no colchão despido de Drew e contemplei o teto, sozinha e às escuras. O silêncio era avassalador, sem o som da respiração dela, sem as chiadelas da cama sempre que ela se virava.

Não importava que Drew tivesse de ir embora, que se tivesse deixado apanhar. Nada disso apagava o que eu sentia: que acabara de perder a minha melhor amiga.

Estendi a mão para o telefone e enviei uma mensagem de texto a Greyson.

Preciso que venhas cá e me escondas todas as lâminas, escrevi.

Mas ele não respondeu com nenhuma observação sarcástica ou satírica para me fazer sentir melhor.

GREYSON: Que se passa?

Comecei a escrever uma resposta e depois apaguei-a. Comecei de novo e tornei a apagá-la. Por fim, escrevi a verdade.

Tudo, disse.

Trinta

GRACE CALLOWAY

JUNHO DE 2007

Consultei novamente o relógio. Ela estava atrasada. Tamborilei a mesa e olhei de novo para o menu.

Escolhera aquele lugar, porque Alistair mencionara que costumava levar alguns clientes ali, e pareceu-me o tipo de lugar onde ela se sentiria à vontade. A carta dos vinhos estendia-se por duas páginas e a garrafa mais barata custava duzentos dólares. O que não antecipara era o serviço tão atencioso. Demasiado solícito, na minha opinião. De cada vez que dava um gole no copo de água, alguém vinha encher-me o copo, e os empregados de mesa estavam sempre por perto. Qualquer olhar accidental ou gesto inadvertido na direção de um deles e eis que vinham sem demora, inquirindo se era preciso alguma coisa.

Escolhera uma mesa num dos cantos do restaurante para termos alguma privacidade. Não queria que ninguém nos ouvisse.

Trinta minutos depois da hora marcada, levantei a cabeça e vi-a, elegantemente vestida com uma gabardina e saltos altos e uma mala *Birkin* na dobra do braço. Trazia o telemóvel na mão, mas não vinha a falar. O cabelo louro-pálido chegava-lhe aos ombros e o corte era perfeito. Era o tipo de pessoa cuja compostura e confiança quase ocultavam o facto de não ser bonita.

Levantei-me para a cumprimentar, mas ela descartou o meu gesto e fez sinal para que me sentasse.

– Muito obrigada por teres vindo, Margot – agradecei.

– A cirurgia alongou-se mais do que previa – explicou ela, em jeito de cumprimento, antes de dedicar a sua atenção ao empregado, que aparecera

de súbito ao lado dela. Ergueu o dedo indicador, pedindo-lhe que aguardasse e examinou rapidamente a lista dos vinhos.

– Um copo de Merlot da casa – pediu ela. – Grace?

– Oh, eu fico-me pela água, obrigada – respondi.

– São dois copos do vosso Merlot, por favor – disse Margot ao empregado, e entregou-lhe a lista. – Não me obrigues a beber sozinha – pediu ela, num tom que não foi hostil. Despiu o casaco e pousou-o ao lado dela, no banco corrido. – Além do mais, o vinho tinto tem antioxidantes. Faz bem ao coração.

– Está bem – respondi, e sorri para o empregado ao mesmo tempo que lhe estendia também a lista dos vinhos. – Obrigada.

O mais certo era que ele achasse que éramos duas velhas amigas, duas mulheres que se encontravam frequentemente para almoçar e que se conheciam tão bem que nem precisavam de se cumprimentar. Duas amigas que se preocupavam com a ingestão de antioxidantes e com a saúde cardiovascular uma da outra.

Quando o empregado nos virou as costas, olhei para Margot, que examinava o menu. Ficara surpreendida quando, ao ligar-lhe na semana anterior, ela concordara em encontrar-se comigo: provavelmente tanto quanto ela ficara com o meu convite. Uma parte de mim interrogara-se se ela iria aparecer sequer, mas o mais certo era que o telefonema a tivesse deixado demasiado intrigada para não dar as caras.

– Como está o Oliver? – indaguei. Até certo ponto, frequentávamos os mesmos círculos. Víamos ocasionalmente Margot e o seu marido, Oliver, um banqueiro rico, em eventos sociais. Sabia que eles tinham um rapazinho da idade de Charlotte. – E o teu filho?

Margot levantou os olhos do cardápio.

– Não tenho tempo para conversa mole – disse ela. – Porque não me contas o verdadeiro motivo por que me fizeste vir até aqui?

– Está bem – aceitei. Ensaicara aquela conversa uma centena de vezes na minha cabeça e continuava sem saber quais seriam as palavras mais acertadas para a encetar, portanto, limitei-me a tirar as fotografias da mala e a pousá-las em cima da mesa.

Margot olhou para elas. Franziu o sobrolho. Esticou o braço, pegou nelas e observou-as, uma a uma.

– Onde é que arranjaste isto? – perguntou ela.

– Estavam numa máquina antiga que encontrei num armário da casa do lago – expliquei. – Só as descobri quando mandei revelar o rolo.

O empregado de mesa veio trazer as bebidas e Margot pousou as fotografias na mesa com o verso para cima.

– Já decidiram o que vão pedir? – indagou o empregado.

– Dê-nos só mais dois minutos, por favor – pediu Margot.

Depois de ele se ter ido embora, Margot levou o copo do vinho aos lábios e bebeu um gole.

– Que queres? – perguntou-me.

– Algumas dessas fotografias foram tiradas na noite em que o Jake morreu – referi eu. – A marca temporal a vermelho nessa última fotografia indica que foi tirada por volta da hora a que o Jake terá morrido, segundo o relatório da autópsia. E tu estavas lá. Quero saber o que aconteceu naquela noite. O que aconteceu *de verdade*.

– Porque não perguntas ao Alistair? – quis saber Margot. – Também lá estava.

– Não confio na resposta dele – disse. – Ao longo de todos estes anos, oportunidades não lhe faltaram, mas preferiu ocultar-me o sucedido. Sei, por isso, que se o questionar agora, ele se vai limitar a distorcer a verdade. E é só isso que eu quero: a verdade. Preciso de saber a verdade.

– Porque é assim tão importante o que aconteceu de verdade naquela noite? – perguntou Margot. – Não vai mudar nada. O Jake está morto. Não voltará por causa disso.

– É importante para mim – respondi.

Margot suspirou e fez um ar ligeiramente entediado. Sabia que ela se estava pouco marimbando para o que era importante para mim. Não tinha sido o argumento mais inteligente para usar. Ela inclinou a cabeça e fez deslizar o dedo do meio pelo rebordo do copo enquanto cogitava.

– Foi um acidente – declarou Margot, olhando-me nos olhos.

– Queres dizer que ele... Que ele não se suicidou?

– Isso mesmo – confirmou ela.

Fechou o cardápio e fez sinal ao empregado. Eu fiquei em silêncio. Conseguia ouvir o coração martelar-me no peito. Sempre me culpara por não fazer ideia do sofrimento por que Jake estaria a passar e que o levara àquele ato de desespero. Carregara essa culpa durante quase dezassete anos: metade da minha vida. E, afinal de contas, tudo não passara de uma mentira.

– A salada do chefe tem ovos de codorniz? – perguntou Margot ao empregado.

A voz dela soou-me distante, abafada, de certo modo. O empregado respondeu, mas eu nem o ouvi.

– Perfeito – disse Margot, e deixou que o empregado lhe tirasse o menu das mãos. – O molho ao lado, por favor. – Margot olhou para mim expectantemente. – Grace?

– Hã? – respondi.

– Não me digas que me vais obrigar a comer sozinha? Pede qualquer coisa – comandou ela.

Não tinha fome. Não me imaginava a conseguir engolir o que quer que fosse, porém, para lhe agradar, olhei para o menu e pedi a primeira coisa que vi.

– Minestrone – disse, incapaz até de formar uma frase com princípio, meio e fim.

– Com certeza – respondeu o empregado com um aceno de cabeça ao dar meia volta.

Inclinei-me então para a frente e perguntei a Margot:

– Como assim, foi um acidente?

Margot deu mais um gole no vinho. Tinha um ar tão composto, tão calmo, tão sereno, como se estivéssemos a falar de um par de sapatos e não da morte de Jake.

– Fazíamos parte de um clube, lá na escola – começou ela. – Um clube secreto, exclusivo. – Encolheu os ombros. – O Jake e eu éramos membros recentes e tínhamos passado por uma espécie de ritual para podermos ser admitidos. Não gosto muito de pensar nisso, para te ser franca, nas coisas que fazíamos. Não eram coisas agradáveis ou divertidas. Seja como for, uma noite, estávamos a comemorar num lugar fora da escola chamado o Rebordo. Tínhamos umas bebidas alcoólicas e alguém levava uns comprimidos. O Jake fez uma reação à mistura e teve uma paragem respiratória.

– Parou de respirar? – perguntei.

– Como é natural, entrámos todos em pânico – prosseguiu Margot. – Não passávamos de uns miúdos, na verdade, e estávamos todos bêbados ou drogados, portanto, ninguém tinha cabeça para pensar racionalmente. Sabíamos que não o podíamos levar para o hospital, ou arriscaríamos a

meter-nos em sarilhos também. Seríamos expulsos ou suspensos, na melhor das hipóteses. Não podíamos arriscar o nosso futuro; e para quê, na verdade, se ele já estava morto?

Olhava fixamente para ela, mas nem a via. Era capaz de imaginar a cena: uma noite fria, escura e sem estrelas. Recordava-me do frio que fizera naquela noite, porque mal dormira, entusiasmada e ansiosa por ver Jake. E enquanto eu me virava e revirava na cama, na casa dos meus pais em Hillsborough, a trezentos quilómetros a norte dali, num qualquer lugar apelidado de Rebordo, Jake dava o seu último suspiro, morrendo sozinho e com medo, rodeado pelos seus pretensos amigos, demasiado egoístas e estúpidos para o ajudarem.

– Ainda bem que o Alistair também lá estava – disse Margot. – Sem ele, não sei o que teríamos feito. Mas o Alistair tem sempre um plano na manga. Assume sempre o controlo. Foi brilhante, na verdade.

– O Alistair?

– Sim. A ideia foi dele, de fazer com que parecesse um suicídio – revelou Margot. – Ele e outro dos rapazes mais velhos lançaram o Jake para a ravina. O Alistair depois forjou um bilhete, e melhor não podia ter sido, porque as autoridades da escola revistaram o quarto dele e encontraram o exame que ele tinha roubado e que constituía a sua última tarefa para entrar no clube, o tal ritual de iniciação. A história escreveu-se basicamente por si mesma: um aluno bolseiro que tem a fama de ser um aluno brilhante revela-se uma pessoa insegura e desesperada. Sente que não está à altura, faz batota para se manter à tona e depois alguém lhe descobre a careca e ameaça denunciá-lo. Ele não suporta a vergonha que aquilo acarretará e, por isso, suicida-se. Toda a gente adora um drama e uma tragédia. Toda a gente caiu que nem um patinho. Ninguém questionou nada.

Lembrava-me de ter ouvido falar do exame roubado e questionara-me acerca disso. Jake tinha sido sempre um aluno brilhante. Inteligente e seguro de si mesmo. Tão diferente da imagem que aquele bilhete de suicídio tentara invocar. Eu tinha percebido que alguma coisa não estava bem, que algo de errado se passava. Mas depois, a minha mãe aconselhara-me a parar de fazer perguntas, a parar de escarafunchar na ferida, para que esta pudesse começar a sarar.

– Só mais tarde, quando o relatório da autópsia foi divulgado, é que descobrimos que o Jake não morreu de *overdose* – contou Margot. –

Afogou-se. Segundo a autópsia, ainda respirava quando foi empurrado do Rebordo.

Tinham matado Jake e depois transformado a sua pessoa numa coisa que ele não era.

– Mas se o Jake tinha essas substâncias no sangue quando morreu, elas não teriam sido detetadas durante a autópsia? – indaguei.

– E foram – confirmou Margot. – A análise toxicológica forense detetou vestígios de álcool, acetaminofeno e oxicodona no corpo do Jake. Estão listados no relatório da autópsia. Mas isso não é invulgar em casos de suicídio. Tenho a certeza de que a família do Jake tomou conhecimento dos resultados, mas entendo que não tenha querido partilhar esse pormenor em particular com muita gente.

Expirei sem me dar conta de que estava a suster a respiração.

– Porque é que me contaste isso tudo? – perguntei a Margot.

Ela encolheu os ombros.

– Porque sabia que a verdade te iria magoar – confessou ela. – E porque vou adorar ver-te arrasar o teu casamento por causa disto.

– O meu casamento?

Margot deu mais um gole no vinho e fez um sorriso cruel.

– Imagina lá. De cada vez que olhares para o teu marido, todos os dias, para o resto da vida, sempre que o beijares ou lhe servires um copo de vinho, que te rires de uma das suas piadas ou fizeres amor com ele, saberás que é a pessoa responsável pela morte do Jake. Se não fosse o Alistair, o Jake ainda cá estaria. Na verdade, se não fosse o Alistair, quem sabe? Tu e o Jake, se calhar, estariam casados hoje em dia, e a viver nos subúrbios, rodeados de fedelhos. Até tem uma certa piada, se pensarmos nisso, o facto de teres acabado com o tipo que tirou a vida ao Jake.

– Hão de pagar pelo que fizeram – afirmei. – Todos vocês... vão pagar...

Tinha de haver consequências e eu assegurar-me-ia disso.

– Que fizemos *nós*? – estranhou Margot. – Não queres dizer, que fez o *Alistair*?

– Não era só ele que lá estava – realcei. – Qualquer um de vocês podia ter feito alguma coisa. Podiam tê-lo travado. São tão culpados quanto ele.

Margot olhou para mim quase como se sentisse pena da minha pessoa. Limpou os cantos da boca com o guardanapo e um gesto cuidadoso, para não esborratar o batom.

– Oh, querida, não sejas tão ignorante – ripostou ela. – Que provas é que tens para montar sequer um caso? – Apontou para as fotografias pousadas em cima da mesa. – Uns instantâneos sem valor que nos colocam no mesmo local onde Jake morreu na noite em que se matou? Isto não *prova* nada. Sem uma confissão, que nenhum de nós fará, não tens por onde pegar. Não somos uns miúdos de dezassete anos, receosos de sermos expulsos de um colégio por estarmos fora da escola depois do recolher obrigatório, a beber e a tomar drogas. Quer gostes quer não, tudo isto terminou há muitos anos.

Recolhi as fotografias e guardei-as na mala. Ela estava errada. Tinha de estar errada. Não podiam matar Jake, reescrever a história e escapar-se impunes como se nada fosse. Era de homicídio que se tratava, afinal de contas. Homicídio.

Pus a alça da mala ao ombro e levantei-me com uma atitude decidida.

– Logo veremos – disse, e saí dali o mais depressa que as minhas pernas me carregaram, quase esbarrando no empregado que nos trazia as entradas.

Trinta e um

CHARLIE CALLOWAY

2017

Tinham-se passado três dias desde que Drew fora expulsa. Já não aguentava estar no quarto a olhar para o seu colchão despido, para o roupeiro vazio e para o cabide desocupado onde ela costumava pendurar a toalha de banho. Também evitava o refeitório, onde teria de enfrentar Stevie e o seu olhar crítico, ou Dalton e Crosby com um ar quase tão macambúzio quanto eu me sentia. Assim, ia às aulas e depois enfiava-me na biblioteca até serem horas de fecho e comia cereais e o que quer que houvesse no minibar do quarto e evitava tudo o resto.

Tinha acabado de regressar da biblioteca nesse final de dia e de destrancar a porta do quarto. Quando acendi a luz, dei um pulo.

É que o colchão de Drew já não estava vazio. Havia alguém estendido nele.

– Mas que raio!? – exclamei, e levei a mão ao peito. Tinha o coração a mil à hora.

Greyson pôs a mão em forma de pala à frente dos olhos, para se proteger da luz, e pestanejou.

– Olá para ti também – disse ele.

Entrei e fechei imediatamente a porta.

– Bolas, pregaste-me cá um susto! – reclamei, lançando a mochila para cima da cama. – Que estás aqui a fazer?

– Vim ver de ti – respondeu Greyson. Sentou-se na cama. – Fiquei preocupado depois daquela mensagem que me enviaste e também não tens atendido ou devolvido as minhas chamadas.

– Não, o que eu queria dizer era: que estás a fazer aqui, no meu quarto? – perguntei. – Tipo, como é que entraste?

– Andava pelo pátio a perguntar por ti e cruzei-me com uma rapariga... Hayley? Harmony?

– Harper? – perguntei.

– Sim, isso mesmo. Disse-lhe que era teu amigo e que queria fazer-te uma surpresa, por isso, ela trouxe-me às escondidas até aqui e disse-me qual era o teu quarto.

Hum. Estranhei semelhante simpatia por parte de Harper. Não pude deixar de pensar que ela teria um plano malévolo qualquer, embora não me ocorresse qual podia ser. Talvez estivesse apenas a ser paranoica.

– Depois, bastou-me arrombar a fechadura – revelou Greyson, e ao ver a minha cara de espanto acrescentou: – Até parece que é difícil, não?

– *Okay*, MacGyver – respondi.

– Se achares melhor que me vá embora, eu vou – ofereceu-se Greyson.

– Eu não disse isso – repliquei. Porque era agradável tê-lo ali e, na verdade, não queria que ele se fosse embora. – Desculpa não ter devolvido os teus telefonemas. Tenho andando... Um bocado melancólica. Não me tem apetecido falar com ninguém.

– Eu compreendo – disse Greyson.

– Tens fome? – indaguei.

– Sou um rapaz – fez notar Greyson. – Temos sempre fome.

Dirigi-me ao minibar e tirei *bagels*, um frasco de molho para piza e uma embalagem de mozzarella.

– Esta noite, banquetemo-nos – disse.

*

Greyson e eu estávamos sentados no chão do quarto, rodeados pelos despojos do nosso jantar improvisado: pratos sujos de molho de piza, um saco de *pretzels* meio vazio, quatro latas de refrigerante e uma embalagem vazia de gelado de chocolate.

– Como é que estão a Claire e os rapazes? – perguntei. Encostei-me à cama. Estava tão cheia que só me apetecia desapertar o botão das calças.

– Estão... Bem – respondeu Greyson.

– Porque hesitaste? – quis saber.

– Eu não hesitei – afirmou ele.

– Claro que hesitaste, Greyson. Vá lá, podes abrir-te comigo. Acabei de te obrigar a ouvir tudo o que vai mal na minha vida. O mínimo que podes fazer é retribuir o favor.

Greyson suspirou.

– É que... pronto, está bem. Nunca falei disto com mais ninguém – contou ele. – A minha mãe tem estado doente.

– Mas quê, com gripe? – inquiri.

– Não. Doente a sério. Cancro. Foi diagnosticado aqui há uns anos. E já está em remissão, mas tem sido muito duro para ela e para os meus irmãos.

– Foi por isso que voltaste para casa? – indaguei. – Para ajudar?

– Sim – admitiu ele.

– Agora fiquei a sentir-me uma besta – confessei. Arrependi-me de imediato dos comentários que fizera acerca de Greyson ser um menino da mamã e de viver às custas de Claire.

Greyson riu-se.

– Deixa-te disso.

Fez então sentido o estranho comentário que Claire fizera quando estávamos na cozinha dela, de que fazia bem a Greyson sair de casa e divertir-se.

Ouviram-se três pancadas na minha porta.

– Merda! – exclamei. – Deve ser a Sra. Stanfeld. Está quase na hora do recolher obrigatório. – Levantei-me, peguei no saco desportivo de Greyson e entreguei-lho.

– Esconde-te no roupeiro da Drew... Depressa – pedi.

Ele correu para lá e eu abri a porta.

Só que não era a Sra. Stanfeld. Era Dalton.

– Olá, Charlie – cumprimentou ele.

– Ah, olá – respondi. – Que fazes aqui?

– Vim só ver se estava tudo bem contigo – explicou Dalton, mas havia qualquer coisa nele que me causou estranheza: a maneira como enterrou as mãos nas algibeiras, como endireitou os ombros. Parecia tenso. – Não foste jantar.

– Pois não – repliquei. – Não me tem apetecido estar rodeada de muita gente.

Enquanto eu falava, Dalton desviou o olhar do meu rosto e observou os pratos e a comida espalhada pelo chão. Percebi então que viu outra coisa.

Rodei a cabeça e vi Greyson no meio do quarto.

– Então, sempre é verdade – concluiu Dalton. O seu tom era frio e duro, e olhou Greyson de cima a baixo.

– O quê? – perguntei.

– A Harper mencionou que se cruzara com um tipo que andava à tua procura e que queria saber onde era o teu quarto.

Ah, pois claro.

– Este é o meu amigo Greyson – afirmei, dando um passo atrás e abrindo mais a porta. – De Hillsborough. É um velho amigo da família.

Sim, era muito boa ideia, dar-lhe uma mocada na cabeça com a palavra «amigo».

Greyson cumprimentou Dalton com um aceno de cabeça, mas também ele me pareceu diferente; mais alto, mais valentão.

– Olá – disse Greyson.

– Bom, nesse caso, não incomodo mais a vossa festa – disse Dalton. – Ou seja lá o que for que estavam a fazer.

– Dalton – intervim, porque não queria que ele ficasse a pensar o que estava obviamente a pensar. – Não é nada disso. Estávamos apenas...

– Sem problema – interrompeu-me Dalton. – Está tudo bem.

Deu meia volta e começou a descer o corredor, e eu estive prestes a segui-lo para explicar a situação, mas vi a Sra. Stanfeld duas portas mais à frente, a fazer as rondas, por isso, deixei-o seguir.

*

Na tarde seguinte, depois do almoço, fui esperar Dalton ao vestíbulo do refeitório. Queria falar com ele de Greyson e do que se passara na noite anterior. Percebera que ele tinha ficado com a ideia errada acerca da presença dele. Era óbvio que havia achado que Greyson era mais do que um amigo. Tinha de desfazer esse mal-entendido.

– Charlie.

Ouvi alguém a chamar-me e virei-me. Era Stevie, de mochila ao ombro e um braçado de livros na mão.

– Não te tenho visto estes dias – fez ela notar, à cautela. O seu tom era menos gélido do que da última vez que faláramos.

– Pois – respondi. – Tenho andado ocupada. – *Ocupada a evitar toda a gente.*

Stevie encolheu os ombros.

– Ia agora comer qualquer coisa. A Yael já lá está dentro. Junta-te a nós.

Era uma oferenda de paz, que achei simpática. Drew havia sido o grude que mantinha o nosso grupo unido, mas lá porque já não estava ali connosco, não queria dizer que devia deixar morrer o meu relacionamento com Stevie e Yael, pois não?

– Obrigada – respondi. – Já comi, mas fica para outra vez, pode ser?

– Com certeza – disse Stevie. – Ei, se não tiveres nada para fazer esta noite, passa por aqui depois do jantar. A Associação de Estudantes está a preparar a Gala de Beneficência dos Administradores e dava-nos jeito mais um par de mãos.

– A Gala dos Administradores? – indaguei. – Mas isso não é só em dezembro?

Todos os anos, no final do semestre de outono, Knollwood organizava a Gala de Beneficência dos Administradores. Era um jantar de gala em que cada lugar custava quinhentos dólares e que servia para reunir fundos para as bolsas de estudo do ano seguinte. O meu pai comprava sempre bilhetes para mim e para as minhas amigas e, no ano anterior, dera-nos um milhar de dólares para licitarmos coisas no leilão silencioso. Drew e eu tínhamos juntado os nossos fundos e comprado uma máquina de café expresso para o nosso quarto. Stevie conseguira uma lição privada com o primeiro-violino da Filarmónica de Nova Iorque; Yael ficara com um par de brincos *Tiffany*.

– É, mas há muita coisa para fazer até lá – explicou Stevie. – Dava-me muito jeito a tua ajuda.

Nesse momento, a porta do refeitório abriu-se e vi Dalton sair com alguns dos seus amigos.

– *Okay*, talvez – respondi rapidamente a Stevie, embora a organização de eventos escolares não fosse mesmo nada a minha onda. – Tenho de ir andando, mas depois falamos, pode ser?

Não esperei por uma resposta. Desatei a correr atrás de Dalton.

– Dalton, espera um pouco – chamei. Por um momento, fiquei com a sensação de que ele não ia parar, mas depois estacou. Relutantemente, virou-se e percebi pela sua atitude corporal que já estava impaciente e chateado comigo.

– Sim? – indagou ele. O seu olhar era indiferente.

– Podemos falar? – perguntei. – Não te roubo muito tempo.

Reparei que os amigos dele me olhavam fixamente. Marcus Lansbury, Zachery Fitzpatrick e Leo.

– Ui, problemas no paraíso – cantarolou Zachery.

– Vá lá, malta, vamos dar-lhes algum espaço – sugeriu Leo, que puxava pelo braço de Zachery.

– Não é preciso. Tudo bem – disse Dalton. – Podem ficar.

Suspirei. Tínhamos mesmo de fazer aquilo em frente a uma assistência?

– Que se passa, Calloway? – indagou Dalton. A sua voz era fria e impassível.

– Queria explicar... – comecei.

– Explicar o quê?

– O Greyson – disse. Olhei para Leo e para os seus amigos, ali especados, e desviei o olhar. *Faz de conta que não estão ali*, ordenei a mim mesma.

– Quem? – inquiriu Dalton.

Fiz um esforço hercúleo para não arquear as sobrancelhas ou fazer uma careta. Não acreditava que Dalton estivesse mesmo a ter aquela atitude. Ali estava eu, a tentar resolver a situação. Porque estava ele a dificultar-me a tarefa?

– Importas-te só de me ouvir, por favor? – recomecei. – Não era o que parecia... Ontem à noite. O Greyson é meu amigo de infância...

Dalton enfiou as mãos nos bolsos e riu-se.

– Olha, Calloway – disse ele. – Estou-me pouco marimbando para o que tu fazes com os teus amigos.

– *Okay* – respondi, surpreendida. – Ótimo.

Dalton encolheu os ombros.

– Estou farto deste jogo – admitiu ele –, é só isso.

– Como assim? Jogo? Que queres dizer com isso?

– Nada, *okay*? – replicou Dalton, de imediato, como se estivesse arrependido do que dissera. – Não é nada.

Olhei para Leo. Vi o pânico no seu olhar ao mesmo tempo que percebia que se fizera luz na minha cabeça. Dalton estivera a *jogar*. Todo aquele tempo em que eu pensara que ele gostava de mim, ele estivera simplesmente a jogar um jogo ridículo.

– Puseste-me na merda do teu jogo? – perguntei a Leo.

A mim. Leo incluía-me a *mim* na porcaria do seu Jogo das Conquistas. Incluía-me sabendo que eu me tornaria no alvo das aldrabices de um dos

seus amigos.

De súbito, recordei-me daquela noite no meu quarto, em que Leo me pedira para que jamais me envolvesse com Dalton. Na altura, encarara isso como uma preocupação genuína da parte dele para com o meu bem-estar. Compreendi então o quanto estivera enganada. Leo não estava preocupado comigo, mas, antes, com ele mesmo. Sabia que Dalton se estava a aproximar de mim para avançar mais uma casa no tabuleiro do jogo, e Leo não queria que ele saísse vencedor.

– Charlie... – disse Leo.

– Em que posição é que eu estava? – perguntei.

– Eu não...

– Em que posição é que eu estava? – gritei.

Havia pessoas a olhar para nós, mas isso não me ralava nem um pouco.

– Na quarta – revelou Zachery. Tinha um sorriso cruel no rosto, como se estivesse a dizer o remate de uma piada porca. – Eras a quarta base.³

Olhei para Leo. A sua expressão indicava que dentro dele se travava uma espécie de batalha e que ainda não decidira que lado devia ganhar.

Não disse nada. Abri as portas de vidro e fui-me embora dali.

*

Não regressei ao meu quarto. Meti-me no carro e dirigi-me ao Rebordo.

O dia chegava ao fim. Sentei-me na beira do precipício e olhei para as águas escuras do rio, trinta metros mais abaixo. Peguei no telefone e liguei a Drew, mas o telefone tocou e tocou e ela não atendeu. Sabia que os pais provavelmente a tinham castigado e cortado muitos dos seus privilégios, incluindo o telemóvel, mas estava desesperada. Precisava de falar com ela. A chamada foi parar ao atendedor pela terceira vez consecutiva. Desliguei e contemplei o fundo da ravina.

Não tinha sido minha intenção deixá-los aproximar-se, mas, de algum modo, permitira que o fizessem. Dalton e Leo e Drew e Stevie e a avó Fairchild e o tio Hank e a minha mãe, outra vez. Deixara-os aproximar-se de mim. Cometera o erro de abrir o coração, de me preocupar, de confiar neles, e agora, de uma maneira ou de outra, todos me tinham abandonado ou enganado.

Por um momento, fechei os olhos e imaginei o fundo da ravina. Interroguei-me como seria desprender-me de tudo, virar as costas a tudo e

saltar.

3 Nas fases de um relacionamento, a quarta base é a última e corresponde à relação sexual. (*N. da T.*)

Trinta e dois

ALISTAIR CALLOWAY

JULHO DE 2007

Observei o perfil da minha mulher na fotografia. Era ela. Grace. Sentada a uma mesa de um *diner* de beira de estrada, entre Hillsborough e Hartford. Hal's Diner. Nunca tinha ouvido falar dele nem nunca lá estivera. Não era o tipo de lugar onde alguma vez me ocorresse levar Grace e as miúdas. Parecia ser o tipo de restaurante untuoso frequentado por camionistas em busca de uma refeição quente às duas da manhã ou por bêbados que necessitavam de curar as bebedeiras depois de os bares terem fechado. E, pelo visto, era o tipo de lugar onde esposas adúlteras iam ter encontros secretos com os seus amantes.

– Como é que ele se chama? – perguntei.

O homem sentado em frente a Grace não era particularmente bem-parecido. A fotografia havia sido tirada desde a extremidade do parque de estacionamento, com uma teleobjetiva, por isso, pude ver com grande pormenor o homem com quem a minha mulher andava a dormir. Tinha trinta e poucos anos e vestia um fato barato de pronto a vestir cujas mangas eram demasiado compridas. O cabelo começava a rarear-lhe nas têmporas. Se me tivesse cruzado com ele na rua, não teria olhado duas vezes para a sua cara. Era exatamente o tipo de homem com o qual não hesitaria em deixar a minha mulher sozinha. Mas ali estava ele, sentado a uma mesa de um restaurante manhoso, de mãos dadas com a minha mulher.

– Peter Hindsberg – respondeu o Sr. Lynch.

– Peter Hindsberg – repeti, dando voltas e voltas à cabeça para ver se aquele nome despertava alguma recordação. Nada. Jamais ouvira falar dele.

Há já várias semanas que Grace se mostrava fria comigo. Fria. Calada. Indiferente. Uma noite, depois do jantar, enquanto ela lavava umas peças de louça no lava-louça, aproximei-me por trás, rodeei-lhe o tronco com os braços e beijei-a no pescoço. Ela retraiu-se, encolheu-se. Afastou o pescoço, deu um passo ao lado, como se o meu toque a tivesse ofendido.

– Agora não, Alistair. Não estou com vontade – alegou ela.

Já nunca tinha vontade, não se mostrava minimamente carinhosa. Há várias semanas que não fazíamos amor. E passava o tempo todo na casa do lago, com as miúdas, não as trazia à cidade.

Examinei as restantes fotografias que estavam em cima da minha secretária: Grace na casa do lago com Charlotte e Seraphina, Grace com as miúdas em Hillsborough, Grace com as miúdas em casa dos pais dela. E, por fim, Grace, num restaurante sórdido com aquele homem.

– Tem algumas fotografias da... – hesitei, sem saber como perguntar por fotografias da minha mulher na cama com outro homem. – Onde está o resto das fotografias? – perguntei, então.

– Só os apanhei juntos uma vez – disse o Sr. Lynch. – Estiveram nesse *diner* durante uma hora. Saíram separadamente e a sua esposa regressou a casa sozinha. Ele nunca apareceu na casa do lago, pelo menos durante o tempo em que eu a vigiei.

Ao menos, Grace tinha a decência de manter as suas transgressões longe da nossa casa e longe das nossas filhas. Ou assim parecia.

O Sr. Lynch colocou uma folha A4 à minha frente.

– Consultei os registos das chamadas feitas pela sua esposa. Tem aí uma relação dos telefonemas que ela lhe fez.

Peguei na folha e observei as entradas. A primeira chamada era de Grace para o telemóvel privado de Peter Hindsberg, e havia sido feita há cerca de duas semanas. Depois disso, tinham trocado chamadas várias vezes por semana. Alguns dos telefonemas tinham a duração de alguns minutos, outros de uma hora. A maioria das chamadas era feita à noite. Imaginei Grace sentada na nossa cama, à noite, com um copo de vinho na mesa de cabeceira, ao seu lado, com o cabelo molhado do duche e as pernas macias e acabadas de depilar cruzadas por cima dos lençóis. Sussurrava palavras apaixonadas e lascivas ao telefone, tendo o cuidado de não acordar as nossas filhas, a dormir no quarto ao fundo do corredor.

– Depois do encontro no *diner*, as chamadas telefónicas acabaram –

informou o Sr. Lynch.

Peguei novamente nas fotografias e continuei a perscrutá-las. Na imagem seguinte, Grace estava visivelmente perturbada. Chorava.

– Que sabemos acerca dele? – perguntei. – Deste tal Peter Hindsberg?

– É investigador de fraudes para a Hartco Insurance – disse o Sr. Lynch. – Foi o mesmo que investigou o pedido de compensação de trabalhadores que uma das empresas de jardinagem que trabalhou na casa do lago há uns meses entregou à seguradora. Parece que ele foi lá a casa falar com a sua esposa. Só que o relacionamento manteve-se depois de o assunto ter sido resolvido. Investiguei um pouco mais e descobri que a sua mulher e Peter Hindsberg andaram juntos no liceu. Ele era um par de anos mais novo do que ela, mas conheciam-se.

– Nunca ouvi falar dele – realcei. – A Grace nunca o mencionou.

O Sr. Lynch encolheu os ombros.

– Cruzamo-nos com um velho conhecido dos tempos de juventude, metemos conversa e acende-se uma chama. Uma coisa leva à outra. É mais comum do que possa julgar. Mas a boa notícia é que, o que quer que tenha havido entre eles, parece ter terminado. Desde o encontro naquele *diner* não encontrei mais sinais de contacto entre Peter e a sua mulher. Afinal de contas, Peter Hindsberg também é casado. A esposa dele acabou de dar à luz o primeiro filho do casal. Imagino que a consciência tenha acabado por roer o senhor Hindsberg.

– Tem a certeza de que acabou? – inquiri.

– É o que parece – respondeu o Sr. Lynch. – Mas posso manter o assunto debaixo de olho, se quiser, senhor Calloway.

– Não é preciso – disse. – Eu agora trato do assunto. Obrigado, Sean.

Estiquei o braço para o intercomunicador e pressionei o botão para chamar Rosie. Ela apareceu na soleira da porta poucos segundos depois.

– Chamou, senhor Calloway? – indagou ela.

– Acompanhe o Sean à porta, sim?

– Com certeza, senhor Calloway – disse Rosie.

Levantei-me para apertar a mão a Sean. Depois de o Sr. Lynch e Rosie terem saído, voltei a sentar-me à secretária. Olhei para as fotografias e esfreguei o queixo.

Grace. O que haveria de fazer em relação a Grace? Queria magoá-la da mesma maneira que ela me magoara a mim. E queria que ela descobrisse

que eu sabia do seu caso amoroso da mesma maneira que eu havia descoberto. Seria uma declaração fria e impessoal.

Arranquei uma folha de papel pautado e amarelo de um bloco que tinha na secretária. Em letras maiúsculas de imprensa escrevi: EU SEI. Dobrei a folha e meti-a num envelope. Peguei então no molho de fotografias. Pensei incluir apenas a do *diner*, a imagem de Grace e Peter Hindsberg de mãos dadas. Reparei então noutra fotografia que tinha na secretária e que retratava a minha filha mais velha, Charlotte, a brincar no quintal da casa dos meus sogros. Não fora apenas a mim que Grace traíra. Tinha sido à nossa família toda. Virei a fotografia de Charlotte e no verso escrevi: PARA COM ISSO. Coloquei as fotos dentro do envelope e fechei-o. Imaginei-a a receber o envelope, sem remetente, pelo correio, dali a uns dias. A abri-lo. O que sentiria ao ver as fotografias e o bilhete, dando-se conta de que eu sabia, de que eu sabia de tudo.

Trinta e três

CHARLIE CALLOWAY

2017

Durante toda a aula, senti o olhar fixo de Dalton em mim, mas ignorei-o com determinação, olhando para todo o lado, menos na direção dele.

Não falava com Dalton desde o incidente à porta do refeitório, há três dias, mas ele tentara, mais do que uma vez, chegar à fala comigo: bilhetes na minha caixa de correio (*Charlie, lamento muito, podemos falar?*), um ramo de rosas deixado à porta do meu quarto. O seu truque preferido era tentar encurralar-me no corredor, depois das aulas, por isso, eu desenvolvera o hábito de pedir licença para sair uns minutos antes de a campainha tocar e assim escapava-me a Dalton.

Greyson continuava por perto. Reservara um quarto de hotel em Falls Church e passava pelo *campus* ao final do dia para me visitar. Eu tinha-lhe contado tudo: desde as minhas mais recentes descobertas acerca do envolvimento do meu pai na morte de Jake até ao que acontecera com Dalton, e Greyson havia insistido em ficar, para se assegurar de que eu estava bem e para me ajudar com o caso do desaparecimento da minha mãe.

Greyson passava a maior parte do dia na biblioteca pública de Falls Church, a fazer pesquisa, por isso, fiquei surpreendida quando, ao regressar ao quarto depois do almoço, o encontrei ali, esparramado na cama de Drew e rodeado de papelada.

– Hoje descobri isto – anunciou Greyson. Levantou-se da cama e entregou-me uma pequena pilha de papéis agrafados. – É uma cópia do relatório da autópsia de Jake.

– Como é que arranjaste isto? – perguntei, aceitando o relatório depois de ter largado a mochila em cima da secretária.

Greyson encolheu os ombros.

– Está no arquivo público.

Passei os olhos pelas folhas. A descrição do patologista acerca do corpo de Jake revelou-se difícil de ler. «Empalidecimento e intumescimento da epiderme... Água encontrada no estômago... Aspiração de fluidos nas vias aéreas... Espuma rosada na boca». Pelas estimativas do patologista, a morte ocorrera entre as vinte e as vinte e quatro horas do dia 21 de dezembro de 1990. Como causa da morte, o patologista apontara «edema pulmonar».

– Edema pulmonar? – perguntei, e olhei para Greyson.

– Quer dizer acumulação de fluidos nos pulmões – explicou Greyson. – Afogamento.

– Então, a mãe do Dalton disse a verdade – comentei.

– É o que parece – concordou Greyson, e apontou para o meio da página seguinte. – E aqui é afirmado que não foram encontradas escoriações ou hematomas consistentes com uma luta, ou seja, nada que sugerisse que ele tivesse sido manietado ou obrigado a lançar-se para a ravina.

– Então, a conclusão foi suicídio – referi.

– Sim. E se a isso juntarmos o bilhete que, segundo a minha mãe, foi encontrado no quarto do Jake, a morte dele parece não levantar quaisquer suspeitas.

Observei melhor o relatório, em busca de alguma coisa, o que quer que fosse, que pudesse apontar noutra direção.

– Então e isto? Os resultados das análises toxicológicas. Foram encontrados álcool, acetaminofeno e oxicodona – alertei.

Greyson fez que sim com a cabeça.

– Níveis relativamente baixos, de acordo com a minha pesquisa, mas não deixa de ser um *cocktail* ilegal. Contudo, segundo o relatório, a causa oficial da morte foi afogamento.

– Então, o Jake bebeu na noite em que morreu? – perguntei.

– Parece que sim – respondeu Greyson.

– E tomou drogas – acrescentei.

Suspirei e pus-me a pensar. Oxicodona e acetaminofeno. Não eram as substâncias contidas num analgésico chamado Percocet? Os alunos passavam Percs no *campus* como se fossem rebuçados. Eu nunca tivera nenhuma receita, mas chegara a tomar alguns comprimidos numa festa. Sheila Andrews levava os que lhe haviam sobrado de uma extração de um

siso. A maioria dos miúdos considerava o Percocet uma pedra segura ou, pelo menos, muito menos perigosa do que a heroína ou outros estupefacientes ilegais.

– Talvez haja aqui mais alguma coisa – aventei. – Alguma coisa que tenha sido ignorada.

– Como por exemplo?

– Não sei, Greyson.

Talvez estivesse maluca. Talvez estivesse a tentar agarrar-me a qualquer coisa que não existia, a tentar encontrar conexões que não faziam sentido, mas havia qualquer coisa que ligava o desaparecimento da minha mãe a Jake e ao meu pai, e o meu instinto dizia-me que o ponto de união era a morte de Jake.

– Há mais... Hum... mais uma coisa interessante que descobri hoje – mencionou Greyson. Coçou a nuca, como se estivesse relutante em dizer-me.

– O quê? – perguntei.

Ele dirigiu-se à cama e trouxe outra folha de papel. Era uma fotocópia de um antigo recorte de jornal. Um anúncio de noivado. O anúncio de noivado do meu pai. Só que, não era com a minha mãe. Ao lado da fotografia do meu pai estava uma outra de uma cara que reconheci.

– O meu pai esteve noivo da Margot? – indaguei, perplexa.

– Aparentemente, sim – disse Greyson, e encolheu os ombros. – Pela tua reação, suponho que ele nunca mencionou esse facto.

– Pois não – confirmei, mas, pensando bem, o meu pai e a minha família tinham-me ocultado tanta coisa que nem devia estar surpreendida.

De repente, alguém bateu à porta do meu quarto.

– Eu sei, eu sei – disse Greyson, erguendo as mãos no ar. – Lá vou eu para o armário.

Sorri para ele.

– Obrigada.

Com Greyson bem escondido no roupeiro de Drew, abri a porta.

Era Leo. Segurava uma caixa pequena e uma espécie de tabuleiro de jogo debaixo do braço.

Quase lhe fechei a porta na cara, mas ele esticou o braço e manteve-a aberta antes que eu pudesse impedi-lo.

– Que queres? – perguntei.

Não falara com o meu primo desde o incidente à porta do refeitório e também não tinha a mínima vontade de tornar a dirigir-lhe a palavra. A traição dele magoara-me mais do que a de Dalton.

– Pedir desculpa – respondeu Leo. – Comecemos por aí.

Nunca tinha ouvido Leo pedir desculpa pelo que quer que fosse, por isso, a atitude dele apanhou-me desprevenida.

– Só te incluí no jogo porque sabia que eras boa demais para qualquer um dos rapazes daqui e jamais te deixarias ir na cantiga deles – confessou Leo.

– Quando começaste a interessar-te pelo Dalton, tentei alertar-te acerca dele. Não imaginava que as coisas chegassem onde chegaram. Caso contrário, nunca teria feito o que fiz.

– Pensei que olhavas por mim – aleguei.

– Escuta, Charlie, jamais permitiria que alguém te magoasse – declarou Leo. – O único motivo por que não intervim foi porque o Dalton me convenceu de que gostava mesmo de ti e que estar contigo não tinha nada que ver com o jogo. Os sentimentos dele por ti não mudaram. O Dalton apenas mencionou o jogo no outro dia porque estava despeitado.

– Isso é tudo muito bonito, mas eu já não acredito em nada do que tu ou ele dizem, *okay*? – ripostei.

– Ouve o que ele tem para te dizer – pediu Leo. – Escuta-o, e depois decides se queres acreditar nele ou não. Fiquei de te entregar isto primeiro.

Estendeu-me o tal tabuleiro de jogo.

Peguei nele e abri-o. Tinha uma série de quadrados vazios.

– É um quebra-cabeças – explicou o meu primo. – Tens de juntar as letras todas e descobrir o que diz.

– Que letras? – perguntei.

– Toma. – Leo estendeu-me então a caixa. Abri-a e vi que continha um queque da pasteleria *gourmet* de Falls Church. No cimo do queque estava um quadrado de pasta de açúcar com uma letra: «A».

– Só uma letra? – estranhei.

– Não, hão de aparecer mais – disse ele.

– Já estou farta dos vossos joguinhos – reclamei.

– Confia em mim – disse Leo. – Deste jogo, vais gostar. Olha, tenho de ir ao treino, mas falamos mais tarde, *okay*?

– Talvez – respondi.

Quando ele se foi embora, pousei o tabuleiro e o queque em cima da

secretária.

– Não vais mesmo fazer isso, pois não? – perguntou Greyson. Tinha saído do roupeiro e estava de braços cruzados em frente ao peito e com um ar desapontado.

– Fazer o quê?

– Essa coisa que as raparigas têm por costume fazer: o rapaz porta-se como uma besta e depois faz um gesto romântico e bonito e a rapariga esquece-se do quanto ele foi uma besta, mesmo a tempo de ele tornar a portar-se como uma cavalgada.

– Não – respondi. – Não vou fazer isso.

– É que não foi apenas um arrufo, Charlie – fez notar Greyson. – Este tipo... Ele usou-te, mas completamente. E o teu primo é um idiota por ter permitido que ele te usasse daquela maneira.

– Eu sei – concordei, cortando-lhe a palavra. – Eu sei, *okay*? Eu estava lá. Não é um queque ridículo que me vai provocar amnésia.

– Ainda bem – disse Greyson.

Ouviu-se nova pancada na porta.

– Bolas! – reclamou Greyson.

– Importas-te de voltar para o roupeiro? – pedi.

Greyson suspirou e arqueou as sobrancelhas, mas aquiesceu. Do outro lado da porta, deparei com Crosby e outro queque e outra letra. Ao longo da meia hora que se seguiu, metade da equipa de futebol bateu-me à porta, cada um dos jogadores entregando-me um queque com uma letra. O quebra-cabeças dizia: «Sou um idiota. Desculpa.»

– Uau! – exclamou Greyson ironicamente, depois de contemplar o quebra-cabeças resolvido em cima da minha secretária. – O betinho não se poupou a esforços.

Bateram de novo à porta e, com relutância, fui abrir. Era Dalton. Ter-lhe-ia fechado a porta na cara, mas ele tinha um ar tão arrependido e humildado, tão pouco característico da sua pessoa.

– Olá, Charlie – disse ele. – Posso entrar?

– Tenho companhia – respondi. Abri a porta o suficiente para ele ver que Greyson estava comigo.

– Olá. – Dalton estendeu o braço para cumprimentar Greyson. – Acho que da última vez não fomos apresentados como devia ser. Sou o Dalton. É um prazer conhecer-te.

Greyson manteve-se onde estava, de braços cruzados.

– Pois, eu não posso afirmar o mesmo – respondeu ele. – A Charlie contou-me o que fizeste e digamos que não fiquei propriamente impressionado, se é que me entendes.

Dalton deixou cair o braço. Era óbvio que fora apanhado desprevenido pelo comentário sincero de Greyson.

– Tens três segundos para te pões a milhas daqui antes que te reconfigure a cara com o punho – ameaçou Greyson. – E podes levar os teus pedidos de desculpa untuosos e pouco convincentes contigo.

– Não vim aqui para causar chatices – disse Dalton, erguendo as mãos como se estivesse a render-se. – Quer acredites quer não, o meu pedido de desculpa é sincero. Além do mais, não depende de ti. Isto é entre mim e a Charlie.

Greyson avançou e colocou-se entre mim e a porta.

– Greyson, está tudo bem – disse eu.

Puxei-lhe pela fralda da camisa, mas ele não desarmou.

– Greyson – insisti. – Eu falo com ele. Não te preocupes.

– Não tens de o fazer – alegou Greyson. – Não lhe deves nada.

– Eu sei, Greyson.

– *Okay* – cedeu ele, por fim. – Mas eu fico aqui fora. Literalmente aqui fora, no corredor. E esta porta fica aberta.

Dalton deu um passo ao lado para que Greyson trocasse de lugar com ele. Fiz sinal a Dalton que entrasse e fechei a porta quase toda, deixando apenas uma frincha de cinco centímetros entre a moldura e a porta.

– Charlie, lamento muito o que disse – começou Dalton, afastando-se da porta e baixando o tom de voz para que Greyson não nos ouvisse. – Estar contigo nunca teve que ver com aquele jogo ridículo, nem por um momento. Já gostava de ti antes de o Leo ter incluído o teu nome naquele tabuleiro. Demorei bastante a reunir coragem para fazer alguma coisa em relação ao que sentia por ti, porque, bem... Porque tu também não facilitas propriamente as coisas.

Ele sorriu e eu mordi o lábio.

– Peço desculpa pela maneira como te tratei no outro dia – continuou ele.

– Não foi minha intenção magoar-te, dizer-te aquelas coisas. Aquilo não era eu.

– Então, porque é que as disseste, se não tinhas intenção? – quis saber.

– Porque estava irritado – confessou Dalton. – É óbvio que gosto de ti. Toda a gente sabe disso. Mas tu és tão... *reservada* comigo. De início, pensei que era uma característica tua, que eras assim mesmo, que talvez tivesses dificuldades em abrir-te ou assim. Mas depois, vi-te aqui no teu quarto com outro tipo e senti-me... Bem, senti-me um idiota. Como se o facto de seres distante não tivesse que ver com problemas em abrir-te, mas porque não gostavas de mim tanto quanto eu gostava de ti.

– Eu gostava, de facto, de ti – declarei.

E mostrara-me distante, até mesmo fria, por vezes. Sabia disso.

Ele afundou as mãos nos bolsos.

– Não sei... Se calhar, foi uma estupidez. Mas foi isso que senti. Fiquei magoado e depois fiquei zangado e transformei-me na pessoa que disse aquelas coisas. Estou arrependido.

Uma parte de mim achava que devia pedir-lhe desculpa também, por tê-lo tratado da forma que tratara. Mas uma parte maior, a parte mais obstinada de mim mesma, era da opinião de que pedir desculpa significaria que estava a pedir desculpa pelo que ele tinha feito; que a maneira como eu o tratara o fizera tratar-me daquela forma, e isso não era verdade. Pois não?

– Não vim aqui à espera de nada – prosseguiu Dalton. – Queria apenas que soubesses o quanto lamento o que sucedeu.

– *Okay*, agradeço, acho eu... – respondi.

Manteve-se à minha frente, de ombros tombados e olhar arrependido e tristonho. Parecia genuinamente compungido. E, convenhamos, era de Dalton que se tratava. O tipo que pusera o braço em redor do espaldar da minha cadeira no refeitório. O tipo que me defendera perante os amigos. O tipo que me segurara como se eu fosse frágil e me pudesse partir quando me beijara. O tipo que olhava para mim como... Como nunca ninguém tinha olhado para mim. Até àquela noite, à porta do refeitório, ele sempre me havia tratado com todo o cuidado e respeito.

– Vou andando – decidiu Dalton. – Obrigado por me teres ouvido.

– De nada – disse.

Mal ele saiu, Greyson tornou a entrar e fechou a porta.

– Ainda bem que este assunto ficou encerrado – comentou ele.

– Pois.

– Está encerrado, não está? – indagou ele.

Não respondi.

– Charlie?

– E se ele estiver mesmo arrependido? – questionei. – Eu sei que isto pode soar estúpido, mas e se ele ficou chateado no outro dia e apenas cometeu um erro? E se a questão nunca tiver sido o jogo e ele tiver dito aquilo só para me magoar naquele momento? Para te ser sincera, eu nem sempre fui muito simpática com ele.

– Tens razão – disse Greyson. – Isso soa, de facto, muito estúpido da tua parte.

Fulminei-o com o olhar. Que direito tinha ele de falar comigo daquela maneira? E que sabia ele acerca de Dalton?

E se Dalton gostasse mesmo de mim e fôssemos a pessoa certa um para o outro e eu estivesse a abrir mão disso? E se tivesse uma coisa boa à frente do nariz e estivesse a deixá-la fugir por entre os dedos só porque o meu orgulho estava magoado?

– Talvez isto tenha sido uma má ideia, teres vindo aqui – sugeri. – Talvez estejas confuso em relação ao que estamos aqui a fazer.

– E em relação ao quê, ao certo, é que tu achas que eu estou confuso? – indagou Greyson.

– Em relação a mim. A isto. A nós. Eu não... Eu não sinto nada por ti – afirmei.

Greyson fez um ar como se o tivesse esbofeteado.

– Charlie... Eu não... – calou-se. – Vim aqui porque és minha amiga. E porque parecia que precisavas mesmo de alguém. Mais nada. Mas tens razão. Se calhar, não foi boa ideia.

Pegou no saco dele e começou a lançar a sua tralha lá para dentro.

– Vais-te embora? – inquiri.

Não respondeu. Correu o fecho do saco, juntou a papelada que tinha trazido e pousou-a na minha secretária.

– Greyson?

– Espero que encontres o que procuras, Charlie – disse ele. – A sério que sim.

Trinta e quatro

GRACE CALLOWAY

1 DE AGOSTO DE 2007

A carta, se é que se podia chamar-lhe isso, tinha apenas duas palavras. Em letras maiúsculas de imprensa, escritas a marcador, dizia: EU SEI.

Dentro do envelope, sem remetente, estavam as fotografias. De mim e de Peter no Hal's Diner, à beira da estrada interestadual, um lugar que eu escolhera a dedo por achar que jamais alguém nos veria ali. Estava enganada, obviamente. Alguém nos tinha visto. Ou melhor, alguém nos seguira. E não só nos tinha apanhado juntos, como sabia. Sabia do caso que eu estava a tentar montar contra eles. Sabia que eu tinha aquelas fotografias que provavam que estavam com Jake na noite em que ele morrera.

Depois da minha conversa com Margot, dei-me conta de que não tinha provas concretas suficientes para me dirigir à polícia e começar a fazer acusações. Assim sendo, telefonara a Peter e solicitara a sua ajuda. Reatara a amizade com Peter no início do verão quando ele se deslocara à casa do lago para tirar umas fotografias a propósito de um pedido de compensação que envolvia uma das empresas de jardinagem que trabalhava para nós e que ele estava a investigar. Revê-lo tinha sido uma surpresa agradável; desde o liceu que não via Peter. Tínhamos ambos feito parte da equipa de natação. Ele havia sido um miúdo tímido, mas curioso, o tipo de rapaz que observa mais do que deixa entrever, por isso, não me espantou que tivesse escolhido uma carreira que envolvia resolver quebra-cabeças. Conversámos acerca do trabalho dele. Peter contou-me que estudara Criminologia na universidade e que tinha uma licença como investigador privado. Planeava abrir a sua própria firma de investigação e até já tinha começado a tratar de

alguns casos. Ao perceber que não podia pedir explicações a Alistair, Peter foi a primeira pessoa a quem liguei.

Margot devia ter seguramente falado com alguém das fotografias que eu lhe mostrara. Interroguei-me qual deles me andaria a seguir, ou se seria mais do que um. As ameaças não faziam parte do estilo de Margot. Mostrara-se tão prestável, tão destemida, no restaurante. Sabia, contudo, que alguns dos outros eram capazes disso: de enviar ameaças veladas, dirigidas não só a mim, mas também às minhas filhas.

Porque as fotografias não eram apenas de mim e Peter. Havia também uma de Charlotte e Seraphina. E a última, um plano apertado de Charlotte, tinha uma mensagem escrita no verso: «PARA COM ISSO».

Quando recebi a carta, telefonei à minha mãe e pedi-lhe que viesse tomar conta das miúdas, porque eu tinha de sair. Disse-lhe que ia ao ginásio. Vesti uns calções de ginástica, calcei uns ténis e pus um saco desportivo vazio ao ombro. Dirigi-me para o banco e esvaziei os cofres. Alistair tinha dinheiro guardado numa dezena de cofres diferentes, em meia dúzia de bancos. Chamava-lhe o nosso fundo para uma necessidade. Ia passar a ser o meu fundo para uma necessidade. Meu, de Seraphina e de Charlotte. Íamos pôr-nos a milhas dali, sem olhar sequer para trás.

Quando regresssei a casa, a tarde chegava ao fim. O carro da minha mãe não estava na entrada, mas vi o de Alistair.

– Cheguei! – anunciei, mal abri a porta da frente.

– Que bom – respondeu ele.

Alistair estava na sala de estar com um copo de uísque na mão.

O meu coração disparou assim que o vi. Compus a alça do saco que trazia ao ombro. Estava pesada, cheia de dinheiro, e a alça magoava-me o ombro.

– Não avisaste de que virias – referi. Tentei esconder o nervosismo que sentia. Habitualmente, Alistair só vinha passar os fins de semana connosco; era quarta-feira. Tentei sorrir, mas não sei se o que me saiu não foi uma careta. – Onde estão as miúdas? – perguntei.

– Pedi à tua mãe que ficasse com elas esta noite – respondeu ele. – Disse à Alice que precisávamos de algum tempo só para nós, uma vez que eu trabalho demasiado. Ela não pareceu importar-se.

Desanimei. Teria de passar a noite inteira sozinha com Alistair naquele casarão?

– Foi muito simpático da parte dela – comentei, tentando não soar

desiludida. – Não tenho nada preparado para o jantar, mas podíamos sair os dois, que dizes? Só preciso de tomar um duche primeiro.

Dirigi-me às escadas, numa tentativa de me escapar, mas assim que subi o primeiro degrau ele deteve-me.

– Grace.

Estaquei, como se tivesse os pés colados ao chão.

– Chega aqui – pediu Alistair.

Ele sabe do dinheiro.

Não imaginava como podia ele saber, mas de certeza que sabia. O seu tom de voz traía-o.

Virei-me para responder, sem descer do degrau em que estava.

Ele não sabe, disse para mim mesma. *Tem calma. Arranja uma desculpa. Sobe e esconde-o.*

– Sim? – respondi. Mais uma vez, tive de esforçar-me por não soar amedrontada.

– Chega. Aqui – repetiu ele. – Não volto a pedir.

Compus novamente a alça do saco desportivo e dirigi-me a Alistair, sem desviar os olhos dos dele.

Ele não sabe. Ele não sabe. Ele não sabe. Como poderia saber?

Parei à sua frente, tão perto que, se ele quisesse, podia esticar o braço e arrancar-me o saco, cuja alça eu segurava numa atitude protetora.

– Achas mesmo que não vamos conversar acerca do que tu fizeste? – indagou ele. – Que vamos fazer de conta que não aconteceu nada?

Senti o cheiro a álcool no hálito dele. Vi a sombra nos seus olhos, como se a luz que os animava se tivesse apagado. Os cabelos na minha nuca eriçaram-se.

O Alistair que eu conhecia era bondoso, terno, afável. Era certo que nos havíamos distanciado nos últimos anos, mas ele era um pai gentil e amável para as nossas filhas: o homem que beijava a palma arranhada de Charlotte quando ela caía da bicicleta, o homem que entoava cantigas infantis enquanto dava banho a Seraphina. Sabia, porém, que os outros viam facetas diferentes dele. Era um verdadeiro animal feroz na sala de reuniões, de dentes afiados e uma dentada poderosa e dolorosa. Mordia mais do que ladrava. Eu percebia isso pela maneira como os demais reagiam quando ele entrava numa sala: retesavam-se, falavam como se estivessem a suster a respiração e acenavam subservientemente com a cabeça enquanto ele

falava; era como se estivessem a preparar-se para a investida. Naquele momento, pela primeira vez no nosso casamento, vi Alistair da mesma maneira que os outros o deviam ver. E essa imagem aterrorizou-me.

– Não estou a entender ao que te referes – disse, mas a minha voz soava fraca, tímida, acobardada. Nem eu acreditava nas minhas palavras.

Por um momento, o rosto dele manteve-se praticamente impassível, e depois, de supetão, contorceu-se numa mistura de dor e raiva.

Lançou o copo de uísque contra a parede atrás de mim. O vidro estilhaçou-se em mil pedaços à minha volta. Encolhi-me.

– Alistair... – reclamei, chocada.

Ele agarrou-me o cabelo na nuca e puxou-me a cabeça para trás.

Gritei, de dor e de surpresa, e deixei cair o saco.

– Peter Hindsberg – disse ele.

Ele sabe. Alistair sabia que eu tinha ido falar com o detetive privado. Sabia do dinheiro. Sabia de tudo. Mas como?

– Mostra-me todos os sítios onde conspiraste o nosso casamento – ordenou Alistair. – Foi aqui, nesta sala?

Arrepelou-me com mais força e virou-me a cabeça na direção da sala de jantar.

– Ou talvez ali, naquela mesa? – inquiriu ele.

– Estás a magoar-me – queixei-me. Tinha lágrimas nos olhos.

Tinha a cabeça a mil à hora, tentando perceber o que se passava. Peter? Ele achava que Peter e eu tínhamos...?

Obrigou-me a avançar uns passos para a nossa direita e empurrou-me a cara com força contra as almofadas do sofá. Fiquei com o nariz esborrachado contra o tecido áspero de guingão. Não conseguia respirar.

– Ou talvez aqui, neste sofá? – continuou ele.

Levantou-me do sofá e virou-me para que o enfrentasse. Segurava-me pelos ombros. Ofegante, recuei para longe dele, para longe do seu alcance.

– Estás enganado – disse. Sentia a garganta áspera. – Não fiz nada disso. Não fiz. Juro que não.

Enquanto recuava, cambaleante, atordoada, desequilibrei-me e caí. Bati com o ombro na lateral da estante e magoei-me. Caí ao chão e desatei a chorar. Levei a mão ao ombro magoado e, ao tirá-la, vi sangue.

Quando olhei para Alistair, ele estava agachado e segurava a cabeça entre as mãos.

– Porque fizeste isto? – perguntava ele, uma e outra vez, em voz baixa. – Porquê?

Não percebi com quem é que ele falava, se comigo se com ele mesmo.

Ao olhar para mim, vi que ele chorava.

*

Na manhã seguinte, acordei na nossa cama com uma moínha no ombro. Abri os olhos e vi o penso que Claire me fizera na sua cozinha, na noite anterior. Os filhos dela dormiam no piso de cima.

– Caí – dissera-lhe repetidamente. – Caí.

Mas sabia que ela percebera.

Levara-me a casa depois e insistira em passar a noite no sofá da sala, embora o carro de Alistair já não estivesse na entrada e não houvesse vestígios dele em casa.

Tinha a cabeça grogue por causa dos analgésicos. Era difícil formar um pensamento coerente.

Alguém fez rodar a maçaneta da porta do meu quarto. Trancara-a na noite anterior, receosa que ele tentasse regressar a meio da noite. Encolhi-me na cama e tapei a cabeça com as cobertas.

Não queria ver ninguém, nem falar com quem quer que fosse.

– Mamã? – chamou uma voz.

Era Charlotte. Charlotte. Charlotte. Charlotte. Pobre Charlotte. Tinha de me levantar. Tinha de abrir-lhe a porta. Mas não fui capaz de me mexer.

Trinta e cinco

CHARLIE CALLOWAY

2017

Voltar a dar-me com Dalton foi mais fácil do que pensara que seria. No mínimo, era bom sentir que tinha alguém que estava ali por mim, sobretudo depois de tantas pessoas me terem virado as costas. O meu relacionamento com Stevie e Yael andava tenso, Drew fora-se embora e Greyson e eu não nos falávamos. Assim, voltei a dar-me com Dalton e Leo e os seus amigos. Sentava-me à mesa deles ao almoço e ao jantar. Saíamos juntos ao fim de semana e Dalton e eu passávamos a maior parte das tardes juntos a estudar, na biblioteca ou num dos nossos quartos, até serem horas do recolher obrigatório.

– Sabes, não consigo engolir a ideia de que não te vou ver durante uma semana inteira – queixou-se Dalton certa noite, a caminho da minha residência. Tinha o braço à volta do meu tronco e puxou-me contra ele. Era novembro e já havia neve a salpicar o relvado. – Podias ir passar o feriado de Ação de Graças a minha casa – sugeriu ele. – Ficavas a conhecer todo o clã Dalton. E a minha mãe está sempre a perguntar por ti. Tenho a certeza de que adoraria passar mais tempo contigo.

– A tua mãe? – perguntei.

– Sim – confirmou Dalton, e deu-me um beijo no cabelo. – Parece ser uma grande fã tua. Não posso censurá-la, como imaginarás.

– Não creio que o meu pai fosse ficar muito satisfeito com isso – respondi.

– Porque não?

– Porque sentiria a minha falta – menti. – Não nos vemos desde aquele jantar na cidade.

Nunca contara a Dalton o telefonema que recebera do meu pai, no qual essencialmente ordenara que me mantivesse longe de Margot e do filho dela. O meu pai soara tão zangado, tão autoritário. Porquê? Margot estivera noiva do meu pai em determinada altura e era óbvio que alguma coisa tinha acontecido e desencadeado o final do relacionamento. Mas iria um rompimento litigioso ocorrido há mais de duas décadas fazer com que o meu pai agisse daquela maneira tão extremada? As exigências do meu pai tinham de estar relacionadas com outra coisa. Talvez Margot tivesse conhecimento de algo que o meu pai não quisesse que eu soubesse. Margot fora colega de liceu do meu pai e de Jake. Pertencera ao clube A. De alguma maneira, travara conhecimento com a minha mãe. Ocorreu-me de repente que se alguém conhecia todas as peças do quebra-cabeças, essa pessoa era Margot. E talvez, quem sabe, estivesse disposta a contar-me tudo.

– *Okay* – disse.

– *Okay?*

– *Okay* a ir passar as miniférias de Ação de Graças contigo – elucidei.

– A sério? – perguntou ele.

– A sério – respondi.

Não perguntou o que me tinha feito mudar de ideias e eu também não lhe disse. Em vez disso, inclinou-se para mim e beijou-me, e eu beijei-o de volta.

✱

Os Daltons tinham uma mansão em Southampton virada para o oceano e rodeada por um hectare de terreno. A reunião familiar foi pequena, porque Dalton era filho único e metade da família era britânica e não celebrava a festividade. Portanto, iria ser apenas Dalton, os pais dele, a irmã de Margot, Regina, o marido dela e os três filhos do casal, sendo que o mais velho tinha dez anos. O pai de Dalton só regressaria da cidade na quinta-feira, para o jantar de Ação de Graças.

Eu tinha dito ao meu pai que ia passar o feriado com Drew e a família dela e, fiel ao seu desinteresse pela minha vida, nem sequer me fez perguntas ou exigiu qualquer tipo de prova.

Os primos de Dalton adoravam-no e perseguiram-no o tempo todo, suplicando que brincasse com eles, por isso, passámos grande parte do dia a

entretê-los, ao mesmo tempo que eu procurava uma oportunidade de falar com Margot a sós.

– E se jogássemos às escondidas? – propôs Dalton numa noite, depois do jantar. Os seus primos gritaram de satisfação e começaram de imediato a discutir quem seria o primeiro a esconder-se.

– A primeira sou eu – voluntariei-me, e pus-me de pé. Sentia uma leve dor de cabeça e já não suportava mais aquela ruidosa altercação entre as três crianças. Além do mais, uns minutos de paz e sossego pareciam-me demasiado tentadores. Se conseguisse encontrar um esconderijo mesmo bom, enroscar-me e adormecer durante uma meia hora, seria divinal. – Mas fechem os olhos, meninos – disse aos primos. – Fechem os olhos e contem até cem.

Taparam os olhos com as mãos e começaram a contar em voz alta.

– Um, dois, três, quatro, cinco...

Apontei para Dalton.

– Tu também, meu menino. Fecha os olhos.

Ele sorriu e, com grande espalhafato, tapou igualmente os olhos com as mãos, e eu dei meia volta e precipitei-me para longe da sala de estar.

A casa era enorme, com oito quartos e quatro casas de banho completas e uma social. Havia um milhão de sítios diferentes onde podia esconder-me. Atravessei a cozinha, onde se encontravam os adultos, à volta da ilha de mármore com os seus copos de vinho tinto.

– Estamos a jogar às escondidas – sussurrei, e levei o dedo indicador aos lábios. – Não me viram.

Margot riu-se e imitou o meu gesto.

– Ver quem? – segredou ela.

Entrei no escritório e abri uma porta, achando que era um armário, mas descobri um lanço de escadas descendente. Perfeito. A cave. Acendi a lanterna que tinha no telemóvel e descí as escadas, tendo fechado a porta sem fazer barulho.

A cave era escura como breu e estava apinhada de mobília velha, tapada com lençóis, e de caixas e mais caixas empilhadas. Cheirava um pouco a mofo. Avançava pelo meio daquele labirinto quando bati com a canela numa coisa dura.

– Ai – resmunguei.

Apontei o feixe da lanterna à borda angulosa em que batera. A luz revelou

um par de malas velhas e empoeiradas.

Nesse momento, a luz de teto da cave acendeu-se e ouvi Dalton no cimo das escadas. Devia ter desligado a lanterna do telemóvel e procurado um esconderijo algures, mas estava colada ao chão. As malas tinham prendido a minha atenção por causa de um pormenor: o padrão, composto por cornucópias acastanhadas e desvanecidas. A minha mãe tivera um conjunto de malas igual àquele.

– Estás aqui em baixo, Charlie? – chamou Dalton.

Ouvi os passos dele em cada degrau, mas não conseguia vê-lo. Uma pilha de caixas da altura de um frigorífico bloqueava-me a vista. Estiquei o braço e passei o indicador ao longo da etiqueta, cheia de pó, onde estaria gravada a marca das malas: *Burberry*.

Deixei cair o telefone e dei um passo atrás. Sim, aquelas malas eram igualzinhas às que a minha mãe tivera e que levara com ela quando desaparecera.

Foi como se estivesse a cair e a cair e a cair desamparada. O coração martelava-me no peito, sentia dificuldade em respirar e dava voltas e mais voltas à cabeça para entender aquilo.

É apenas uma coincidência, pensei com os meus botões. Centenas de pessoas teriam adquirido as mesmas malas que a minha mãe. Era apenas um acaso que Margot tivesse o mesmo conjunto na cave da sua casa. Aquelas não eram as *tais* malas. Não pertenciam à minha mãe.

Mas... E se fossem? Recordava-me de que uma das malas da minha mãe tinha um rasgão no forro interior. Se abrisse a mala e encontrasse o mesmo rasgão...

Estiquei de novo os braços na direção das malas, mas houve qualquer coisa que mos prendeu contra o tronco. Era Dalton. Descobrira o meu esconderijo e agarrava-me com força, imobilizando-me por completo.

– Apanhei-te – afirmou ele.

Trinta e seis

ALISTAIR CALLOWAY

4 DE AGOSTO DE 2007

Charlotte, ainda de fato de banho e sapatos de vela, rebojava-se pelo chão da sala de estar com a irmã. Entretinham-se com um qualquer jogo que só elas entendiam. Seraphina agarrava os tornozelos de Charlotte e esta retaliava lançando uma framboesa à cara da irmã. Seraphina ria a bandeiras despregadas.

– E se fossem lá para cima, para o vosso quarto, brincar? – sugeri, depois de as ter contornado para me sentar no sofá com a pasta do escritório.

– Proooonto, está bemmm – respondeu Charlotte, com o mesmo tipo de exasperação que deixaria qualquer adolescente orgulhoso, embora ela tivesse apenas sete anos. Seraphina imitou-a.

– Proooonto, está bemmm.

Subiram a escadaria na risota e ouvi Grace entrar, vinda do pátio.

– Vou tomar um duche – disse ela. – Queres pôr os hambúrgueres no grelhador daqui a uma hora?

Levantei a cabeça dos relatórios que tinha no colo.

– Combinado – respondi. – É boa ideia.

Semicerrei os olhos para ler as letras pequeninas no fundo da página e estas desfocaram-se. Olhei à minha volta, em busca dos óculos de leitura que costumava ter ali em casa. Não estavam na mesinha de apoio. Levantei-me e dirigi-me ao meu escritório, do outro lado do vestíbulo. Procurei-os em cima da secretária e abri as gavetas, em vão. Recordei-me então de que os tinha deixado no quarto no fim de semana anterior. Estivera a ler na cama e pousara-os na mesa de cabeceira.

No piso de cima, Grace tinha fechado a porta do quarto, por isso bati ao de leve e rodei a maçaneta. Entrei. Ouvi a água do banho a correr. Ao avançar na direção da mesa de cabeceira, reparei que a porta da casa de banho estava entreaberta. Vi o espelho atrás do móvel e, nele refletido, a minha mulher. Estava nua, em frente à cabine de duche. Com a mão sob a torneira, avaliava a temperatura da água. Senti um nó no estômago ao vislumbrá-la.

Na manhã a seguir à nossa discussão, mandara-lhe flores, um ramo de jacintos e tulipas roxos. Telefonei-lhe do escritório no final desse dia. Disse que tivera de ficar a trabalhar até mais tarde. Tinha uma caixa de comida chinesa a arrefecer ao lado do teclado. Na verdade, não suportava regressar ao nosso apartamento vazio, à cama onde dormia sozinho e aos quartos silenciosos onde os brinquedos de Charlotte e Seraphina estavam imaculadamente arrumados em caixas coloridas. Não queria estar sozinho com os meus pensamentos, com a consciência do que fizera, do que Grace fizera, do que tínhamos feito um ao outro.

Peguei no telefone e liguei para a casa do lago. Grace atendeu ao fim de vários toques, ligeiramente ofegante, como se tivesse tido de correr para atender antes que perdesse a chamada. Imaginei-a junto à mesa do vestíbulo do piso superior, ajudando as nossas filhas na sua rotina antes de se deitarem. Quase conseguia escutá-las às risadinhas na casa de banho, ao mesmo tempo que escovavam os dentes. Grace teria vestido o roupão de seda rosa-pálido que eu lhe oferecera no dia da mãe, há vários anos, e que já começava a ficar coçado nas mangas.

– Estou? – disse ela, ao atender.

– Grace, sou eu – respondi.

Ela ficou calada. Era capaz de vê-la mentalmente, a morder o lábio e a pensar se havia de desligar ou não.

– Recebeste as flores – indaguei.

– Sim – disse ela. Suspirou. – Ia deitá-las fora, mas as miúdas viram-nas primeiro. Sabes que elas adoram o roxo.

Sorri.

– A Sera chamou-lhes flores para princesas – continuou Grace, mas o seu tom era frio e triste. – Passámos a tarde a fazer grinaldas com as flores.

Senti um nó na garganta. Abri a boca para falar, mas fechei-a.

– Grace, a pessoa que fez aquelas coisas – confessei, ao fim de um

momento – não era eu. Tu sabes isso.

Ouvia a respiração dela do outro lado da linha.

– Alistair, o que aconteceu naquela noite...

– Não voltará jamais a acontecer – completei eu. – Dou-te a minha palavra de honra.

Ela não respondeu.

– Tu e... – Não conseguia sequer pronunciar o nome dele. – Acabou?

Grace fez uma pausa.

– Sim, acabou – afirmou ela.

– Muito bem – disse, como se fôssemos parceiros a negociar um acordo e ambos tivéssemos abdicado de qualquer coisa que era importante para nós.

Na noite passada, quando chegara a casa, vindo da cidade, as miúdas já dormiam e Grace estava de roupão na cama, a ver televisão. Levantou-se ao ver-me entrar no quarto. Nenhum de nós falou. Dirigi-me a ela, ajoelhei-me à sua frente e envolvi-lhe a cintura com os braços. Ao nó que lhe cingia o roupão disse:

– Estou a tentar. Quero tentar.

Grace não se pronunciou. Limitou-se a pousar uma das mãos no meu cabelo.

Dormi no quarto de hóspedes, ao fundo do corredor. Acertei o despertador para as cinco e meia da manhã para poder acordar antes das miúdas e meter-me na cama ao lado de Grace e preservarmos assim o ritual das manhãs de sábado que elas tanto apreciavam: entrarem de rompante e bem cedo no nosso quarto e acordar-nos com pulos na cama para nos obrigar a descer e a fazer-lhes o pequeno-almoço. Senti o peso do corpo de Grace no colchão quando me deitei. Ficámos à espera, ambos fingindo que dormíamos. Ao fim de um tempo, abri os olhos e contemplei-a: o cabelo escuro tombando em cascata sobre a almofada, as compridas pestanas contra as maçãs do rosto. Quase estiquei o braço para lhe tocar, mas, nesse instante, ouvi a porta abrir-se, as risadinhas de Seraphina e o pedido de silêncio de Charlotte. O colchão abanou mal elas treparam para cima da cama.

Julgo que Grace não me ouviu, entretanto, a entrar na casa de banho, pois ao olhar para trás através do espelho ficou surpreendida por me ver ali.

Observei despudoradamente o corpo nu da minha mulher. A curva dos seus seios, o seu pescoço. A sua pele, habitualmente translúcida, escurecera

graças ao Sol. Quantas vezes tínhamos feito amor naquela casa de banho: na cabine de duche, em cima do móvel, no chão de ladrilhos, com o vapor a encaracolar as pontas do cabelo de Grace, o som da água a bater no granito e abafando os gemidos dela? Aproximei-me e contornei o tronco dela com os meus braços, cobri-lhe os seios com as mãos e puxei-a contra mim para que percebesse o quanto a desejava.

Senti-a retesar-se nos meus braços.

– Não – disse ela.

Acariciei-lhe o pescoço. Apenas queria fazê-la sentir-se bem e recordar como era bom quando estávamos juntos. Tínhamos concordado tentar, não tínhamos? Um dos meus dedos sentiu uma aresta e parei. Vi-o no reflexo do espelho: o penso no ombro esquerdo. Não o vira de início, por causa das luzes fluorescentes da casa de banho. Mas lá estava ela, a prova irrefutável de que a nossa briga no início daquela semana fora uma realidade. As marcas que eu tinha deixado.

Havia sido um acidente. Ela tinha caído. Eu estivera lá, sim, mas não fora culpa minha. É claro que eu estava perturbado, irritado. Era certo que dissera coisas horríveis e talvez a tivesse tratado com alguma rudeza. Mas ela tinha mentido. Traíra-me, traíra a nossa família.

Peter Hindsberg. Aquele merdas. Porquê ele? Quem raio é que ele era? Um investigador de seguros de Hillsborough? Que tinha ele que fizesse Grace achar que valia a pena renunciar à vida que ela e eu tínhamos construído juntos?

– Alistair – disse ela.

Inclinei-me e fechei a torneira. O granito desprendia vapor. Sentia-se o calor que a água emanava.

– Entra – ordenei.

Vi o medo nos olhos de Grace, mas isso só serviu para alimentar a minha raiva. Beije-i-a para calar os seus protestos. Vi-a fechar os olhos e ir para um outro sítio na sua mente, bem longe de mim. Um lugar até ao qual não podia segui-la.

*

No final, fiquei alguns minutos sentado sob o chuveiro, sozinho. Quando emergi da cabina de duche, o espelho da casa de banho estava todo

embaciado. Prendi uma toalha à volta da anca e fiz a barba. Chegado ao quarto, vi Grace de calças de ganga e *t-shirt* larga.

Foi então que reparei que a minha mala estava aberta em cima da cama e que Grace estava junto à cómoda e despejava a gaveta das camisas para dentro da mala.

– Quero que te vás embora – disse Grace. – Nunca mais voltarás a fazer-me uma coisa daquelas, jamais.

– Então, ele pode tocar-te, mas eu não? – indaguei.

Grace não reagiu.

– Pensei que tínhamos combinado que iríamos tentar – fiz notar.

– *Tu* disseste que ias tentar – contrapôs Grace, e deitou-me um olhar duro e frio.

– Que quer isso dizer?

Ela desviou o olhar e não respondeu.

– Vai-te embora – disse ela.

– Raios partam, Grace – reclamei, contornando a cama para me aproximar dela. Grace deu um passo para se afastar, como se o meu toque, iminente, lhe causasse repulsa. Agarrei-a pelo pulso e puxei-a para mim, com a intenção de a abraçar.

– Olha para mim – ordenei.

– Tira as mãos de cima de mim! – gritou Grace.

– Mamã?

Rodámos a cabeça e constatámos que a porta do quarto estava ligeiramente aberta. Com a mão na maçaneta, Charlotte olhava para nós.

Grace virou-se de maneira que ela não lhe visse o rosto.

– Porque é que a mamã está a chorar? – perguntou Charlotte.

Merda. Isto estava mesmo a acontecer?

Dirigi-me à porta e peguei na minha filha mais velha ao colo.

– E se fôssemos ao frigorífico roubar um gelado? – propus, ao mesmo tempo que rasgava um sorriso.

– Está bem – acedeu Charlotte.

Levei-a ao colo até à cozinha no piso térreo e tirei dois gelados do congelador. Depois, fomos para o pátio das traseiras e sentámo-nos nos degraus, com vista para o lago. Nem há uma hora, estivéramos todos ali, na água, a divertir-nos. Quando é que tudo descambara?

– A mãe não vai ficar zangada por estarmos a comer gelados antes do

jantar? – inquiriu Charlotte. Lambeu um pedaço de chocolate derretido que lhe pingara para o dedo.

Suspirei. Não sabia como estar ali naquele momento. Sentia uma raiva demasiado grande, contra Grace, e, se ficasse, sabia que acabaria por fazer alguma coisa de que me arrependeria.

– Charlotte, preciso que sejas uma menina crescida e tomes conta da mãe enquanto eu estiver ausente – pedi. – Achas que és capaz de fazer isso?

– Já vais voltar para a cidade? – perguntou ela.

– Tenho uma reunião amanhã bem cedo – menti.

– Não vás – pediu Charlotte. – Prometeste que me levavas a andar de barco outra vez amanhã.

– No próximo fim de semana, está bem? – sugeri.

– Posso ir contigo? – indagou ela.

Interroguei-me se as coisas por ali seriam assim tão más a ponto de Charlotte não querer ficar. Quando era miúdo, teria matado por um lugar como aquele para passar os verões. Mas talvez Grace andasse demasiado absorta a lambeir as feridas do seu caso amoroso fracassado para prestar atenção às nossas filhas.

Uma parte de mim queria levar Charlotte comigo, queria meter Seraphina e Charlotte no carro e sair dali. Sabia, porém, que Grace armaria uma cena se eu tentasse semelhante coisa. Por certo que se poria aos gritos e em pranto e pregaria um susto de morte às nossas filhas, e depois eu teria de pagar sessões de terapia a ambas até o resto da vida para que apagassem das suas mentes a imagem da mulher ridícula que tinham como mãe.

– Preciso que fiques aqui e tomes conta da tua mãe – insisti. – Fazes isso por mim?

Charlotte respondeu que sim com a cabeça e eu fiz-lhe uma festa na cabeça e pus-me de pé. Subi para acabar de fazer a mala. Grace não estava no nosso quarto quando entrei. Não sei onde se enfiara, mas também não me dei ao trabalho de a procurar para me despedir. Dirigi-me ao carro, lancei a mala para a bagageira e fui-me embora dali.

Peter Hindsberg. A merda de Peter Hindsberg. As fotografias não me saíam da cabeça e também não parava de invocar imagens mentais deles os dois juntos.

A meio caminho da cidade, parei o carro. Tamborilei o volante com os dedos. Dei meia volta e inverti a marcha.

Quarta Parte

Trinta e sete

CHARLIE CALLOWAY

2017

Não conseguia dormir. Às escuras, fitava o teto do quarto e escutava os estranhos ruídos noturnos da casa de Dalton. No piso abaixo do meu, ouvi um autoclismo descarregar, o som da água a correr pelos canos nas paredes. Escutei passos, o soalho a ranger e uma porta que se fechava. Aguardei. Esperava pelo silêncio, pela quietude que me diria que toda a gente dormia profundamente e que podia, por fim, pôr o meu plano em ação.

Durante o jantar, não conseguira olhar sequer para Margot. Tínhamos ficado sentadas lado a lado e, em determinada altura, quando me pediu para passar a travessa do feijão verde, a minha mão roçou nos dedos dela e quase deixei cair a travessa. Senti os cabelos da nuca eriçarem-se. Pedi licença para ir à casa de banho e, encostada ao tampo de mármore do lavatório, enviei uma mensagem de texto a Greyson.

Não falava com ele desde a nossa discussão, no meu quarto, há umas semanas, e a verdade era que também não me apetecia muito falar com ele naquele momento, mas não tinha escolha. Greyson era a única pessoa que sabia o que se estava a passar e que não precisava de muitos pormenores para ficar ao corrente dos novos desenvolvimentos. Além disso, precisava de falar com alguém. Precisava de saber que não estava louca.

Acho que encontrei as malas da minha mãe, escrevi. As que levou com ela quando desapareceu.

Sabia que não estava a imaginar coisas ou a recordá-las erradamente. Lembrava-me na perfeição daquelas malas: um par de malas *Burberry*, de tecido, com um padrão de cornucópias, as que a minha mãe costumava levar quando íamos passar os fins de semana à cidade, as mesmas que tinham

desaparecido com ela. Eram inclusivamente referidas nos relatórios do investigador privado.

Se não fossem as malas da minha mãe, contudo, também não seria a primeira vez que acreditava vê-las e me enganava. Certa vez, quando tinha nove anos, vira aquele conjunto de malas no aeroporto JFK, em Nova Iorque, e desatara a correr atrás da mulher que as levava, certa de que era a minha mãe, até que a mulher se tinha virado e revelado ser uma senhora polaca de meia-idade (olhara-me fixamente com os seus olhos cavados, perguntando: «Que foi, menina, que foi?», enquanto eu pestanejava apatetadamente). Talvez tudo não passasse de novo de uma infeliz coincidência.

Costumava imaginar a minha mãe com aquelas malas, percorrendo aeroportos estrangeiros a caminho de um destino quente e exótico. Mas e se, durante todo este tempo, elas tivessem estado escondidas numa cave escura em Southampton? A cave de Margot. Mas como é que teriam ido ali parar? E se as malas estavam na cave de Margot, onde estava a minha mãe?

O meu telefone vibrou e vi o nome de Greyson no ecrã. Estava a ligar-me. Pus a mão em forma de concha a tapar a boca e atendi.

– Estou? – sussurrei.

– Charlie, que se passa? – perguntou Greyson. – Onde é que estás? – Soava um pouco ofegante.

– Não te zangues – respondi, em murmúrios –, estou em casa da família do Dalton, em Southampton.

Do outro lado, ouvi Greyson murmurar um palavrão.

– Qual é o endereço?

– Nem penses que vens até aqui – disse, mais alto do que tencionava. A minha voz ecoou na casa de banho de mármore. Merda. Baixei de novo a voz. Os Daltons estavam mesmo ao fundo do corredor. Não podia arriscar a que me ouvissem. – Estou bem – asseverei. – E podem até nem ser as malas dela. Há de haver mais gente que tenha comprado um conjunto igual. Mas o padrão é o mesmo e a marca também, e foi o suficiente para me assustar.

– Onde é que as encontraste? – perguntou Greyson.

– Na cave, ao lado de umas pilhas de caixas e móveis tapados com lençóis – expliquei. – Como te disse, pode não ser nada.

– Sai daí a sete pés – sugeriu Greyson. – Charlie, vem-te embora. Agora mesmo. Agarra nas tuas coisas e sai daí. Eu vou buscar-te.

– Não vou nada embora! – exclamei. – Ainda não tive oportunidade de ver o que contêm. As malas da minha mãe tinham um rasgão no forro. Preciso de abrir estas e ver se...

– Charlie, mas tu estás doida? – Greyson soava zangado. – Se essas forem as malas da tua mãe, então isso quer dizer...

Greyson calou-se e eu senti o peso das palavras que ele não disse. Que a minha mãe não partira de moto próprio. Que não nos tinha abandonado. Que estava morta, como toda a gente acreditava. Que não ia jamais voltar.

– Não sabemos o que isso significa – contrapus. – Pode querer dizer muita coisa.

– Charlie, ouve-me bem – insistiu Greyson. – O teu pai e a Margot estiveram noivos. Eram ambos membros do A; conhecem-se há muito tempo. Se as malas da tua mãe estão na cave da Margot, não achas que é possível que ela o tenha ajudado...

– O tenha ajudado a quê?

– A livrar-se dos vestígios?

– Talvez a Margot tenha ajudado a minha mãe a desaparecer – argumentei estupidamente.

– Se o plano da tua mãe era ir para longe, porque iria deixar as malas na cave da Margot?

– Mas eu ainda nem sequer sei se são as malas dela! – aleguei.

– Charlie, não...

Desliguei. Greyson ligou-me imediatamente de volta e continuou a fazê-lo, por isso, pus o telefone no silêncio e regressei à sala de jantar.

Não havia outra hipótese. Tinha de voltar àquela cave sem que ninguém me visse, de abrir as malas e descobrir se tinham o revelador rasgão no forro. Tinha de saber se eram mesmo as malas da minha mãe.

Começara tudo isto sozinha e era sozinha que pretendia terminá-lo, porque se alguma coisa aprendera nos últimos meses, fora que apenas podia contar comigo mesma.

Afastei então as cobertas da cama e levantei-me. As pranchas do soalho rangeram ligeiramente sob os meus pés. Porque é que Dalton tinha de viver numa casa velha que chiava e gemia como um idoso a cada passo?

A noite era fria e o soalho parecia gelo sob os meus pés, por isso, dirigi-me ao roupeiro e calcei umas meias e vesti uma *sweatshirt* com capuz por

cima do pijama. Por fim, avancei em bicos dos pés para a porta e abri-a devagarinho, sustentando a respiração quando as dobradiças protestaram.

Descer até à cave revelou-se um processo lento e árduo, pois tinha de parar de cada vez que fazia barulho e ficar atenta a outros ruídos que indicassem que alguém me ouvira e se levantara. A única vantagem em relação ao facto de a casa ser barulhenta era poder também ouvir quem quer que descesse a velha escadaria atrás de mim por me ter ouvido igualmente.

A casa estava às escuras e tive de avançar às cegas, confiando na minha memória e apalpando o caminho. Ao chegar ao piso térreo, encostei uma das mãos à parede, que usei como guia para chegar ao escritório, onde ficava a porta para a cave. Preparava-me para rodar a maçaneta quando a campainha da porta tocou.

Os Daltons tinham uma daquelas campainhas grandiosas e irritantes que nunca mais paravam de tocar e que ecoavam pela casa toda. Estaquei onde estava, protegida pela escuridão. Sabia que não podia arriscar-me a regressar ao quarto, pois o mais certo era que me cruzasse com Margot, que já viria a descer as escadas para abrir a porta. Pus-me de quatro e gatinhei para trás de um sofá.

A campainha tocou de novo e ouviram-se também várias pancadas na porta, como se alguém estivesse a esmurrá-la.

Quem é que poderia ser àquela hora e a fazer tamanha barulheira? Eram quase duas da manhã.

Ouvi passos na escadaria e depois a luz do corredor acendeu-se. Margot dobrou a esquina e atravessou o escritório, passando por mim, felizmente sem me ver. Tinha o cabelo solto e um roupão de veludo frisado. Avançou para a sala de estar e, quando virou para o vestíbulo, perdi-a de vista.

– Não sei que raio de brincadeira achas que estás a armar!

Era um homem, aos gritos. A sua voz grave e autoritária ecoava pelas paredes.

Em seguida, ouviu-se a voz de Margot, mas abafada. Pus-me de pé e esgueirei-me até à sala de estar com o objetivo de ouvir melhor o que era dito.

– Que história é essa? Eu não fazia ideia de que ela não te tinha dito. Mas o melhor é respirares fundo e acalmares-te – recomendou Margot.

Seria o pai de Dalton? Era suposto ele estar para chegar, mas àquela hora? E porque estaria tão zangado?

– Onde raio é que ela está? Quero vê-la agora mesmo, Margot!

O meu coração parou. Não era o pai de Dalton, era o meu.

Ouvi-o deslocar-se pesadamente do vestíbulo para a escadaria e estaquei. Que estava o meu pai a fazer ali? Como é que ele sabia onde eu estava?

– Charlotte? – gritou ele. – Charlotte!

Entrei no vestíbulo e preparava-me para chamar o meu pai, que já tinha chegado ao patamar do primeiro piso, quando vi Dalton ali, de pijama, com o cabelo todo desgrenhado.

– Que se passa? – perguntou ele, por entre dois bocejos.

– Tu! – exclamou o meu pai. Precipitou-se para Dalton de dedo em riste, vermelho como um pimentão.

– Alistair! – gritou Margot, e subiu as escadas a correr.

– Já sei tudo acerca dos teus truques e manobras – continuou o meu pai, que parou quase em cima de Dalton e não parava de lhe apontar o dedo. – Vais ficar longe, bem longe, da minha filha. Estás proibido de a contactar por mensagens escritas, por telefone ou de te aproximares dela. E se lhe tocares num fio de cabelo que seja, arranco-te o braço!

– Pai – chamei. – Para com isso!

Ao ouvir a minha voz, ao fundo das escadas, o meu pai deteve-se, virou-se e olhou para mim. Por um segundo, a sua raiva pareceu desvanecer-se e fez um ar aliviado, mas depois, quase com a mesma rapidez, a raiva voltou, talvez até amplificada.

– Charlotte, vai buscar as tuas coisas – ordenou ele. – Vamos embora.

– Não tem de ser assim, Alistair – alegou Margot.

– Fico no carro à tua espera – disse o meu pai, ignorando-a. – Tens cinco minutos, Charlotte, e depois venho aqui buscar-te, e olha que não será bonito.

– Certo – respondi.

O meu pai desceu as escadas e passou de rompante e de raspão por Margot e depois por mim. Um segundo depois, a porta da frente fechou-se com estrondo.

– Que acabou de acontecer? – perguntou Dalton.

– Talvez eu não tenha sido cem por cento sincera com o meu pai acerca de onde ia passar as miniférias de Ação de Graças – expliquei.

– É melhor ires buscar as tuas coisas – instruiu Margot, num tom gélido. – Não deixes o teu pai à espera. Royce, podemos falar por um momento?

– Eu não fiz nada – defendeu-se Dalton.

Mexendo apenas os lábios, pedi desculpa a Dalton nas costas de Margot e dirigi-me ao quarto para fazer a mala e me vestir. Vesti as mesmas calças de ganga e camisola de lã que usara no dia anterior, pois ainda estavam em cima da cadeira onde as largara. Emalei o mais rápido que pude o resto das minhas coisas.

Não me fui despedir de Dalton. Não o vi, nem a ele nem a Margot, quando arrastei a mala até à entrada. Também não tinha tempo para ir à procura deles, por isso, abri a porta e saí.

O meu pai tinha o carro parado e com o motor ligado. Saiu para me ajudar a pôr a mala na bagageira, abriu-me a porta do passageiro e bateu com ela depois de eu me sentar.

Os primeiros minutos de viagem foram pautados pelo silêncio. Peguei no telefone e vi que tinha cinquenta chamadas perdidas de Greyson e dezenas de mensagens de texto. Esquecera-me de tirar o telefone do silêncio. Abri a caixa de mensagens. As primeiras revelavam que estava em pânico.

GREYSON: [20h05] Charlie, onde estás?

GREYSON: [20h12] Estás bem?

GREYSON: [20h56] Por favor, atende o telefone

GREYSON: [21h30] Atende

GREYSON: [22h03] Estou muito preocupado

As seguintes eram vagamente ameaçadoras.

GREYSON: [22h03] Ligo ao teu pai se não atenderes, para ele me dar o endereço desse imbecil

E as últimas eram pura e simplesmente ridículas.

GREYSON: [23h45] Não tinha o número do teu pai, por isso fui a casa dele

GREYSON: [23h47] Ele está furioso. Vai aí buscar-te

GREYSON: [23h48] Conte-lhe do Dalton e do jogo das conquistas

GREYSON: [23h48] Desculpa. Não me odeies

Hã? Greyson tinha ido a casa do meu pai? Falara-lhe do Dalton? Que grande idiota.

– Nunca mais voltes a mentir-me, Charlotte – disse o meu pai, quebrando por fim o silêncio. – Não me mintas.

– Tem graça – respondi. – Pensei que mentir era um traço familiar Calloway.

– Que queres dizer com isso?

– Jake Griffin – declarei. – Disseste-me que mal o conhecias.

O meu pai desacelerou o carro, encostou à berma da estrada e desligou o motor.

– Era por isso que não querias que me desse com a Margot? – indaguei. – Porque eu andava a fazer perguntas acerca do Jake e tu temias que ela me desse a resposta a essas perguntas? Não querias que eu soubesse a verdade?

– Que te disse a Margot, ao certo?

– Disse-me tudo – menti.

– Foi um acidente – disse o meu pai. – Achámos todos que ele estava morto. Não respirava.

Virei a cabeça e contemplei a neve que salpicava a paisagem do outro lado do vidro. Não podia arriscar-me a que o meu pai visse pela minha expressão que a sua afirmação constituía um choque. A que acidente se referia ele?

– Toda a gente olhava para mim, à espera que eu decidisse o que havíamos de fazer, que resolvesse a situação. Estávamos em pânico. Não passávamos de um bando de miúdos – prosseguiu o meu pai. – E depois a Margot... A Margot teve uma ideia... De fazermos com que parecesse que o Jake... Se tinha suicidado. De lançarmos o corpo dele para a ravina e fazermos de maneira a que parecesse um suicídio. De forjarmos um bilhete acerca do exame que ele tinha roubado e deixá-lo no quarto dele, na residência.

– E tu fizeste-o? – perguntei. – Lançaste-o à água?

– Foi isso que ela te disse? – inquiriu o meu pai. Olhou para mim e desviou o olhar. Não respondi. – Ele era demasiado pesado para a Margot lhe pegar sozinha – explicou o meu pai. – Precisava de alguém que a ajudasse. Não parava de dizer que era a coisa mais acertada, que era a única maneira de nos salvarmos, que ele, de qualquer maneira, já estava morto e que não fazia sentido nós desperdiçarmos e estragarmos também o nosso futuro.

«Ainda sugeri à Margot que levássemos o Jake ao hospital em Falls Church, que eu mesmo o faria e o deixaria num sítio onde fosse encontrado rapidamente, mas ela disse que era muito arriscado, que ia haver

demasiadas perguntas, que o rasto podia acabar por levar a nós. Insistiu para que armássemos a coisa de modo que ninguém viesse fazer-nos perguntas. O Matthew... Matthew York, ajudou-a a lançar o corpo. Só mais tarde é que ficámos a saber que ele não estava morto quando o deitámos à ravina.

Demorei um momento a perceber o que o meu pai estava a dizer. Ele e os amigos tinham *matado* Jake Griffin.

– Fui fraco – admitiu o meu pai, olhando finalmente para mim, nos olhos.
– Da pior forma, da forma mais abjeta. Fui demasiado fraco para ajudar a Margot a livrar-se do corpo, e fui demasiado fraco para a travar no seu intento.

Não sei o que me levou a fazê-lo, mas estiquei o braço e cobri a mão do meu pai com a minha.

– Lamento – disse.

– Nunca contei isto a ninguém – disse ele.

– Nem sequer à mãe? – perguntei.

O meu pai olhou para mim como se o tivesse esmurrado inesperadamente. Senti-o retesar-se e afastei a mão.

– A tua mãe? – perguntou ele, de volta.

Podia aproveitar o momento. Podia falar-lhe do ficheiro do detetive, das fotografias, das malas. Podia pedir-lhe que me contasse a verdade.

– Ela sabia? – perguntei, em vez de aproveitar a oportunidade. – Ela sabia o que realmente se tinha passado com o Jake?

Seguiu-se uma longa pausa.

– Sim – confessou o meu pai. – Mas não fui eu que lhe contei o sucedido. Ela descobriu tudo no último verão que passou connosco. Encontrou umas fotografias antigas quando pôs um rolo a revelar. Interrogou a Margot a propósito do assunto e ela contou-lhe tudo.

Então, era por isso que o meu pai não me queria perto de Margot, porque ela dissera a verdade acerca de Jake à minha mãe e ele não queria que ela fizesse o mesmo comigo.

– A tua mãe contratou um detetive privado – revelou o meu pai. – Queria reunir provas do que aconteceu, levá-las a tribunal. Só soube disso depois dela ter desaparecido. Pensava... pensava que ela tinha um caso extraconjugal. Quando ela desapareceu, fui a casa desse detetive confrontá-lo. Achei que talvez tivessem fugido juntos. Foi então que ele me revelou a verdadeira natureza do relacionamento entre ambos. Quando o investigador

que eu contratei descobriu as gravações do banco, o dinheiro que desaparecera dos cofres que tínhamos no banco, soube que ela fugira e percebi porque o fizera. Tinha descoberto o que eu tinha feito, o que eu era. Já não aguentava mais viver comigo. E queria magoar-me, de uma maneira irrevogável.

Fiquei ali sentada, em silêncio, atordoada. Só que ela não o tinha deixado apenas a *ele*. Deixara-me a mim também. E à Seraphina. E à Claire. E à avó e ao avô Fairchild e ao tio Hank. Porque iria ela deixar-nos a todos, sem uma única palavra, um pensamento, sem sequer olhar para trás?

– A Claire disse... – comecei. Respirei fundo. Não sabia muito bem como dizer aquilo. – A Claire disse-me que tu e a mãe tiveram um desentendimento sério na semana anterior ao desaparecimento dela. Que a mãe se magoou.

Pelo canto do olho vi o meu pai cerrar os punhos.

– Estávamos a discutir e a tua mãe desequilibrou-se e caiu – disse o meu pai. – Eu não lhe toquei. Eu nunca... Eu jamais a magoaria.

Será mesmo verdade? Não pude deixar de me perguntar. Seria possível que a minha mãe receasse o meu pai a ponto de fugir dele? Poderia esse medo tê-la mantido em silêncio e escondida todos estes anos? As últimas palavras que a minha mãe dissera ao meu pai vieram-me à memória: *Tira as mãos de cima de mim*.

Ficámos novamente em silêncio e depois o meu pai perguntou:

– Que te fez pensar na tua mãe?

Considerarei contar-lhe tudo, falar-lhe das fotografias que o tio Hank tinha encontrado sob as tábuas do soalho na casa do lago, do ficheiro que eu roubara no gabinete de Peter Hindsberg. Talvez o que o meu pai dissera fosse verdade. Sob muitos aspetos, fazia sentido e as peças encaixavam-se umas nas outras na perfeição. Talvez a minha mãe nos tivesse realmente deixado, tal como eu acreditava desde o início.

No entanto, não conseguia tirar da cabeça as malas que vira na cave de Margot. O mais certo era que se tratasse de uma mera coincidência e que eu estivesse apenas a ser paranoica.

– Nada em especial – respondi. – Apenas a época do ano, suponho. Penso sempre mais nela nesta quadra. A Ação de Graças foi sempre a preferida dela. – Fiz uma pausa. – Costumas... costumas lembrar-te dela, pensar

nela? – quis saber. Era a primeira vez, desde miúda, que fazia aquela pergunta ao meu pai.

De início, ele não respondeu. Ligou o motor e arrancou. Ao fim de um tempo, acenou com a cabeça, quase impercetivelmente, e percebi que me tinha ouvido.

– Nunca parei de pensar nela – disse o meu pai.

Trinta e oito

CHARLIE CALLOWAY

2017

O terceiro e último cartão do A, com a derradeira tarefa que teria de cumprir, esperava-me na caixa do correio quando regressei à escola. Dessa feita, o cartão vinha dentro de um pequeno envelope branco. Abri-o na entrada de Rosewood Hall.

Item #3: Publica estas fotografias na próxima edição do Knollwood Chronicle

Virei o envelope de cabeça para baixo e fiz deslizar as fotografias para a palma da mão, mas, antes mesmo de as ver, já sabia do que se tratava. Eram as fotografias que Leo tirara de mim e do professor Andrews. Eu não aparecia propriamente na fotografia, pois tinha a cabeça virada, mas pelo uniforme via-se que a rapariga era aluna da Knollwood Prep. O professor Andrews via-se perfeitamente, assim como o nosso beijo impróprio.

Que teria feito o professor Andrews para incorrer na ira do A? Sabia que era inútil fazer tal pergunta. O A estava determinado a derrubá-lo e ia usar-me para o conseguir.

Voltei a guardar as fotografias no envelope e escondi-o no manual de Trigonometria. O desafio de conseguir as fotografias parecera-me na altura uma mera provocação. Uma coisa para testar até que ponto eu estava disposta a ir para provar ao A que pertencia ao clube, que merecia ser um deles. Aquilo, contudo, parecia-me cruel. Destruir a reputação de um homem. Se o que as fotografias revelassem fosse verdadeiro, então talvez o professor Andrews merecesse ser exposto. O que as fotografias não

mostravam, porém, era que havia sido eu quem o beijara e que ele me rejeitara. As fotografias eram um embuste.

Apertei o livro contra o peito e atravessei o relvado para chegar à sala de aulas. Não o via, mas sentia-o ali, o envelope metido entre as páginas, com o terceiro desafio, o último teste antes de me tornar num membro do A.

*

Leo inclinou-se por cima do meu ombro e arrancou-me *Ariel*, de Sylvia Plath, das mãos. Tentei arrebatá-lo de volta, mas ele manteve-o longe do meu alcance e recostou-se de novo nas almofadas empilhadas na minha cama. Leu em voz alta e num tom dramático o último verso do poema e deu uma gargalhada.

– Credo, odeio este poema – declarou Leo. – Eu sei que é suposto isto ser muito profundo e assim, mas quanto mais leio isto mais me convenço de que a Plath andava a dormir com o pai.

Lançou *Ariel* para junto de mim e pegou no comando da sua Xbox. Segurei o livro fechado nas mãos e fiz deslizar os dedos pela lombada.

Desde a conversa que tivera com o meu pai durante as miniférias de Ação de Graças, não parara de pensar no que ele e o A tinham feito a Jake Griffin. Sim, achavam que ele estava morto quando o lançaram para a ravina. A intenção não fora matá-lo, mas, por outro lado, os membros do A também não estavam completamente livres de culpa. Tinham-se preocupado mais com eles mesmos, com os seus futuros, as suas carreiras, as suas reputações, do que com o bem-estar de um amigo. Porque, se tivessem pensado primeiro em Jake naquela noite, teriam feito tudo ao alcance deles para o ajudar. E, no mínimo, podiam ter sido sinceros em relação ao que acontecera e não ter permitido que a família e amigos de Jake passassem pelo tormento de pensar que ele se suicidara. Talvez os membros do A não fossem uns assassinos, mas, sem dúvida, que eram egoístas, egocêntricos e cruéis.

Em abono da verdade, da dolorosa verdade, se tivesse estado no lugar do meu pai, no Rebordo, com Jake, ter-me-ia comportado de forma diferente? É que já tinha estado no lugar dele, mais ou menos, e agira de modo que os meus interesses ficassem protegidos. Quando Auden fora tramado por causa de uma partida que não tinha pregado, deixara-o ser acusado e expulso.

Desmascarar o A nem sequer me passara pela cabeça. Mas podia ter feito isso e talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Se calhar, não agira somente para proteger os meus interesses. Tinha sido leal ao clube. De certo modo, o meu pai e os seus amigos tinham feito uma coisa semelhante. Haviam sacrificado Jake para se salvarem uns aos outros. Não fora uma decisão fácil e também não tinha sido totalmente egoísta. Talvez houvesse algum tipo de nobreza naquele género de lealdade.

– Imaginemos que eu tinha feito uma coisa má – sugeri. – Tipo, mesmo, mesmo má.

– Que tipo de coisa? – perguntou Leo, sem tirar os olhos do televisor e de lábios franzidos, como era seu costume quando estava muito concentrado. – Tipo mentir ao teu pai em relação a teres passado as miniférias com o teu namorado?

– Muito engraçadinho – ripostei.

Leo continuava a meter-se comigo por causa disso. Ficara um pouco ofendido por lhe ter mentido relativamente ao meu destino de férias, se bem que, no capítulo da honestidade entre nós os dois, ele não fosse propriamente um santinho.

– Digamos que matei uma pessoa – aventei. – Sem querer.

– De que modo? – indagou Leo.

– Sei lá eu... Os pormenores não são importantes – aleguei.

– Os pormenores *são* importantes – realçou Leo. – Tipo, atropelaste alguém sem querer com o teu carro? Ou estamos a falar de um crime passional? Discutiste com o Dalton e apunhalaste-o até à morte com o salto da tua sandália *Louis Vuitton*?

Suspirei.

– Escolhe tu.

– Escolho morte por *Louis Vuitton* – disse Leo. – E o teu segredo está em segurança comigo.

– Mas a sério, Leo – pedi. – Estamos a falar hipoteticamente, é claro, mas se não estivéssemos, se soubesses que eu tinha matado uma pessoa, não ias denunciar-me à polícia?

– Se tivesses matado uma pessoa *acidentalmente*? – perguntou Leo. – Não sei... Não, suponho que não iria.

– Porque não? Não achas que devia ser responsabilizada pelo meu ato, responder pelo que fiz?

– Família é família – argumentou Leo, encolhendo os ombros.

– Então, o facto de nos correr o mesmo sangue nas veias concede-me um cartão tipo o do Monopólio: «Você está livre da prisão»? Não te sentirias moralmente comprometido?

– A lealdade com aqueles que amamos, com a família, é um código moral. Se não tivermos lealdade, resta-nos o quê?

– Lealdade familiar – repeti. – Tem graça... Vindo de ti.

Ainda não tinha esquecido o que Leo me fizera e gostava de o massacrar com isso.

– Perdoaste o Dalton, mas não me perdoas a mim – queixou-se Leo. – Não é justo.

– Pronto, está bem – repliquei.

Continuava sem saber o que pensar em relação à questão da suposta lealdade.

– Por causa disto não vais voltar atrás e recusar-te a ajudar-me amanhã com as doações para a Gala de Beneficência, pois não? – indagou Leo.

– Como assim? – inquiri. – Não me lembro de me ter voluntariado sequer, para começo.

– Estou a obrigar toda a gente a ajudar-me, e tu não és exceção – disse Leo. Era delegado da turma de pré-finalistas e, uma vez que a Associação de Estudantes estava encarregada de organizar o evento, ele tinha de ajudar. – Além disso, ultimamente tenho andado tão ocupado que nem tive tempo para fazer nada, e a gala é já no sábado.

Olhei expressivamente para ele e depois para o televisor, onde a sua atenção continuava fixada.

– Pois, claro, tens muita razão – disse, num tom irónico.

– Que te saiu como último desafio? – perguntou Leo, tendo feito tábua rasa do meu comentário.

– Tenho de publicar no *Chronicle* as fotografias que tiraste do professor Andrews a beijar-me – respondi.

– Não é muito mau – comentou Leo.

Presumi que se referia à dificuldade de execução da tarefa.

– Pois – respondi. – Fazes ideia do que o professor Andrews fez para irritar o A?

– É mais o que ele não fez – disse Leo. – E com *quem* não o fez.

– De que estás a falar?

– Parece que a Ren tinha uma paixoneta por ele, não correspondida. Deve ter-se sentido insultada, imagino.

– Então, vamos tramar o professor Andrews por se ter metido com uma aluna porque precisamente não se meteu com uma aluna?

– É mais ou menos isso – confirmou Leo.

Não pude deixar de pensar no episódio do ano anterior com o presidente do Departamento de Artes. O clube tinha conseguido expulsá-lo da escola ao expor uma troca de *e-mails* muito explícita com uma aluna menor de idade. Teria sido também uma trapaça? Na altura, encarara os membros do A como uma espécie de vigilantes que operavam nas sombras, mas entretanto...

– Isso não te parece um bocado tortuoso, velhaco inclusivamente? – perguntei.

Leo encolheu os ombros.

– Não é muito diferente do que fizemos até agora, pois não?

– É, sim – afirmei.

– De que maneira? – indagou Leo. Pousou o comando da Xbox. – Lembras-te da ocasião em que o A tramou o Auden por ter feito aquilo à fotografia do professor Franklin? De início, ficaste muito ofendida porque o clube te deixou de fora da manobra. Basicamente, o que fizemos foi com que ele fosse expulso.

– Sim, tens razão – concordei.

– Mentimos, trapaceámos, roubámos, vandalizámos, *et cetera* – fez notar Leo. – Onde é que isto é diferente?

– Não sei – admiti. – Parece-me diferente...

Talvez Leo tivesse razão e aquilo não fosse diferente do que já tínhamos feito. Talvez, de certo modo, a diferença ali estivesse em *mim*.

– Alguma vez pensaste em não fazer o que eles querem? – perguntei. – Tipo, abandonar o jogo, virar-lhes as costas? Não ser um A?

– Não, nem por isso – respondeu Leo. – Sobretudo agora. Já aguentámos muita merda e já chegámos quase ao fim. Em breve será a nossa vez.

A nossa vez. A nossa vez de fazer a um grupo novo de iniciados o que nos tinha sido feito a nós. A nossa vez de engendrar planos de vingança e fazer guerra contra o diretor Collins e os restantes membros do corpo docente.

– Além do mais – prosseguiu Leo –, tentar abandonar o clube não deu bom resultado para quem já o tentou, caso não estejas recordada. Lembras-

te do Auden?

– Mas e se não houvesse consequências? – pus à consideração de Leo.

– Haverá inevitavelmente consequências – afirmou ele. – Sabes o que eles têm contra nós. Queres mesmo que toda a gente veja aquelas fotografias? Já nem falo do que as pessoas aqui na escola vão pensar. Mas, e se as fotografias forem parar às mãos dos nossos pais?

Fiquei em silêncio. Não era apenas o meu destino que estava a decidir, era também o de Leo.

– Diz-me que não estás a planear fazer uma estupidez qualquer – pediu Leo. Limitei-me a olhar para ele. – Charlie?

Era Leo, o meu primo, quem magoaria se fizesse alguma coisa. Era certo que Leo ultimamente não se tinha mostrado a pessoa mais leal comigo, mas em que me distinguiria eu se lhe pagasse na mesma moeda? A lealdade com aqueles que amamos, com a família, é um código moral. Se não tivermos lealdade, resta-nos o quê?

– Claro que não – respondi, por fim. – Não sejas tão dramático. Estava apenas a falar hipoteticamente.

– *Okay*, ótimo – disse Leo. Pegou de novo no comando e regressou ao seu jogo.

Ocorreu-me que, de facto, o que Ren dissera naquela primeira noite no Rebordo era verdade: os segredos vinculam-nos mutuamente, no sentido em que nos restringem. Não apenas eu e Leo e os membros atuais do A, mas todos os membros do clube. Estávamos todos inextricavelmente ligados. Ou nos escaparíamos impunes juntos a tudo e mais alguma coisa, ou teríamos de desabar juntos, uma implosão coletiva, porque, de uma maneira ou de outra, éramos todos culpados de alguma coisa.

Mas, pensando bem, quem não era?

✱

Não obstante vários esforços, dei por mim no refeitório, na quarta-feira à tarde, sentada a uma mesa com Dalton, Crosby e Leo a catalogar donativos para o leilão silencioso da Gala de Beneficência dos Administradores.

– Aqui está mais uma casa de férias – anunciou Crosby. Entregou-me uma página impressa com as fotografias e a descrição de uma cabana de esqui em Jackson Hole.

Aparentemente, a doação mais comum e preferida para o leilão silencioso

era uma escapadela de uma semana numa casa de férias (ou apartamento de luxo em Lake Tahoe, ou *chateau* no Sul de França, ou *villa* na Toscana, ou adega em Napa). Exigia um esforço mínimo e, ao mesmo tempo, permitia às famílias ostentar a sua riqueza, e tudo isso em nome da caridade. Era a derradeira #fanfarronicehumilde.

– «Cabana rústica que lhe permite comungar com a natureza» – li, antes de catalogar a doação. – Que terá gritado «rústico» a este tipo? – perguntei. – Terá sido o *jacuzzi* em mármore para catorze pessoas ou o cinema privado na cave?

Mostrei o papel a Crosby para que pudesse ver as fotografias.

– As pessoas acham que só porque estão no meio do sítio onde Judas perdeu as botas, isso significa que estão a acampar ou coisa assim – comentou Crosby.

– Uma vez, perdemos um voo e tivemos de pernoitar em Atlanta, numa escala para não sei onde, e ficámos no Hilton, junto ao aeroporto – contou Dalton. – A minha mãe chegou mesmo a usar a expressão «temos de aguentar».

Dalton riu-se e esticou o braço por cima das costas da minha cadeira. Senti as pontas dos seus dedos nos ombros e tive de me conter para não me desencostar do espaldar. A verdade era que me sentia estranha na companhia de Dalton desde que encontrara aquelas malas na cave da sua casa. E o mais complicado era não poder sequer partilhar com ele as minhas preocupações, porque ou estava completamente doida e as malas eram iguais às da minha mãe por coincidência, ou então as malas eram mesmo dela e Margot estava ligada ao seu desaparecimento. Sabia que tinha de regressar àquela cave e abri-las, mas não fazia a mais pálida ideia de como consegui-lo.

Uma parte de mim fazia um esforço hercúleo para não pensar naquelas malas, porque se pertencessem de facto à minha mãe, que significava isso? Nunca me permitira acreditar que a minha mãe não nos tinha deixado de livre e espontânea vontade. A alternativa era demasiado horrível para contemplar sequer: que o meu pai pudesse ter desempenhado algum papel no seu desaparecimento, que a pudesse ter magoado de alguma maneira. Porém, se a minha mãe não nos tinha deixado, então, isso queria dizer que eu estivera errada em relação a muitas coisas. Os muros que eu erguia ao meu redor, a frieza e o distanciamento que cultivava à laia de escudo, eram

infundados e mal dirigidos, logo, desnecessários. É que, sendo assim, não tinha sido traída e abandonada; fora querida e amada.

Semelhante pensamento desarmou-me.

– Como é que determinamos o lance mínimo inicial para cada uma das doações? – perguntou Crosby.

– Primeiro tenho de ver quanto é que foi a receita da bilheteira – disse Leo. – Assim, saberemos quanto é que podemos extorquir às pessoas para atingirmos o nosso objetivo. Charlie, importavas-te de ir perguntar à Stevie se já fez as contas da bilheteira?

– Ultimamente, andas muito mandão – referi. – Parece que todo este poder te subiu à cabeça.

– És um verdadeiro tirano, Leo – troçou Dalton. – Ao menos pede por favor.

– Alguma vez um delegado de turma foi alvo de uma impugnação? – inquiri.

– Não existem precedentes para uma manobra assim, infelizmente – disse Dalton.

– Podíamos organizar um Golpe de Estado – propus. – Tenho um período livre amanhã, depois de Trigonometria.

Leo suspirou.

– Por favor, Charlie, se não for uma grande maçada e agradecendo-te de antemão, importavas-te de ir perguntar à Stevie quanto fizemos com a venda de bilhetes e, já agora, trazes a caixa do dinheiro?

– Bom, viste que pediste com tão bons modos... – respondi, pondo-me de pé.

Ziguezagueei por entre as mesas até chegar àquela que Stevie e Yael tinham ocupado. Não falava com Yael desde a expulsão de Drew, e com Stevie desde que ela me fizera aquela oferta de paz à porta do refeitório, há umas semanas. Sentia-me mal por tê-la ignorado, mas não havia sido minha intenção fazê-lo. Fora mais um caso de mau *timing* do que outra coisa qualquer.

Sabia que não me portara muito bem e que Drew era o fator comum que nos ligava, a cola que mantinha a nossa amizade, mas, ainda assim, Stevie e Yael eram minhas amigas (não eram?), e sentia a falta delas.

– Olá, meninas – cumprimentei, demasiado bem-disposta. Sabia que o meu cumprimento soava falso, mas não conseguira evitá-lo. Não tinha

muita prática a armar-me em boazinha e a tentar insinuar-me junto de alguém. Nunca me dera a esse trabalho.

Yael calou-se a meio de uma frase. O seu sorriso desvaneceu-se assim que me viu. Stevie olhou para mim por um instante e devolveu a sua atenção à máquina de calcular. Havia pilhas de cheques em cima da mesa.

– O Leo precisa da caixa do dinheiro e do resultado final da bilheteira – disse.

– É só um minuto – respondeu Stevie, sem olhar para mim.

– *Okay* – disse, e sentei-me na cadeira ao lado de Stevie enquanto ela pressionava as teclas da calculadora e o número no ecrã crescia. – Precisas de ajuda?

– Não foi um convite – resmungou Yael. Fulminava-me com o olhar.

Não esperara propriamente uma receção calorosa, mas também não contava com semelhante frieza. Ao menos estava a esforçar-me.

– Afinal, qual é o teu problema? – perguntei.

Yael suspirou.

– Podes acabar com esse joguinho, Charlie, sabemos que foste tu – disse ela.

– Que fui eu o quê?

– A sério? É mesmo assim que queres fazer isto?

– Yael, não estou a fazer joguinho nenhum. Não faço mesmo ideia do que estás a falar.

– A porcaria do peixe que encontrámos no nosso quarto – elucidou Yael, levantando o tom de voz.

Stevie inclinou-se para a frente e levou o indicador aos lábios, pedindo silêncio. Yael recorreu então a um sussurro fervoroso.

– Estou a falar da merda do peixe.

– O peixe? – estranhei.

Todo aquele tempo, achara que elas estavam zangadas comigo por acreditarem que tinha sido eu que pedira a Drew para roubar o exame. Também me passara pela cabeça que estivessem chateadas comigo por passar tanto tempo com Dalton e os rapazes, como se as tivesse descartado ou assim. Mas, afinal de contas, o motivo das trombas era um peixe?

– Pavoneias-te por aí toda ufana com os teus amiguinhos secretos no vosso grupinho secreto com os vossos segredinhos – desdenhou Yael – e deves achar que ninguém sabe.

– Yael... – começou Stevie, mas Yael cortou-lhe a palavra.

– Não, eu não tenho medo dela e dos seus amigos queridos – afirmou Yael. Virou-se para mim, com um fogo no olhar. – Aqui há tempos, na casa de banho, ouvi a Darcy e a Ren comentarem que, por causa delas, tu e o Leo tinham levado a expressão «quanto mais prima mais se lhe arrima» a um outro nível. Que amigas tão estranhas as que te obrigam a enfiar a língua pela garganta do teu primo abaixo antes de se dignarem a dar-se contigo. Elas pareciam ter achado muita graça ao sucedido.

Corei até à raiz dos cabelos.

– Não sei de que estão a falar – menti.

– Para que saibas: se nos tornarem num alvo, nós vamos ripostar na mesma moeda. Nós também sabemos alguns segredos.

– Yael, já chega! – exclamou Stevie.

Yael olhou para Stevie e respirou fundo. Em seguida, voltou a fulminar-me com o olhar.

– Sabes que mais? – disse ela. – Não vou descer ao teu nível. Fica lá com os teus joguinhos interesseiros e as tuas manobras de poder e as tuas manipulações e deixa-nos em paz. Mantém-te longe de mim.

Olhei para Stevie, para ver se ela concordava com tudo aquilo. Ela respirava com esforço e olhava para o fundo do refeitório, recusando-se a cruzar o olhar com o meu. Ao fim de um momento, suspirou, reuniu as pilhas de cheques e guardou-as na caixa do dinheiro.

– Toma – disse Stevie. Rabiscou um número num *post-it*, lançou a calculadora para dentro da caixa e fechou-a. Colou o *post-it* na tampa. – Aqui está o resultado da venda dos bilhetes. – Empurrou a caixa do dinheiro na minha direção.

– Stevie? – chamei.

Ela olhou então para mim, e quase desejei que não o tivesse feito, porque vi no seu olhar o quanto a desiludira.

– Vamos embora – disse Stevie a Yael, e empurrou a cadeira para trás.

Yael inclinou-se para a frente na mesa, para mim, e disse muito baixinho, de maneira que só eu e Stevie a conseguíssemos ouvir:

– Serás um membro perfeito do A, Charlie. Só queres saber de ti mesma.

Depois de elas terem saído, marchei furiosamente até à mesa dos rapazes. Bati com a caixa na mesa e Dalton parou a meio do que estava a dizer e olhou para mim.

– Temos de falar – disse eu.

– Que é, querida? – perguntou Dalton.

– Que história é aquela do peixe? – indaguei, em voz baixa. À mesa estava apenas Dalton e Crosby. Leo encontrava-se do outro lado do refeitório, a falar com o Sr. Davis, o orientador da turma pré-finalista. Ainda assim, não me queria arriscar a que alguém me ouvisse.

– Qual peixe? – inquiriu Dalton.

– Meu, tu lembras-te – respondeu Crosby. Deu uma risada e uma cotovelada a Dalton. – O peixe no quarto da Menina Measureira? Brutal.

Dalton desatou-se a rir.

– Ah, sim, já quase me tinha esquecido disso!

– Não estou a perceber – disse. – Porque haveriam de pôr um peixe no quarto da Stevie e da Yael?

– Para nos vingarmos daquela cabra pelo que ela fez à Drew na audiência disciplinar – elucidou Crosby. – Ninguém recomenda a expulsão de um membro do A e escapa impune. Olhem para isto. – Crosby levou a mão ao bolso e tirou o telemóvel. Abriu o álbum de fotografias, fez passar umas quantas e segurou o ecrã para que eu visse. – Simplesmente hilariante.

Não era um peixe, era o peixe, o que Leo e eu havíamos roubado da Fonte de Poseidon e escondido na sala dos adereços. Estava deitado na cama de Stevie, meio tapado com um lençol. Em letras vermelho-sangüíneas, dizia: «Peixe podre, sal não cura».

– Aquilo é sangue? – perguntei.

– Sim – confirmou Dalton. – Olha para a boca dele.

Observei a boca escancarada do peixe, que parecia ter sido recheada com...

– Não me digam que aquilo são tampões usados? – perguntei, chocada.

– O pivete, nem imaginas – comentou Crosby, às risadas.

– Porque é que haviam de fazer uma coisa assim? – indaguei.

– Nunca viste *O Padrinho*? – perguntou Crosby, com um ar incrédulo. – É um clássico.

– Tem calma – pediu Dalton. Esticou o braço e deu-me a mão, porque percebeu que eu estava chateada. – Foi só uma partida. Tens de admitir, a Stevie é um bocado reprimida. Estávamos apenas a divertir-nos.

– A Stevie consegue ser... *neurótica*, por vezes – afirmei. – Mas é minha amiga. *E não merecia aquilo.*

– Tua amiga? – estranhou Dalton. – Quando é que foi a última vez que vocês estiveram juntas?

A pergunta de Dalton foi como uma bofetada na cara. Não tinha uma resposta, porque ele estava certo. Não passava tempo com Stevie desde que Drew tinha sido expulsa e, mesmo antes disso, raramente estivéramos juntas desde que Dalton e eu tínhamos começado a andar e eu me envolvera com o A.

– Por vezes, desinteressamo-nos das pessoas com quem nos damos – fez notar Dalton. – E há quase sempre uma razão por trás disso.

– Que quer isso dizer? – perguntei, ofendida.

– Ora, Charlie. Stevie Sorantos? – disse Dalton. – Tenho mesmo de o dizer com as letras todas?

Cruzei os braços à frente do peito.

– Sim, creio que terás mesmo de fazê-lo.

Dalton suspirou, virou-se para Crosby e fez uma careta.

– Não sejas tão dramática, Charlie – resmungou Dalton. – Tudo não passou de uma brincadeira.

– Pois eu não me estou a rir – ripostei. Agarrei na mochila, virei as costas e fui-me embora.

– Onde é que ela vai? – ouvi Leo perguntar, de regresso à mesa.

– À procura do seu sentido de humor – respondeu Crosby.

*

No final daquela tarde, sentada a uma das mesas de estudo da biblioteca na companhia de Finn, rodeados por uma pilha de jornais velhos e de anuários, dedicámo-nos à investigação para o nosso artigo acerca do fantasma de Knollwood, que tínhamos de entregar na sexta-feira. Iria sair na última edição do *Chronicle* daquele ano, mas estava com dificuldade em concentrar-me. Não parava de pensar no meu arrufo com Dalton e na altercação que tivera com Stevie e Yael, e a última coisa que queria fazer era escrever um artigo acerca da morte de um rapaz que envolvia o meu pai. De alguma maneira, além de tudo, tinha de manter a história que conhecia de fora da história que estava a contar. Não podia ter um deslize e incluir algum pormenor que não estivesse nos artigos de jornal ou no anuário. Arriscava-me a criar um incidente de grandes proporções.

– Porque é que todas as histórias de fantasmas são moralidades? –

indagou Finn. Folheava um antigo anuário.

– Como assim? – indaguei.

– O Jake parecia ser o menino bonito de Knollwood – explicou Finn. – Era a estrela da equipa de ténis, pertencia à Associação de Estudantes, era popular, bem-parecido, bem-sucedido, *et cetera*. Dir-se-ia que era o maior, e depois, um dia, faz batota e deixa de estar nas boas graças e, a partir de então, torna-se num paradigma do fracasso que paira sobre o *campus*. É como se fosse um espectro da perdição que nos alerta para o que acontecerá se nos desviarmos do bom caminho. Daí a moralidade.

– Não tinha pensado no assunto dessa maneira – admiti. O meu telemóvel vibrou e tirei-o da mala. Tinha duas chamadas perdidas de Dalton e uma mensagem de texto («Onde estás?»), e uma sucessão de mensagens de Greyson.

GREYSON: Lamento ter-te lixado. Só quero saber se estás bem. Por favor, responde.

Escrevi uma mensagem rápida. Continuava zangada com ele por causa do incidente com o meu pai nas miniférias de Ação de Graças.

EU: Estou ótima. Por favor, deixa-me em paz.

Guardei o telefone na mala.

– Uau, hoje devo ter sido um lindo menino – comentou Finn.

– Porque dizes isso? – perguntei.

– Porque o epítome da beleza masculina acabou de dar um ar da sua graça e, se não me engano, vem nesta direção.

Girei a cabeça e vi Dalton à entrada, junto ao balcão da biblioteca. Virei a cabeça para a frente, peguei no livro que estava mais perto de mim, abri-o e escondi-me atrás dele.

– Porque é que achas que ele vem para aqui? – inquiri.

Finn franziu a testa.

– Porque tu estás aqui e, caso ainda não tenhas reparado, o Dalton segue-te para todo o lado.

– Será que ele me viu? – indaguei, e esforcei-me por me esconder melhor.

Finn rasgou um sorriso de orelha a orelha e com isso respondeu à minha pergunta.

– Há qualquer coisa na maneira como ele anda que me tira do sério – disse ele, apoiando o queixo na palma da mão e olhando fixa e descaradamente para o que seria sem dúvida o meu namorado. – É como se o mundo fosse a sua passarela. Achas que ele teve treino profissional?

– Estamos mais ou menos zangados – elucidei.

Finn suspirou.

– A melhor parte do meu dia é observá-lo na aula de Ética e Moralidade. Ele faz o utilitarismo parecer sensual.

– Achas que tenho tempo suficiente para uma saída airosa? – perguntei. Tinha já começado a reunir as minhas coisas.

– Não. E tu, achas que podias apresentar-mo? – indagou Finn.

– Finn... – comecei a dizer.

Finn silenciou-me e pôs-se a olhar para o monitor do portátil ao mesmo tempo que ia corando cada vez mais.

– Sê simpática – repreendeu-me Finn, num sussurro. – Ele está atrás de ti.

Rodei a cabeça e lá estava Dalton. Pousou um copo descartável branco na mesa, à minha frente, e lançou-me um sorriso esperançoso.

– Trouxe-te um café – disse ele. – Um *cappuccino* com leite magro. O teu preferido.

– Um ramo de flores teria sido uma opção mais segura – realçou Finn. – A cafeína só lhe vai dar mais energia para passar mais tempo lixada contigo.

Dalton deu uma risada.

– És capaz de ter razão. Não tinha pensado nisso. – Estendeu a mão a Finn. – Acho que não nos conhecemos. Sou o Dalton.

Finn estendeu a sua mão de imediato.

– Finn – apresentou-se ele. – Na verdade, temos Ética e Moralidade juntos.

– Essa disciplina é uma seca – referiu Dalton.

– Podes crer – concordou Finn. – É terrível.

Dardei Finn com o olhar e mexi apenas os lábios para o apelidar de traidor.

– Queria dar uma palavrinha à Charlie, se não te importasses – disse Dalton.

– Na verdade, o Finn e eu estávamos mesmo agora a... – comecei a argumentar.

– Despedir-nos – concluiu Finn, cortando-me a palavra. – Vou terminar o

rascunho do nosso artigo. Foi um prazer ver... quero dizer, conhecer-te, Dalton.

– Igualmente – respondeu Dalton.

Aproveitei o tempo que Finn demorou a juntar as suas coisas para presenteá-lo com um olhar fulminante. Depois de ele se ter ido embora, Dalton sentou-se na cadeira ao meu lado, virando-a de maneira a ficar de frente para mim.

– Eu sei que o mais certo é que eu já devesse saber isto – alegou Dalton –, mas, ainda assim, faz-me a vontade. Podes, por favor, explicar-me por que razão estás tão chateada?

– Por causa do peixe – respondi.

– Sim, mas o quê, ao certo, no peixe, te aborreceu?

– Em primeiro lugar, foste nojento e cruel com a minha amiga – enumerei, e levantei a mão antes que ele pudesse dizer o que quer que fosse.

– Sim, independentemente do que possas pensar, a Stevie é minha amiga... Ou *era* minha amiga, antes desta vossa partida sem graça. E em segundo lugar, usaste-me a mim e ao Leo para roubar aquele peixe. Nós fizemos todo o trabalho sujo e nem nos passou pela cabeça que o nosso esforço viesse a ser usado para hostilizar e assediar uma pessoa de quem eu gosto. E isso começa a parecer-me um padrão: os iniciados correm todos os riscos e fazem todo o trabalho de sapa e nem sequer lhes é dito para que serve o seu esforço, embora depois, quando as coisas correm mal, sejam eles que enfrentam as consequências.

Dalton acenou com a cabeça como se estivesse, de facto, a tomar em consideração os meus argumentos, o que me desarmou um pouco, já que estava preparada para lhe apertar o pescoço ou para uma discussão acesa.

– Olha – disse ele, ao cabo de um minuto. – Em relação ao peixe: se eu tivesse sabido que não estavas chateada com a Stevie, não teria feito aquilo. E, relativamente à segunda coisa: eu sei que é frustrante, porque parece que estão a ser deixados de fora, a ser postos de parte. Eu senti a mesma coisa quando estive no teu lugar, e talvez me tenha esquecido de como é estar do outro lado das coisas. Mas, acredita em mim, assim que entrares, serás membro de pleno direito. Esta é a parte mais difícil, mas está quase a acabar, e assim que chegares ao fim sentirás que tudo isto valeu a pena.

– Ah sim? – questioneei. – É que, neste momento, o que me parece é que sou eu que faço todo o trabalho para as partidas elaboradas e as vinganças

de outras pessoas, e isso realmente não me parece que valha mesma nada a pena.

– Eu sei que parece que não fazemos grande coisa e que só pregamos partidas e assim – anuiu Dalton. – E, sim, nós fazemos essas coisas, mas o A não é isso.

– Não é?

– Não – asseverou Dalton. – O clube tem que ver com... pertencer a um grupo de pessoas que nos conhece melhor do que ninguém, pessoas que conhecem o nosso lado pior e que não nos abandonam. Sei que parece que o Crosby e eu somos muito chegados, e somos, mas isso nunca teria acontecido se não fosse pelo A e por todas as merdas por que passámos durante a iniciação – fez notar Dalton. – Agora, vejo o Crosby como um irmão. É um membro da minha família.

Pensei no meu pai e nos seus amigos, na maneira como ele se referira ao tempo que passara em Knollwood como se fosse uma espécie de paraíso mítico, e aos amigos que aí fizera e aos bons tempos e recordações que partilhavam. E não deixava de ser verdade que muitas das pessoas dos tempos de liceu que permaneciam na vida do meu pai eram provavelmente membros do A.

Dalton esticou o braço, pegou-me na mão e deu-lhe um pequeno apertão.

– Charlie, o A não tem que ver com os dois anos que vamos passar juntos em Knollwood. Quando nos juntamos ao A, é para o resto da vida. Espero, ou melhor, quero muito, que faças parte disso comigo.

Mordi o lábio. Sabia que ele tinha razão. Fazer parte do A implicava uma exclusividade vitalícia. Significava poder. Era um laço raro e especial. Havia um motivo por trás do meu desejo ardente de fazer parte do clube.

Outra parte de mim, contudo, sabia que as coisas que Yael e Stevie haviam dito acerca do A também eram verdade. O A era composto por um grupo de miúdos ricos que se achavam com direito a tudo. Divertiam-se às custas dos demais, com pouca compaixão, empatia ou vergonha. Na melhor das hipóteses, os membros do A eram descarados e autoconfiantes e fervorosos apoiantes do *carpe diem*; sabiam o que queriam e arrebatavam-no sem pedir licença ou desculpa. Na pior das hipóteses, eram egoístas e presumidos e cruéis.

Sabia que tinha de escolher: pertencer ou não pertencer. Não podia ter um pé dentro e outro fora. Naquele momento, porém, sentia-me demasiado

dividida para conseguir escolher.

Portanto, não disse nada. Apertei a mão de Dalton de volta e rezei para que ele não se apercebesse da minha indecisão.

Trinta e nove

CHARLIE CALLOWAY

2017

Tornara-me numa daquelas pessoas acerca das quais costumava fazer comentários desagradáveis: as pessoas que chegam horas antes do início de um evento e ajudam a pendurar bandeirolas. A culpa era toda de Leo. Obrigara-me a mim e a Dalton, num sábado de manhã, a ajudá-lo a montar o leilão silencioso para a Gala de Beneficência que iria decorrer no salão de banquetes.

– Obrigada por terem vindo – disse Leo. Entregou a cada um de nós uma prancheta com uma lista de tarefas.

– Odeio-te – respondi.

– Não é assim tão cedo – argumentou Leo.

– Qualquer coisa antes do meio-dia, a um sábado, é cedo – expliquei.

Leo deu-me o seu *latte*.

– Toma, para te dar mais energia – disse ele.

Dei um gole, mas ainda estava mal-humorada e duvidava que a cafeína me ajudasse a ficar bem-disposta. Não era bem a parte de me levantar cedo que me estava a arruinar o humor, mas, antes, o facto de a última edição do *Knollwood Chronicle* ir para as máquinas naquela noite. Assim sendo, ou tinha de arranjar maneira de pôr as fotografias do professor Andrews e de mim no jornal ou seria melhor preparar-me para as repercussões de não cumprir a última tarefa de que o A me incumbira. Não só não seria membro do A como Leo e eu teríamos de nos preparar para a humilhação pública, caso o A decidisse, como vingança, publicar as nossas fotografias. E isso era o mais provável, obviamente.

Não era sequer a execução do plano que me incomodava. Já tinha pensado em tudo o que havia de fazer para que as fotografias aparecessem no jornal. Uma parte do trabalho de sapa de Finn enquanto caloiro era levar a *flash drive* com a versão final do *Knollwood Chronicle* da sala de redação para a gráfica. O que significava que só tinha de intercetar Finn naquela noite, no caminho entre a sala de redação e a gráfica, e trocar a *flash drive* verdadeira por uma outra idêntica, mas que incluísse a minha própria história e fotografias escandalosas. A minha história não só teria honras de primeira página como seria a única notícia do *Knollwood Chronicle* daquela semana. Isto se decidisse seguir em frente com aquele plano.

– Ora bem, naquelas mesas estão as impressões com as descrições e imagens do que vai ser leiloado – explicou Leo, apontando. – Vocês só têm de dispor tudo. Há também algumas decorações, toalhas de mesa e *et cetera*, ali ao pé da Stevie, por isso, estejam à vontade para irem buscar o que acharem necessário. Queremos que fique tudo apresentável.

– Entendido – respondeu Dalton com uma boa-disposição que não compreendi.

– Mais uma vez, obrigado pela vossa ajuda – agradeceu Leo antes de ir cumprimentar mais um conjunto de voluntários.

– Então... Hum... O teu pai vem à gala esta noite? – quis saber Dalton. Pousámos as pranchetas numa mesa e lançámos mãos ao trabalho.

– Sim, costuma vir todos os anos – respondi. – Porquê?

– E ele já esqueceu o que aconteceu? – inquiriu Dalton. Tinha um ar constrangido e coçava a cabeça.

– Referes-te a quê? – perguntei.

– Tu sabes, quando ele prometeu arrancar-me um braço, nas férias de Ação de Graças, por causa do Jogo das Conquistas e assim?

– Ah! – Com tanta coisa a acontecer ao mesmo tempo, nunca mais me lembrara do incidente. – Não chegámos a conversar acerca disso.

– Nunca falaram do assunto?

– Falar não é muito a nossa cena – expliquei. – Imagino que continues a não ser a pessoa preferida do meu pai, mas não te vai bater esta noite, nem nada que se pareça, se é isso que te preocupa.

– Antes assim – respondeu Dalton. – Mas gostava muito que o teu pai não me odiasse. Costumo sair-me muito melhor com os pais.

Preparava-me para retorquir que, assim sendo, talvez da próxima vez

fosse melhor abster-se de jogos ofensivos de cariz sexual com os amigos, quando desviei os olhos da mesa e vi Margot atrás de Dalton. Estava impecavelmente vestida com uma parka *Canada Goose* e botas de inverno.

– Charlie – disse ela, em jeito de cumprimento, mas num tom frio.

Bom, era óbvio que *ela* estava ainda aborrecida com o fiasco de Ação de Graças. Acenei com a cabeça, em resposta.

– Mãe, que estás a fazer aqui tão cedo? – perguntou Dalton. Virou-se e deu um beijo na face da mãe, que o abraçou.

– Só me deixam fazer o *check-in* no hotel de Falls Church às três da tarde – explicou Margot. – Por isso, ocorreu-me vir fazer-te uma surpresa e levar-te para tomarmos o *brunch*.

– Ah! É que eu prometi ao Leo que ajudaria a montar o leilão. E se nos encontrássemos num sítio qualquer daqui a uma hora ou assim?

Margot franziu o sobrolho e inclinou o pulso para ver as horas. O mostrador branco-pérola do relógio, com diamantes redondos e amarelos em redor, captou a minha atenção. Era o mesmo relógio que tinha admirado quando conhecera Margot, na cidade. Sempre tinha gostado de diamantes amarelos, em parte porque não eram uma pedra muito comum. A minha mãe tinha um anel de noivado com um diamante amarelo-canário. Costumava tirá-lo quando se dedicava à jardinagem ou lavava louça e pendurá-lo num fio de ouro que usava ao pescoço. Por vezes, quando me sentava ao colo dela, em criança, ela tirava-o do dedo e deixava-me segurá-lo e contemplá-lo, e eu tentava pô-lo no meu dedo anelar. Admirava o enorme diamante, em forma de esmeralda e de uma cor tão invulgar, a cor dos narcisos e das abóboras de verão. Os diamantes no relógio de Margot tinham exatamente o mesmo tom de amarelo.

A cor pouco habitual dos diamantes no relógio de Margot não foi a única coisa que me chamou a atenção. Àquela curta distância, percebi que o relógio era um *Rolex Oyster Perpetual Caliber*, modelo 2235. Sabia-o porque considerara adquirir o mesmo modelo quando, no ano anterior, pelo meu décimo sexto aniversário, decidira comprar um relógio. Mudara de ideias, acabando por escolher um *Rolex Bubbleback* vintage de 1933. O modelo que Margot tinha no pulso era recente, a *Rolex* tinha começado a produzi-los no final da década de 1990. Porém, na cidade, quando lhe perguntara onde comprara o relógio, ela afirmara que se tratava de uma herança de família.

– Isso já vai ser tarde demais – disse Margot. – A maior parte das cafetarias deixar de servir *brunch* às duas da tarde. E eu queria tanto beber uma mimosa.

– Não tem problema – disse a Dalton, e fiz um esforço para que a minha voz não tremesse. – Vai lá tomar o *brunch* com a tua mãe. Eu trato disto.

– Tens a certeza? – hesitou Dalton. – Fico a sentir-me mal.

– Isto faz-se num instante e, seja como for, o Leo já me tinha recrutado para ajudá-lo há algum tempo – aleguei. – Era o que faltava teres de aguentar isto também.

– Tens a certeza? – insistiu Dalton.

– Absoluta – respondi.

Ele inclinou-se e deu-me um beijo na testa e eu tentei não me encolher.

– És a maior – elogiou ele. – Vemo-nos logo à noite?

– Cá estarei – assegurei, com um sorriso que me pareceu pouco convincente.

Depois de eles saírem, perscrutei o salão para me certificar de que ninguém estava a olhar na minha direção e afundei-me numa cadeira.

Mas. Que. Raio?

As malas na cave eram uma coisa. Mas o relógio com os diamantes da mesma cor invulgar do diamante no anel de noivado da minha mãe? Além disso, o relógio de Margot não era uma peça que passara de geração em geração. Na melhor das hipóteses, tinha uma década. O anel da minha mãe, esse sim, era uma herança familiar, já que pertencera à minha bisavó.

Sentia a cabeça a andar à roda e uma pressão no peito. Lembrei-me do anúncio de noivado que Greyson tinha encontrado num número antigo do *Times*. Teria o anel de noivado da minha mãe pertencido em tempos a Margot? O meu estômago revirou-se; tinha vontade de vomitar.

Controla-te, Calloway, ordenei a mim mesma. Tens de te recompor.

Agora, mais do que nunca, não podia soçobrar.

Endireitei-me e respirei fundo. Abanei a cabeça para aclarar os meus pensamentos. *Eu sou capaz. Eu sou capaz.* Mas não podia fazê-lo sozinha.

Saquei do telemóvel e fui à lista de contactos. Assim que encontrei aquele que procurava, fiz a chamada. Encostei o telefone ao ouvido, escutei o sinal de chamada e depois aquela voz familiar atendeu.

– Ei, preciso da tua ajuda – disse.

O meu pai foi buscar-me ao quarto às sete horas em ponto e atravessámos o *campus* de braço dado. Ele vestia um fato preto e uma gravata de seda sob o sobretudo e eu exibia um vestido de noite azul-escuro, com a saia em trapézio e o corpete enfeitado com contas, que o meu pai me trouxera da cidade. Fora a sua assistente, Rosie, quem o escolhera. Ao pescoço, levava o antigo fio da minha mãe, com o pendente de pechisbeque em forma de caranguejo. Tinha a certeza de que havia sido Jake quem lho oferecera. Segundo a página de homenagem a Jake no velho anuário do meu pai, Jake tinha nascido no início de julho. Era, portanto, do signo caranguejo. A minha mãe guardara o fio e o pendente ao longo de todos aqueles anos; Jake devia ter sido muito importante para ela. Resolvera usar o fio naquela noite como uma espécie de amuleto. Interroguei-me se o meu pai reconheceria o colar. Se assim foi, não disse nada.

As luzes do salão de banquetes derramavam-se até ao relvado e, enquanto subíamos os degraus de pedra, fomos parando para cumprimentar os amigos do meu pai. Era o único evento em Knollwood em que pais e ex-alunos eram mais numerosos do que os atuais alunos.

– Alistair, companheiro – cumprimentou Matthew York, dando um abraço ao meu pai. Estava com a filha, Meryl. Não tinha contacto com ela, embora Meryl fosse uma iniciada do A tal como eu. Era uma rapariga calada e metida consigo mesma. Tinha um rosto comprido e de aspeto severo, por isso, sempre presumira que fosse um nadinha maliciosa.

– Ultimamente, não te tenho visto lá no clube – disse Matthew York ao meu pai. – Onde é que te tens metido?

O meu pai virou-se para lhe responder e eu dei-lhe um apertão na mão e, mexendo apenas os lábios, disse que nos encontraríamos no salão. Ele fez que sim com a cabeça.

– O Teddy está por aí? – ouvi Matthew York perguntar ao meu pai.

– Sim, e a Grier também veio – elucidou o meu pai. – A minha sobrinha candidatou-se para entrar no próximo ano.

Entreguei o casaco no bengaleiro. O salão estava apinhado de mesas preparadas para uma refeição de três pratos, de mulheres em vestido de noite e homens de fato preto. No meio da sala, havia uma pista de dança e era no centro dela que o diretor Collins se encontrava naquele momento a

terminar o seu discurso de boas-vindas a pais e ex-alunos. A Gala de Beneficência dos Administradores começava sempre com aquele discurso, seguido de *cocktails* e do leilão silencioso. Terminava com o jantar e o baile. Avistei o tio Teddy e a tia Grier na orla da multidão e dirigi-me a eles.

– Ena, ena, pareces uma senhora – brincou o tio Teddy.

– Charlotte, é bom ver-te – disse a tia Grier, e fez um sorriso superficial. Respondi na mesma moeda. Desde sempre que sentira uma certa distância entre mim e a minha tia, distância essa que jamais conseguira colmatar. Nunca era propriamente fria, pois, afinal de contas, ela e o tio Teddy tinham-me acolhido em casa deles, a mim e a Seraphina, criando-nos durante dois anos na companhia dos nossos primos. Depois de ter ouvido a entrevista dela que estava nos ficheiros do investigador privado, compreendi por que razão ela se comportava daquela maneira comigo. Provavelmente, também não ajudava o facto de eu ser a cara chapada da minha mãe.

A *clutch* da tia Grier vibrou e ela entregou o seu copo de champanhe ao tio Teddy.

– É a *babysitter* – disse ela, depois de ter olhado para o ecrã. – Vou atender lá fora. Já volto.

Passado um momento, o tio Teddy deu um gole no champanhe da minha tia e perguntou-me:

– Conseguieste ver a papelada toda que te enviei?

Demorei uns segundos a perceber ao que ele se referia, e depois ocorreu-me: os ficheiros que o investigador privado reunira acerca do desaparecimento da minha mãe.

– Sim – respondi. – Obrigada.

– Encontraste as respostas que procuravas? – indagou ele.

– Sim e não. Obtive algumas respostas, mas, por outro lado, também fiquei com mais perguntas.

O tio Teddy acenou que sim com a cabeça, mostrando que entendia.

– A propósito – disse –, o meu tio Hank comentou que vocês os dois tiveram uma conversa muito interessante.

– Ah comentou?

– Pelo visto, o tio ameaçou-o e obrigou-o a entregar as fotografias que ele tinha encontrado na casa do lago...

– Eu comecei por pedir com bons modos – alegou o tio Teddy. Deu mais um gole no champanhe da minha tia. – Mas o Hank sempre foi um pouco...

rude. Quando ele se recusou a entregar-mas, talvez a minha reação tenha sido... desproporcionada.

– Porquê?

O meu tio suspirou.

– Se ouviste as entrevistas, já saberás.

– O tio e a minha mãe namoraram – referi.

– Foi mais do que isso. A Grace foi a primeira rapariga que amei de verdade – confessou o meu tio. – Olha, quero que saibas que, independentemente do que foi dito naquelas entrevistas, independentemente do que algumas pessoas queiram pensar, a tua mãe não casou por dinheiro. Isso nunca lhe interessou. Amou o teu pai, sem olhar ao dinheiro dele, apesar da família a que pertencia.

– Acha mesmo que ela o amava? – perguntei. Costumava ter tanta certeza acerca do afeto profundo que os meus pais nutriam um pelo outro, do laço estreito que os unia. Depois de tudo o que descobrira nos últimos dois meses, contudo, começara a duvidar disso.

– Acho, sim – afirmou o meu tio. – Por muito que isso me custe a admitir.

– Não acredita que ela tenha fugido, pois não? – inquiri.

O tio Teddy abanou a cabeça.

– Não, não acredito. Mas nunca tive provas sólidas do contrário. E quando falaste daquelas fotografias... Bem, tinha mesmo de vê-las.

– Que achou delas? – quis saber.

– Nem sei – disse o meu tio. – Pareciam ser uma espécie de chantagem, talvez, mas não consegui perceber nada, para te ser sincero.

– Eu também não – menti. Se o tio Teddy não sabia, então era porque não tinha falado com o meu pai das fotografias ou, caso o tivesse feito, o meu pai não lhe dissera a verdade. Não sabia bem por que razão estava a proteger o meu pai (afinal de contas, ainda não tinha a certeza se acreditava na história dele), mas, fosse por que fosse, estava a fazê-lo.

– Pelo visto, a Clementine convenceu a *babysitter* de que pode comer açúcar processado – contou a tia Grier, regressada da rua. – Comeu metade do pacote de *marshmallows* que tu tens escondido e anda a correr pela casa como uma louca e recusa-se a ir para a cama.

– Anda daí, Grier – desafiou o tio Teddy. Encostou a palma da mão às costas desnudas da esposa. – Vamos ver casas de férias excessivamente caras para arrendar. Isso vai acalmar-te.

Piscou-me o olho e conduziu a minha tia na direção da mesa do leilão silencioso, do outro lado do salão.

Alguém me abraçou, pelas costas, e eu retesei-me. Ouvi então a voz de Dalton ao meu ouvido.

– Estás arrebatadora – disse ele.

Tive vontade de lhe recordar que a palavra «arrebatar» derivava do verbo «rebater», que tinha o significado de «rechaçar», «repelir», o oposto do que ele pretendia chamar-me. Mas mordi a língua.

– Hoje de manhã, quando estávamos a preparar a gala, reparei que há muitos cantos e corredores escuros neste edifício – sussurrou ele. Continuava abraçado a mim. – Podia mostrar-tos.

– A tua mãe veio contigo? – inquiri.

– A minha mãe? – perguntou ele, num tom desapontado.

– Sim. Quando estive a preparar o leilão, vi uma coisa que é capaz de lhe interessar. Queria mostrar-lha.

– Não podes fazer isso depois?

Dei meia volta nos braços dele e plantei-lhe um beijo rápido e pacificador na ponta do nariz.

– Já venho ter contigo – menti.

Encontrei Margot a deambular por entre as mesas do leilão.

– À procura de alguma coisa em especial? – indaguei.

Margot sorriu para mim. No seu vestido clássico e preto, sem ombros, tinha um ar refinado e deslumbrante.

– As casas de férias são sempre a minha parte preferida – admitiu Margot. Levou o copo de champanhe aos lábios e bebeu um gole. – O Oliver, o pai do Royce, e eu gostávamos de investir numa casa em Napa. Estava a ver se havia alguma onde pudéssemos ficar enquanto procurávamos.

– Se é de viajar que gosta, tenho uma coisa que talvez lhe interesse – realcei.

Ela seguiu-me até à extremidade da mesa e eu aponte para um cartão que ali tinha colocado naquela manhã. Examinei a expressão dela enquanto lia, para avaliar a sua reação.

***Malas Burberry Vintage em Tecido Estampado com Cornucópias,
\$500***

Não mataria por um magnífico conjunto de malas que farão de si a inveja de todas as raparigas? Estas malas *Burberry* vintage, em tecido estampado com cornucópias, são perfeitas para uma escapadela. Seja o centro das atenções.

O conjunto de malas encontra-se em condições quase perfeitas, exibindo apenas um pequeno rasgão no forro interior. Não deixe esta pechincha escapar-lhe.

Margot manteve-se em silêncio por um momento e depois fez um sorriso cúmplice.

– És uma rapariga esperta, Charlie – disse Margot, e bebeu mais um pouco de champanhe. – E possuis uma certa força moral que eu admiro. Deves ter herdado isso da Grace.

– Não – respondi. O meu tom era gélido. – Não fale da minha mãe como se fosse amiga dela.

Tinha então a certeza de que a mulher loura que vira no lago naquela noite, há dez anos, com a minha mãe, não era Claire. Era Margot. E o abraço que me parecera entrever na altura havia sido uma coisa totalmente diferente. Não um abraço, mas uma luta.

– Matou-a – afirmei. – Via-a naquela noite, junto ao lago. E antes da minha mãe, houve o Jake. Também o matou.

Margot suspirou e levou de novo o copo do champanhe aos lábios.

– É uma palavra demasiado forte para o que sucedeu com o Jake – fez ela notar. – Éramos miúdos. Eu tinha dezassete anos. O Jake tomou aqueles comprimidos por vontade própria; ninguém o forçou a tomá-los. E se não tivéssemos feito o que fizemos, ele provavelmente teria morrido à mesma. É a verdade, por mais cruel que pareça. O Jake não teria chegado vivo ao hospital. Nós não sabíamos o que estávamos a fazer, mas, no fim de contas, até foi bom que não soubéssemos, porque o mais certo era que não tivéssemos tido a coragem necessária para o fazer. Demos-lhe um final rápido e indolor. O que fizemos foi misericordioso.

– Misericordioso... – escarneci.

– Ele estava inconsciente – referiu Margot. – Não sentiu nada.

– Não pode ter a certeza em relação a isso – fiz notar.

– Mas tenho – afirmou Margot. – Ajudei a pegar-lhe, no Rebordo. O corpo dele estava tão imóvel e frio e inanimado que achámos que estava

morto. E quando entrou na água, afundou-se sem mais. Num momento estava ali e, no momento seguinte, já não estava.

– Então, admite que foi você que o lançou à ravina? – inquiri.

– Era suposto ter sido o teu pai a fazê-lo – contou Margot. – Mas revelou-se demasiado fraco para aguentar semelhante tarefa.

– Primeiro foi o Jake – enumerei –, e depois a minha mãe descobriu a verdade e a Margot não podia tolerar isso.

– Conte-lhe o que aconteceu naquela noite porque ela quis saber – explicou Margot. – E era suposto o assunto terminar por ali. Mas depois, ela foi contratar um detetive privado. Apareceu-me um dia à porta, a fazer perguntas.

Margot abanou a cabeça, como se recordar o incidente ainda a irritasse.

– Onde é que ela está? – quis saber. – Onde é que a pôs?

Margot olhou para mim e fez um pequeno sorriso desdenhoso.

– Vou ser muito clara, Charlie, para que me compreendas bem e não restem dúvidas – respondeu ela. – Trabalhei muito para chegar onde estou. E jamais permitirei que alguém me tire o que consegui. Nem o Jake. Nem a tua mãe. E nem tu. És uma rapariga inteligente, Charlie, por isso, pensa bem nisto – recomendou ela. Ergueu um dedo. – Primeiro, houve o Jake. Não podes construir um caso envolvendo a Grace sem abordes o que sucedeu ao Jake. E há testemunhas do que aconteceu naquela noite, pessoas que dirão que foi o teu pai que empurrou o Jake para a ravina e nos chantageou para que nos mantivéssemos em silêncio. Eu jamais conseguiria pegar no Jake sem ajuda; não podia ter agido sozinha. Mas o teu pai, sim, e todas as testemunhas dirão que o fez, porque se uma só pessoa pode arcar tão convenientemente com a culpa, porque haveríamos todos de assumi-la? – Levantou outro dedo. – E depois, há a tua mãe. Imagino que penses que tens provas. Tudo o que tens, porém, é um par de malas que podiam facilmente ter sido colocadas na minha cave por ti ou pelo Alistair; e não esqueçamos que estiveram ambos em minha casa há pouco tempo. Por certo que tocaste naquelas malas. O teu ADN há de estar na cave.

Margot encolheu os ombros, como quem dizia que os meus argumentos não tinham pés para andar.

Era inacreditável a facilidade com que ela elaborava mentiras e manipulava os factos até a história jogar a seu favor. No final, resumir-se-ia a isso: a melhor história. Não importava a verdade; a única coisa que

importava era aquilo em que as pessoas iriam acreditar. E se acreditassem nela?

– Sempre me espantou o crédito que os homens arranjam maneira de conseguir – comentou Margot. – Até mesmo por coisas em que não participaram. Nunca mexi uma palha para apontar para o Alistair, contudo, repara no rancor com que as pessoas se lançaram a ele. Não irias querer assistir aos danos que eu poderia infligir ao teu pai se me esforçasse por isso.

– Um dia, todas as suas mentiras serão desmascaradas – declarei.

Margot abanou a cabeça.

– É isso mesmo que tu ainda não compreendes, Charlie. A verdade tem um senão: ninguém quer contá-la. Nem sequer tu. Ninguém conta a verdade nua e crua e emerge incólume.

Abri a boca para dizer qualquer coisa, para lhe lançar uma ameaça, mas não saiu nada. É que, por mais que não quisesse acreditar no que ela dizia, Margot tinha razão.

Veio-me então à memória o que Ren me dissera na noite em que me tornara num dos iniciados do A: *os segredos vinculam-nos mutuamente*. Era um laço que podia manter-nos juntos, da mesma maneira que podia destruir-nos a todos.

Quarenta

GRACE CALLOWAY

4 DE AGOSTO DE 2007

21h25

Terminei o meu *sprint* de um lado ao outro do lago. O coração parecia prestes a explodir-me no peito, respirava com dificuldade. Virei-me de costas e respirei fundo pelo nariz, expirando lentamente e inflando as bochechas para acalmar a respiração. Aquela prazerosa sensação de exaustão tomou conta de mim. Sentia-me esgotada, sem força, de tal maneira que mal conseguia manter-me à tona. Deixei que a água me ajudasse a flutuar e mergulhei as orelhas para ouvir os sussurros do lago.

A minha mente vagueou, tão lânguida como os músculos que eu exercitara para lá do ponto de rutura. Pensei nas fotografias de mim e de Peter, e das minhas filhas, que escondera sob as tábuas do soalho do quarto e nos quinhentos mil dólares em dinheiro que guardara na mala, em conjunto com os passaportes falsos que Peter arranjava para mim e para as miúdas.

Naquela noite, planeava meter Charlotte e Seraphina no carro e rumar a Teterboro, onde fretara um jato privado que nos levaria à Cidade do México. Tinha usado a minha nova identidade para tratar disso e pagara um montante extra para garantir o silêncio do piloto. A partir daí, voaríamos para León de Los Aldama, no centro do país, onde apanharíamos um autocarro para o nosso destino final, San Miguel de Allende, a uma hora e meia de León, uma pequena cidade colonial nas faldas das montanhas Bajío, o último lugar onde alguém se lembraria de nos procurar. Ficaríamos num hotel até conseguir encontrar uma pequena casa para arrendar nos arrabaldes da cidade.

Não tinha contado a ninguém para onde íamos, nem o que descobrira acerca da morte de Jake: nem a Hank nem à minha mãe nem a Claire. Não queria colocá-las em perigo. Assim que chegássemos a San Miguel, encontraria uma maneira de lhes mandar notícia de que estávamos em segurança.

Já tinha feito e posto as malas no meu carro. Dali a meia hora, acordaria as miúdas e faria as malas delas. Chegaríamos ao México antes de Alistair ter acordado sequer, antes de qualquer pessoa ter reparado que havíamos desaparecido ou pensar em nos procurar.

Ainda não decidira qual seria a melhor forma de lidar com Charlotte. Seraphina obedeceria sem dificuldade; iria estar demasiado ensonada para fazer perguntas. Acabaria por adormecer na sua cadeirinha durante a viagem e depois levá-la-ia ao colo para o jato. Charlotte, contudo, iria despertar e começar a fazer perguntas assim que a acordasse; além do mais, não iria a lado nenhum sem Alistair. O seu amor pelo pai era obstinado, cego e resoluto.

Todas as sextas-feiras à noite, insistia em ficar acordada até que Alistair voltasse da cidade. Sentávamo-nos no sofá da sala de estar a ver televisão. Sera e Charlie iam bocejando e ficando cada vez mais sonolentas, mas assim que os faróis do carro de Alistair se refletiam na parede da sala, Charlotte acordava, abanava a irmã e corriam para a porta, de pijama e descalças, ansiosas por cumprimentá-lo.

Na noite anterior, para desapontamento de ambas, mandara-as para a cama à hora do costume. Seraphina fez beicinho, mas Charlotte não se quis dar por vencida.

– Não podes ordenar a uma pessoa que durma – alegou Charlotte. – É como dizer a alguém em que altura deve respirar. Não podes obrigar-me a dormir.

Era um argumento muito eloquente para uma criança de sete anos. Como é que o estabelecimento de uma hora para dormir se tornara numa discussão acerca da autonomia de Charlotte em relação ao seu próprio corpo? Não havia dúvidas de que era filha de Alistair.

– Xixi, cama – ordenei, demasiado cansada para discutir com ela. – Agora.

– Vou para o meu quarto, mas recuso-me a dormir – afirmou Charlotte, contrariada, ao mesmo tempo que subia as escadas.

– Escova os dentes primeiro – gritei ainda.

Estava decidida a manter-se acordada até que Alistair chegasse. Uma hora depois, quando fui ver dela, encontrei-a, teimosa como era, a dormir sentada na cama, encostada às almofadas.

Quando Alistair chegara, fora acordar as miúdas, apesar dos meus protestos. Precipitaram-se os três para a rua com o objetivo de apanhar pirilampos. Por cima do ombro, Alistair gritou-me que lhes levasse frascos de vidro. Quando cheguei à porta, encontrei-os descalços, com os braços esticados e as mãos abertas na direção do céu.

Como podia eu reconciliar aquele Alistair – o que andava descalço no relvado com as filhas a apanhar pirilampos – com o homem que me tinha feito aquelas coisas horríveis? Era ainda capaz de sentir as mãos dele a empurrar-me contra a parede da cabina de duche, ao mesmo tempo que impelia o corpo contra o meu sob a água do chuveiro que me enchia a boca e me dificultava a respiração.

Engasguei-me e senti-me sufocar.

Demorei um momento a perceber o que se passava, que havia de facto qualquer coisa ou alguém a agarrar-me os ombros, depois a agarrar-me o pescoço, empurrando-me para debaixo de água. Tossi e tentei recuperar o controlo sobre o meu corpo. Senti uma onda de adrenalina a correr-me nas veias. Esgadanhei os dedos que me seguravam, numa tentativa de fazer com que a pessoa me soltasse, mas isso só serviu para que aplicasse mais pressão e me empurrasse mais para o fundo.

A água era rasa o suficiente para ter pé. Dei uma topada no fundo rochoso do lago e levantei-me, emergindo da água. O cocuruto da minha cabeça embateu na parte de baixo do queixo do meu agressor e ouvi dentes chocarem uns contra os outros. Nesse instante, a pessoa perdeu a força e eu aproveitei para a agredir às cegas. Inspirei ar e tentei tirar a água dos olhos, pestanejando. Senti o meu punho entrar em contacto com pele; a pessoa soltou-me, gemeu.

A minha visão clareou e, à luz do luar ténue, vi as curvas familiares do seu rosto, o tom louro dos seus cabelos. Margot.

Lançou-se a mim, agarrando-me os ombros para me afundar de novo na água, e eu segurei-me a ela. Cravei uma das mãos no seu ombro e com a outra puxei-lhe o cabelo. Levantei a perna direita e dei-lhe uma joelhada na barriga. Ouvi-a perder o fôlego. Largou-me. Dei meia volta e corri para a

margem, na direção de casa, mas a água jogava contra mim, desacelerando os meus passos, tornando-me em mais lenta.

Ofegante, as minhas pernas tremiam. O exercício consumira todas as energias que me restavam e a onda inicial de adrenalina parecia estar a desvanecer-se. Ouvia-a na água, atrás de mim, encurtando a distância que nos separava. Eu não estava a ser rápida o suficiente. Ela impeliu-se para a frente com um salto, contra as minhas costas, e eu gritei, um grito agudo, de gelar o sangue, que se perdeu na noite.

Margot agarrou-me novamente, tapou-me a boca com uma das mãos. Mordi-lhe os dedos até fazer sangue e ela largou-me. Girei sobre mim mesma para ficar de frente para ela e engalfinhámo-nos, cada qual tentando empurrar a outra para a água.

Ofegava e sentia as pernas pesadas. Margot grunhiu, deu-me um empurrão com força e fez-me cair. Senti o peso do seu corpo tombar em cima do meu e inspirei involuntariamente. A minha boca encheu-se de água do lago. Ela apertou-me o pescoço, cada vez com mais força. Os seus polegares comprimiam-me a traqueia. As minhas jugulares martelavam-lhe nas palmas das mãos como tambores frenéticos. Empurrou-me a cabeça para debaixo de água. Senti-a nos olhos e na boca. Debatí-me com toda a força que me restava. Sacudi os braços, espereeí, mas de nada me serviu. Não conseguia vir ao de cima.

Pensei nas minhas filhas, sozinhas em casa, a dormir no piso de cima. O que iria acontecer-lhes? Esforcei-me por encontrar uma maneira de as proteger, tal como, toda a minha vida, tentara resguardá-las da tristeza e do mal do mundo, de toda a injustiça e crueldade. Via então o quanto essa tarefa se revelara infrutífera, fútil, insensata. Não as deveria ter mantido ao largo da escuridão; devia, antes, tê-las ensinado a sobreviver a ela, a brilhar no meio dela. Devia tê-las levado à rua numa noite sem luar e apontado para as estrelas, esses pontos de luz no escuro, mostrando-lhes que se acendiam apesar do negrume.

Inspirei novamente, sem querer, e senti a água descer pela minha garganta e entrar-me nos pulmões. Ela manteve-me debaixo de água até o meu corpo se aquietar, inanimado, e o bater do meu coração vacilar e parar.

Quarenta e um

CHARLIE CALLOWAY

2017

Nunca vira o refeitório tão concorrido numa manhã de domingo. A maior parte dos ex-alunos cujos filhos frequentavam Knollwood apinhava-se em frente ao bar das panquecas ou estava sentada nas mesas compridas de carvalho, a tomar o pequeno-almoço com os filhos. Agarrei numa tigela de cereais e num copo de sumo de laranja e fui sentar-me a uma mesa vazia. Consultei o relógio. O meu pai combinara encontrar-se comigo para o pequeno-almoço às oito e meia da manhã. Regressaria depois à cidade. Eram quase oito e quarenta e cinco.

– Estás melhor?

Levantei a cabeça e vi o meu pai com duas canecas de café.

Abandonara a gala cedo, dizendo apenas ao meu pai que me ia deitar porque estava com uma enxaqueca debilitante.

– Passei no teu dormitório para ver como estavas – disse ele, depois de se ter sentado à minha frente. Fez deslizar uma das canecas de café na minha direção. – Bati-te à porta, mas não abriste. Tinhas a luz apagada.

– Desculpa. Adormeci profundamente – menti.

Na verdade, não abri porque não estava no quarto. Estivera no quarto apenas o tempo suficiente para mudar de roupa, fazer algumas alterações de última hora no meu artigo para o *Knollwood Chronicle* e carregá-lo, em conjunto com as fotografias, na *flash drive* que comprara há uns dias na papelaria da escola. Depois, saíra para intercetar Finn e trocar a *flash drive* dele pela minha. Quando regresssei ao quarto, era quase uma da manhã.

Depois disso, não conseguira pregar olho. Não parara de pensar na magnitude do meu ato. Não havia como voltar atrás. O artigo que escrevera

e aquelas fotografias iriam em breve aparecer impressos, para quem quisesse lê-lo e vê-las. Para sempre. Dera voltas e voltas na cama e tinha acabado de adormecer quando o meu despertador tocou. Tive de me arrastar para fora da cama, pois combinara tomar o pequeno-almoço com o meu pai, antes de ele voltar para a cidade.

– Há quanto tempo é que isto dura? – perguntou o meu pai, despertando-me do meu devaneio.

– O quê?

– As tuas enxaquecas – disse ele. Estava preocupado. Percebi isso pela ruga entre as suas sobrancelhas.

– Ah. Há pouco tempo. Isto não é nada.

– Não tens bom aspeto – referiu ele. – Talvez devesse vir comigo. Marco-te uma consulta para o doutor Carmichael para amanhã de manhã.

– Na próxima semana, são os exames – fiz notar. – Não posso faltar aos exames.

– A tua saúde é mais importante – realçou o meu pai. – Peço ao doutor Carmichael que redija uma justificação. Fazes os exames quando te sentires melhor.

Obriguei-me a levantar os olhos da tigela de cereais e a olhar para o meu pai. Tinha um ar tão preocupado, tão protetor, tão *paternal*. Custava-me olhá-lo nos olhos depois do que fizera, depois da maneira como o traíra. E ele tratava-me com tamanha amabilidade precisamente porque ainda não sabia. Mas iria entender, não iria? No final, perdoar-me-ia. Certo?

Devia dizer-lhe a verdade, pensei. Sabia que devia contar-lhe tudo, porque, mais cedo do que mais tarde, ele acabaria por descobrir. Abri a boca, mas, antes que conseguisse formar uma palavra sequer, Dalton apareceu atrás dele, com um tabuleiro nas mãos.

– Onde é que te meteste ontem à noite? – perguntou Dalton.

Contornou a mesa e sentou-se ao meu lado. Para meu desânimo, vi Margot no encalço dele. Sentou-se à minha frente, ao lado do meu pai.

– Alistair – cumprimentou-o ela, com um sorriso, e ele respondeu com um aceno de cabeça.

– Enxaqueca – respondi.

Dalton acariciou-me as costas.

– Já te sentes bem? – indagou ele.

– Já, sim, obrigada – asseverei.

– Talvez a minha mãe pudesse observar-te e receitar-te qualquer coisa – sugeriu Dalton. Olhou para Margot.

– É muito generoso da tua parte – apressou-se o meu pai a dizer –, mas eu preferia que a Charlotte fosse ao nosso médico de família.

– Talvez seja o melhor – concordou Margot. – E então, Alistair, que tal te saíste no leilão?

Para meu alívio, deixei de ser o tema de conversa. Nesse momento, vi uma aluna do segundo ano a olhar embasbacada para mim.

Desviou o olhar assim que se deu conta de que eu reparara nela. Foi então que a vi, aberta em cima da mesma, à frente dela, a edição do *Knollwood Chronicle* daquela semana.

Olhei em redor do refeitório e vi que não era apenas ela. A maior parte das pessoas olhava-me fixamente. Era como uma tempestade prestes a rebentar. Os murmúrios, o silêncio espantado. Aquela sensação familiar de ser o alvo de especulação e sussurros. Ao mesmo tempo que observava o refeitório, o meu olhar cruzou-se com o de Leo, na entrada. Estava branco como um lençol. Habitualmente seguro de si mesmo e valente, o meu primo tinha um ar aterrorizado.

Apercebi-me então de uma coisa pelo canto do olho e virei-me a tempo de ver Ren Montgomery a precipitar-se para mim. Placou-me, basicamente, empurrando-me da cadeira para cima da mesa. O meu copo de sumo de laranja saiu disparado e derramou o seu conteúdo polposo no colo de Margot; o meu cotovelo aterrou dentro da tigela dos cereais e bati com o cóccix na beira da mesa.

– Então, Ren? – reclamou Dalton. Arrancou-a de cima de mim e interpôs-se entre nós. – Qual é o teu problema?

– Qual é o meu problema? – cuspiu Ren. – Porque não perguntas à cabra traidora da tua namoradinha quem é que acabou de nos denunciar?

– De que estás a falar? – perguntou Dalton. Olhou para mim, ainda esparramada de costas em cima da mesa, depois para Ren, e de volta para mim.

– Estou a falar de todos os nossos segredos, que a Charlie acabou de tornar numa notícia de primeira página – explicou Ren. Estava histérica. Deu meia volta, arrancou o número do *Knollwood Chronicle* das mãos da aluna sentada na mesa ao lado e empurrou-o contra o peito de Dalton. – Notícia de última hora! A tua namoradinha bufou-nos!

Sentei-me e tirei o cotovelo da tigela de cereais. Tinha a manga da camisola encharcada de leite.

– Estás tão tramada! – ameaçou-me Ren, ao mesmo tempo que me apontava o dedo. – Estás acabada.

Sentada na mesa, a segurar o cotovelo dorido e ensopado em leite, sabia que Ren tinha razão. Porque tinha acabado de premir o gatilho da arma que municionara para o clube A no início daquele ano.

– Que se passa? Que é isto? – indagou o meu pai. Arrebatou o jornal das mãos de Dalton.

– É a verdade – declarei. Olhei para Margot. A sua expressão foi mudando à medida que se dava conta do que eu tinha feito. – Toda a verdade.

O meu pai olhou para o jornal que tinha nas mãos e começou a ler.

Era a história que eu tinha escrito, assim como as fotografias. Publicara-as, afinal de contas. Não as do professor Andrew, como inicialmente planeara, mas as dos membros do A no Rebordo, na noite em que Jake morrera.

Tinha decidido por fim que tipo de pessoa queria ser.

VERDADES ASSOMBROSAS

por Charlie Calloway

Desde que comecei a frequentar a Knollwood Augustus Prep que sabia que a escola era assombrada. Falava-se em surdina de um fantasma; de um rapaz que morrera há muitos anos, tantos que o seu nome e as circunstâncias da sua morte há muito que tinham sido esquecidos. Ainda assim, a história do fantasma faz parte integrante da escola, tanto quanto a velha biblioteca, o diretor Collins ou a tradição que Knollwood mantém de enviar para a universidade alguns dos melhores e mais inteligentes alunos do país. Toda a gente sabe que o avistamento de um fantasma é um prenúncio de má sorte e não há quem não saiba de alguém que tenha passado pela experiência de ver um fantasma antes de uma separação conflituosa, de um exame reprovado ou de uma carta de rejeição enviada por uma instituição de ensino de sonho.

Ultimamente, tenho pensado muito em fantasmas, nas coisas que nos assombram e nas histórias que contamos, porque certamente que elas revelam algo de importante acerca de nós. Que coisas são estas que parece que não nos largam ou de que nós nos recusamos a abrir mão? E porque é que contamos estas histórias uma e outra e outra vez? Dir-se-ia que há qualquer coisa por trás da história em si e que é isso que pretendemos comunicar, qualquer coisa mesmo abaixo da superfície, uma coisa importante que tem de ser entendida.

Descobri que existiu, de facto, um rapaz que morreu em Knollwood. O nome dele era Jake Griffin e afogou-se no rio Spalding no dia 21 de dezembro de 1990. Jake Griffin era um aluno bolseiro, um forasteiro, e reza a história que fez batota num exame e que, temendo ser expulso, se dirigiu ao Rebordo e saltou.

Compreendo por que razão esta história foi contada e porque é tão fácil acreditar nela, a ponto de ainda hoje ser relatada. Jake Griffin era oriundo de uma família da classe operária que se infiltrara nos reverenciados corredores da Knollwood Augustus Prep, e não conseguiu suportar a pressão. Por intermédio do seu suicídio, toda a gente foi absolvida do seu fracasso e da sua morte. Há qualquer coisa no recontar desta história, mesmo quando é resumida aos seus mais simples pormenores – um cadáver, um fantasma, um prenúncio de mau agouro –, que nos atrai, que não esquecemos. O espectro do fracasso ensombra-nos a todos. É aterrorizador pensarmos em que, no fim de contas, talvez não sejamos bons o suficiente, que quiçá nunca venhamos a sê-lo, que os demais são capazes de ver isso em nós. Que haverá de mais horripilante do que chegarmos à conclusão de que não passamos de fantasmas, de meras sombras do que pretendemos ou queremos ser?

A história de Jake não se resume ao que nos foi contado. Na realidade, Jake não foi apanhado a fazer batota num exame. Não se dirigiu ao Rebordo naquela noite movido pelo desespero. Não saltou para o rio. Ironicamente, o que levou Jake ao Rebordo na noite fatídica não foi a derrota, o fracasso, mas, antes, a celebração da vitória. Depois de ter superado várias provas, ao longo de alguns meses, Jake tinha finalmente conquistado a

sua entrada no grupo mais secreto e prestigioso da escola: o clube A. E foi no auge desta celebração que Jake sofreu uma *overdose* provocada por Percocet, parou de respirar e morreu. Foi isso, pelo menos, que os amigos que estavam com ele nessa noite pensaram que tinha acontecido. Não pediram ajuda nem chamaram uma ambulância. Na pressa de protegerem as suas próprias reputações e futuro, lançaram o corpo de Jake para a ravina onde corre o rio. Só mais tarde, quando o relatório da autópsia foi divulgado, é que ficaram a saber que Jake, afinal, estava apenas inconsciente, e que eles o tinham deixado afogar-se nas águas frias do rio. No seguimento desta descoberta, nenhum desses amigos se apresentou para esclarecer os factos. Em vez disso, disseram mentiras que acabaram por ser tomadas como verdades, para se protegerem a eles mesmos.

Compreendo por que razão não contamos esta história. É uma história feia, desagradável, difícil de encarar e de engolir. Queremos desviar os olhos imediatamente, tapar os ouvidos. O facto de alguns dos alunos mais notáveis da Knollwood Augustus Prep – atuais ex-alunos bem-sucedidos – terem abandonado cruelmente à morte um colega não é uma história que gostemos de contar ou de ouvir. Não projeta uma boa imagem de nós e pode inclusivamente levar-nos a fazer a nós mesmos perguntas desconfortáveis acerca de quem somos e do que fazemos aqui, acerca dos valores que estamos a perpetuar.

Tenho feito a mim mesma essa pergunta muitas vezes neste último ano: quem sou eu? E quem é que quero ser? E dei-me conta de que não posso responder a tal pergunta a menos que esteja disposta a ser honesta em relação a muitas coisas. Portanto, aqui vai. A verdade. Toda a verdade e nada mais do que a verdade, por mais desagradável que possa ser.

Sou membro do A. Ou sou, pelo menos, uma iniciada do clube. A minha última prova para entrar no A envolvia a publicação de fotografias, nesta edição do *Knollwood Chronicle*, que iriam deixar transparecer que um membro do corpo docente tinha um relacionamento com um aluno. As fotografias eram uma fraude montada para castigar um professor por ter recusado os avanços de um membro do A, por mais chocante que tal possa soar. E tendo em conta que não vou publicá-las, imagino que já não possa vir a pertencer ao A. Isso não me incomoda, embora, ao longo dos últimos meses, fazer parte desse grupo ilícito tenha sido o meu principal objetivo. Eu, à semelhança de muitos de vós, tinha os membros do A na conta de deuses. Só recentemente é que me apercebi que o que via como coragem era, na verdade, um ego gigantesco e o que encarava como poder era coerção e a pior espécie de intimidação.

Neste último ano, fiz muitas coisas de que não me orgulho, e muitas delas foram realizadas na prossecução do objetivo de me tornar num membro do A. Curti com o meu primo no banco de trás do *Audi* de Ren Montgomery e deixei que ela nos tirasse fotografias que serviriam de chantagem para o caso de me rebelar; roubei a coleira de diamantes da cadela pit bull do diretor Collins (e tenho a cicatriz que o prova); assisti em silêncio à suspensão de Auden Stein por uma coisa que ele não fez, embora o pudesse ter salvado, bastando para tal ter dito a verdade.

Estou farta do silêncio, porém. Estou farta de esconder as partes de mim mesma que não quero que as outras pessoas vejam. Estou farta das mentiras e das meias verdades e da destruição que elas provocam. Estou consciente de que, ao revelar estas coisas, irei magoar pessoas, incluindo as que o merecem e as que não o merecem, pessoas que amo e pessoas que odeio. Eu mesma não irei sair disto incólume. Certa vez, uma pessoa disse-me que ninguém diz a verdade e escapa impune a isso; essa pessoa estava certa.

O meu pai, Alistair Calloway, estava no Rebordo na noite em que Jake morreu. Não teve coragem para se desfazer do corpo de Jake, por isso, Margot Dalton (na altura

Whittaker) e Matthew York trataram disso. Todos mantiveram o silêncio quando se aperceberam do papel que tinham desempenhado na morte de Jake. Há dez anos, a minha mãe, que fora namorada de Jake, descobriu a verdade acerca dessa noite e, quando tentou revelar essa verdade, Margot silenciou-a. Vi Margot com a minha mãe junto ao lago, na noite em que ela desapareceu. Na semana passada, encontrei as malas da minha mãe na cave da casa de Margot, em Southampton, e hoje dei-me conta de que o diamante amarelo do seu anel de noivado talvez se encontre, dividido em pedras mais pequenas, nos diamantes do mesmo tom que rodeiam o mostrador do relógio de Margot.

E aqui está toda a verdade, nua e crua. Hoje, temos todos de emergir das sombras e permitir que a luz incida sobre os pecados que cometemos a coberto da escuridão.

*

Por baixo do artigo, estavam as fotografias de Jake Griffin e dos membros do A, e também listei o nome de todos os Ás que eu conhecia.

Quando o meu pai terminou de ler, levantou a cabeça do jornal e, por um silencioso minuto, olhou para mim e eu tentei vislumbrar no seu rosto um vestígio que fosse de emoção; não entrevi nenhum. Ele olhou então para Margot.

Dalton também olhava para a mãe. Abriu a boca para dizer qualquer coisa e desistiu. Olhei em redor e constatei que, em determinada altura, uma multidão de pessoas se tinha juntado no refeitório. Vi o meu professor de Fotografia, o Sr. Andrews, junto à máquina do café. O meu tio Teddy e a sua esposa estavam sentados três mesas depois da nossa. Vi Stevie e Yael perto da entrada, ambas de queixo caído. Parecia que toda a gente naquele refeitório estava de olhos fixos em Margot.

Esta empurrou a cadeira para trás e pôs-se de pé.

– Não sei que manobra tu e a tua filha estão a tentar orquestrar, Alistair – reclamou ela. A sua voz vacilou, traindo-a. – Mas não me envolvas nela.

O meu pai esticou o braço e agarrou o pulso de Margot. Ela tentou encolher o braço, mas o meu pai conseguiu ver-lhe os diamantes do relógio.

– Charlie, chama a polícia – pediu o meu pai, num tom calmo e firme.

Margot libertou o pulso.

– Larga-me.

Com a mão contrária, esfregou o pulso, como se estivesse magoada. Olhou para Dalton, depois para mim e varreu com o olhar a assistência que se reunira à nossa volta. Uma centena de testemunhas silenciosas viu Margot fugir, impotente e receosa, na direção da porta.

*

Meia hora depois, estava no gabinete do diretor, sozinha, à espera que o diretor Collins chegasse. O meu pai ficara no corredor a falar com a polícia e com o Velho Riley, que estava muito agitado.

O meu telefone vibrou e tirei-o do bolso. Há trinta minutos que não parava de vibrar, desde que o drama no refeitório explodira; porém, com tudo o que se passara, não tivera ainda tempo de lhe dar atenção.

Desbloqueei-o e fiquei a perceber que a novidade acerca do meu artigo viajara depressa e chegara longe. Tinha uma dúzia de chamadas perdidas. Três da minha irmã, em Reading. Uma de Greyson. Seis de Drew. Supus que os seus pais teriam aligeirado as restrições do uso do telemóvel.

Abri a aplicação das mensagens e vi várias numa conversa de grupo.

DREW: Então, depois de eu sair é que a diversão começa?

YAEL: A Charlie acabou de largar uma bomba em cima daqueles A-céfalos.

STEVIE: Charlie, onde tás? Tás bem? Inacreditável aquilo da tua mãe!

DREW: Sim, que raio é que se passa?!

YAEL: Aquela cabra doida vai presa?

STEVIE: C, atende o telefone, por favor.

DREW: Liguem-me mais tarde, meninas! Quero detalhes. A unidade parental devolveu-me o telefone.

YAEL: Agiste bem, Charlie! Estamos aqui, se precisares de nós.

Bem, nem toda a gente me odiava.

A porta abriu-se e o diretor Collins entrou com um ar solene e severo.

– Está montado um circo lá fora – comentou ele, depois de fechar a porta do gabinete.

Guardei o telefone no bolso e endireitei-me na cadeira. O diretor Collins tomou o seu lugar atrás da enorme secretária de carvalho. Percebi que não contava ser chamado àquela hora no seu dia de folga, pois não tivera tempo de fazer a barba e penteara-se à pressa. O botão de cima da camisa estava abotoado na casa errada, mas não tive coragem de lho dizer.

– Não vou negar que o que fizeste exigiu muita coragem – disse o diretor Collins. – Agiste com valentia e integridade. É encorajante ver que pelo menos alguns dos valores que vos tentamos incutir lançaram raízes.

O diretor Collins entrelaçou as mãos sobre o tampo da secretária e fez um ar sério ao olhar para mim. Percebi assim que não me iria safar de toda aquela situação com uma pancadinha nas costas e um elogio: «sim, senhor, muito bem».

– Dito isto, fazer o que está certo não te exonera das más ações que praticaste – disse ele. – Roubo. Vandalismo. Batota. Mentiras. Não posso fechar os olhos a tanto comportamento reprovável.

– Serei expulsa? – indaguei.

O direto Collins suspirou.

– Todos os membros do A enfrentam a expulsão – informou ele. – Contudo, tendo em conta o teu gesto, estou disposto a abrir uma exceção no teu caso. Só falta uma semana para o final deste semestre. Vou permitir que faças os exames e termines o semestre. Se anulares a tua inscrição para o semestre de primavera, não colocarei uma expulsão no teu currículo académico. Poderás começar de novo noutra escola. Estou certo de que, com um donativo generoso, uma outra instituição poderá ser persuadida a aceitar-te a meio do ano.

Sabia que a expulsão era uma possibilidade quando escrevera o artigo. Ainda assim, a concretização dessa hipótese atingiu-me com força. As portas de Knollwood, um lugar que fora a minha casa durante os últimos dois anos e meio, fechar-se-iam para mim. Podia ter sido pior, contudo.

– Obrigada – disse.

Alguém bateu à porta.

– Deve ser o teu pai – disse o diretor Collins. – Sei que ele te quer dar uma palavra antes de prestares depoimento à polícia. Portanto, vou deixar-vos a sós.

O diretor saiu e o meu pai entrou e sentou-se na cadeira ao meu lado.

Ficámos em silêncio. Os meus sentimentos em relação ao meu pai eram complexos. Uma parte de mim sentia-se culpada por ter revelado os seus segredos de maneira tão pública no *Knollwood Chronicle*. Sobretudo porque, entretanto, sabia que ele não havia participado ativamente no homicídio da minha mãe. As coisas que ele me dissera correspondiam, em grande medida, à verdade. Ainda assim, o meu pai não estava isento de culpa. Tratara Jake com crueldade e não podia deixar de me interrogar se as alegações de violência doméstica que Claire fizera em relação ao meu pai não tinham um fundo de verdade. As últimas palavras que ouvira a minha mãe dizer ao meu pai não deixavam de me ensombrar: *Tira as mãos de cima de mim*.

– Achas que a polícia terá indícios suficientes para levar a Margot à justiça? – perguntei, ao fim de um tempo.

– Bem, terão o teu depoimento enquanto testemunha ocular do que sucedeu naquela noite, no lago – respondeu o meu pai. – E algumas provas circunstanciais, como o relógio e as malas. Já é alguma coisa. A má notícia é que quando conseguirem um mandado de busca e forem a casa da Margot em Southampton, ela já terá tido oportunidade de fazer desaparecer as malas.

– Isso não acontecerá – disse –, porque já não se encontram em poder dela.

– Como assim? – inquiriu o meu pai.

– Ontem telefonei ao Greyson – expliquei. – Ele foi até Southampton e trouxe as malas. Está visto que arrombar fechaduras não é um mistério para ele.

Percebi que o meu pai ficou chocado, num primeiro momento; depois, deu uma risada, que me apanhou desprevenida. Olhei de relance para ele e vi-o esfregar o queixo, novamente sério.

– Gostava de que te tivesses aberto comigo – confessou ele. – Que tivesses vindo falar comigo de tudo isto. E quando penso que não o fizeste, ocorre-me que foi porque não confiavas em mim.

Fixei o olhar nas mãos. Não conseguia olhar para ele. Porque o meu pai tinha razão. Duvidara dele. Optara por não confiar nele. Nos momentos mais negros, acreditara que ele podia ser precisamente a pessoa que os tabloides retratavam.

– Mas a verdade é que... Eu fiz por merecer tudo isso – admitiu ele. – Durante anos, convenci-me de que não tinha culpa de nada. Disse a mim mesmo que a Grace escolhera partir e fiquei zangado com ela, tão zangado... Vejo agora que fui parcialmente responsável. Foram as minhas ações enquanto adolescente egoísta e sem carácter que mataram o Jake; foram a minha incapacidade, anos mais tarde, de ser honesto com a tua mãe quando ela me questionou acerca da morte do Jake e as minhas suposições erradas e insensibilidade e frieza com ela naquele último verão que a fizeram não confiar em mim. Sem essas coisas, a Grace ainda aqui estaria. Não sei se alguma vez serei capaz de me perdoar por isso... Portanto, como poderei pedir-te que confies em mim e que me perdoes?

Olhei então para o meu pai. Não sabia o que dizer.

– Toda a minha vida, tentei proteger-vos – continuou ele. – Talvez seja difícil de veres isso. Sei que não lidei com tudo da melhor maneira. Quando

a tua mãe... desapareceu, fiquei devastado. Completamente arrasado e zangado. Uma sombra do que costumava ser. Houve uma altura em que não me senti capaz, ou merecedor, de ser vosso pai, e foi por isso que vos mandei, a ti e à tua irmã, para casa dos vossos tios. Tentei manter-me longe de vocês, crente de que estariam bem melhor sem mim.

– Eu achei que tinha sido porque estavas zangado comigo – confessei. – Por causa do que eu tinha dito ao tio Hank. E aquela história que surgiu no seguimento disso.

O meu pai abanou a cabeça.

– Não estava zangado contigo, Charlotte – disse ele. – Estava zangado comigo mesmo. Quando penso na forma como me comportei com a tua mãe naquele último verão. – A sua voz tremeu um pouco. – As coisas que fiz, as coisas que lhe disse e que acabariam por ser as últimas palavras que ela ouviria da minha boca...

Senti uma coisa quente deslizar-me pela face abaixo, e dei-me conta de que estava a chorar.

– E depois, quando tudo foi revelado hoje – prosseguiu o meu pai. – O que escreveste acerca da Margot, do Jake e do papel que eu desempenhei naquela noite...

A voz dele desvaneceu-se e ficou em silêncio. Limitou-se a olhar para mim, por um momento, com uma expressão que não consegui interpretar. Reparei nos pés de galinha que tinha em redor dos olhos, mais profundos do que me recordava que fossem. As raízes do seu cabelo, junto às têmporas, estavam encanecidas. Pela primeira vez na vida, tomei consciência de que o meu pai tinha um ar envelhecido. Cansado.

– Não se passa um dia em que não pense no sucedido e não deseje ter agido de forma diferente – asseverou ele. – Há muito tempo que desejo poder ser uma pessoa diferente, mas vez após vez, desiludi-me, fiquei aquém. Hoje, graças a ti, pude finalmente provar a mim mesmo que posso ser diferente.

«Prestei depoimento à polícia acerca do que aconteceu naquela noite, com o Jake. Assumi a responsabilidade com que devia ter arcado há muito tempo.

– Que quer isso dizer? – perguntei. Iria o meu pai ser alvo de uma ação judicial? Iria para a prisão? – Que vai acontecer agora?

– Não sei – respondeu ele.

Queria perdoar o meu pai, mas ainda não estava preparada para o fazer. Sabia, contudo, que esse dia iria chegar. Por isso, estiquei o braço e dei-lhe a mão.

*

A polícia precisou de alguns dias para escavar o quintal da casa dos Daltons em Southampton e encontrar os restos mortais da minha mãe. No final, foram apenas desenterrados alguns vestígios: fragmentos de osso. Não sei ao certo o que esperava que encontrassem ao cabo de tantos anos: alguma coisa que fosse discernivelmente dela, algo que eu reconhecesse e a que me pudesse agarrar? Quando me mostraram os fragmentos de osso, lívidos e macios, segurei-os na palma da mão, e não senti nada a não ser a sua frieza. Ali estava ela. Segurei-a na minha mão, tudo o que dela restava, e não a reconheci minimamente.

No fundo, era assim mesmo que devia ser. A minha mãe desempenhava um papel gigantesco na minha vida. Era uma parte inextricável da pessoa que eu era e da pessoa que me viria a tornar. Pelo contrário, eu tinha desempenhado apenas um pequeno papel na vida dela. Antes sequer do meu nascimento, ela havia sido muitas coisas diferentes para muitas pessoas distintas. Se a minha investigação acerca do passado da minha mãe me ensinara alguma coisa, fora que ninguém pode compreender outra por inteiro. Sob muitos aspetos, a minha mãe, o meu pai – as pessoas que me eram mais chegadas, as mais importantes para mim – eram estranhos. Magníficos estranhos.

Sepultámos a minha mãe na primavera, no jazigo da família Calloway, em Greenwich. O meu pai comprou-lhe uma lápide de mármore rosado na qual mandou gravar:

GRACE ELIZABETH CALLOWAY

1974–2007

Amada Esposa e Mãe

O que se estende para trás de nós
e o que se estende à nossa frente é irrelevante

quando comparado com o que há dentro de nós

Epílogo

CHARLIE CALLOWAY

SETEMBRO DE 2020

– Há ali um lugar – digo, e aponto para um espaço vazio junto ao lancil, três casas mais abaixo. A entrada para a garagem da casa dos meus avós já está apinhada. Vejo a minivan dos meus tios Lonnie e Caroline e a camioneta enferrujado do tio Hank. Somos os últimos a chegar, porque, à vinda, passámos pela estação de comboios para ir buscar Seraphina. Está no último ano, na Reynolds.

– *Okay* – responde Greyson. Estaciona e desliga o motor.

Descarregamos as nossas provisões. Comprei uma embalagem de biscoitos na loja do costume, Greyson fez o seu famoso porco desfiado e Seraphina trouxe com ela, de Reading, uma caixa enorme de queques.

Não batemos à porta; entrámos simplesmente. Como sempre, a casa dos meus avós está cheia de pessoas e de barulho. Gritámos um olá coletivo para toda a gente. Avisto a minha avó e dou-lhe um abraço.

– Trouxe os biscoitos preferidos do avô – anuncio, e entrego a embalagem à minha avó.

– Estraga-lo com mimos – diz a avó, pegando na embalagem e rumando à cozinha.

– Ah, bem me pareceu que eram vocês – diz Claire. Entra na sala de estar de cerveja na mão.

Greyson inclina-se para a beijar na face.

– Olá, mãe – cumprimenta ele.

– E que tal vai a vida na Universidade de Nova Iorque? – pergunta-me Claire.

– Vai muito bem – respondo.

– Há muitos rapazes giros por lá? – quer saber Claire, metendo-se comigo.

Greyson põe o braço à volta do meu tronco e puxa-me para ele. Eu rio-me.

– Então, que conversa é essa? – replica ele. Dá-me um beijo na cabeça.

Depois do artigo que escrevi acerca do A no jornal de Knollwood, passei o resto do terceiro ano na Reynolds, com a minha irmã. No ano seguinte, terminado o liceu, decidi tirar um ano sabático. Enquanto as minhas amigas davam os primeiros passos na universidade (Drew em Wellesley, Stevie em Berkeley e Yael em Columbia), eu andava de mochila às costas e a passear de caiaque pelas regiões dos grandes lagos na fronteira entre o Minnesota e o Canadá. Não era uma coisa que alguma vez me imaginara a fazer, mas ensinou-me a dominar e a aproveitar uma força que apenas suspeitava ter. No regresso, em vez da Universidade da Pensilvânia, matriculei-me na de Nova Iorque, no curso de Cinema Documental. Mais uma vez, não era um caminho que tivesse imaginado para mim há um ano, mas era o caminho certo. Com tudo o que acontecera à minha mãe, dei-me conta de como são importantes as histórias que contamos acerca de nós mesmos e dos outros. As histórias que contamos podem mudar a maneira como vemos o mundo. Queria contar essas histórias; precisava de contá-las.

As aulas começaram há umas semanas. Eu e Greyson arrendámos um apartamento em Greenwich Village.

Depois do depoimento do meu pai, relativo à morte de Jake, ele e os outros membros do A que estiveram no Rebordo naquela noite foram acusados de homicídio por negligência numa ação movida pelo Ministério Público. Em seguida, a família de Jake moveu uma ação cível contra eles. As partes chegaram a acordo fora do tribunal, por uma quantia não revelada. O meu pai cumpriu um ano de pena na penitenciária estadual e está atualmente em liberdade condicional. Foi obrigado a demitir-se do cargo de presidente do Calloway Group, mas sei que está em negociações com o tio Teddy e o meu avô no sentido de voltar à empresa, talvez como consultor, se bem que duvido que o deixem ocupar um lugar no Conselho de Administração. Seraphina e eu fomos algumas vezes à prisão visitar o meu pai. Falamos ocasionalmente, mas construir uma relação nova com ele, tendo em conta tudo o que aconteceu nos últimos dois anos, vai ser um processo longo e lento. Não sei ainda que relação será essa, no final.

O caso de Margot, envolvendo o homicídio da minha mãe, atraiu muita atenção por parte da comunicação social. Seraphina e eu tivemos de aguentar os repórteres e os tabloides até à leitura do acórdão. No final, Margot foi acusada de homicídio qualificado e condenada a uma pena perpétua sem direito a liberdade condicional.

Agarro num prato de comida e vou para a sala assistir ao jogo. Vejo o tio Hank no sofá, sentado ao lado do meu primo Patrick, e aceno-lhes. O tio Hank responde-me com um aceno de cabeça.

Ao final da tarde, a minha avó vai buscar o bolo para cantarmos os parabéns. Ela faria quarenta e seis anos se fosse viva. Reunimo-nos à volta da mesa e cantámos. No final, inclino-me para a frente e sopro as velas.

Mais tarde, ao regressarmos à cidade, depois de termos deixado a minha irmã na estação do comboio, Greyson e eu tomamos a estrada que passa junto ao lago Langely. Contemplo a casa que, tantos anos atrás, o meu pai construiu para a minha mãe. Está vazia, trancada, tem as janelas entaipadas e fita cega e, desoladamente, a água. O meu pai colocou-a à venda há mais de um ano, mas, até agora, não apareceu nenhum comprador. O caseiro foi despedido e já ninguém cuida da propriedade. As ervas daninhas tomaram conta do jardim e do quintal. A pedra com que a casa foi construída começou a envelhecer e a escurecer, e sou capaz de imaginá-la, um dia, daqui a muitos anos, engolida por trepadeiras e daninhas, reclamada pela floresta.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, obrigada a si, leitor, por ter dedicado o seu tempo a este livro. É uma bênção inestimável e fico-lhe eternamente grata. Obrigada à minha maravilhosa editora, Carrie Feron, que guiou este livro até à sua conclusão. Obrigada pela tua paciência, pelos teus conselhos e orientação, e por teres sabido sempre aquilo de que o livro necessitava. Estou em dívida contigo e com toda a equipa da William Morrow/HarperCollins, que tratou o livro com tanto carinho, sobretudo Danielle Bartlett, Katherine Turro, Jennifer Hart, Kelly Rudolph e Julie Paulauski.

À minha agente Suzanne Gluck e a toda a família da WME – em especial a Laura Bonner, Matilda Forbes Watson e Sylvie Rabineau –, obrigada. Vocês são umas verdadeiras estrelas de *rock*.

A Anthea Townsend, Naomi Colthurst, Sophia Smith e à equipa da Penguin Random House Children's UK: trabalhar com vocês foi um sonho tornado em realidade.

Obrigada a Brendan Kenney, Bruna Papandrea, Steve Hutensky e a todas as pessoas da Made Up Stories pelo vosso entusiasmo e apoio numa fase tão inicial e por terem ajudado a que o livro encontrasse o seu lugar no mundo.

Obrigada a Aja Pollock, pelo seu olho de lince e excecional revisão, e a D.P. Lyle pelos seus conhecimentos técnicos de medicina.

A Tiff, Katy, Lauren, Devonie, Meggie e Amy: obrigada pela vossa amizade, pelo vosso entusiasmo e encorajamento nos ocasionais momentos de desânimo; tornaram esta viagem em muito mais divertida.

Obrigada, Trevor, por tanta coisa: pelos teus reparos perspicazes e pelas tuas engenhosas soluções em termos de enredo sempre que eu encalhava, por teres preparado o meu *website* e por me teres cedido, a custo zero, o teu tempo e talento na feitura das minhas fotos como autora. Há tanto de ti neste livro. Obrigada. Viver cada dia ao teu lado é uma bênção.

Mark, obrigada pelas ideias provocadoras e bizarras que me deste para escrever uma história; nenhuma delas foi incluída neste livro, mas quem

sabe no próximo...

À minha mãe e ao meu pai, que nunca, jamais, expressaram qualquer dúvida em relação ao meu sonho de me tornar numa escritora, inclusivamente quando eu mesma tive dúvidas. Obrigada pelo vosso amor e apoio inabaláveis e por serem os melhores pais que uma filha pode pedir.

E por fim, mas nem de longe menos importante: Annie, obrigada por nunca teres parado de perguntar «Que acontece a seguir?» e pela paciência que mostraste sempre, de maneira tão ruidosa, em receber o capítulo seguinte (e o seguinte e o a seguir a esse). Foste a primeira leitora de *Magníficos Estranhos* e durante muito tempo a única, e acreditaste no livro desde o início. Obrigada. Sem ti, este livro não existiria.